



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA**

Verônica Aparecida de Assis

O DISCURSO DA MERITOCRACIA EM TWEETS BRASILEIROS

Florianópolis
2023

Verônica Aparecida de Assis

O DISCURSO DA MERITOCRACIA EM TWEETS BRASILEIROS

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação
em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Mestre em Linguística.
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Assis, Verônica A.

O discurso da meritocracia em tweets brasileiros /
Verônica A. Assis ; orientador, Rodrigo Acosta Pereira ,
2023.

198 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, , Programa de Pós-Graduação em , Florianópolis,
2023.

Inclui referências.

1. . I. , Rodrigo Acosta Pereira. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em .
III. Título.

Verônica Aparecida de Assis

O Discurso da Meritocracia em *Tweets* Brasileiros

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira
Universidade Federal de Santa Catarina

Profa. Dra. Adriana Delmira Mendes Polato
Universidade Estadual do Paraná

Profa. Dra. Maria Lígia Freire Guilherme
Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestra em Linguística.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Dr. Rodrigo Acosta Pereira
Orientador

Florianópolis, 2023.

À minha mãe, Mari.

AGRADECIMENTOS

A existência de cada sujeito se dá pela sua construção identitária, esta, por sua vez, é mediada pelas relações que o circundam, o atravessam e o complementam. E, justamente, são essas relações que caminham conosco lado a lado, e nos dão a mão na longa jornada que é a vida. Por essas, e tantas outras razões, seremos sempre gratos por dividir um tempo e um espaço com os indivíduos que constantemente nos fortalecem e nos ajudam a caminhar mais longe.

De tal modo, agradeço imensamente à minha mãe, Mari. Que mesmo não sabendo ao certo o que é uma dissertação, sempre segurou a minha mão e mesmo nos momentos em que fomos apenas nós duas, fez tudo o que pôde para que hoje eu estivesse aqui.

Agradeço também à minha irmã, Débora. O coração mais valente que eu conheço, aquela que faz parte das minhas lembranças mais doces.

Às minhas amigas de vida. Cleuza e Luciene. Sem dúvidas, vocês foram os melhores presentes que a UFSC me deu.

À Dandara, desde sempre a minha melhor dupla. Você me inspira demais, amiga.

À Daiane. Uma das amigas mais antigas que tenho! Aquela que sempre me desperta os melhores sorrisos.

Ao meu orientador, Rodrigo. Meu carinho e gratidão por me acompanhar há tanto tempo. Sou grata por todas as luzes e todo o suporte.

À Universidade pública, por ser sinônimo de esperança para tanta gente.

Aos mestres que participaram de toda a minha formação, tanto na UFSC, quanto na escola pública, de onde eu vim. Gratidão por todas as contribuições e ressignificações proporcionadas.

Aos demais amigos e familiares, pelos sorrisos, o incentivo, e, sobretudo, por entender as minhas ausências.

A todos os alunos que já passaram por mim e aos que ainda virão! Seguiremos na luta!

Hoje é o Dia contra a Pobreza.

A pobreza não explode como as bombas, nem ecoa como os tiros.

Dos pobres, sabemos tudo: em que não trabalham, o que não comem, quanto não pesam, quanto não medem, o que não têm, o que não pensam, em quem não votam, em que não creem.

Só nos falta saber por que os pobres são pobres.

Será porque sua nudez nos veste e sua fome nos dá de comer?

(Eduardo Galeano)

RESUMO

Este estudo apresenta como objetivo a análise dialógica do discurso da meritocracia em *tweets* brasileiros. A pesquisa assume como arcabouço teórico a filosofia da língua(gem) de Bakhtin e o Círculo, assim como os estudos contemporâneos da Análise Dialógica do Discurso. Os objetivos específicos consistem em: (i) analisar como o discurso reverbera matizes ideológico-valorativos que legitimam e regularizam discursos outros que se entrecruzam no discurso desses *tweets*; (ii) identificar e analisar a pluralidade de discursos já ditos a respeito da meritocracia em *tweets* brasileiros selecionados; (iii) identificar e compreender as relações dialógicas entre os discursos presentes nos enunciados dos *tweets* e reenunciados nestes. Os dados de análise correspondem a 10 *tweets* enunciados, oriundos do site de rede social *Twitter*. Situados no cronotopo que compreende os períodos do ano de 2018 a 2022, além do recorte temporal também foram estabelecidos outros três critérios para a geração dos dados: (i) Postagens realizadas em português; (ii) Postagens que apresentassem no mínimo mil curtidas; (iii) Postagens que apresentassem no mínimo mil retweets. Além disso, ainda foram contemplados enunciados de resposta às publicações. A partir da geração dos dados a análise foi mobilizada a partir de três movimentos: (a) o cronotopo das produções discursivas sobre meritocracia; (b) a situação de interação; (c) e a análise dialógica do discurso. Como resultados foi possível observar que o tema meritocracia é compreendido por duas perspectivas: atrelado a ideia de “força de vontade” e “superação” do sujeito, e enquanto política ideológica que alimenta a exclusão social. Por meio da análise das relações dialógicas, foi possível observar que cada internauta realiza a avaliação do discurso de outrem, a partir de movimentos dialógicos que ora podem colocar-se em relação de concordância, e ora de discordância, visto que cada sujeito realiza a valoração do signo ideológico de acordo com suas vivências, e, portanto, respondem às visões de mundo com as quais dialogam e, conseqüentemente, os constituem como sujeitos. A relevância e justificativa do estudo está na possibilidade de reflexão acerca do signo ideológico “meritocracia” e a sua relação com a produção, circulação e recepção de *tweets* que tematizam esse signo, assim como também nos permite pensar no *tweet* como um gênero discursivo que atende as demandas da contemporaneidade, visto que essa, é marcada pela velocidade e facilidade de acesso à informação.

Palavras-chave: Meritocracia, Círculo de Bakhtin, Análise Dialógica do Discurso.

ABSTRACT

This study aims at dialogical analysis of the meritocracy discourse in Brazilian tweets. The research assumes Bakhtin's philosophy of language and the Circle as a theoretical framework, as well as contemporary studies of Dialogic Discourse Analysis. The specific objectives consist of: (i) analyzing how the discourse reverberates ideological-value nuances that legitimize and regularize other discourses that are intertwined in the discourse of these tweets; (ii) identify and analyze the plurality of discourses already said about meritocracy in selected Brazilian tweets; (iii) identify and understand the dialogic relationships between the discourses present in the tweets' statements and re-enunciated in them. The analysis data correspond to 10 enunciated tweets, originating from the social networking site *Twitter*. Located in the chronotope that comprises the periods of the year from 2018 to 2022, in addition to the time frame, three other criteria for data generation were also met: (i) Posts made in Portuguese; (ii) Posts that had at least one thousand likes; (iii) Posts that have at least one thousand retweets. In addition, statements in response to publications were also contemplated. From the data generation, the analysis was mobilized from three movements: (a) the chronotope of discursive productions on meritocracy; (b) an interaction situation; (c) and dialogic discourse analysis. As a result, it was possible to observe that the meritocracy theme is understood from two perspectives: linked to the idea of "willpower" and "overcoming" the subject, and as an ideological policy that feeds social exclusion. Through the analysis of dialogic relationships, it was possible to observe that each internet user evaluates the speech of others, based on dialogic movements that sometimes can be placed in a relationship of agreement, and sometimes of disagreement, since each subject performs the valuation of the ideological sign according to their experiences, and, therefore, respond to the worldviews with which they dialogue and, consequently, constitute them as subjects.

The voice and justification of the study lies in the possibility of reflection on the ideological sign "meritocracy" and its relationship with the production, circulation and reception of tweets that thematize this sign, as well as allowing us to think of the tweet as a discursive genre that meets the demands of contemporaneity, since this is marked by speed and ease of access to information.

Keywords: Meritocracy, Bakhtin Circle, Dialogic Discourse Analysis.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIACES

ADD – Análise Dialógica do discurso

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

LA – Linguística Aplicada

PROUNI – Programa Universidade para Todos

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Página inicial do <i>Twitter</i>	28
Figura 2 - Número de usuários do <i>Twitter</i> em 2021	29
Figura 3 - Busca avançada no <i>Twitter</i>	31
Figura 4 - (TT1)	36
Figura 5 - (TT2)	39
Figura 6 - (TT3)	41
Figura 7 - (TT4)	43
Figura 8 - (TT5)	45
Figura 9 - (TT6)	48
Figura 10 - (TT7)	50
Figura 11 - (TT8)	53
Figura 12 - (TT9)	54
Figura 13 - (TT10)	55
Figura 14 – Imagem da Bettina (TT4)	134
Figura 15 – O que está acontecendo no <i>Twitter</i>	152
Figura 16 - Trending topics no <i>Twitter</i>	153
Figura 17 – Selo de verificação de perfis no <i>Twitter</i>	154
Figura 18 – Pesquisa Hootsuite e We Are Social	155
Figura 19 – Pesquisa de público do <i>Twitter</i>	156
Figura 20 – Imagem presente no TT3	157
Figura 21 - Imagem presente no TT7	158
Figura 22 - Imagem presente no TT5	159
Figura 23 - Imagem presente no TT2	183

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Dados da pesquisa	34
------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA	20
2.1 EM TORNO DO UNIVERSO DE ANÁLISE	24
2.2 EM TORNO DO OBJETO DE ANÁLISE	33
3 ANCORAGENS EPISTEMOLÓGICA E TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	57
3.1 POR UMA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE DISCURSO.....	57
3.1.1 O cronotopo.....	58
3.1.2 O discurso.....	65
3.1.3 O enunciado.....	71
3.1.4 A ideologia.....	79
3.1.5 A valoração.....	85
3.2 POR UMA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE SUJEITO	89
4 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS	100
4.1 A ANCORAGEM NA LINGUÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR.....	102
4.2 A POSTURA DIALÓGICA PARA ANÁLISE DE DADOS DISCURSIVOS: A ADD... ..	106
4.3 OS CAMINHOS/ETAPAS DA PESQUISA	113
5 OS JÁ-DITOS SOBRE MERITOCRACIA.....	115
6 ANÁLISE DOS DADOS	123
6.1 O TEMPO-ESPAÇO DO HOJE: O CRONOTOPO QUE LEGITIMA	123
6.1.1 O cronotopo que legitima o discurso da meritocracia	137

6.1.2 O cronotopo que situa os dados da pesquisa	143
6.2 A SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO: ENTRE A AUTORIA E A INTERLOCUÇÃO POR MEIO DE TWEETS	150
6.3 AS RELAÇÕES DIALÓGICAS: OS MATIZES SEMÂNTICO-IDEOLÓGICO-VALORATIVOS.....	162
6.3.1 A “força de vontade” que esconde a desigualdade	163
6.3.2 O Eu e o Outro: em embate por meio das telas	172
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	186
REFERÊNCIAS	192

1 INTRODUÇÃO

Pensando no solo social da vida, e o compreendendo como um universo plural no qual estão situados sujeitos oriundos de diferentes contextos sociais e históricos, nota-se a existência de forças que tendem a trabalhar na legitimação da desigualdade, tendo em vista os diferentes arranjos sociais e econômicos que subsistem no Brasil. A polarização social consolida o *apartheid* brasileiro (SOUZA, 2018), que diz respeito a forma como os estilos de vida atuam de modo muito diferenciado e criam um abismo monumental entre aqueles que o Estado tende a autenticar os privilégios como “merecidos” e adquiridos via “esforço pessoal”, e àqueles que são marginalizados e excluídos da sociedade, de modo que perpetua a reprodução, mesmo que por meio de outras alternativas, das raízes escravocratas que o Brasil possui. (SOUZA, 2018). A narrativa ilusória de uma competição “justa” e que todos os sujeitos possuem os mesmos recursos é amparada nos mecanismos invisíveis das classes sociais. Dessa forma, o tema *meritocracia* e objetos discursivos relacionados a essa temática, tais como: mérito, força de vontade ou merecimento, ao longo dos últimos anos adquiriram um espaço notável nas discussões sociais, apresentando inúmeras divergências, que nos permite observar diferentes modos de ser, estar e se posicionar em dado período histórico e social.

Nessa dinâmica também nota-se que, conforme os meios de comunicação foram se desenvolvendo na sociedade, mudanças profundas no cenário político, econômico, social e interativo também ocorreram. O objetivo inicial de estreitar laços entre as pessoas e compartilhar informações de maneira mais rápida e eficiente foi ultrapassado, abrindo espaço para a possibilidade de uma vasta produção discursiva a respeito de diferentes temáticas, que muitas vezes podem ter sido silenciadas ou mesmo apresentadas de forma velada nas mais diferentes mídias, como a televisão, as mídias sociais e a internet. Recuero (2011) destaca que o lugar da mídia de massa, enquanto detentora do poder de informação, passou a ser questionado pela sociedade civil, em razão dos dispositivos tecnológicos possibilitarem a produção de notícias, de modo muito mais simplificado, por indivíduos, esferas ou grupos sociais que atuam de modo independente dos de comunicação de massa tradicional, de modo que as novas maneiras de produção, circulação e recepção de notícias deram abertura para o chamado “Webjornalismo Participativo” (RECUERO, 2011; ZAGO, 2009). Esse cenário promoveu a criação de práticas cotidianas que possibilitaram aos sujeitos novos mecanismos de se apropriar das notícias que são repercutidas na sociedade e, conseqüentemente, esses sujeitos também desenvolveram a prática de comentar e se posicionar acerca dos conteúdos que consomem (HINE, 2016). Hine (2016) ressalta que as mídias sociais modificaram as construções de

identidade dos sujeitos, assim como a forma como eles se relacionam e demarcam as fronteiras sociais nas quais se inscrevem, posto que os ambientes on-line e off-line também modificaram, e continuam modificando, a sociabilidade existente nesses espaços.

De um modo geral as redes sociais *online* correspondem a redes que são formadas por meio da interação entre pessoas, grupos ou instituições que apresentam como motivação interesses ou objetivos comuns, a partir disso estabelecem vínculos de relacionamento através de mídias digitais. O uso desse recurso modificou as relações interpessoais e se tornou muito significativo no que diz respeito a forma como diferentes sujeitos passaram a compreender sua própria identidade, de modo que um enunciado derivado da internet, está, dessa forma, suscetível à diferentes formas de interpretação, conforme os contextos nos quais se inscrevem e adquirem significado (HINE, 2016). Nesse sentido, destaca-se que à medida que o acesso à *internet* passou a ser democratizado no Brasil, para uma parcela da população, essa ferramenta tornou o principal mecanismo de expressão, interação e discussão acerca de variadas temáticas, visto que, as redes sociais online passaram a ser utilizadas para questionar, refutar ou partilhar diversas posições axiológicas entre os sujeitos, viabilizando que a opinião pública ganhasse um peso muito maior em diferentes questões sociais, e, conseqüentemente, essa prática passou a ocupar um lugar central na sociedade. Esse fato é evidenciado pela atual *cultura do cancelamento*¹, a qual tem influenciado diversos jornais na hora de realizar a produção de notícias, pois visivelmente, a depender do viés ideológico que determinada mídia apresenta, temas sensíveis e pertinentes a sociedade, são apresentados carregados de eufemismos ou mesmo invisibilizados, justamente para que sua credibilidade não seja afetada. Recuero (2011), ressalta acerca da crise gerada no jornalismo, motivada pelos fluxos de informações entre os milhares de indivíduos que atuam constantemente na enxurrada de informações construídas e divididas. A autora ainda destaca que de um modo geral, o jornalismo sente os impactos gerados por meio das trocas realizadas na internet. Zago (2009), também aponta para o fato de que as práticas de circulação de notícias motivaram o redirecionamento dos meios jornalísticos, tendo em vista que suas funções passaram a legitimar os acontecimentos, ao invés de apenas noticiá-los (ZAGO, 2009).

Diante do exposto, percebe-se que foram estabelecidas novas relações entre a vida social e a forma como as mídias sociais se integraram na sociedade, de modo que, pensando por exemplo no acesso e uso das redes sociais, repara-se que, mesmo que tenham se

¹ A cultura do cancelamento é uma prática contemporânea que consiste em boicotar uma pessoa, ou um grupo, nas redes sociais devido a atitudes, ou falas, de forma online ou não, não aceitáveis pela sociedade e consideradas politicamente incorretas.

reconfigurado de diferentes formas, e nem todas tenham perdurado por muito tempo, elas estão cada vez mais presentes no que diz respeito à maneira como os usuários dessas ferramentas têm encontrado necessidade de não apenas compartilhar informações, como também problematizar diferentes questões sociais. Esse cenário foi propício para que diferentes temáticas fossem abordadas em um contexto online, dentre eles, o tema *meritocracia* adquiriu um amplo espaço nas discussões geradas na internet, e as redes sociais online, podem ser consideradas as responsáveis por oferecer suporte para que diferentes usuários possam problematizar essa e tantas outras temáticas, e ampliar o espaço de discussão e reflexão.

Sendo assim, o propósito da presente pesquisa consiste em realizar reflexões acerca da temática *meritocracia* a partir do olhar para as produções discursivas que são constantemente realizadas na rede social *Twitter*² – microblog no qual é possível publicar textos-enunciados de até 280 caracteres. A escolha desse universo de análise se deu em razão de o *Twitter* ser bastante utilizado no âmbito jornalístico, e pelo fato de que é também um site de rede social, cujo dinamismo e pluralidade dos usuários, nos motivou a considerá-lo apropriado para essa discussão, posto que é uma rede social que proporciona a produção de diferentes enunciados que tematizam *meritocracia* sejam realizados, e os quais evidenciam os desdobramentos dessas discussões nas diversas esferas de atividade humana.

Os objetivos da pesquisa são divididos em geral e específicos, sendo o **objetivo geral** **o de analisar dialogicamente o discurso dos posts dos usuários na rede social *Twitter*, sobre meritocracia no Brasil, tomando como ponto de partida o ano de 2018 e seguindo até o ano de 2022.** Por objetivos específicos, nos propomos a **(i) analisar como o discurso reverbera matizes ideológico-valorativos que legitimam e regularizam discursos outros que se entrecruzam no discurso desses tweets; (ii) identificar e analisar a pluralidade de discursos já ditos a respeito da meritocracia em tweets brasileiros selecionados; (iii) identificar e compreender as relações dialógicas entre os discursos presentes nos enunciados dos tweets e reenunciados nestes.**

O ponto de partida foi escolhido motivado pela observação do panorama das eleições presidenciais dos últimos anos no Brasil, marcado por uma forte polarização no cenário social (SOLANO, ORTELLADO E RIBEIRO, 2019), tendo em vista que, pautadas nas escolhas dos candidatos presidenciais, tornou-se muito comum a existência de produções discursivas defensoras de uma sociedade regida pelo mérito, e essa discussão, se configurou como uma forte dicotomia entre as posições políticas de viés ideológico de direita e de esquerda,

² <https://twitter.com>

ressaltando um contraste no cenário social. Posto que enquanto o primeiro grupo de representantes defende a meritocracia como um critério justo de composição da sociedade, o segundo grupo tende a problematizar a forma como tal ideologia se dá na prática, por compreender que ela está pautada em uma ação que rotula “vencedores e perdedores” e “os que merecem mais e os que não merecem”, e por estar mais alinhado a um compromisso de amparo social aos sujeitos, ressalta que o primeiro grupo abomina toda e qualquer política pública que ofereça algum tipo de suporte às camadas mais marginalizadas da sociedade.

Com o crescente debate a respeito da pauta meritocracia, (ARAUJO, 2019; SANT'ANA MICELI, 2016; BORBA, 2017), não somente no campo filosófico, como também no campo político e cultural, surge o interesse em analisar de que formas as questões relativas à tal temática são debatidas no solo social da vida, mais precisamente em postagens no *Twitter*, conhecidos popularmente como *tweets*, gêneros discursivos que se organizam mediante suas formas de funcionamento específicas, que respondem à sua esfera de criação, circulação e recepção, trazendo consigo discussões de naturezas distintas que, por sua vez, se configuram como fatos sociais e, a partir deles, os sujeitos por meio da língua(gem) ³criam modos de interagir e produzir novos sentidos mediante ao que está posto no mundo de fora das telas.

Procuramos delimitar nosso tema de pesquisa buscando investigar sobre a discursivização ideológico-valorativa da meritocracia no *Twitter* sob o matiz do cronotopo de 2018 a 2022. Compreendemos que refletir e discutir sobre problemas sociais em que a língua(gem) ocupa um papel central, é um dos objetivos da Linguística Aplicada (LA) contemporânea, tendo em vista de que ela concebe a língua(gem) como uma ferramenta social e, portanto, pretende refletir sobre ela a fim de compreendê-la.

Nesse sentido a escolha temática desta pesquisa justifica-se visto que se trata de uma pauta com grande relevância social, além de também trazer contribuições acadêmicas proficuas para o campo da LA contemporânea. Moita Lopes (2006) discorre sobre os pressupostos da LA contemporânea, e pontua a respeito de que a LA precisa ter algo a dizer sobre o mundo como é apresentado, e o faz com base em discussões que são atravessadas em outros campos das ciências sociais e das humanidades, consequentemente a LA não pode ficar a parte nas discussões desses campos, pois os fatores sociais, econômicos, culturais e políticos não são dissociáveis. (MOITA LOPES, 2006; 2013; PENNYCOOK, 2006, SIGNORINI, 1998; RAJAGOPALAN, 2003; 2006; FABRÍCIO, 2006, 2017).

³ A presente pesquisa não realiza a distinção entre os termos *língua* e *linguagem*, dessa forma, optou-se pelo uso do termo língua(gem) para designar ao fenômeno linguístico que se constitui por meio das práticas de interação.

Embora de um modo geral, as redes sociais contribuam com a circulação de notícias (ZAGO, 2009; RECUERO, 2012), elas também atuam para marcar posicionamentos políticos e ideológicos de diferentes usuários. Nesse cenário, observa-se que, muito mais que outras redes, o *Twitter* funciona como um espaço de manifestações sociais há muito mais tempo, tendo em vista que além de atuar como um ambiente de pesquisa para inúmeras pessoas, é também a ferramenta que permite a circulação e visibilidade das narrativas político e ideológicas na contemporaneidade, posto que, nesses ambientes é possível que o público possa consumir e compartilhar informações de forma mais rápida e efetiva, além de oferecer a possibilidade de argumentar e discutir sobre inúmeros temas e receber simultaneamente a resposta de outros usuários (RECUERO E ZAGO, 2011).

Como já mencionado, o *Twitter* se consagrou como a rede social oficial para discussões em tempo real sobre fatos que estão em curso. Sendo assim, na campanha presidencial brasileira de 2018, ele contribuiu como uma das ferramentas que, inclusive aos candidatos à presidência, auxiliou na campanha muito antes das eleições (AMARAL E PINHO, 2017; 2018, PEREIRA 2013), com o objetivo de realizar a divulgação de seus projetos de gestão, além da aproximação dos eleitores que fazem uso da plataforma. Ressalta-se que o microblog funciona constantemente como uma ferramenta para a discussão de pautas sociais dessa natureza, que são de extrema relevância por estarem diretamente relacionadas com o modo de se pensar e organizar a sociedade.

A partir dessa contextualização, destaca-se que este estudo assume como arcabouço teórico a filosofia da língua(gem) de Bakhtin e o Círculo (BAKHTIN, 2015[1963], 2011[1979], 2016[1952-1953]; 2020[1920-1924]; 2017[1970-1971], 2020[1943]; 2014[1934-1935]; 2018[1937-1939] VOLÓCHINOV, 2013[1930]; 2017[1929]; MEDVEDEV, 2012 [1928]). Além disso, também são mobilizados estudos contemporâneos acerca da Análise Dialógica do Discurso (ACOSTA PEREIRA, 2008; 2012; BRAIT, 2005, 2006; 2007; RODRIGUES, 2001; 2005; ROHLING, 2014; SOBRAL, 2009; SOBRAL E GIACOMELLI, 2015; 2018; PAULA, 2013). Assim como também são mobilizadas referências acerca dos já ditos a respeito da meritocracia (TAVARES MENDES, 2018; PEREIRA DE ARAUJO, 2019; SANT'ANA MICELI, 2016; BORBA, 2017).

Esta dissertação se organiza em seis capítulos. O primeiro capítulo corresponde à introdução, na qual contempla a apresentação do estudo, seu tema, objetivos e as diretrizes teóricas assumidas. No **Capítulo dois**, é realizada uma contextualização da pesquisa, apresentando o universo e objeto de análise assumidos. Em seguida, o **Capítulo três** aborda as ancoragens epistemológicas e teórico-metodológicas utilizadas neste estudo, sendo este

dividido em duas partes, primeiramente trata acerca da concepção dialógica de discurso, contemplando discussões sobre cronotopo, discurso, enunciado, ideologia e valoração, e, em seguida, trata acerca da concepção dialógica de sujeito, destacando sobre a noção de alteridade e exotopia. Posteriormente, o **Capítulo quatro** contempla os pressupostos metodológicos, assumindo a pesquisa em Ciências Humanas e na Linguística Aplicada, como metodologia, realizando as considerações sobre assumir uma postura dialógica frente à análise dos dados discursivos. Em seguida, no **Capítulo cinco** são apresentadas as reenunciações de discursos já-ditos sobre a temática meritocracia. Por fim, no **Capítulo seis**, são apresentadas as reflexões e as análises do discurso sobre a referida temática, ressaltando sobre os aspectos do cronotopo que contempla a publicação, recepção e circulação dos posts selecionados, atentando para as situações de interação promovidas por meio dos *tweets* e as relações dialógicas também ali presentes.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA PESQUISA

A presente pesquisa consiste em uma análise dialógica do discurso, e se propõe a analisar as produções discursivas sobre meritocracia presentes em *tweets* brasileiros selecionados. Para tanto é necessário que sejam tecidas considerações a respeito dos fatos sociais que envolvem tal temática, tendo em vista que nosso estudo está pautado na Linguística Aplicada contemporânea que trabalha na tentativa de “criar inteligibilidade sobre problemas sociais em que a língua(gem) tem um papel central” (MOITA LOPES, 2006, p.14), assim como na concepção dialógica da língua(gem) de Bakhtin e o Círculo, que postula pela ideia de que um enunciado deve ser compreendido considerando o contexto no qual se inscreve, bem como a relação que estabelece com outros enunciados, o que possibilita considerar seu caráter responsivo e responsável (BAKHTIN, 2020[1920-1924]). Dessa forma, neste capítulo, será explanado mais a respeito da temática assumida, e sua justificativa, além de também apresentar tanto o objeto de análise quanto o universo nela assumidos.

A Linguística Aplicada contemporânea, tem buscado concentrar-se em um estudo com viés inter/trans/multidisciplinar frente aos problemas sociais em que a língua(gem) desempenha um papel central (RAJAGOPALAN, 2006), pois compreende que a língua(gem) também atua como um palco de intervenção política imprescindível, em que as injustiças sociais são manifestadas em diferentes momentos de suas histórias, além de ser a partir dela que lutas que fazem parte da vida social são constantemente travadas (RAJAGOPALAN, 2003).

A consciência crítica começa quando se dá conta do fato de que é intervindo na linguagem que se faz valer suas reivindicações e suas aspirações políticas em outras palavras tomasse consciência de que trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente com toda a responsabilidade ética que isso acarreta. (RAJAGOPALAN, 2003, p.125)

Sendo assim, compreende-se que o discurso da meritocracia compõe a realidade na sociedade em que vivemos. Diferentes sujeitos com experiências e subjetividades de vidas diferentes entre si, têm utilizado a internet como um espaço para expandir esse diálogo e aprofundar o assunto. Ademais, atentar para essas produções discursivas, compreendidas como fatos sociais, em enunciados que estão em circulação nos espaços virtuais torna-se uma prática que também compõe os estudos da LA contemporânea (MOITA LOPES, 2006; 2013; PENNYCOOK, 2006; 2006, SIGNORINI, 1998; RAJAGOPALAN, 2003; 2006; FABRÍCIO, 2006, 2017), tendo em vista que ela defende a produção de conhecimento que esteja em diálogo com a vida concreta, e como uma prática social, na qual se coloca sempre em um movimento dialógico.

O termo Meritocracia surgiu originalmente em 1958, pelo escritor Michael Young, intitulado seu romance “The Rise of The Meritocracy”. O enredo da obra descreve uma sociedade que está voltada para a intensificação da produtividade, utilizando recursos intelectuais que a escola disponibiliza. Seu objetivo é o de demonstrar a ideia do merecimento pessoal, fortemente acentuada em uma corrente neoliberal. A narrativa ocorre em uma Inglaterra do futuro, em que os sujeitos, selecionados criteriosamente, recebem classificações com base em sua inteligência, medida por meio de testes que são padronizadas para uma determinada circunstância, a partir disso podem ter acesso a maiores graus de instrução e, posteriormente, assumir os cargos de direção da sociedade, diferentemente daqueles que são considerados “menos inteligentes”, que possuem acesso apenas a uma instrução de caráter rudimentar que os possibilita apenas realizar trabalhos subalternos e sob as ordens da categoria considerada superior. Young (1958), problematiza esse universo de injustiças, evidenciadas por meio do sistema nomeado “meritocracia”, pontuando sobre o fato de que aqueles considerados “mais inteligentes” se apresentam como tal por possuírem acesso a maiores e melhores recursos e investimentos educacionais e de informação, enquanto os “menos inteligentes” são rotulados de tal modo em razão de não receberem os mesmos recursos, consequentemente jamais conseguirão ascensão social por não possuírem acesso aos mesmos investimentos.

Embora o livro discuta a ideia de “meritocracia”, como um mecanismo que marca e reafirma fortemente as injustiças sociais sofridas por diferentes sujeitos, contemporaneamente tal concepção foi apropriada por correntes neoliberais, que defendem a ideia de que existe a possibilidade de ascensão econômica e social como frutos do esforço individual. Nesse sentido, implica que os objetivos almejados pelos sujeitos estão diretamente relacionados ao nível de dedicação e esforço que eles estão dispostos a se submeter em relação aos outros, e, consequentemente, devem ser recompensados de maneira proporcional. Assim como há também os sujeitos que, de acordo com essa concepção, não se esforçam o suficiente, com isso, não alcançam os mesmos “lugares” de prestígios que os “esforçados” conseguiram alcançar. Para essa corrente, em uma dada circunstância, que objetiva medir o merecimento de cada um, é estabelecida uma situação inicial, dada como igualitária. As diferenciações que resultarem desse momento inicial serão compreendidas como consequência do conjunto de habilidades, talentos e esforço pessoal de cada um. Essa circunstância é medida por meio de sistemas de avaliação de desempenho, que desconsidera os aspectos culturais, históricos, políticos e principalmente os sociais nos quais esses sujeitos estão inseridos e são pertencentes. (OLIVEIRA 2014; CARDOSO, 2010; SOUZA, 2009; BORBA, 2017).

Ao serem incluídas a discursos neoliberais⁴ de correntes contemporâneas, discussões a respeito da meritocracia, marcaram forte presença na sociedade, e ao passo que os meios de comunicação foram se desenvolvendo, tais discussões foram também incorporadas nas redes sociais, já que estas se tornaram as ferramentas “oficiais” de acesso à informação (ZAGO, 2009; RECUERO, 2011) e problematizações de questões múltiplas, por essa razão a presente pesquisa assume o *Twitter* como universo de análise.

Para selecionar o **universo de análise**, foram consideradas algumas escolhas metodológicas a fim de delimitar a escolha da rede social adotada, com o intuito de que esta pudesse oferecer subsídio para o levantamento dos dados. Dessa forma, a rede social assumida corresponde ao microblog *Twitter*, uma das redes sociais mais conhecidas e antigas da internet, que apresenta como principal característica a possibilidade de o usuário realizar publicações com a limitação de um número reduzido de caracteres, compartilhando informações em tempo real para os seguidores que estão ligados à sua rede. Por estar em circulação há mais de dez anos, essa rede social, à medida que alcançou grande número de usuários, também foi se reconfigurando de diversas formas ao longo do tempo. Atualmente, é utilizado para possibilitar que conteúdos que carreguem fotos, vídeos, e outros enunciados, tanto privados quanto públicos, sejam compartilhados, fazendo com que o espaço interativo seja disputado no que se refere ao engajamento, visualizações e replicações nas postagens.

Além de ser constituído de relações interpessoais, que exigem um viés mais participativo, essa plataforma se configurou como um espaço de constantes disputas de dizeres, pois possibilita que os sujeitos, que possuem acesso aos recursos de interação online, incorporem uma nova forma de se posicionar e atuar na sociedade. Essa prática foi iniciada no ano de 2010, em que o papel das redes sociais foi fundamental na divulgação da onda de protestos mobilizados na Tunísia, em razão dos problemas econômicos enfrentados pelo país, o qual a imprensa era alvo de censura. Esse episódio foi denominado pela imprensa de “*Twitter Revolution*”⁵, visto que a plataforma possibilitou maior alcance nas publicações realizadas pela população, o que culminou na renúncia do ditador Ben Ali.

O uso político do *Twitter* foi inaugurado a partir das repercussões geradas com a estratégia de campanha do candidato americano Barack Obama nas eleições presidenciais em 2009 dos EUA, já no Brasil, tal prática foi iniciada com a candidata Marina Silva (ex-PV) em

⁴ Discursos pautados na ideia de que para que a sociedade adquira progresso econômico, o Estado não deve realizar nenhuma interferência na economia. A privatização das empresas estatais, o término das políticas sociais, o incentivo a competitividade internacional, dentre outras coisas, são pautas defendidas por esse viés ideológico.

⁵<https://www.theatlantic.com/daily-dish/archive/2011/01/could-tunisia-be-the-next-twitter-revolution-ctd/177167/> acesso em 11/08/2022

2010, sendo boa parte dos seus resultados de votação oriundos dos ambientes virtuais. Pesquisas como de Pereira (2013); Marques, Aquino e Miola (2014), indicam que políticos em períodos de campanha eleitoral utilizam com mais frequência as novas tecnologias, com o intuito de trabalharem em prol da construção de sua imagem política. Os parlamentares, às vésperas das eleições, apresentam uma forte tendência a aumentar suas presenças na rede social, para tanto mais conteúdos são postados e replicados constantemente, trabalhando em busca de visibilidade, credibilidade e popularidade, contribuindo para o alcance de maior número de votos e promovendo também debates nos espaços online. A partir dessa participação ativa, tornou-se muito comum haver maiores produções discursivas a respeito da temática meritocracia na internet, considerando o viés político e ideológico de figuras públicas que fazem uso dessa ferramenta.

O período de campanha eleitoral presidencial que ocorreu no Brasil em 2018, pode ser considerado um grande divisor de águas na história do país, tendo em vista a crescente da direita no Brasil (ROCHA, 2018), pautada em um discurso conservador e reacionário que foi originado de forma mais proeminente a partir dos protestos de rua em junho de 2013, no qual a popularidade da então presidenta Dilma Rousseff se encontrava em crise, e a direita conquistava mais adeptos. No entanto a reeleição de Dilma não era esperada pela militância de direita, e em razão disso apenas seis dias após a reeleição, as redes sociais passaram a ser utilizadas para mobilizar e organizar os primeiros protestos pró-*impeachment* da presidenta. (ROCHA, 2018). Essa dinâmica permaneceu por mais alguns eventos, e o número de seguidores do movimento foi aumentando e se fortalecendo a cada protesto, de modo que a criação de fortes identidades coletivas e dinâmicas emocionais surgiram a partir das interações e conflitos entre grupos políticos, motivando mudanças visíveis na forma como a sociedade civil passou a se posicionar frente ao cenário social no qual se encontravam. (ROCHA, 2018). Diante disso, se tornou mais favorável que grupos de direita, apoiados na narrativa “anti-corrupção” e “lava-jato”, pudessem se fortalecer, e, ao desenvolver a habilidade de uso das mídias sociais, motivar o golpe de estado ocorrido em 2016. Michael Lowy (2016), destaca que “a ofensiva reacionária e conservadora da oligarquia contra os governos de esquerda, nunca cessou durante os últimos quinze anos, mas agora tem conseguido algumas vitórias substanciais. (LOWY, 2016, p.63).

O golpe contra a democracia fomentou uma abertura para que os detentores de riquezas, por meio de seu monopólio dos meios de comunicação, pudessem aprofundar o seu compromisso com a vertente liberal-conservadora, que há anos tentava-se implantar no país.

Dessa forma, ao se apropriar das plataformas online, correntes neoliberais⁶ também passaram a disseminar a defesa da meritocracia como uma possibilidade justa de composição da sociedade. Em razão disso, diversas figuras políticas, filiadas ou não a esse ideal, também passaram a fazer uso de recursos digitais, como redes sociais online e internet, como uma das estratégias de campanha, a fim de debater a respeito dessa, e de outras temáticas, e receber a validação da parcela da sociedade que participa ativamente nas redes.

Assim como no universo de análise, também foi necessário realizar escolhas metodológicas para o levantamento dos dados, essas escolhas serão detalhadas nas próximas subseções. No entanto, de antemão, ressalta-se que o objeto de análise consiste em analisar 10 *tweets* que mencionam a palavra-chave “Meritocracia”, compreendidos no período de 2018 a 2022. Considera-se que o tema meritocracia é uma pauta social pertinente, além de ser compreendido como um objeto de discurso (BAKHTIN, 2015[1930-1936]), que é tematizado, valorado e atravessado por outros discursos já ditos, os quais advém de outros enunciados, ele também representa o contexto aplicado em que as pessoas vivem e agem, considerando as mudanças que estão diretamente relacionadas a sua vida sociocultural, política e histórica.

Ademais, este capítulo traz, inicialmente, uma explicação sobre o *Twitter*, universo de análise da pesquisa, bem como sobre seu objeto de análise, *tweets* que apresentem enunciações sobre meritocracia. Pontuando a respeito dos critérios e escolhas metodológicas assumidas neste trabalho.

2.1 EM TORNO DO UNIVERSO DE ANÁLISE

Esta subseção, compreende as delimitações do universo de análise da pesquisa e está dividida em dois momentos. Inicialmente são apresentadas as justificativas e os critérios estabelecidos para realizar o processo de escolha do *Twitter* como o universo de análise da pesquisa. Em seguida, é também apresentada a sua contextualização, focando em suas características, formato de uso, bem como seu processo histórico, dialogando com o período de transição do uso dos blogs para os microblogs no país, situando, dessa forma, o *Twitter*.

⁶ Medida socioeconômica criada na década de 1970 na Europa, pautada pelo liberalismo clássico, e que tende a orientar as políticas baseadas no capitalismo. Prega pela maior autonomia dos cidadãos nos setores político e econômico e pela pouca intervenção do Estado.

Com base na pesquisa da TIC Domicílios 2019⁷, estima-se que o Brasil apresenta cerca de 134 milhões de usuários que possuem acesso e fazem uso da internet, o que representa 74% da população. Nesse sentido como um fato social, a internet se tornou indissociável da forma como diferentes sujeitos interagem atualmente, tendo em vista que essa ferramenta tem criado a possibilidade de constantemente promover novos discursos e estar em contato com as diferentes vozes que surgem nesses espaços, e, conseqüentemente, evidenciando o caráter heterogêneo dessas produções discursivas tanto na rede quanto na própria forma de o sujeito constituir-se. (BAKHTIN, 2020 [1943]; 2020 [1920/1924]).

É pertinente ressaltar que pelo fato de atualmente a tecnologia trabalhar a serviço da comunicação, o acesso, crescimento e democratização do uso dessa ferramenta também se desenvolveu ao longo dos anos. A partir do aumento no número de pessoas que estão conectadas a essas ferramentas de navegação, conseqüentemente as redes sociais online também assumiram um papel imprescindível no que diz respeito às práticas de interação proporcionadas por esses espaços. Para além das narrativas pessoais, discursivizadas nas redes, as plataformas virtuais marcam um sujeito-navegador, que pode ser concebido como alguém que possui certa afinidade com o uso de redes sociais, compreende sua funcionalidade e apresenta possibilidade de acesso. Essa dinâmica lhe permite criar perfis pessoais e adquirir uma lista infindável de contatos/seguidores que, juntamente com ele, tecem várias vozes e dizeres, constituídos na discursividade que esse espaço oferece, o qual possibilita o atravessamento de discursos outros que ora de integram o seu dizer e respondem à eles e ora se opõe. (BAKHTIN, 2015 [1963]).

Com o objetivo de delimitar o universo de análise, foi necessário realizar a escolha de uma rede social a partir da qual foram selecionados os enunciados a serem analisados, isto é, postagens dos internautas na plataforma online que discorrem a respeito da temática meritocracia. A escolha da rede social, por sua vez, não se deu de forma aleatória, mas guiada por uma série de fatores, para tanto, foram criados critérios de escolha que serão elencados a seguir:

- (i) **Posição axiológico-ideológica:** buscamos selecionar redes sociais pela possibilidade de elas apresentarem posicionamentos ideológico-valorativos distintos.
- (ii) **Acesso gratuito ao conteúdo:** a rede social em pauta oferece a possibilidade de acesso gratuito aos internautas.

⁷ O Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) apresenta o propósito de monitorar a adoção das tecnologias de informação e comunicação (TIC) no Brasil. Disponível em: <https://cetic.br/pesquisa/domicilios/>

- (iii) **Público-heterogêneo:** buscou-se selecionar uma rede social que tivesse um público heterogêneo, tendo em vista a compreensão que o contexto sócio-histórico de cada um influenciará nos posicionamentos que esse internauta assumirá na rede.
- (iv) **Ser uma das mais utilizadas do Brasil:** atrelado ao critério número (iii), de selecionar os objetos de análise com um viés heterogêneo, buscou-se selecionar uma rede social popularmente conhecida, e que fosse constantemente atualizada.
- (v) **Contextualizar os assuntos do momento:** a rede social apresenta a possibilidade de o internauta saber de imediato os assuntos estão sendo discutidos naquele momento, tanto no Brasil quanto no mundo, além de “subir as hashtags”⁸ para incorporar os debates aos assuntos do momento possibilitando maior alcance nas publicações.

Nesse sentido, a rede social que cumpre os critérios estabelecidos anteriormente é o *Twitter*. Dessa forma, após a apresentação dos critérios norteadores para a seleção, do universo de análise da pesquisa, o *Twitter*, a seguir será realizada a contextualização histórica dessa rede social, desde o processo de transição dos Blogs para os Microblogs, até as particularidades que fazem parte dele. Essa contextualização se faz importante, uma vez que justifica a escolha do objeto de análise da presente pesquisa.

Os mecanismos de trocas de informações presentes na Web 2.0 (O'Reilly, 2005), são numerosos, eles proporcionaram mudanças significativas na forma como os usuários dessas ferramentas se apropriaram delas e passaram a utilizá-las não mais dissociadas da vida real. Nesse sentido, Zago (2008), destaca que os blogs fazem parte de um contexto de participação e de colaboração da Web 2.0, impulsionados pelo desenvolvimento tecnológico das últimas décadas. De um modo geral, eles atuam em um formato de páginas que apresentam dinamicidade e que podem ser facilmente renovadas. Os blogs tiveram seu início voltados para infinitas finalidades, e à medida que se tornaram popularmente conhecidos foram apropriados por diferentes sujeitos, que passaram a apreciar a versatilidade que o formato propunha, posto que, em geral, não apresenta um formato consolidado de regras rígidas no que diz respeito a produção do conteúdo, motivando que a figura do autor do blog apresente um papel de destaque e autonomia. (RECUERO, 2003; ZAGO, 2008).

O formato do blog originou outros formatos, com diferentes finalidades e interfaces, e dentre esses formatos surgiram os microblogs. Zago (2008) pontua que os microblogs, embora

⁸ Hashtag é a união de uma palavra com o símbolo (#). A hashtag é utilizada em redes sociais e apresenta o propósito de direcionar o usuário para publicações sobre o mesmo tópico. “Subir a hashtag” é uma prática que consiste em fazer um assunto alcançar os *trend topics*, que são uma forma de determinar quais os assuntos mais populares do momento.

sejam mais recentes, no que diz respeito aos aspectos históricos, também integram um cenário de participação ativa e colaborativa originadas por meio das conexões possíveis nesses espaços. Santos e Cypriano (2014), compreendem os blogs e microblogs como “criaturas do milênio” (p. 686), visto que a interface possibilita a imersão do usuário em um ambiente repleto de informações, nos quais o fato de as funcionalidades se apresentarem de forma simples e intuitivas, no que diz respeito a dispensa de um conhecimento prévio para seu manuseio, gerando espaço dinâmico e, ao mesmo tempo, acolhedor para sua operação. (SANTOS E CYPRIANO, 2014).

Os sistemas de microblogs tiveram sua origem em meados do ano de 2006, embora tenham surgido diferentes sistemas de microblogs, o *Twitter* pode ser considerado o mais popular dentre eles. Em um curto período de tempo a ferramenta adquiriu espaço e visibilidade consideráveis, atuando como um dispositivo muito eficiente no que diz respeito à produção e divulgação de notícias e acontecimentos sobre fatos que ainda estão em curso. Evan Williams, é um dos criadores do *Twitter*, conhecido também por ter sido um dos fundadores da empresa Pyra Labs, responsável por desenvolver a plataforma *Blogger*, atualmente propriedade da empresa Google.

Os microblogs são sistemas em que os internautas escrevem postagens para que posteriormente sejam distribuídas para seus seguidores. Nessa plataforma é possível postar e trocar mensagens instantaneamente, tanto de modo público quanto de modo privado, além de disponibilizar e compartilhar links de arquivos, fotos, vídeos, notícias, hashtags e interagir com os outros usuários que também fazem uso da ferramenta, que podem ser seguidores ou não. Inicialmente a dinâmica encontrada no microblog era voltada para responder a pergunta: “What are you doing?” (O que você está fazendo?), de modo que em 140 caracteres os internautas postavam sua resposta. Santos e Cypriano (2014), atentam para o fato de que a limitação no número de caracteres permitidos em cada postagem, não foi por acaso, mas considerando o tamanho máximo possível que uma mensagem, escrita na tela de um dispositivo móvel, pudesse obter, considerando um contexto no qual as redes móveis se apresentavam como algo o que os indivíduos sentiam a necessidade de ter a sua disposição. (SANTOS E CYPRIANO, 2014). Dentre as inúmeras transformações que a plataforma sofreu, a que mais se destaca é o fato de que no ano de 2017, houve mudança no número da delimitação dos caracteres, passando de 140 para 280⁹, o que, segundo a empresa, contribuiria com o engajamento nas publicações

⁹ Ver: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/twitter-aumenta-limite-para-280-caracteres.ghtml>. Acesso em 13/08/2022

realizadas na rede e poderia fazer com que as pessoas passassem mais tempo utilizando o serviço. As postagens, ou posts, realizados no *Twitter*, são chamados de *tweets*, e as interações produzidas pelos navegadores dependem de quem são seus seguidores, *followings*, e quem o internauta segue. Mesmo havendo certas modificações ao longo dos anos, além da alteração do nome do nome inicial “twtr”, o sistema foi ganhando forma e se tornou popularmente conhecido a partir de março de 2007, transformando-se no que é hoje.

Figura 1: Página inicial do *Twitter*.

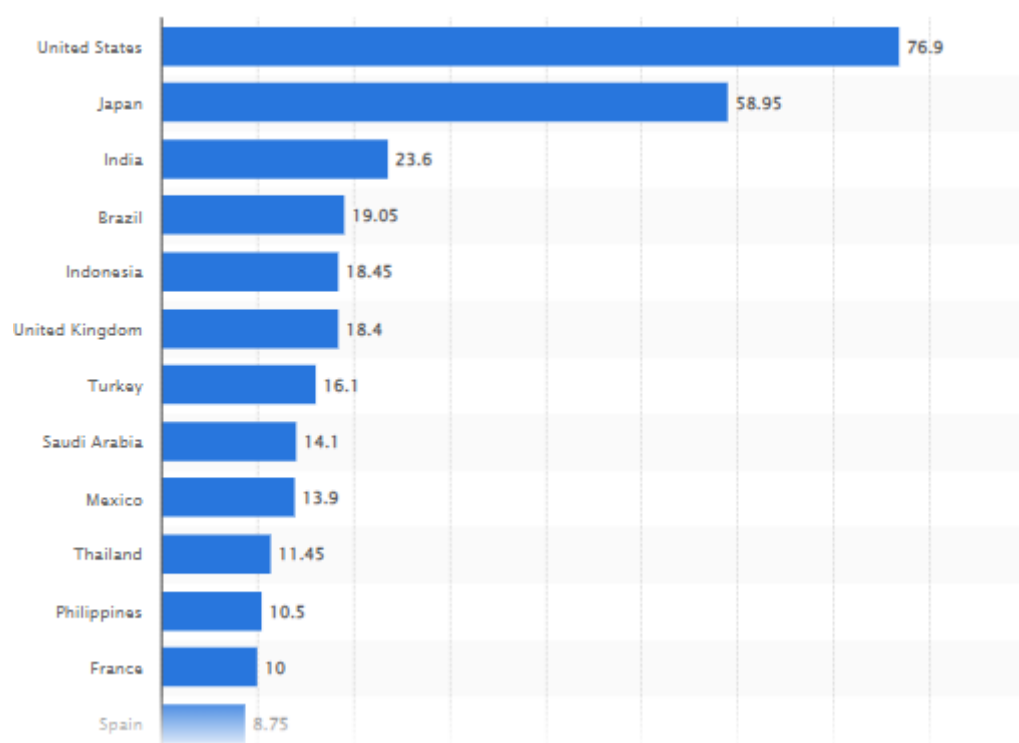


Fonte: <https://twitter.com/home>.

Um levantamento realizado pela Statista¹⁰ em 2022, indica que atualmente o *Twitter* conta com cerca de 230 milhões de usuários ativos no mundo. E 19,05 milhões desses usuários são brasileiros. Também indica que o Brasil ocupa a 4ª posição de países que mais possuem audiência ativa no *Twitter*, conforme gráfico a seguir.

Figura 2: Países líderes com base no número de usuários do *Twitter* em janeiro de 2022

¹⁰ Empresa alemã especializada em dados de mercado e consumidores. Disponível em: <https://www.statista.com/>



Fonte: <https://www.statista.com/> (Statista, 2022)¹¹

Mediante a atuação ativa dos brasileiros no *Twitter*, ressalta-se que esses espaços também se tornaram uma fonte infindável de debates sobre temas diversos. Estima-se que cerca de 42% dos usuários do *Twitter* realizam acesso diariamente à plataforma¹², ela também é a rede social que apresenta maior preferência dos internautas no que diz respeito ao consumo de notícias¹³. Conforme já mencionado, sua principal característica é a possibilidade de colocar em circulação pensamentos curtos, mas não menos relevantes, os *tweets*, e utilizar uma língua(gem) mais abreviada, indicando uma aproximação da oralidade, o que na maioria das vezes pode proporcionar maior conforto ao internauta, posto que não considera a necessidade de monitorar a sua fala, por se tratar de um contexto informal de interação.

Dessa forma, cabe-nos a reflexão não só sobre o gênero *tweet*, mas também sobre o seu modo de produção, circulação e recepção. No que diz respeito a esse gênero, observa-se que ele é realizado por sujeitos situados que apresentam um projeto de dizer, o qual será planejado e construído a partir de um formato específico, de modo que consolida uma

¹¹ <https://www.statista.com/statistics/242606/number-of-active-twitter-users-in-selected-countries/> Acesso em: 13/08/2022

¹² Ver: <https://www.pewresearch.org/internet/2018/03/01/social-media-use-in-2018/> Acesso em 13/08/2022

¹³ ver: <https://www.statista.com/statistics/200843/social-media-activities-by-platform-usa/> Acesso em 13/08/2022

experiência que o permite estender as possíveis conexões para níveis distintos de atividade humana. Pelo fato de se constituírem a partir de uma organização interna, se configuram como formas relativamente estáveis de enunciado dentro de dado gênero, mediado pela língua(gem)– assim como é concebido por Bakhtin (2016 [1952/1953]).

Sendo assim, a escolha de tal universo de análise, justifica-se pelo seu alinhamento com a atualidade, assim como por viabilizar as práticas de interação entre os sujeitos, que lhes permite se colocar como um sujeito responsivo e responsável na modernidade (BAKHTIN, 2020[1920-1924]), através da rede. As trocas de informações constantemente atualizadas e compartilhadas por diferentes dispositivos e suportes tecnológicos, favorece a eficiência na velocidade dessas trocas, além disso, promovem interações que atravessam e são atravessadas por enunciados outros e, constroem infindavelmente novos sentidos e valorações. (BAKHTIN, 2011[1979], 2016[1952-1953]; 2015[1930-1936]; 2020[1943]; VOLOCHÍNOV, 2017[1929]).

O fluxo e velocidade de informação nessa plataforma ocorre em tempo real. Além disso, também atua como uma ferramenta de pesquisa, através da opção, Search (pesquisa), basta que uma palavra-chave seja inserida nesse campo para que todas as publicações sobre um conteúdo específico sejam apresentadas ao usuário. Além disso, também disponibiliza a possibilidade de aplicar filtros de pesquisa, de modo que permite o resgate de publicações situadas em um determinado período e delimitar as postagens de acordo com os números de interação que recebem.

Figura 3: Busca avançada no *Twitter*¹⁴

¹⁴ Disponível em: <https://twitter.com/search-advanced>

The image shows the 'Busca avançada' (Advanced Search) interface on Twitter. It features a dark blue background with white text. At the top, there's a 'X' icon and the title 'Busca avançada', followed by a 'Buscar' button. Below this, the section 'Palavras' (Words) is highlighted. It contains five search filters, each with a text input field and an example:

- Todas estas palavras**: Example: 'o que está acontecendo' - contém 'o que está' e 'acontecendo'.
- Esta frase exata**: Example: 'happy hour' - contém a frase exata 'happy hour'.
- Qualquer uma destas palavras**: Example: 'gatos cães' - contém 'gatos' ou 'cães' (ou ambos).
- Nenhuma destas palavras**: Example: 'gatos cães' - não contém 'gatos' e não contém 'cães'.
- Estas hashtags**: Example: '#ThrowbackThursday' - contém a hashtag '#ThrowbackThursday'.

Fonte: <https://twitter.com/search-advanced>

Outro ponto relevante é a possibilidade de uso das *Hashtags*, visto que são as responsáveis por interligar *tweets* sobre um mesmo assunto, por meio de palavras-chave atreladas ao símbolo sustenido (#), o que cria a possibilidade de ampliação no alcance da publicação, posto que esse recurso funciona como um mecanismo que possibilita aos internautas marcar e acompanhar um determinado assunto com mais facilidade. É a hashtag que irá centralizar a fala sobre um mesmo tema, agrupando os enunciados de pessoas que estão conectadas mediante um mesmo assunto. Com o intuito de interligar a voz dos internautas, as *hashtags* vão de encontro com a filosofia da língua(gem) de Bakhtin e o Círculo, que destacam acerca de que todo enunciado concreto, encontra um objeto para o qual sempre se volta, já difamado, contestado, avaliado (BAKHTIN, 2015 [1930-1936]). Compreende-se, pois, que “o verdadeiro objeto de estudo deve ser justamente a inter-relação entre o discurso transmitido (alheio) e o discurso transmissor (autoral), pois eles vivem da inter-relação e não de forma isolada.” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.255). Dessa forma, o uso das *hashtags* atua na integração do coletivo, assim como os *retweets*, que, basicamente correspondem a *tweets* que são replicados, de modo que os créditos da publicação são atribuídos ao autor que a originou.

Por esses, e tantos outros motivos, o *Twitter* se tornou um espaço de constantes mobilizações sociais, influenciando até mesmo na produção e circulação e recepção de informações que também aparecem nas mídias impressas e televisivas, e, ao passo que o os indivíduos se conectam e despertam o interesse em compartilhar, avaliar, concordar ou

contestar acerca das informações que consomem no *Twitter*, isso reflete também na orientação social estabelecida entre eles nas práticas de interação que realizam nesse tempo-espço. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

Além disso, como uma ferramenta de busca, o *Twitter* “dialoga” com o internauta, visto que recentemente implementou duas opções para se ter acesso aos assuntos do momento: (i) ter acesso às informações em ordem cronológica ou (ii) de acordo com a sua relevância. Para tanto o internauta pode escolher que a visualização ocorra diretamente em sua *timeline*, selecionando “enquanto você esteve ausente” ou “melhores tweets primeiro”. A opção “enquanto você esteve ausente” foi pensada para os usuários que não acessam sua página várias vezes ao dia, e o objetivo dessa opção é o de minimizar as possíveis perdas das visualizações, bem como das atualizações relevantes das contas que lhes despertam interesse.

Ademais, é pertinente ainda enfatizar que, ao passo que novas tecnologias foram se desenvolvendo, o *Twitter* passou a atuar como uma plataforma para as atividades políticas na contemporaneidade. Nesse caso, a comunicação realizada por meio dessa mídia social se constitui como uma forma imprescindível para o ganho de popularidade, além disso se configurou em um movimento dialógico em que os discursos se entrecruzam e têm relações vivas. Sendo assim, a famigerada eleição presidencial brasileira de 2018, despertou inúmeras discussões a respeito da temática Meritocracia, e o discurso neoliberal se mostrou convincente a diversos sujeitos que passaram a naturalizar a desigualdade social e renomeá-la como resultado dos esforços dos vencedores e/ou perdedores. Foi comum observar que o sujeito que “prosperou” se posicionou a favor do neoliberalismo como uma confirmação de sua força de vontade e mérito, justificando que o “perdedor” se dá em virtude de sua hipotética incapacidade de responder às demandas que o sistema exige. Em contrapartida as posições contrárias também foram ressaltadas na rede, problematizando que no cenário político e econômico brasileiro perpetua a desigualdade social e não oferece garantia de dignidade humana a diversas parcelas da população, bem como dificulta o acesso a melhores níveis de escolaridade para sujeitos provenientes desses contextos socioeconômicos, o que gera a garantia da manutenção do cenário que consagra a desigualdade. (SOUZA, 2018)

Frente a essas considerações a respeito do universo de análise da pesquisa, ressalta-se que esta está situada na perspectiva dialógica de estudos da língua(gem) considerando seu caráter social, suas condições produção, circulação e recepção. Será, portanto, a partir da análise de textos-enunciados presentes nesse contexto de interação que a análise dos enunciados concretos será desenvolvida, dialogando com os escritos de Bakhtin e do Círculo e demais pesquisadores contemporâneos que assumem esse escopo teórico-metodológico. Por fim seguimos para a

próxima subseção, em que serão realizadas discussões e reflexões mais detalhadas acerca do objeto de análise.

2.2 EM TORNO DO OBJETO DE ANÁLISE

Como já mencionado, o propósito da presente pesquisa consiste em realizar uma análise dialógica do discurso a respeito da temática meritocracia a partir de enunciados presentes em redes sociais, tendo em vista que ao longo dos anos elas assumiram um espaço primordial no que diz respeito ao acesso e circulação da informação na contemporaneidade. Mediante os critérios estabelecidos, optou-se pela rede social *Twitter*, tendo em vista que ele se configura como a plataforma “oficialmente” instituída pela grande massa, para promover mobilizações sociais de forma online. Para tanto, o objeto de análise escolhido são os *tweets*, textos-enunciados, produzidos, compartilhados e replicados neste espaço virtual. Nesta subseção são apresentados os enunciados gerados na pesquisa, bem como os caminhos traçados para geração dos dados. Ressaltando suas particularidades bem como a forma escolhida para identificá-los. Para realizar a construção dos dados, utilizamos como recurso o sistema de *print*¹⁵, ou seja, os *tweets* foram salvos mediante a captura da tela que permite salvar a imagem. Tal escolha foi necessária, pelo fato de os dados serem originados do *Twitter*, o que corre o risco de poder desaparecer caso o internauta, autor da publicação, exclua a postagem, ou mesmo a sua conta na plataforma.

A escolha do universo de análise bem como o objeto, é justificada pela abrangência que ele acarreta, além de representar grande heterogeneidade discursiva em suas produções, circulação e recepção, tendo em vista que permite correlacionar a textos-enunciados outros, responder e agregar mais informações ao enunciado de origem. Por compreendemos que esses textos-enunciados partem de sujeitos distintos, que apresentam também diferentes posições axiológico-valorativas, acredita-se que a partir deles a percepção gerada a respeito do objeto de estudo será ampliada. Nesse sentido, a partir da delimitação do universo de análise – o *Twitter* – foram selecionados 10 enunciados – por meio da ferramenta de busca que o próprio *Twitter* disponibiliza. A escolha por este número se deu em razão da natureza deste trabalho e o período de tempo disponível para que a análise fosse realizada. Dessa forma, a partir da ferramenta de busca do *Twitter*, foi utilizada a palavra-chave: meritocracia, a fim de selecionar os 10

¹⁵ Corresponde ao recurso utilizado para capturar e salvar a imagem que está aparecendo na tela do celular ou computador.

enunciados gerados pelo sistema. O cronotopo dessa busca também foi delimitado, realizando um recorte temporal de publicações compreendidas de janeiro de 2018 a agosto de 2022.

Pelo fato de tal dinâmica gerar um número elevado de resultados, foi necessário delimitar ainda mais os filtros de busca avançada do *Twitter*. Sendo assim, quatro critérios foram aplicados para a geração dos dados: **(i) Recorte temporal:** compreendido de janeiro de 2018 a agosto de 2022, tendo em vista a intencionalidade de acompanhar as discussões que antecederam as eleições e as postagens posteriores a ela, seguindo até o ano da próxima eleição. **(ii) Postagens realizadas em português:** com o propósito de analisar e observar as discussões produzidas por brasileiros acerca da temática. **(iii) Postagens que apresentassem no mínimo mil curtidas:** tendo em vista que ao realizar a curtida de uma postagem, o internauta se coloca em um movimento de resposta ao enunciado. **(iv) Postagens que apresentassem no mínimo mil retweets:** posto que considera-se que ao retuitar uma mensagem, o internauta também está respondendo a ela, tanto em um movimento que pode ser de consonância com o que ela expressa como de discordância, essa dinâmica permite maior engajamento na publicação original, o que motiva seu maior alcance, e maior possibilidade de haver embates ideológicos. Após aplicados os filtros de busca, foi gerado um total de 70 *tweets*, posteriormente foram retiradas as postagens que não apresentavam relevância para a pesquisa e selecionadas as 10 postagens que atendessem aos nossos propósitos.

Com a finalidade de identificar e referenciar os enunciados escolhidos, foi atribuída uma sigla para cada um deles, criados a partir da letra inicial do universo de análise (T) *Twitter*, da letra inicial do objeto de análise escolhido (T) *Tweet*, seguido do número do dado (1), dessa forma o primeiro enunciado a ser analisado será intitulado de (TT1). Os 10 (dez) enunciados que compõem a análise serão apresentados no quadro abaixo, e, na sequência, será apresentada uma breve descrição desses dados.

Quadro 1: Dados da pesquisa

Identificação	Data da Postagem	Link De Acesso	Resposta ao tweet
(TT1)	16/05/2018	https://twitter.com/Ka_Bral/status/996786915591454720	https://twitter.com/brucemm29/status/996795576535715840 https://twitter.com/Rafael_silva84/status/996867625249595392

			https://twitter.com/Rafael_silva84/status/996869850529136642
(TT2)	13/11/2018	https://twitter.com/raul santiago/status/1062324917490847745	https://twitter.com/GomesDiego1000/status/1062523385656328192 https://twitter.com/m_a_martinelli/status/1062390419164745728
(TT3)	18/01/2019	https://twitter.com/GuilhermeBoulos/status/1086251301388935168	https://twitter.com/djuei/status/1086255436624474113 https://twitter.com/AntonioGanme/status/1086289562534637569
(TT4)	14/03/2019	https://twitter.com/Iexandre/status/1106345790426021888	https://twitter.com/vallatop/status/1106640152397574146 https://twitter.com/cafenodiva/status/1106549975398387712
(TT5)	29/01/2020	https://twitter.com/samiabomfim/status/1222531462601285635	https://twitter.com/AdiliaRodrigues/status/1222551799523172352 https://twitter.com/ARPRJ/status/1222539108725198848
(TT6)	15/05/2020	https://twitter.com/taynaragomesbar/status/1261304607411707906	https://twitter.com/jeffersonlnico/status/1261373828246233089 https://twitter.com/evelynalmeida26/status/1261466432229040128
(TT7)	22/03/2021	https://twitter.com/yungLEALL/status/1374017299099844610	https://twitter.com/vieira_sn/status/1374414323334803457 https://twitter.com/juao_CRF/status/1374160177042182145
(TT8)	06/04/2021	https://twitter.com/palominaaaa/status/1379570361289818112	https://twitter.com/NadaseiSocrates/status/1379815017390948353 https://twitter.com/bit_leo/status/1379831256859471874

(TT9)	23/04/2022	https://twitter.com/PedroRonchi2/status/1517851591923183619	https://twitter.com/GarciaAdriel/status/1520219045697626113 https://twitter.com/Footbal20761942/status/1518539720317444096
(TT10)	09/06/2022	https://twitter.com/ValerioWinter/status/1534846002439626753	https://twitter.com/rldigital/status/1534933017487106053 https://twitter.com/anjefama1rn/status/1535264230911483904

Fonte: A autora

No quadro acima, foi realizada a apresentação dos dados, bem como os códigos criados para identificá-los, além disso, também estão presentes seus respectivos links de acesso à postagem e os links de acesso a algumas respostas a ele. Seguimos agora, para uma breve contextualização dos posts nos anos de 2018 (TT1, TT2), 2019 (T3, TT4), 2020 (T5, TT6), 2021 (TT7 e TT8) e 2022 (TT9 e TT10).

O enunciado **(TT1)** apresentado abaixo, foi publicado no ano de 2018, ele corresponde à uma resposta a partir de uma webnotícia veiculada pelo portal Gauchazh¹⁶. O autor do post realiza uma citação direta da fala do sujeito entrevistado, em que comenta que apenas em razão da existência de programas sociais conseguiu concluir o doutorado, e reverte o quadro social no qual se encontrava, problematizando, assim, a meritocracia.

Figura 4: (TT1)

¹⁶ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2018/05/ex-catador-de-lixo-conclui-doutorado-em-florianopolis-cjh6uffbi047o01qoh6swtbwy.html>

· 16 de mai de 2018

"Meritocracia pra mim não funciona, é muito desleal. Acha que eu, que vim do lixão, estou em igualdade com quem não precisa trabalhar, só estuda, faz escola de idiomas? Força de vontade não é tudo. Só com os programas sociais que consegui voltar a estudar"



gauchazh.clicrbs.com.br

Ex-catador de lixo conclui doutorado em Florianópolis | GZH

Dorival cresceu em meio ao lixão, onde trabalhava com a família, e trilhou um caminho diferente

37

2.601

5.861



Em resposta a

Aí totalmente diferente do cara ser beneficiado por ser NEGRO.

1:52 PM · 16 de mai de 2018 · Twitter for Android

Em resposta a

É válido e necessário que se tenha programas sociais para pessoas sem condições financeiras, mas dizer que meritocracia é desleal é uma ideia equivocada, parece que o simples fato de vc ter uma condição um pouco melhor é causa da desigualdade que faz essas pessoas ter dificuldade

6:38 PM · 16 de mai de 2018 · Twitter for Android

Em resposta a

Eu tiro pelo exemplo da minha mãe que foi professora, trabalhava dois horários, trabalhou feito uma condenada, conseguiu a estabilidade financeira dela pq correu atrás independente de condições favoráveis ou não. Repito programas sociais, são essenciais, meritocracia é válida.

6:47 PM · 16 de mai de 2018 · Twitter for Android

Observa-se que ao compartilhar a webnotícia, o internauta comunga do pensamento do entrevistado, tendo em vista o uso de citação direta em sua postagem. Quanto aos enunciados que funcionam como resposta à publicação inicial, percebe-se o embate ideológico marcado. Na primeira resposta o internauta se posiciona contrário ao sistema de cotas raciais, e atribui à conquista do sujeito entrevistado, como frutos de sua força de vontade e mérito. Na segunda e terceira resposta, observa-se que o internauta, assim como o autor da postagem compartilha do pensamento acerca da necessidade dos programas sociais, no entanto, ainda assim, se posiciona favorável à meritocracia, para tanto recorre a exemplos de seu contexto social para legitimar seu posicionamento.

O enunciado (TT2), também publicado no ano de 2018, corresponde a problematização que o internauta realiza a respeito da operação policial em uma determinada área do Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro. Nela, contém a imagem de crianças

em horário escolar, deitadas no chão da creche, que fica situada nesse mesmo local, visando se proteger durante a operação conforme imagem a seguir.

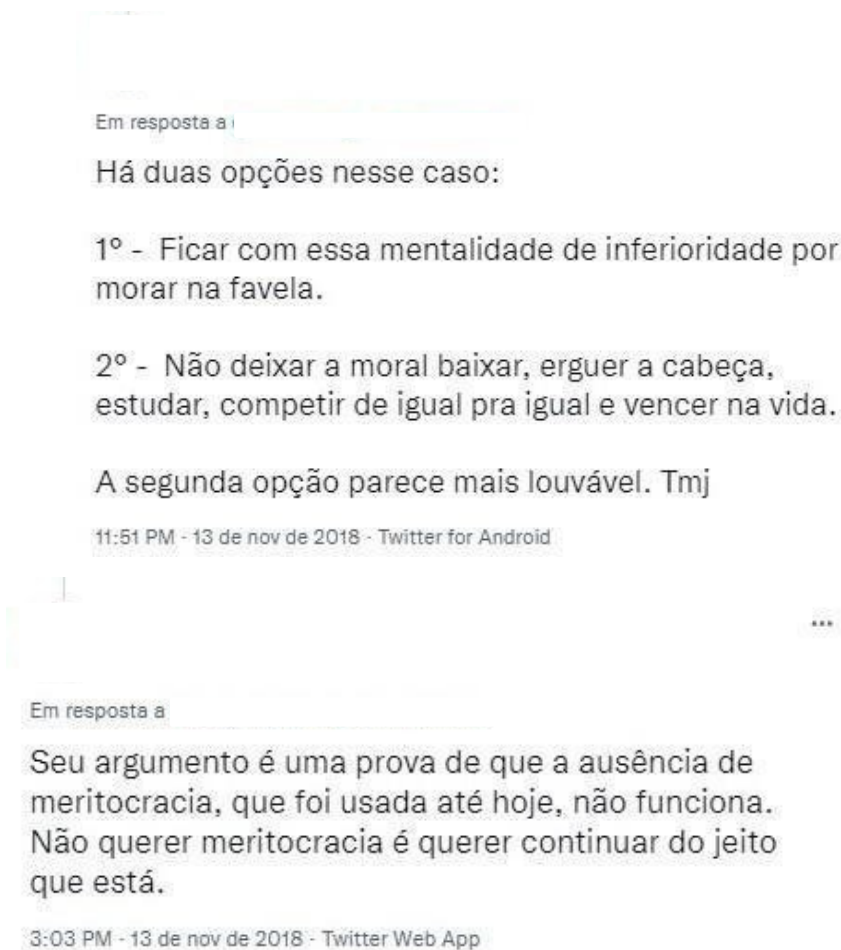
Figura 5: (TT2)

Hoje cedo começou uma operação policial numa área do Complexo do Alemão e junto à isso, tiros.

Na creche, essa é a situação das crianças.

Mostra essa foto para aquela pessoa que adora falar de meritocracia e diz a ela: não é mérito, é privilégio vindo da desigualdade! 🙄





O internauta, autor da postagem, ao apresentar tal cena, manifesta discordância ao sistema meritocrático, e sugere aos que apoiam tal ideia, observarem o contexto no qual diversas crianças se inscrevem. Ressaltando acerca da desigualdade fortemente marcada no país, mas sobretudo em áreas mais vulneráveis. Os enunciados de resposta a tal publicação, marcam os embates existentes em torno dessa temática. O primeiro deles, postula pela ideia de que, mesmo com adversidades, mesmo que isso implique crianças correndo perigo, se faz necessária uma competição igualitária com o intuito de alcançar o sucesso pessoal. O segundo enunciado-resposta, corresponde a outro internauta na defesa da meritocracia, como uma possibilidade de reverter o quadro no qual as crianças se encontram.

Finalizada a descrição dos dados de enunciados produzidos em 2018, partimos agora para uma breve contextualização das postagens de enunciados no ano de 2019. Conforme é possível observar no post **(TT3)**, em que Guilherme Boulos (Psol), uma figura pública conhecida, que disputou a eleição presidencial em 2018, tal qual as eleições municipais da cidade de São Paulo no ano de 2020, e nas eleições de 2022 foi eleito Deputado Federal de São Paulo. Embora não tenha alcançado a vitória nas eleições municipais, foi para o segundo turno da eleição, disputado com Bruno Covas (PSDB), e alcançou um percentual de 40,62% ¹⁷ de votos, já nas eleições do ano de 2022 Boulos foi o Deputado Federal mais votado de São Paulo com mais de 1 milhão de votos¹⁸. Guilherme Boulos compartilha uma webnotícia¹⁹ do portal O Estadão, indicando que estudantes com menores condições financeiras, tendem a apresentar baixos resultados ao realizar a prova do ENEM, o político, inclui em seu post uma problematização desse índice, relacionando esse resultado a crença da meritocracia existente no Brasil. Conforme é possível observar na imagem abaixo.

Figura 6: (TT3)

¹⁷ <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2020/resultado-das-apuracoes/sao-paulo.ghtml>. Acesso em: 17/08/2022

¹⁸ <https://www.brasildefato.com.br/2022/10/02/guilherme-boulos-e-deputado-federal-mais-votado-de-sp-com-quase-1-milhao-de-votos>. Acesso em: 17/01/23

¹⁹ <https://www.estadao.com.br/noticias/geral,aluno-pobre-tem-so-0-16-de-chance-de-estar-entre-os-melhores-do-enem,70002684350> . Acesso em: 17/08/2022



Na sequência há uma série de enunciados funcionando como respostas a tal publicação. Nelas observa-se que o primeiro internauta, atribui o resultado apresentado na webnotícia, ao sistema de ensino. Faz uso do adjetivo “esquerdopata”, que funciona discursivamente como um modo de atrelar a figura do professor, que se considera de “esquerda”, a uma patologia, com o intuito de desmerecer e deslegitimar esses profissionais. No segundo enunciado, que responde ao post original, o internauta utiliza-se do vocábulo “animal” com o intuito de desqualificar e marcar sua discordância com a problematização realizada com Boulos. Ainda atribui ao Partido dos Trabalhadores (PT) os resultados apresentados na webnotícia, isentando a prática da meritocracia do cenário de culpabilização explanado anteriormente. Em contrapartida, a quarta internauta, responde a esse enunciado

argumentando sobre os benefícios oferecidos pelo Prouni²⁰, programa desenvolvido na gestão do PT, e atribui ao partido tal conquista. Sendo assim, fica evidente a existência do atravessamento axiológico dos sujeitos que estão em lugares distintos e enunciam nessas publicações, marcando dessa forma, a heterogeneidade discursiva que é possibilitada pelo nosso universo de análise.

Para compreender o enunciado (TT4), é necessário inicialmente realizar uma contextualização deste. Se recorrermos à nossa memória discursiva, percebe-se que o internauta faz referência ao anúncio veiculado na plataforma YouTube, no ano de 2019. Na propaganda, Bethina²¹, na imagem, afirma ter conseguido acumular cerca de 1 milhão de reais após fazer investimentos na bolsa de valores. No entanto, o anúncio se tornou uma grande aversão pela figura da jovem na internet.

Figura 7: (TT4)



²⁰ Prouni (Programa Universidade para Todos), programa do Governo Federal criado com o objetivo oferecer bolsas de estudo integrais e/ou parciais em cursos de graduação em instituições privadas de ensino superior, para estudantes oriundos de escola pública e que realizaram a prova do ENEM.

²¹ <https://www.nsctotal.com.br/noticias/quem-e-bettina-a-jovem-milionaria-de-sc-que-viralizou-na-internet>



Em resposta a

Obrigada! Eu tenho ódio toda vez que aparece isso. Uma coisa que é facilmente perceptível é que todas as pessoas que aparecem nessas propagandas são sempre brancas e de família privilegiada. Tem que ter coragem pra fazer campanha assim, pq noção não tem.

10:37 AM - 15 de mar de 2019 - Twitter for iPhone



Em resposta a

Engraçado como nunca é uma pessoa negra, ou uma pessoa que nasceu na quebrada falando isso
Sempre gente branca q nasceu no Jardins

Coincidência??

4:35 PM - 15 de mar de 2019 - Twitter for Android

A significação da ironia contida na postagem, revela uma crítica do internauta à propaganda. Dessa forma ele problematiza, que a propaganda não evidencia os privilégios que muitos sujeitos detêm e não considera o contexto social e econômico do qual esse sujeito é oriundo. A discursividade construída na postagem é realizada em torno do enunciado original, a propaganda veiculada no youtube, sendo assim tal mecanismo discursivo realiza uma crítica à prática da meritocracia, e dialoga com o leitor/seguirador de que a ideia do sucesso financeiro empreendido no anúncio trata-se de uma falácia. Quanto às respostas ao enunciado, observa-se que tanto no primeiro deles quanto no segundo, os internautas questionam o fato de não haver a figura de uma pessoa negra, atrelada à discursividade presente no anúncio, e, consequentemente como exemplos de pessoas “bem sucedidas” financeiramente fruto de meritocracia. Posto que, os detentores de privilégios apresentam praticamente as mesmas semelhanças físicas, brancos, olhos claros, e na maior parte dos casos heterossexuais e cis gênero¹.

¹ Cisgênero é o indivíduo que se identifica com o sexo biológico com o qual nasceu.

O próximo enunciado, **(TT5)**, corresponde a postagem de uma imagem que apresenta uma pessoa em meio a enchente ocorrida em Belo Horizonte no ano de 2020²². A autora da postagem, corresponde a figura pública Sâmia Bomfim (Psol), atual deputada federal pelo estado de São Paulo, e candidata à reeleição no ano de 2022. Nele a deputada explana acerca das condições de trabalho precário no qual muitos sujeitos se encontram. A deputada ainda ressalta sobre a ineficiência do Estado para mediar situações em que fenômenos naturais ocorrem e causam destruições profundas, atrelando essa adversidade ao fato da falta de preservação ambiental no país. Na sequência, encerra a postagem se opondo ao ideal meritocrático, que tende a naturalizar o cenário em que um sujeito, que precisa atravessar a enchente colocando sua vida e saúde em risco, em função de seu trabalho e a necessidade de sobrevivência, via serviço de entrega de refeições, Ifood, que não oferece um regime de trabalho no qual os riscos que ele apresenta sejam assumidos pela empresa contratante, mas sim pelo trabalhador.

Figura 8: (TT5)

²²<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2020/01/29/apos-mais-um-temporal-com-enchentes-bh-e-regiao-metropolitana-contabilizam-mais-estragos.ghtml>. Acesso em: 17/08/2022



Sãmia 50000
@eamieabomfim

...

Trabalhador sem direitos se arrisca no meio da enchente, em Belo Horizonte, para conseguir levar algum dinheiro para casa. Retrato de um país que destrói sua natureza e abandona seu próprio povo. E ainda tem quem bata no peito para falar em meritocracia. Força aos mineiros.



11:46 AM - 29 de jan de 2020 - Twitter Web App

1.527 Retweets 126 Tweets com comentário 7.938 Curtidas



...

Em resposta a

Para você ver que um cara desses tem muito mérito. Enfrenta sol e chuva para buscar alimento para a família sem precisar do Estado para isso. Um trabalhador que não está com um cigarro de maconha no bico e um iPhone reclamando de tudo na casa do papai.

☀️ para este guerreiro.

1:07 PM - 29 de jan de 2020 - Twitter for Android



Na sequência, observa-se que a primeira postagem de resposta, consiste no internauta legitimar que o trabalhador presente na imagem, se apresenta como um exemplo de meritocracia, o nomeando como “guerreiro”, ou seja alguém que apresenta habilidades e disposição para atuar em um cenário desfavorável. Na segunda resposta, o internauta, nomeia o cenário precário e perigoso como “adversidade”, e que mesmo em face disso, o trabalhador precisa se submeter em nome da garantia de sustento. Nos enunciados subsequentes, também é possível observar o embate discursivo de forças opostas acerca da temática explorada.

O enunciado (TT6) foi realizado também no ano de 2020, o qual foi cenário da crise sanitária global desencadeada pela proliferação coronavírus, causador da doença COVID-19. Esse cronotopo esteve marcado pela desestabilização na forma como os sujeitos viviam em seu contexto social, tendo em vista a necessidade do isolamento e as novas configurações que foram realizadas, na tentativa de driblar os impactos presentes em diversas esferas de atividade humana, atendendo às demandas profissionais, pessoais e sociais de diferentes sujeitos. Tal cenário marcou de uma forma muito mais vibrante o panorama de desigualdade presente no país, posto que alguns sujeitos obtinham o privilégio de realizar seu trabalho no sistema home

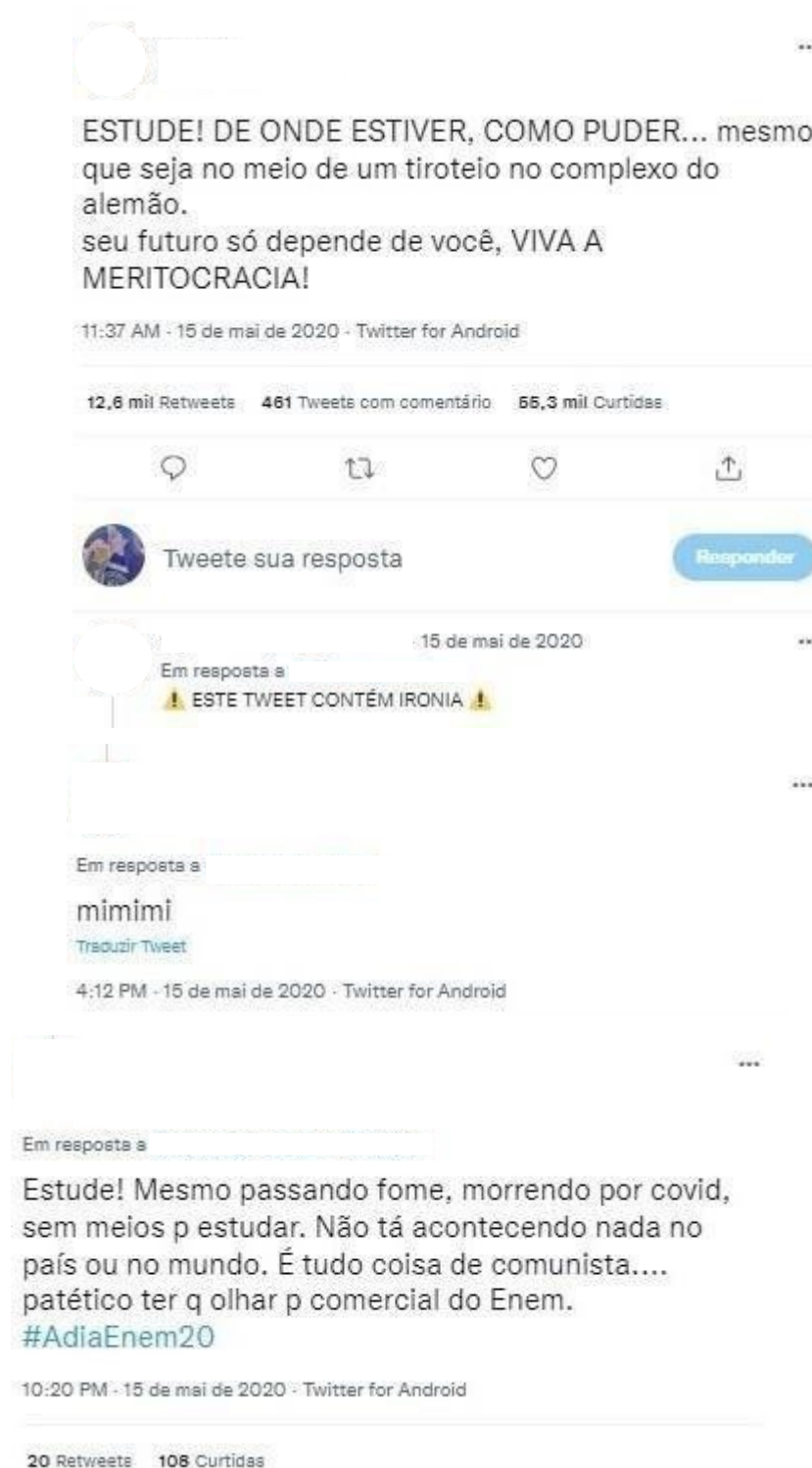
office, na garantia da proteção do isolamento social, enquanto outros sujeitos, em sua maioria negros, da periferia, em situação de rua, etc, não encontravam a mesma possibilidade, tendo em vista a necessidade de deslocamento para o trabalho, a utilização dos meios de transporte públicos, e o contato físico recorrente com outros sujeitos. Essa situação promoveu diferentes discursividades relacionadas à temática, dentre elas as que consagram o capitalismo e a defesa de uma economia que não pode parar, inseridos em uma lógica do constante consumo. Nesse contexto a propaganda referente às inscrições e prova do ENEM do ano de 2020²³, surgiu levantando como pauta que *“a vida não pode parar” “é preciso superar, se reinventar”, “estude, de qualquer lugar, de diferentes formas”*, desconsiderando além da crise sanitária global, bem como o número de mortes gerados por ela, o alto índice de desemprego²⁴, que refletiu diretamente nas condições econômicas de inúmeras famílias, em sua grande maioria, às pertencentes a contextos de vulnerabilidade social. Pautado no cenário explanado anteriormente, o enunciado (TT6), realiza uma crítica acerca da narrativa utópica promovida pelo Ministério da Educação a respeito da prova do Enem 2020, relacionando a narrativa à operação policial²⁵ truculenta ocorrida no Complexo do Alemão, na cidade do Rio de Janeiro. Ao final da postagem, realiza uma saudação à meritocracia.

Figura 9: (TT6)

²³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SysS3dWL-Hc>. Acesso em 17/08/2022.

²⁴ <https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-03/desemprego-registrou-taxa-media-de-135-em-2020>. Acesso em 17/08/2022

²⁵ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/15/operacao-policial-no-complexo-do-alemao-causa-tiroteio-na-manha-desta-sexta-feira.ghtml>
<https://www.metropoles.com/brasil/cenas-fortes-operacao-do-bope-deixa-corpos-espalhados-apos-tiroteio-no-rio>. Acesso em: 17/08/2022



A primeira resposta ao enunciado, consiste em uma reenuniação de textos outros, os quais pretendem representar, a partir da expressão “mimimi”, uma pessoa que reclama de algo que não apresenta uma pauta válida. Tal expressão, é utilizada em tom pejorativo, atuando como uma onomatopeia, figura de língua(gem) responsável por reproduzir sons, no caso em questão, o som de um choro. Nesse caso, a expressão apresenta o propósito de deslegitimar as problematizações realizadas pela autora do post, de modo que fica evidenciado que o autor da

resposta se opõe frente às reflexões realizadas no que diz respeito aos temas apresentados na publicação original. Na segunda postagem de resposta, observa-se um internauta que concorda com o post original, visto que sua crítica ocorre em tom de ironia, e ao término de sua postagem se posiciona utilizando a *hashtag* #AdiaEnem, com o intuito de minimizar os impactos de inúmeros jovens, que iriam realizar a prova, mas foram prejudicados pelos aspectos econômicos sociais, acabariam sofrendo.

No próximo enunciado, (TT7) publicado no ano de 2021, observa-se que a partir de uma postagem inicial, na qual contém um vídeo de crianças sentadas no chão, com o intuito de se proteger²⁶ de um tiroteio travado próximo à unidade escolar na qual se encontravam, o internauta problematiza acerca da realidade que muitas crianças vivem. Além disso ainda comenta sobre enunciados que emergiram a partir de uma visão neoliberal, inserida na lógica da produtividade, atrelada à meritocracia, na qual enunciados como “*quem quer consegue*” “*é difícil pra todo mundo*” “*faltou vontade*”, são comuns, como mecanismos que justificam a desigualdade social.

Figura 10: (TT7)

²⁶ <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/criancas-se-escondem-de-um-tiroteio-em-escola-no-rio-de-janeiro/> . Acesso em: 18/08/2022

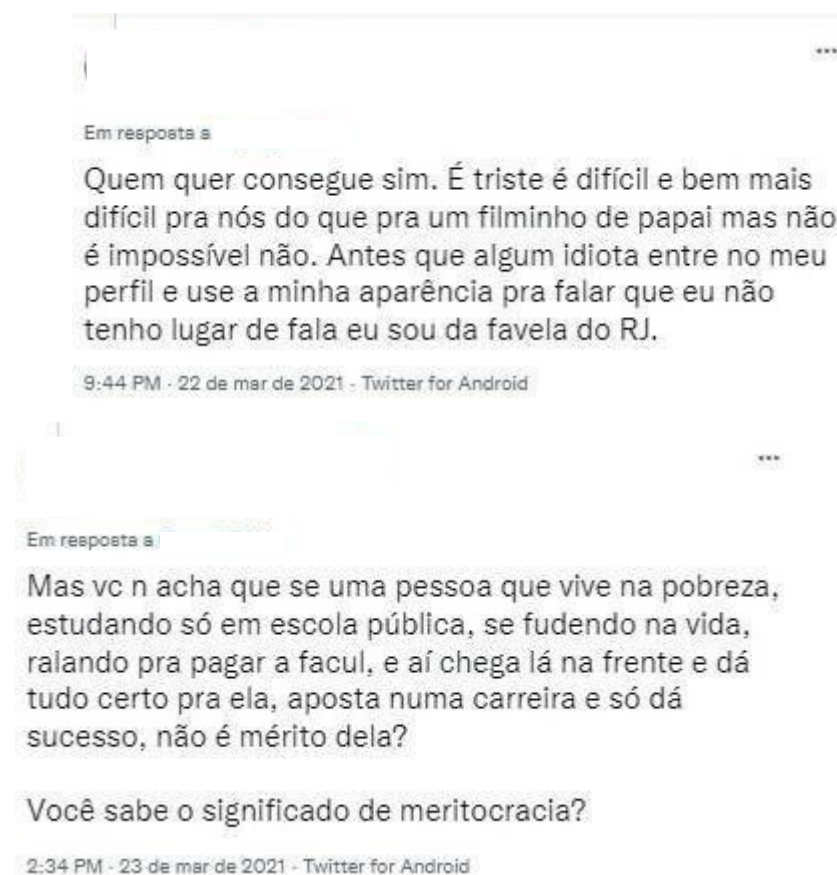
ai vem um filho da puta que nasceu com a bunda virada pra lua falar sobre meritocracia: "quem quer consegue" "é difícil pra todo mundo" "faltou vontade"



12:17 PM - 22 de mar de 2021 - Twitter for iPhone

28 mil Retweets 508 Tweets com comentário 90,9 mil Curtidas





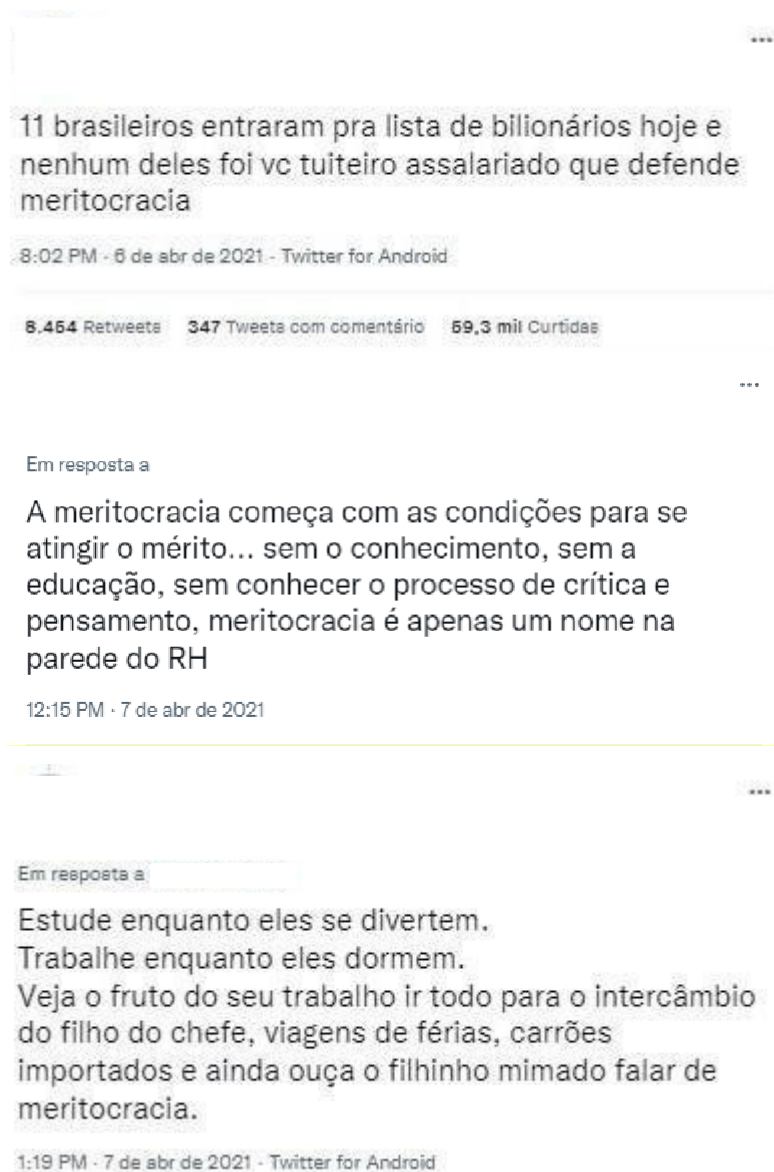
A partir do enunciado inicial, que já funcionava como uma resposta ao *já-dito*, surgem enunciados outros que também funcionam como respostas. No primeiro deles, o internauta, em consonância com o ideal meritocrático, discorre sobre a possibilidade de um sujeito conseguir mudar o fluxo de seu quadro de vida com base no esforço próprio, opondo-se dessa forma à crítica realizada pelo autor da postagem inicial. Na segunda resposta à publicação, nota-se a presença de mais um internauta que aposta no ideal meritocrático, também se opondo ao autor da postagem inicial. Para tentar legitimar seu posicionamento, afirma também ser morador de uma comunidade do Rio de Janeiro, tendo em vista que o vídeo divulgado se passa no mesmo lugar, dessa forma, tenta se colocar na mesma posição das crianças apresentadas no vídeo. Embora considere a existência de desigualdade, evidenciado pelo termo “filhinho de papai” o qual marca que não faz parte de seu contexto, defende a possibilidade de um sujeito conseguir alterar seu quadro social com base no esforço pessoal.

O enunciado (TT8), também correspondente ao ano de 2021, é realizado a partir da notícia²⁷ na qual a informação de que onze brasileiros haviam entrado para a lista de bilionários no âmbito mundial. A notícia causou inúmeras polêmicas na internet, tendo em vista os

²⁷ <https://gauchazh.clicrbs.com.br/economia/noticia/2021/04/brasil-tem-11-novos-bilionarios-no-ranking-mundial-da-forbes-confira-a-lista-ckn6l7o9w007b01gcod34qoh5.html>. Acesso em: 18/08/2021

enfrentamentos da pandemia que assolava o país desde o ano de 2020. O internauta, autor da postagem, tece seu comentário sobre a notícia, problematizando acerca da naturalização da meritocracia, frente um cenário claro de desigualdade social. Utiliza a expressão “tuiteiro assalariado” para remeter aos internautas defensores da meritocracia, mas não detentores dos meios de produção.

Figura 11: (TT8)

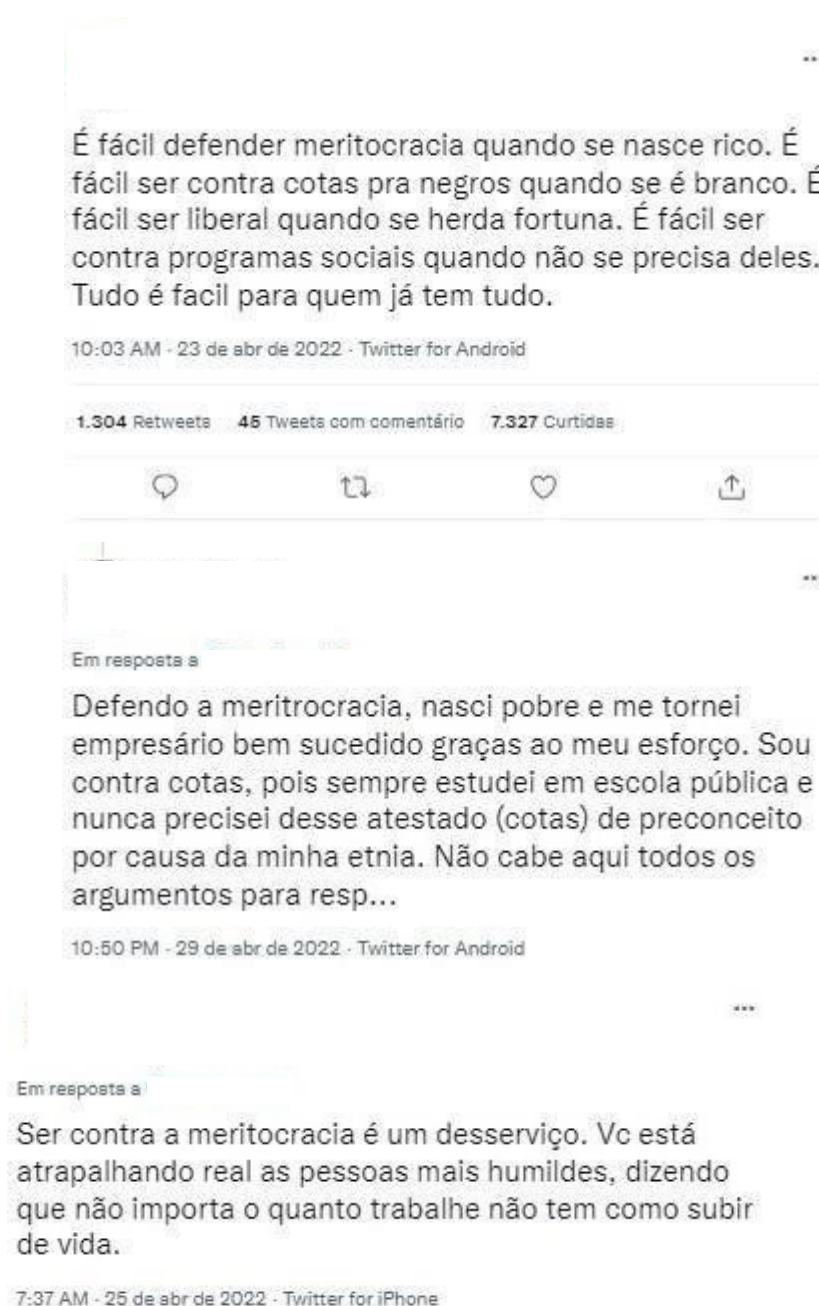


Na primeira resposta ao enunciado, o internauta destaca que para que a meritocracia possa se consagrar é necessário a existência de condições que permitam ao sujeito participar da dinâmica da competição de forma integral, para tanto, necessita de acesso ao conhecimento, educação e crítica ao pensamento. No segundo enunciado-resposta, observa-se outro internauta que, em consonância com a postagem inicial, utiliza da ironia para ressignificar a série de

enunciados pautados em produções discursivas neoliberais acerca da produtividade exacerbada atrelada ao capitalismo. No entanto, ao término da postagem propõe uma quebra de expectativa, tendo em vista que indica que os frutos do trabalho realizado serão colhidos por aqueles pertencentes a contextos de privilégios, e, portanto, adeptos dos ideais meritocráticos.

No que diz respeito ao enunciado (TT9), contextualizado no ano de 2022, encontra-se uma postagem, na qual o internauta aponta a facilidade de alinhar-se ao ideal meritocrático, mediante ao acesso de privilégios, desconsiderando os sujeitos pertencentes a realidades sociais marginalizadas e excluídas.

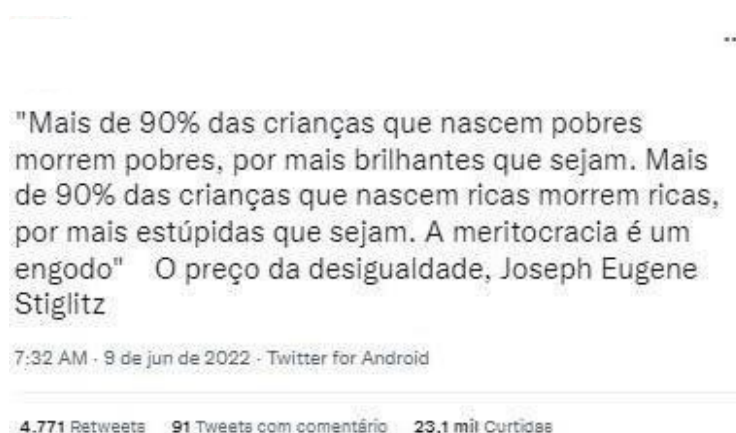
Figura 12: (TT9)



Na sequência, em resposta à postagem inicial, um internauta, se posiciona favorável à meritocracia, tendo como respaldo suas próprias vivências. Atrelando seu sucesso profissional e pessoal aos seus esforços. No segundo enunciado de resposta, observa-se outro internauta, defensor da meritocracia, argumentando que o autor da postagem inicial está impedindo sujeitos pertencentes a contextos de desigualdade acreditarem na possibilidade de mudança no quadro de vida, mediante seus esforços.

No enunciado (TT10), observa-se um internauta realizando uma citação direta da obra “O preço da desigualdade”, em sua postagem contempla a temática meritocracia. A julgar pela escolha do trecho utilizado para a citação, infere-se que o internauta não se alinha a tal ideologia.

Figura 13: (TT10)





No primeiro enunciado de resposta à publicação original, o internauta comenta acerca da invisibilidade de inúmeras crianças e jovens moradores de comunidades que apresentam diversos talentos e habilidades, no entanto em razão da desigualdade social, permanecerão nessa condição. Quanto à segunda postagem nota-se que o internauta retoma uma entrevista²⁸ de Paulo Guedes, Ex-Ministro da Economia do Brasil, na qual comemora o preço do dólar, e realiza uma crítica sobre o fácil acesso à viagens internacionais para as camadas mais populares da sociedade. Tal posicionamento repercutiu inúmeras críticas na internet, tendo em vista que esse parecer consagra e naturaliza cenários de desigualdade.

Ademais, finaliza-se essa seção de delimitação e apresentação do objeto de análise, os 10 tweets que discorrem a respeito da pauta meritocracia, gerados a partir do microblog Twitter, universo de análise que compreende essa pesquisa. Sendo assim, seguimos para o capítulo em que são apresentadas as escolhas teórico- metodológicas assumidas.

²⁸ <https://www.poder360.com.br/economia/com-dolar-baixo-empregada-domestica-ia-para-a-disney-diz-guedes/>. Acesso em: 19/08/2022

3 ANCORAGENS EPISTEMOLÓGICA E TEÓRICO-METODOLÓGICA

Este capítulo corresponde à apresentação das ancoragens epistemológicas e teórico-metodológicas que foram assumidas para a presente pesquisa, com base na filosofia da língua(gem) de Bakhtin e do Círculo, bem como em pesquisas contemporâneas de Análise Dialógica do Discurso. O capítulo está organizado em duas partes, a primeira delas está relacionada à concepção dialógica de discurso, tendo em vista o propósito de compreender acerca das vozes sociais produzidas no interior dos enunciados, que funcionam como respostas no que diz respeito às questões relacionadas ao solo da vida, pois a concepção bakhtiniana de língua(gem) compreende os enunciados como produções discursivas que realizam reflexos e refrações sociais, e que constantemente ressignificam para um plano ideológico e valorativo o que se organiza em torno dos processos de interação entre sujeitos e às organizações sociais nas quais estão inseridos. A segunda parte do capítulo, trata da concepção dialógica de sujeito, ancorada na filosofia da língua(gem) de Bakhtin e seu Círculo, que considera o processo ininterrupto da relação do Eu com o Outro, materializando os reflexos e refrações das relações sociais por meio da língua(gem). Dessa perspectiva, compreende-se que o processo de constituição dos sujeitos, que reflete sua identidade e a relação de alteridade que apresenta com o Outro, evidencia a organização social na qual esse sujeito está inscrito, assim como a forma como ele se posiciona frente às produções enunciativas nas quais está presente.

Ambas discussões mobilizam concepções relevantes para os estudos contemporâneos da Análise Dialógica do Discurso, visto que com base nas discussões realizadas nessas duas seções, será possível realizar a discussão e reflexão sobre nosso objeto de análise, *tweets* brasileiros selecionados que apresentem como pano de fundo discussões sobre meritocracia.

3.1 POR UMA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE DISCURSO

Na primeira parte do capítulo, realizamos a discussão da concepção dialógica de discurso, uma das questões fundacionais para a pesquisa, com base nos escritos de Bakhtin e do Círculo, assim como de interlocutores contemporâneos em ADD, visto que compreendemos que tais discussões oferecem o suporte necessário para a análise empreendida. Sendo assim, primeiramente são reenunciadas as concepções de *cronotopo*, compreendido enquanto a materialização do tempo no espaço, e a categoria na qual os sujeitos têm a possibilidade de compreender o mundo em que vivem. Em seguida são apresentadas discussões a respeito da ideia de *discurso*, compreendido por Bakhtin e o Círculo como dialógico, sendo este um

enunciado no qual se inscrevem uma diversidade de vozes sociais, originadas da relação entre sujeitos pertencentes a um tempo e espaço específicos. Posteriormente, comenta-se sobre *enunciado*, ou seja, a materialização do discurso, que nos permite observar que a língua(gem) se constitui por um viés dinâmico e vivo, e a qual está em constante mutação e desenvolvimento. Além disso, também cabe observar acerca da possibilidade do atravessamento das forças centrípetas e centrífugas, que evidenciam como são engendradas as vozes sociais nos enunciados, em razão disso, na sequência, são mobilizadas reflexões sobre *ideologia*, e por fim a *avaliação*, ambas reflexões diretamente relacionadas, visto que as produções enunciativas em análise, trazem incorporadas em seus discursos, projetos de dizer que respondem a vida social e apresentam as ressonâncias valorativas. Todas essas concepções se constituem como elementos fundamentais para a compreensão da teoria de Bakhtin e do Círculo no que diz respeito aos estudos da língua(gem).

3.1.1 O Cronotopo

Ao observar que o mundo é organizado em categorias de tempo e de espaço, Bakhtin cria o conceito de cronotopo, para que assim seja possível estudar com maior profundidade essas categorias. A etimologia dessa palavra é ligada ao grego, em que *crónos* corresponde a tempo e *tópos* corresponde a lugar. Esse conceito é trazido por Bakhtin (2018 [1937-1939]) com a finalidade de traduzir “a interligação essencial das relações de espaço e tempo” e exprimir a “inseparabilidade do espaço e do tempo” (BAKHTIN, 2018 [1937-1939], p.11). Segundo o autor, tal conceito, que é resgatado do campo da matemática, é introduzido e fundamentado baseado na teoria da relatividade, em que encontrou elementos que ofereceram subsídios para que suas percepções acerca do cronotopo fossem desenvolvidas. Sendo assim, nos estudos da língua(gem) o direcionamento é voltado para o campo da estética, mais especificamente tomando como base os estudos da literatura.

Bakhtin (2011 [1979]) assume uma concepção de literatura como um produto resultante da cultura, em que as marcas nela inscritas apresentam um tempo e um espaço que são igualmente definidos. Sendo assim, compreende a literatura como uma parte inseparável da cultura, e ressalta sobre o fato de que a literatura não pode ser entendida desvinculada do contexto e de toda a cultura que representa uma época. Embora o autor compreenda que os textos literários evidenciam os cronotopos de outras épocas e, conseqüentemente, também a sociedade em que surgiram, Bakhtin (2011 [1979]) discorre que ao realizar a tentativa de interpretar e explicar uma determinada obra, é necessário não se restringir apenas às condições

de sua época, pois, dessa forma, jamais será possível adentrar mais profundamente nos sentidos por ela propostos.

Amorim (2006), também comenta que o conceito de cronotopo se refere a uma produção da história, e, além disso, quando é possível “identificar o cronotopo de uma determinada produção discursiva, podemos dele inferir uma determinada visão de homem” (AMORIM, 2006, p.106), e, portanto, as categorias de análise: sujeito, espaço e tempo, estão sempre interligadas. Pelo fato de o cronotopo presente nos textos literários corresponder a ligação existente entre o mundo real e o mundo representado - estabelecendo uma interação mútua, o cronotopo também é responsável por determinar a figura de homem construída a partir da literatura, visto que as relações espaciais e temporais que permeiam os textos literários estão interligadas, e a relação estabelecida entre tempo e espaço se configura de forma indissolúvel.

Bakhtin (2020 [1920/1924]) compreende que o sujeito se constitui por meio da alteridade, não sendo este, um ser isolado, mas aquele que é concebido na pluralidade das relações sociais que estabelece. Com isso destaca acerca da impossibilidade de separar o sujeito de seu tempo e espaço, já que ele se configura como uma parte que compõe o todo e estabelece relação dialógica com o(s) outro(s) sujeito(s), também inseridos em determinados cronotopos. Assim, o Círculo vai tratar da constituição do homem no tempo/espaço do romance pensando no reflexo e na refração desse homem na sociedade e na cultura, tendo em vista que o sujeito é compreendido como aquele que carrega consigo as marcas da cultura(s), da história(s), de um grupo, de uma voz social, de um tempo e de um espaço específicos.

O homem ocupa um lugar único na existência que só pode ser singularizado e definido distintivamente em relação ao outro com o qual interage dialogicamente. O homem ocupa um lugar posicionado no espaço, porém, indefinido de uma vez por todas, o que cria, evidentemente, um paradoxo. (MACHADO, 2010, p.214)

Para Bakhtin (2018 [1975]), o tempo é revelado no espaço e o espaço é compreendido e medido por meio do tempo, conseqüentemente se torna impossível separá-los, essa fusão acarreta a constituição do sujeito. Machado (2010) também esclarece acerca da impossibilidade de conceber as relações de tempo desconsiderando os sujeitos pertencentes a esse tempo analisado. De acordo com a autora, não é possível que a pluralidade temporal da cultura e visões de mundo sejam desconsideradas, pois a concepção de homem também é decorrente da concepção de tempo. Sobre isso, Amorim (2006) comenta:

Quando, em uma obra qualquer, se ouvem vozes, ouvem-se também, com elas, mundos: cada um com o espaço e o tempo que lhe são próprios. [...] O conceito de

cronotopo trata de uma produção da história. Designa um lugar coletivo, espécie de matriz espaço-temporal de onde várias histórias se contam ou se escrevem. Está ligado aos gêneros e a sua trajetória. (AMORIM, 2006, p. 105)

Ao elaborar suas considerações sobre o cronotopo presente nas obras literárias que se propôs a analisar, Bakhtin pretende compreender as conexões entre os aspectos históricos e culturais presentes no âmbito da cronotopia. O objetivo do autor é entender a forma que o cronotopo realiza o reflexo e a refração das organizações, instituições, nações, esferas, e grupos sociais (ACOSTA PEREIRA, 2008; 2012), para tanto, o tempo é assumido como um dos princípios condutores de suas análises, ressaltando que ele se materializa no espaço e o espaço se adapta a determinado tempo.

O cronotopo como materialização predominante do tempo e do espaço é o centro da concretização figurativa, da encarnação para todo o romance. Todos os elementos abstratos do romance – as generalizações filosóficas e sociais, as ideias, as análises das causas e efeitos, etc. – gravitam em torno do cronotopo e através dele se enchem de carne e sangue, comungam na figuralidade ficcional. Esse é o significado figurativo do cronotopo. (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 227).

Além disso, o autor ainda vai tratar de pequeno e grande tempo (cronotopo), destacando que os pequenos cronotopos estão integrados aos grandes cronotopos e eles, por sua vez, podem ser compreendidos como aquele que unifica os pequenos cronotopos, pois o grande tempo é o tempo da cultura, da história, da formação das sociedades, bem como das grandes concepções, enquanto o pequeno cronotopo corresponde ao tempo do cotidiano.

É o cronotopo o responsável por realizar a orientação dos sentidos dos/nos enunciados, que por sua vez são constituídos por meio dos gêneros, enquanto ocorre a relação de espaço e de tempo na produção de sentidos. Para Bakhtin (2016 [1952/ 1953]) os gêneros do discurso são considerados como *tipos relativamente estáveis dos enunciados*, e, portanto, o cronotopo pode configurar-se como uma forma de analisá-los, considerando como a temporalidade aparece em uma determinada obra e levando em conta que tudo o que ocorre no espaço é em função do tempo. Nesse sentido, os gêneros do discurso estão situados e ancorados por meio das intersecções que ocorrem no tempo e no espaço. Além disso, as transformações de sentido no gênero também ocorrem em função do seu cronotopo. Para Acosta Pereira (2008; 2012) “o cronotopo é a porta de entrada para o estudo dos gêneros, uma vez que ele funciona como o centro de organização dos acontecimentos espaço-temporais” (ACOSTA PEREIRA, 2012, p. 124). O autor ainda comenta que cada gênero do discurso é situado em um determinado cronotopo.

O gênero engendra-se em determinado horizonte espacial, temporal, temático e valorativo (axiológico, apreciativo, avaliativo); possui recortes ideológicos específicos e apresenta posições de autoria e de destinatários próprios. Entendemos,

dessa forma que cada gênero possui uma orientação espaço-temporal diferente, um cronotopo particular, à medida que cada um é determinado por condições sociais específicas. (ACOSTA PEREIRA, 2012, p. 125).

O gênero *romance* é assumido por Bakhtin (2011 [1979]) como objeto de análise, pelo fato de considerar que os gêneros “têm um significado particularmente importante. Ao longo dos séculos de sua vida, os gêneros (da literatura e do discurso) acumulam formas de visão e assimilação de determinados aspectos do mundo.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p.364). Sendo assim, compreende-se que cada gênero do discurso situa-se em um determinado cronotopo e é determinado por condições sociais específicas, visto que eles apresentam produções de autoria assim como de destinatários próprios, além da existência de recortes ideológicos que também são próprios.

Ao apresentar suas considerações sobre o tempo e o espaço em Rebelais e Goethe, Bakhtin (2011 [1979]) pontua que a relação entre o espaço e o tempo não corresponde a uma descrição de sua cronologia, “um fundo imóvel e um dado acabado” (p.225), mas um processo em construção no campo dos acontecimentos. Além disso, ainda reitera sobre a importância de ler os indícios do curso do tempo que iniciam pela natureza e encerram nas regras e ideias humanas, inclusive nos conceitos abstratos (BAKHTIN, 2011 [1979]). O autor ainda explana:

O tempo se revela acima de tudo na natureza: o movimento do sol, das estrelas, o canto dos galos, os objetos sensoriais, visíveis das estações do ano; tudo isso, em uma relação indissolúvel com os respectivos momentos da vida humana, dos costumes, da atividade (do trabalho), constitui o tempo cíclico em um grau variado de intensidade [...] os visíveis indícios complexos do tempo histórico, na verdadeira acepção do sentido, são vestígios visíveis da criação do homem [...] cidades, ruas, casas, obras de arte, técnicas, organizações sociais[...]. (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 225)

O tempo não funciona como um mecanismo de preenchimento espacial, mas como aquele que está em um movimento de constante transformação. Sendo assim, Bakhtin discorre sobre cronotopia a partir das análises empreendidas em textos literários, por meio do gênero *romance*, o autor discorre sobre o cronotopo da aventura, da praça pública, do encontro e da estrada.

Sobre o cronotopo da aventura, Machado (2010) comenta que Bakhtin examina a partir do modelo grego. Em que estão presentes os encontros entre heróis, povos, culturas e épocas históricas distintas. A autora ainda complementa que “o cronotopo da aventura parece-lhe o mais representativo dos princípios teóricos sobre a representação do espaço-tempo na narrativa, uma vez que a aventura sintetiza o tema do encontro.” (MACHADO, 2010, p. 219) Além disso, Machado (2010) ainda reitera que o cronotopo da aventura “torna-se um modelo para se pensar

as formas arquitetônicas em sua formulação espaço-temporal fora do mundo da narrativa verbal”. (MACHADO, 2010, p. 221).

Sendo assim, Bakhtin constrói uma análise acerca das séries cronotópicas presentes no romance, para tanto, inicialmente examina as quatro primeiras obras de François Rabelais, com ênfase nas ações do romance que transcorrem a céu aberto, com o intuito de compreender as diversas relações de espaço e de tempo que ali são delineadas, pois para ele “trata-se de um vínculo especial do homem e de todas as suas ações e todos os acontecimentos de sua vida com o universo espaçotemporal” (BAKHTIN, 2018 [1975], p.119). Ademais, por meio das obras de Rabelais, Bakhtin desenvolve o conceito de carnavalização, a partir dos laços que a obra estabelece entre a cultura popular e o carnaval.

Amorim (2006) aponta que Bakhtin, em seus estudos sobre Rabelais e à cultura popular, explica que o verdadeiro herói do carnaval é o tempo, e que ao contrário da literatura que trata do indivíduo em que são encontrados múltiplos tempos, na cultura popular e no carnaval, o tempo é de âmbito coletivo, consequentemente o sujeito da cultura popular também é um sujeito coletivo. Em Rabelais, Bakhtin desejava compreender a forma como o autor apresentava e descrevia os comportamentos e os ritos humanos tomando como base o escopo de tempo e espaço que eram encontrados nas festas populares.

No que diz respeito às projeções de espaço, Bakhtin (2018 [1975]) afirma sobre a construção espacial de Rabelais, e o fato de que ela está ligada à praça pública da cidade e as feiras populares durante o fim da Idade Média e do Renascimento. O cronotopo da praça pública se constrói a partir da ideia da inexistência prévia de um nivelamento social, pois, oposto a sala de estar, qualquer um pode ir à praça, sendo este oriundo de qualquer grupo social e de qualquer forma de ser e estar no mundo, visto que a praça pública simboliza tudo aquilo que corresponde ao coletivo, ao público, aberto e que oferece espaço principalmente para aquilo que talvez seja reprimido em outros momentos. É no espaço público que os encontros também se desdobram, e diferentes sujeitos tem a possibilidade de também se encontrar. Portanto, o espaço da praça pública, corresponde a um o espaço de todos, e remete a ideia de uma sociedade sem classes que compartilham o trabalho bem como a ideia de tempo. (AMORIM, 2006)

Quando Bakhtin (2018 [1975]) discorre sobre o cronotopo do encontro, marca que ele “serve de ponto de partida, às vezes culminância ou até de desfecho (final) do enredo”. (p.29), também o destaca como o mais significativo no romance, visto que ele permite o encontro entre diferentes pessoas, pertencentes a diferentes classes sociais, geracionais e culturais, além disso ainda comenta

O motivo do encontro é um dos mais universais não só na literatura (é difícil encontrar uma obra em que esse motivo absoluto não exista), mas em outros campos da cultura, assim como em diferentes esferas da vida e dos costumes da sociedade. [...] O cronotopo real do encontro tem lugar permanente na organização da vida da sociedade e do Estado. (BAKHTIN, 2018 [1975] p. 30)

É o encontro que evidencia as definições de espaço e de tempo, pois o motivo do encontro “ganha matizes diferentes e concretos, inclusive valorativo-emocionais” (BAKHTIN, 2018 [1975], p.29), tendo em vista que ele pode ser desejado ou não desejado, bom ou ruim. Nesse sentido, a razão do encontro vai assumir diferentes expressões verbalizadas dependendo do contexto nas quais estão inseridas. O autor ainda destaca que os encontros podem definir o destino de um homem, tanto em sua vida quanto em seu cotidiano (BAKHTIN, 2018 [1975]). Além disso, o cronotopo do encontro, está interligado ao cronotopo da estrada, pois é na estrada que diferentes, e diversos, caminhos se cruzam e o encontro pode ser concretizado. A estrada também permite que o sujeito consiga se encontrar com os outros sujeitos, assim como com ele mesmo.

No cronotopo da estrada, a unidade das definições espaçotemporais também se revela com excepcional precisão e clareza. É imensa a importância do cronotopo da estrada na literatura: rara é a obra que passa sem certas variantes do motivo da estrada, e muitas obras chegam a ser construídas sobre o cronotopo da estrada, dos encontros e das aventuras que ocorrem pelo caminho. (BAKHTIN, 2018[1975] p.29).

A estrada se configura como um espaço amplo, e, embora haja uma trajetória inicialmente traçada, existem infinitas possibilidades de que essa rota seja alterada ao longo do caminho, visto que podem haver imprevistos, surgir atalhos, além da possibilidade de alteração do destino final, motivada, ou não, por encontros inesperados oriundos do acaso. “Aí podem encontrar-se por acaso aqueles que normalmente são separados pela hierarquia social e pela distância espacial” (BAKHTIN, 2018[1973] p.218).

Bakhtin (BAKHTIN, 2018[1973]) ainda menciona a respeito do que intitula de cronotopo do *limiar*, ou da *soleira*, o qual, no campo da literatura, conforme discorre o autor, se configura num caráter metafórico e simbólico, mas que caracteriza a metamorfose do/no homem. A partir das obras de Dostoiévski, o autor ainda segue descrevendo outros cronotopos, como o da escada, da antesala e do corredor, sendo assim, comenta:

Nas obras de Dostoiévski, por exemplo, o limiar e seus contíguos cronotopos da escada, da antessala, do corredor, bem como seus continuadores cronotopos da rua e da praça são os principais espaços da ação, são espaços onde se realizam os acontecimentos das crises, das quedas, das ressurreições, das renovações, do estalo, das decisões que determinam toda a vida de um homem. [...] É como se, na obra de Dostoiévski, a antiga praça dos carnavais e dos mistérios se reanimasse e

transparecesse nas ruas e nas cenas populosas no interior das casas (sobretudo nas salas de visitas) (BAKHTIN, 2018[1973], p. 224-225)

O cronotopo da sala de visitas, marca as camadas e segmentos que correspondem a vida privada, além das diferenças existentes entre os sujeitos. Embora também possibilite o encontro, é um encontro que não se apresenta como algo casual, assim como aquele propiciado pela estrada, mas sim um encontro programado, em que são estabelecidas datas, horários e locais para que então seja concretizado. É um encontro que reafirma as hierarquias sociais existentes, visto que o acesso a tal espaço, é restrito a determinados sujeitos, já que pertence a um campo privado, nesse caso, a alta classe aristocrata. Bakhtin ressalta que “os segredos cotidianos da vida privada que desvelam a natureza do homem, ou seja, tudo aquilo que só pode ser espreitado e escutado de trás da porta” (BAKHTIN, 2018 [1973], p.63). Além disso, o cronotopo da sala de visitas, apresenta um tempo político que evidencia a vida no âmbito dos negócios, em que decisões de determinado momento histórico-social são tomadas também de forma hierárquica. Nesse espaço também são geridos os desfechos da política e das finanças, entrelaçando o viés histórico e público-social com o privado (BAKHTIN, 2018 [1973] p.222).

Em face as considerações realizadas a respeito do cronotopo, observa-se que ele é o responsável por explicar a demonstração dos acontecimentos que estão situados no tempo e no espaço, visto que é por meio dele que as relações espaço-temporais se concretizam. Sendo assim, compreende-se, a partir disso, que o cronotopo presente em cada gênero discursivo reflete diferentes visões de homem, de cultura, sociedade, bem como também da realidade.

Além disso, é importante, inclusive, para que seja possível compreender as condições de produção, circulação e recepção de determinada produção discursiva, considerando que todo enunciado está presente em um determinado tempo e espaço, e cada um deles corresponde a um determinado contexto de enunciação, e, portanto, não pode ser compreendido desvinculada deste.

A partir disso, podemos afirmar que a compreensão de todas as considerações acerca do cronotopo apresentadas nesta subseção se faz relevante, visto que o objeto de análise mobilizado na presente pesquisa, *tweets* selecionados a respeito da temática meritocracia, correspondem a um gênero do discurso que marca presença ativa na contemporaneidade, mobilizando diferentes relações cronotópicas, que por sua vez, transformam a maneira de diferentes sujeitos estabelecer interações sociais nesses contextos de espaço e de tempo, que são marcados por sua singularidade e irrepetibilidade. Além de também marcarem um tempo e espaço específicos tanto na circulação e publicação quanto na recepção desses enunciados, o que permite também pensar o sujeito, seu tempo e as relações que estabelece com o mundo.

Além disso, ainda é possível observar que, num sentido mais amplo, as redes sociais, estão em pleno diálogo como as séries cronotópicas, da praça pública e da sala de estar, postuladas por Bakhtin, posto que elas criam possibilidades de espaços tanto no âmbito público quanto privado, uma vez que os internautas e usuários dessas ferramentas constantemente realizam escolhas para utilizá-las, podendo fazer postagens tanto de forma pública, quanto restrita a apenas os seus seguidores, além de também realizar escolhas para estabelecer relações nesses espaços, tendo em vista a prática de aceitar ou não aceitar seguidores, ou, até mesmo, de bloquear o quejular que não lhe convém ou lhe causa desinteresse. Dessa forma, se faz relevante considerar o contexto temporal e espacial presente nas práticas enunciação, em razão de ser o responsável por nutrir e atribuir significação e sentido em sua produção, circulação e recepção. Realizadas as considerações acerca da concepção de cronotopo, seguimos para a próxima subseção em que tratamos da concepção de *discurso*.

3.1.2 O discurso

Na presente subseção, apresentamos as discussões acerca da concepção de discurso, visto que esta é uma das questões bastante dialogada nas obras de Bakhtin e do Círculo e reenunciada por diversos interlocutores contemporâneos na ADD. A relevância do estudo consiste em pensar que ela também oferece subsídio para que o desenvolvimento do estudo proposto seja realizado, pensando numa perspectiva dialógica da língua(gem) para a análise dos enunciados.

No que se refere a compreensão de discurso, Bakhtin (2015[1963]), o encara enquanto um fenômeno social que ocorre no interior das esferas da atividade humana e é materializado em forma de enunciados, nesse caso, para o autor, o discurso consiste na “língua em sua integridade concreta e viva e não a língua como objeto específico da linguística” (2015 [1963], p.207), pois compreende que ela [a linguística] abstrai os elementos que apresentam a relevância necessária que os estudos linguísticos devem apresentar. Em razão disso, situa seus estudos no que pode ser chamado de metalinguística, subentendendo-a como um estudo dos aspectos da vida do discurso que ultrapassam os limites da linguística (BAKHTIN 2015 [1963], p.207), visto que considerar apenas os elementos estritamente linguísticos inviabiliza que as especificidades da enunciação real dos discursos sejam também consideradas. No entanto, mesmo situando seus estudos na metalinguística, advoga para que a linguística não seja desconsiderada, mas que ambas, por estudarem o mesmo fenômeno concreto, o discurso, devam se complementar.

Bakhtin apresenta suas proposições acerca do discurso, bem como da língua, no início do século XX, apontando para uma nova perspectiva que funcionava como uma resposta à estilística da época. Tal discussão se deu no decorrer do estruturalismo saussuriano, e o autor destaca que “a análise estilística [da época] não se orienta no sentido da totalidade do romance, mas apenas de uma ou outra unidade estilística subordinada ao mesmo” (BAKHTIN, 2018 [1975], p.30). Sendo assim sua crítica corresponde a forma como a estilística em seu processo histórico realizou a análise do discurso literário, bem como a ruptura realizada entre forma e conteúdo, que os formalistas russos propunham na época. O que segundo o autor:

Na maioria dos casos, a estilística era uma estilística da maestria de gabinete e ignorava a vida social da palavra fora da oficina do artista, na vastidão das praças, ruas, cidades, aldeias, dos grupos sociais, gerações, épocas. A estilística não operava com a palavra viva, mas com seu preparado histológico, com a palavra abstrata da linguística a serviço da maestria individual do escritor. (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 21)

Bakhtin ainda comenta que forma e conteúdo não podem ser separados no discurso, concebido como “fenômeno social – social em todos os campos de sua vida e em todos os seus elementos, da imagem sonora às camadas semânticas abstratas” (BAKHTIN, 2018 [1975] p.21). Sendo assim, observa que no plano da estilística tradicional, o discurso não era analisado considerando a sua totalidade e sua multiplicidade de formas, que transcendem o plano da forma e conteúdo. Para o autor as tentativas de análises estilísticas do romance consistiam em descrições linguísticas acerca da língua(gem) do romancista ou se limitavam a ressaltar os elementos estilísticos que se subpunham às categorias da estilística. (BAKHTIN, 2018 [1975]). Portanto, para Bakhtin, havia necessidade de realizar um estudo novo do romance, que apresentasse também um viés sociológico, e que tomasse o romance como um *todo verbalizado*, e enquanto “fenômeno pluriestilístico, heterodiscursivo e heterovocal.” (BAKHTIN, 2018 [1975] p. 27).

Com base nessa concepção compreende-se que analisar discurso implica também considerar que apenas uma análise temática não é o suficiente, uma vez que se faz necessário considerar a diversidade de estilos que ele apresenta, por ser pluriestilístico, em razão de questões geracionais, extratos sociais e a situação de interação. Além disso, por apresentar pluralidade discursiva, e considerando o sentido social, é caracterizado como heterodiscursivo, e, por fim, também é imprescindível atentar para o fato de que é atravessado por diferentes vozes sociais, compreendido então como heterovocal. Dessa forma, o discurso é concebido no paradigma do sentido, e não da significação. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), visto que todo discurso se configura como singular, único e concreto, e cada um apresenta princípios distintos.

Para tanto destaca sobre a relevância de olhar para as diversas formas de orientação dialógica do discurso e das peculiaridades a ela vinculadas. Ao partir dessa perspectiva para a análise do discurso, e ao conceber o romance como corpus de análise, o autor destaca que no romance há a presença de diversas produções discursivas, o qual intitula heterodiscurso²⁹, e sobre isso destaca:

O romance é um heterodiscurso social artisticamente organizado, às vezes uma diversidade de linguagens e uma dissonância individual. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, modos de falar de grupos, jargões profissionais, as linguagens dos gêneros, as linguagens das gerações e das faixas etárias, as linguagens das tendências e dos partidos, as linguagens das autoridades [...], pois bem, a estratificação interna de cada língua em cada momento de sua existência histórica é a premissa indispensável do gênero romanesco. (BAKHTIN, 2018 [1975] p. 29-30)

A partir disso, é possível compreender que a língua(gem) é heterodiscursiva, ou seja, ela admite, e se constitui, por meio de diferentes vozes sociais e discursivas. Sendo assim, conforme pontua Bakhtin, o estudo do discurso implica assumir um olhar para as *relações dialógicas*, objetos de estudo que a Metalinguística apresenta, visto que, de acordo com a perspectiva de língua(gem), assumida como objeto da linguística, “não há e nem pode haver quaisquer relações dialógicas: estas são impossíveis entre elementos no sistema da língua” (BAKHTIN, 2015 [1963], p. 208). Dessa forma, Bakhtin aponta para o fato de que as relações dialógicas se configuram como parte constitutiva do discurso, e, além disso elas podem ser compreendidas como posições axiológicas de diferentes sujeitos em atos concretos da vida, e, portanto, ao serem concretizadas na voz de diferentes sujeitos, elas saem do plano da língua, para entrar no plano do discurso, materializado na forma de enunciado.

Em razão disso, é que o autor ressalta que a orientação dialógica do discurso, implica necessariamente estabelecer um olhar para o discurso do outro. (BAKHTIN, 2015 [1934-1935]). Sobre isso, Volóchinov (2017 [1929]) comenta que um dos principais equívocos dos estudiosos da época foi o de isolar as formas de transmissão do discurso alheio do contexto em que foi realizado, uma vez que isso os tornam estáticos e imóveis (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) conforme comenta:

O verdadeiro objeto de estudo deve ser justamente a inter-relação dinâmica entre essas duas grandezas: o discurso transmitido (“alheio”) e o discurso transmissor (“autoral”). Pois, na realidade, eles existem, vivem e se formam somente nessa inter-relação e não isoladamente, cada um por si. O discurso alheio e o contexto transmissor são apenas termos de uma inter-relação dinâmica. Essa dinâmica, por sua vez, reflete a orientação social mútua entre as pessoas na comunicação verboideológica. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.255)

²⁹ Em outras traduções também aparece como “plurilinguismo” e “heteroglossia”.

Pelo fato de o discurso alheio ser concebido pelo falante como um enunciado de *outro* sujeito, para que seja possível penetrar completamente em seu conteúdo é necessário que ele seja introduzido na construção do discurso, além disso, são as formas de transmissão do discurso alheio que expressam a *relação ativa* de um enunciado com outro. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Cada discurso admite diversas vozes sociais, e as produções discursivas que realizamos carregam consigo também as palavras *do outro*. Com algumas delas nossa voz se integra, enquanto com outras vozes, nossas palavras são reforçadas, “aceitando aquelas como autorizadas para nós” (BAKHTIN, 2015 [1963], p.223). E todas as relações de sentido estabelecidas são de caráter dialógico.

No capítulo *o discurso na poesia e o discurso no romance*, Bakhtin pretende esclarecer que a estilística sociológica implica uma orientação dialógica para o discurso e comenta que o discurso do pensamento estilístico tradicional só conhece a si mesmo, e só conhece outro discurso, fora de seu contexto, “como discurso neutro da língua, como palavra de ninguém” (BAKHTIN, 2015 [1930-1936], p.48). No entanto, ressalta que “todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado” (BAKHTIN, 2015 [1930-1936], p.48), pois o discurso que está voltado para o seu objeto penetra nesse meio de forma dialógica, sendo assim, todo objeto do discurso passa a ser incorporado ao discurso do *eu*, ele é atravessado pelos índices de valor e ressalta as reverberações do discurso do *outro*.

A orientação dialógica do discurso é, evidentemente, um fenômeno próprio de qualquer discurso. É a diretriz natural de qualquer discurso vivo. Em todas as suas vias no sentido do objeto, em todas as orientações, o discurso depara com a palavra do outro e não pode deixar de entrar numa interação viva e tensa com ele. (BAKHTIN, 2015 [1930-1936] p.51)

O objeto de discurso não é vazio de significação e de sentido, visto que ele se constitui por meio de outros objetos, outras vozes sociais. A dinâmica presente nessa relação marca o seu sentido, respondendo, assim, a outros discursos. Ou seja, toda orientação dialógica corresponde a uma orientação voltada ao discurso do outro. No entanto, o autor ainda destaca que não é apenas no objeto que a dialogicidade interna do discurso se encontra com o discursado outro, pois “todo discurso está voltado para uma resposta e não pode evitar a *influência profunda do discurso responsivo antecipável*.” (BAKHTIN, 2015 [1930-1936], p.52). O discurso vivo se volta para a “a futura palavra-resposta: provoca a resposta, antecipa-a e constrói-se para ela” (BAKHTIN, 2015 [1930-1936], p.52), essa diretriz consiste na orientação do discurso de outrem, ou seja, todas as produções discursivas estão constantemente direcionadas para o ouvinte e a sua resposta. Compreende-se, dessa forma, que a dialogicidade

interna do discurso será responsável por definir sua forma e conteúdo, e esse movimento se dará internamente, tendo em vista que “o diálogo social soa no próprio discurso, em todos os seus elementos, sejam “conteudísticos”, sejam “formais”. (BAKHTIN, 2015 [1930-1936], p.77).

Na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2015 [1963]), Bakhtin empreende uma análise da obra de Dostoiévski, focando nas noções de discurso bivocal, no qual se origina a concepção de dialogismo. Para o autor, nos discursos bivocais há mais de uma voz orientando o discurso, ou seja, corresponde a um *discurso duplamente orientado*, existe a orientação voltada ao objeto, e outra para o discurso do *outro*. Além disso, o autor ainda chama a atenção para algumas formas do discurso apresentar sua materialização, destacando sobre o fato de pertencerem ao campo da metalinguística, sendo eles: estilização, paródia, *skaz*³⁰ e diálogo (expresso em réplicas). (BAKHTIN, 2015 [1963]). Em seguida ainda comenta que mesmo havendo diferenças entre os referidos fenômenos, eles apresentam a *dupla orientação do discurso* como um traço em comum.

A *estilização* é definida por Bakhtin (2015 [1963]) como a maneira de o discurso bivocal materializar-se, considerando seu contexto social e histórico, o que pressupõe que os procedimentos estilísticos operem sobre os discursos de primeira ordem para alcançar sua finalidade. E, nas palavras de Bakhtin (2015 [1963], p.217), “[...] o estilizador usa o discurso de um outro como discurso de um outro e assim lança uma leve sombra objetificada sobre esse discurso”. O *skaz*, também compreendido como discurso bivocal, corresponde a orientação para o discurso falado, que é introduzido em função *da voz do outro*, se configurando como uma voz socialmente determinada e que carrega consigo diversos de pontos de vista e apreciações, principalmente àquelas que são as necessárias ao autor. (BAKHTIN, 2015 [1963]). A respeito da *paródia*, Bakhtin (2015 [1963]) ressalta que, assim como na estilização, o autor fala da língua(gem) do outro, contudo, tal língua(gem) é revestida de orientação do sentido, que é oposta à orientação do outro. E, uma vez que se integra ao discurso do outro, estabelece uma relação hostil com o seu agente primitivo, que é obrigado a servir com fins opostos. O discurso, por suavizar “se converte em palco de luta entre duas vozes” (BAKHTIN, 2015 [1963] p. 221). Em razão disso que a fusão de vozes na paródia é impossibilitada de ocorrer, diferentemente da estilização, visto que nesse contexto, as vozes não se configuram apenas como “isoladas” ou separadas pela distância, mas marcam uma posição hostil. A respeito do *diálogo*, Bakhtin, ressalta que a palavra do outro permanece fora dos limites do discurso do autor, no entanto, tal

³⁰ O autor define como: “tipo específico de narrativa estruturado como narração de uma pessoa distanciada do autor (pessoa concretamente nomeada ou subentendida), dotada de uma forma de discurso própria” (BAKHTIN, 2015 [1963], p.211)

discurso a considera e a ela se refere, assim como determina a palavra do autor. Bakhtin (2015 [1963]) também discorre a respeito da *polêmica velada*, que consiste em o autor orientar o seu discurso para o seu objeto, porém, nesse movimento também o resguarda concomitantemente ao também contestar o discurso alheio a respeito do mesmo objeto. E por fim, a *réplica do diálogo*, trata dos discursos que contém o mesmo objeto, e que estabelecem conexão com o *outro* do discurso.

Bakhtin (2015 [1963]) também salienta que tanto a estilização quanto a paródia correspondem a *variedades passivas*, ou seja, o autor utiliza as palavras do *outro* como uma forma de expressar suas próprias palavras. Ele toma a palavra do outro e “a reveste da significação que ele, autor, deseja, obrigando-a a servir aos seus novos fins” (BAKHTIN, 2015 [1963], p.226). Enquanto no diálogo – da *polêmica velada* – a palavra do outro exerce influência no discurso do autor e promove mudanças no discurso, em razão dos entrelaçamentos de vozes que ali se originam.

Sobre a relação com a palavra do *outro*, o autor ressalta que se faz necessária uma compreensão ativa somada a uma atitude responsiva – ativa, ao longo do processo da constituição de nossa palavra. A noção de *outro* requer que a ideia de alteridade seja considerada, pois todo discurso é direcionado a alguém, assim como é produzido por alguém. Sobre isso o autor ainda comenta:

Por palavra do outro (enunciado, produção de discurso) eu entendo qualquer palavra de qualquer outra pessoa, dita ou escrita na minha própria língua ou em qualquer outra língua, ou seja, é qualquer outra palavra *não minha*. Neste sentido, todas as palavras (enunciados, produções de discurso e literárias), além de minhas próprias, são palavras do outro. Eu vivo em um mundo de palavra do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é a reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos). A palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la (essa tarefa não existe em relação à minha própria palavra ou existe em seu sentido outro). (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 379).

O processo da construção de sentido é de caráter responsivo, e a interpretação responsiva se configura como uma força essencial que participa ativamente da formação do discurso, ou seja, a partir das interações discursivas, o *outro* é inserido no meu discurso, não de forma passiva, mas considerando sua responsividade, visto que, os enunciados se adequam ao interlocutor e a sua reação -resposta ativa em situações de interação que são sempre situadas.

Realizadas as considerações a respeito da concepção de discurso, ressalta-se que por ser um fenômeno social e de caráter heterodiscursivo, situado no interior das esferas da atividade humana, é também dialógico, visto que é materializado na forma de enunciados, que

representam a língua viva, portanto também se configuram dessa forma. Além disso, é atravessado pelos discursos já ditos e pré-figurados, que ora refletem os sentidos por ele propostos, ora refratam. Apresenta também tons avaliativos e trazem consigo as marcas sociais e ideológicas que o perpassam em sua materialização. Além disso, não se limita ao conteúdo temático, visto que ele se apresenta no paradigma do sentido, se opondo ao paradigma da significação. O discurso não é reflexo da situação de interação, mas se integra a ela de forma viva e em consonância. Ademais seguimos para a próxima seção, em que são reenunciadas as reflexões em torno da concepção de *enunciado*, enquanto materialização do discurso.

3.1.3 O enunciado

Nesta seção, são apresentadas as considerações teórico-epistemológicas que norteiam as reflexões estabelecidas acerca do objeto de análise, e, portanto, orientam as análises desenvolvidas nos capítulos posteriores. Sendo, assim, inicialmente são reenunciadas as discussões de Bakhtin e do Círculo no que diz respeito à concepção de enunciado, compreendido como unidade de interação discursiva, apontando acerca de sua dimensão social verbal, bem como as características que o compõe. Em seguida é retomada a concepção de gêneros do discurso, compreendidos como *tipos relativamente estáveis de enunciados*, que ocorrem em diferentes esferas da interação discursiva. Tais considerações se fazem de extrema relevância, uma vez que a noção de enunciado é um dos conceitos fundantes para a perspectiva bakhtiniana e para a compreensão da língua(gem) enquanto um fenômeno social. E o fato de que todo enunciado só existe mediante sua inscrição em um determinado gênero, de modo que além de ele se manifestar socialmente, em um *tipo relativamente estável* de produção discursiva, ele segue determinadas regras internas mediadas pelo próprio gênero.

Por compreender que todos os campos da atividade humana são multiformes e estão ligados pelo uso da língua(gem), Bakhtin (2016 [1952 – 1953]), destaca que tais manifestações se concretizam na forma de enunciados, tanto de caráter oral, quanto escrito, e, além disso, são concretos e únicos, realizados por sujeitos que pertencem a diferentes campos da atividade humana. Tais produções enunciativas consequentemente, refletem as condições específicas e as finalidades que cada referido campo apresenta, não apenas pelo conteúdo temático que possuiu pelo estilo da língua(gem), mas, sobretudo por sua construção composicional, (BAKHTIN, 2016 [1952 – 1953]). Além disso, o autor ainda ressalta que esses elementos – o conteúdo temático, o estilo e a construção composicional – estão “indissolivelmente ligados *no conjunto*

do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação” (BAKHTIN, 2016 [1952 – 1953], p. 12).

Medviédev (2012 [1928]) compreende o enunciado concreto como um “ato social” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p.183), ressaltando sobre o fato de tal elemento estar integrado à realidade social, organizando a comunicação que sempre se põe voltada para uma resposta. Além disso, se configura como algo inseparável da prática de interação e se consolida como um fenômeno histórico, uma vez que sua realização se dá a partir de dadas circunstâncias, em determinado momento histórico e de acordo com as condições existentes em dada situação social de interação. Ao considerar essas concepções, segundo o autor, “o enunciado já não é um corpo nem um processo físico, mas um acontecimento da história, mesmo que seja infinitamente pequeno.” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 183).

A ideia de enunciado transcende a concepção de língua(gem) compreendida enquanto estrutura, mas o mecanismo responsável por representar e materializar a língua(gem) enquanto um acontecimento da vida. O enunciado é originado nas práticas sociais e se estrutura de uma determinada maneira, por meio dos três elementos, citados anteriormente, que constituem a noção de enunciado e que também constituem a noção de gênero – conteúdo temático, estilo e a construção composicional. Essas dimensões constitutivas dos gêneros se complementam de acordo com as especificidades presentes em cada esfera da atividade humana e evidenciando as condições específicas e as finalidades de cada campo discursivo. Sobre o conteúdo temático, Bakhtin (2016 [1952-1953]) explica que o tema não corresponde apenas ao assunto presente no enunciado, pois a depender do contexto ele pode variar em seu posicionamento axiológico, visto que o enunciado se constrói na prática social, por refletir as condições históricas que o compõe e ser socialmente situado. O estilo corresponde à seleção de recursos lexicais e gramaticais da língua, ele é o elemento em que a ideologia aparece de uma maneira mais intensa, pois as escolhas lexicais utilizadas na construção dos enunciados, serão responsáveis por ressaltar o posicionamento ideológico que o enunciador apresenta a respeito de determinado conteúdo, marcando, assim, a ideologia presente na enunciação. É a partir do estilo que o conteúdo é também apresentado e recebe acabamento. Tanto o conteúdo quanto o significado de uma enunciação necessitam impreterivelmente de uma forma que possibilite a sua realização, uma vez que sem a forma linguística a interação não se realiza. A construção composicional corresponde ao acabamento do enunciado que também considera a forma como os sujeitos envolvidos numa dada situação de interação se mobilizam discursivamente. Sendo assim, cada enunciado é individual, porém cada campo de utilização da língua é responsável por elaborar

seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, denominados *gêneros do discurso*. (BAKHTIN, 2016 [1952 – 1953]).

O autor ainda ressalta sobre a relevância do estudo da natureza do enunciado e da diversidade de formas de gêneros em que os enunciados estão, presentes em diversos campos da atividade humana, pois tal prática opera por meio de enunciados concretos, pertencentes a situações reais de uso da língua(gem), e desconsiderar essa natureza do enunciado, corrobora com o formalismo e o trabalho em torno de uma concepção de língua(gem) que não está articulada com a vida real. Pois segundo Bakhtin (2016 [1952 – 1953]):

O desconhecimento da natureza do enunciado e a relação indiferente com as peculiaridades das diversidades de gêneros do discurso em qualquer campo da investigação linguística redundam em formalismo e em uma abstração exagerada, deformam a historicidade da investigação, debilitam as relações da língua com a vida. Ora, a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua. (BAKHTIN, 2016 [1952 – 1953], p.16)

O enunciado é compreendido por Bakhtin (2016 [1952 – 1953]) como a “*unidade real da comunicação discursiva*”, pois, não existe enunciado desvinculado de um gênero. Ele se constrói ativamente como ato de língua(gem), em práticas sociais, e essa interação se dá justamente pela configuração de um gênero específico, visto que a enunciação é sempre pensada a partir do interlocutor que vai ouvir e, conseqüentemente, oferecer uma resposta. Em razão disso, para Bakhtin, todo enunciado é responsivo, pois ele já nasce como uma resposta a outros enunciados, por isso, ressalta que o enunciado é “um elo na cadeia discursiva” (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p.46), e mesmo que a resposta não ocorra de forma direta, sempre haverá uma resposta que provém de uma determinada voz social, independentemente de ser no mesmo momento de tal enunciação, ou posterior a ela. Além disso, apesar de representarem o *elo*, cada enunciado apresenta suas particularidades, pois ao mesmo tempo que responde a outros enunciados, é, também, único e singular.

Volóchinov (2013 [1930]), esclarece que a língua(gem) humana é um fenômeno que apresenta *duas faces*, pois, para acontecer, cada enunciação pressupõe a existência de um falante e um ouvinte e todas as expressões linguísticas se orientam para o *outro*, que corresponde a um sujeito situado, pertencente a um determinado contexto e uma realidade específica, sendo assim, compreende-se que os enunciados só se concretizam quando estão em diálogo com outros enunciados. Além disso, o autor ainda destaca que a língua não corresponde algo imóvel, dada de forma rígida e fixada em regras, mas se configura como algo que está em constante movimento pela vida social, que ocorre de forma progressiva, e que se concretiza no processo de interação entre os sujeitos situados. (VOLÓCHINOV, 2013 [1930]).

É a partir da interação verbal que diversas produções enunciativas são criadas, estas por sua vez, correspondem também aos diversos tipos de intercâmbio comunicativo social, ou seja, ocorrem em forma de diálogo, e a construção de qualquer enunciação só pode ser compreendida caso seja considerado o fato de que ela corresponde a um momento único e a sua efetiva situação social. A essência efetiva da língua(gem) está representada pelo fato social da interação verbal, que é realizada por uma ou mais produções enunciativas, sobre isso, Volóchinov, (2013 [1930]), argumenta que cada enunciação originada na vida cotidiana, compreende dois segmentos, um deles corresponde a parte verbal, que ocorre de forma expressa, e outra parte corresponde ao extraverbal, ou seja, aquela que não é expressa, porém pode ser subentendida, e na falta de tal compreensão, se torna inviável alcançar a plena compreensão da enunciação. Para o autor cada tipo de intercâmbio comunicativo, constrói a forma gramatical e estilística da enunciação, tal prática, é denominada por ele, de *gênero*.

Ao observar a forma como os gêneros provenientes de situações cotidianas nascem e se organizam em situações de interação verbal, é possível observar que eles são constituídos a partir de dois momentos: o primeiro deles corresponde a enunciação, realizada pelo falante, e o segundo momento, corresponde à compreensão de tal enunciação, realizada pelo ouvinte, que se configura a partir de um movimento de resposta a tal enunciação, de modo que a sua concordância ou discordância constitui o que se pode chamar de *escuta avaliativa*. É a partir dessa compreensão que Volóchinov, (2013 [1930]) afirma que “qualquer interação verbal se desenvolve por meio de um *intercâmbio de enunciações*, ou seja, por meio de diálogos”, e este por sua vez “representa a forma mais natural da linguagem”. (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], p.163). Além disso, as escolhas lexicais que constituem a interação, são responsáveis por materializar o enunciado, gerando assim, seus efeitos de sentido, sobre isso comenta o autor.

Todas as enunciações se construirão precisamente com base em sua visão; suas possíveis opiniões e avaliações determinarão a ressonância interna ou externa da voz – a *entonação* – e a *escolha* das palavras e sua *composição* numa enunciação concreta.” (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], p.166)

Volóchinov, (2013 [1930]), ainda ressalta acerca de que todo discurso é dialógico, e marcado pelo número de vozes que o constituem, visto que é sempre dirigido a outra pessoa, num movimento marcado pela responsividade, para concretizar a efetivação de uma *resposta*. A *orientação social* dos enunciados funciona como uma das forças vivas que, em consonância com a enunciação, constitui o léxico e o estilo, e também está presente em toda enunciação, podendo se realizar tanto de forma verbal quanto não verbal, e, segundo o autor “a orientação social da enunciação tem um papel decisivo para a construção da estrutura estilística”

(VOLÓCHINOV, 2013 [1930], p.190). A orientação social é mediada pela relação sócio hierárquica estabelecida pelos interlocutores, que são responsáveis pela constituição de tal enunciado, e a situação imediata é o fator que irá determinar a forma do enunciado. Além da orientação social, cada enunciação também apresenta um significado, um conteúdo, que só é construído ancorado em práticas sociais de interação, e mediado por condições distintas, em situações distintas, o que consequentemente também acarretará significados distintos.

Pelo fato de todo projeto de dizer considerar os aspectos históricos, culturais, sociais exercidos por diferentes sujeitos, o enunciado também possui particularidades que lhe oferecem acabamento e o caracterizam com tal, como: *(i) a expressividade, (ii) a alternância dos sujeitos e a (iii) conclusibilidade*. A *(i) expressividade* corresponde ao aos índices de valor que atravessam o enunciado e que são responsáveis pelas escolhas lexicais, gramaticais e composicionais que o constituem, nesse sentido são os valores ideológicos que atravessam a enunciação, partindo de condições sociais de produção que são específicas. Todo enunciado é atravessado por valores, visto que não apresenta caráter neutro, e sim diversos níveis de força do elemento expressivo, que é concreto e socialmente orientado. Tal posicionamento implica que na enunciação existe também uma posição social e que os índices valorativos só podem ser compreendidos considerando também a relação estabelecida entre o sujeito, o enunciado e o objeto de discurso. Sendo assim, Volóchinov (2013 [1930]), destaca que a palavra se torna palavra, no sentido amplo do termo, somente por meio do intercâmbio comunicativo social vivo, ou seja, apenas através da enunciação real, tornando possível que esta possa ser compreendida e avaliada tanto pelo falante como também pelo seu auditório, potencial ou realmente existente. (VOLÓCHINOV, 2013 [1930]).

Em relação a segunda particularidade do enunciado, *(ii) a alternância dos sujeitos do discurso*, esta, é responsável por demarcar os limites do enunciado (BAKHTIN, 2016 [1952/1953]) e permite que ele possa se relacionar com os demais enunciados produzidos na mesma situação de interação, tornando, assim, a existência da responsividade possível, tendo em vista que os limites existentes nos enunciados também determinam seu começo e seu fim. Cada enunciado, apesar de único, não é realizado pela primeira vez, pois, por ser “um elo na cadeia da comunicação discursiva”, segundo Bakhtin (2016 [1952-1953]), responde aos enunciados *já-ditos* e *pré-figurados*. O autor ainda destaca:

Os limites de cada enunciado concreto como unidade da comunicação discursiva são definidos pela *alternância dos sujeitos do discurso*, ou seja, pela alternância dos falantes. Todo enunciado [...] tem, por assim dizer, um princípio absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, os enunciados de outros; depois do seu término: os enunciados responsivos de outros. [...] o falante termina o seu enunciado para passar

a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva.
(BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p.29)

Por fim a (iii) *conclusibilidade*, que corresponde ao acabamento do enunciado, e permite a concretização da responsividade, o que segundo Bakhtin (2016 [1952-1953]), é o primeiro e mais importante critério da conclusibilidade. Tal possibilidade de resposta pode ser concretizada de diferentes maneiras, contudo o enunciado obrigatoriamente necessita de acabamento conclusivo, ou seja, só ocorre a partir do momento em que o falante “disse (ou escreveu) *tudo* o que quis dizer em dado momento ou sob dadas condições” (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p.35), tal movimento cria condições para que o sujeito, também realize sua enunciação de forma responsiva.

O acabamento do enunciado se torna essencial, uma vez que ele assegura a possibilidade de resposta, ou de uma compreensão de cunho responsivo. Essa prática é determinada por meio de três elementos que, segundo Bakhtin (2016 [1979]) estão intimamente ligados na totalidade do enunciado: a) a exauribilidade semântico-objetual; b) o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante; c) as formas típicas da composição e acabamento do gênero. No que diz respeito ao primeiro elemento – a) a exauribilidade semântico-objetual – este, é responsável por compor a inteireza do enunciado, pode sofrer variação a depender do contexto de comunicação ao qual o tema se relaciona. Bakhtin (2016 [1979]), ainda enfatiza que “o objeto é objetivamente inexaurível, mas, ao se tornar *tema* do enunciado [...] ganha relativa conclusibilidade em determinadas condições.” (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 36- 37). Em relação ao segundo elemento – b) o projeto de discurso ou vontade de discurso do falante – este, é responsável por determinar a totalidade do enunciado, tanto a sua dimensão quanto as suas fronteiras, considerando as intenções verbalizadas do falante para que seja possível medir a conclusibilidade de tal enunciado. A totalidade que o compõe é compreendida a partir de uma determinada situação de interação, além disso também é responsável por determinar as escolhas do falante, definindo, assim, a exauribilidade semântico- objetual do tema, bem como o *gênero* no qual será construído o enunciado. No que diz respeito ao terceiro elemento que compõe o acabamento do enunciado – c) as formas estáveis de *gênero* do enunciado – Bakhtin (2016 [1952-1953]) o compreende como o mais importante dentre os três já apresentados, visto que “a vontade discursiva do falante se realiza antes de tudo na escolha de certo gênero do discurso.” (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 38), dessa forma tal escolha se dá, considerando a especificidade do campo de comunicação discursiva, e posteriormente a intencionalidade discursiva do falante, que irá considerar sua subjetividade e singularidade, é aplicada e se adapta ao gênero escolhido.

Portanto, conforme prevê Bakhtin (2016 [1952-1953]), tanto o enunciado, quanto seu estilo e sua composição são determinados pelo elemento semântico-objetual e pela relação valorativa entre o falante e o elemento semântico-objetual do enunciado. Além disso, os limites do enunciado são determinados por meio da alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si, e tampouco são limitados a si mesmos, visto que estão em relação dialógica e se refletem uns nos outros, conseqüentemente, esses reflexos determinam seu caráter. (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]).

Todo enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva. Todo enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo. [...] ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p.57).

Em razão das considerações realizadas, compreende-se que todo enunciado apresenta inúmeras atitudes responsivas a outros enunciados de um determinado campo da comunicação discursiva. Ele surge através da valoração, e não se apresenta como um reflexo da situação de interação, mas integrado a ela. Dessa forma, Volóchinov (2017 [1929]) e Bakhtin (2016 [1952-1953]) ressaltam que a análise se apresenta não mais concentrada na oração e na palavra isolada, mas pensando na língua(gem) atravessada pelas ressonâncias da situação social. Volóchinov (2013 [1930]) também comenta acerca de que “a enunciação se apoia em sua relação real e material a um mesmo fragmento da existência, atribuindo a essa comunidade material uma expressão ideológica e um desenvolvimento ideológico posterior.” (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], p.79), dessa forma, compreende-se que toda enunciação, integrada na situação extraverbal, carrega consigo as marcas ideológicas, visto que a situação extraverbal não se configura como uma causa externa à enunciação, além de também não operar sobre ela mecanicamente.

Sendo assim, Volóchinov (2013 [1929]), ao considerar o enunciado a partir das relações sociais, um território comum em que diferentes sujeitos estão presentes, também enfatiza o fato de que os enunciados se formam entre dois, ou mais, sujeitos socialmente organizados, pois a palavra é sempre orientada para o interlocutor.

Em sua essência a palavra é *um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige. [...] Toda palavra serve de expressão ao “um” em relação ao “outro”. Na palavra eu dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro e, por fim, da perspectiva da minha coletividade. A palavra é uma ponte que liga o eu ao outro. Ela apoia uma das extremidades em mim e a outra no interlocutor. A palavra é o território comum entre o falante e o interlocutor. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 205)

Pelo fato de o enunciado ser de natureza social ele é entendido de acordo com os aspectos sociais, históricos e culturais que o compõem, pois esses elementos também possibilitam e significam as práticas sociais e discursivas. Além disso, conforme já mencionado, toda e qualquer prática discursiva se realiza primeiramente a partir da escolha de um determinado *gênero discursivo*, dessa maneira a intencionalidade discursiva do falante se molda a partir do gênero escolhido. Conforme prevê Bakhtin.

Os gêneros do discurso organizam o nosso discurso quase da mesma forma que o organizam as formas gramaticais (sintáticas). Nós aprendemos a moldar o nosso discurso em formas de gêneros e, quando ouvimos o discurso alheio, já adivinhamos o seu gênero pelas primeiras palavras. [...] Se os gêneros do discurso não existissem e nós não os dominássemos, se tivéssemos de criá-los pela primeira vez no processo do discurso, [...] a comunicação discursiva seria quase impossível. BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p.39).

Em razão disso, segundo o autor, a diversidade presente nos gêneros é infinita, já que as possibilidades de atividade humana são inesgotáveis. Dessa forma toda produção enunciativa, pautada em situações da vida social, será responsável por determinar a forma de realização de tal enunciado por meio da escolha do gênero. Tal prática oferecerá orientação ao falante durante toda a sua trajetória discursiva, uma vez que o gênero escolhido já foi anteriormente organizado e também difundido. É esse acabamento composicional do enunciado que permitirá ao sujeito atuar de forma responsiva em relação ao enunciado, posto que a interação seria inviabilizada caso os interlocutores não exercessem domínio sobre os gêneros do discurso, e fosse necessário reinventá-los em cada prática discursiva que estivessem presentes. Sendo assim é possível que as práticas enunciativas assumam uma forma fixa em cada esfera discursiva e seja possível também que cada uma dessas esferas possa desenvolver, de acordo com suas demandas, as formas que o enunciado irá se realizar, ou seja, seu gênero.

Medviédév (2012 [1928]) afirma que os gêneros do discurso determinam a totalidade do enunciado, pelo fato de serem responsáveis por constituir as formas de dizer consolidadas relativamente, de modo que sempre serão consideradas as condições de produção, bem como as práticas sociais de dado enunciado. O autor ainda atenta para o que chama de *dupla orientação do gênero* e ressalta:

Em primeiro lugar, a obra se orienta para os ouvintes e os receptores, e para determinadas condições de realização e de percepção. Em segundo lugar, a obra está orientada para a vida, como se diz, de dentro, por meio de seu conteúdo temático. A seu modo, cada gênero está tematicamente orientado para a vida, para seus acontecimentos, problemas, e assim por diante.

[...] cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão

dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 195-196)

Nesse sentido, os gêneros se organizam e se orientam para cumprir as funções específicas das esferas das quais participam, com o intuito de atender suas necessidades. Em face a tais considerações, Bakhtin (2016 [1952-1953]) apresenta a noção de *gêneros primários e secundários*, seu propósito não consiste em estudar os gêneros por meio de classificações, mas considerar as semelhanças de sua constituição e funcionamento. Segundo o autor, os gêneros primários são aqueles oriundos da vida social cotidiana e representam ideológica e socialmente tal esfera. Os gêneros secundários, por sua vez, correspondem a esferas mais complexas da sociedade, e que, embora estejam em relação dialógica com os pertencentes às esferas da vida cotidiana, representam e são sistematizadas de acordo com o seu contexto social, além de exercer influência nas ideologias do cotidiano (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]). A partir de tais colocações, é possível compreender as propriedades do enunciado, bem como dos gêneros do discurso.

Ademais, a fim de concluir a presente seção, ressalta-se que o estudo do enunciado, enquanto ato discursivo, faz-se relevante, uma vez que corresponde a uma *estrutura puramente social* e pode evidenciar o panorama histórico e ideológico em que é constituído, assim como inclui a comunicação efetiva dos sujeitos e das produções discursivas em que estão envolvidas. Pelo fato de ser considerado *um elo na cadeia discursiva*, o enunciado sempre apresenta um direcionamento ao *outro*, de modo que cada sujeito ao emitir qualquer produção enunciativa, leva em consideração seu interlocutor, o que torna cada enunciado como um ato responsivo a outros enunciados. (BAKHTIN, 2016 [1952-1953]). Dessa forma, observa-se que os enunciados presentes no universo de análise selecionado para o desenvolvimento da presente pesquisa, através da dinâmica em que está pautado, refletem e refratam diferentes ideologias, que respondem ao contexto social no qual os sujeitos fazem parte. Em razão disso, após apresentadas as considerações sobre a noção de enunciado, a partir das teorias de Bakhtin e do Círculo, bem como de seus interlocutores contemporâneos, seguimos para a próxima seção em que são mobilizadas as discussões acerca da noção de ideologia.

3.1.4 A ideologia

A concepção de ideologia, postulada por Bakhtin e o Círculo, não é tratada como uma perspectiva fechada. É um conceito fundamental presente em seus trabalhos, originado a partir

das problematizações em relação aos trabalhos marxistas realizados até então. De acordo com o Círculo, as bases da ciência marxista tratavam a concepção de ideologia de forma mecanicista, visto que o marxismo oficial compreendia a ideologia do ponto de vista psicológico. Segundo Bakhtin e os membros do Círculo, os teóricos marxistas pretendiam relacionar os acontecimentos de estruturas socioeconômicas à repercussão nas superestruturas ideológicas, de modo que ideologia era tomada ora como fruto da consciência, ora como fruto originado da natureza. (MIOTELLO, 2018, p.167-168). O Círculo não descartou totalmente as reflexões realizadas pelo viés marxista acerca da concepção de ideologia, porém no ensaio escrito por Volóchinov “*Que é linguagem?*” publicado em 1930, o autor realiza uma definição de forma mais explícita e direta: “Por ideologia entendemos todo conjunto de reflexos e *interpretações* da realidade social e natural que *se sucedem no cérebro do homem*, fixados por meio das palavras, desenhos, esquemas e outras formas *sígnicas*.” (p.138), dessa forma *ideologia* passa a ser compreendida sobretudo como uma tomada de posição.

Pelo fato de o enunciado ser compreendido, pelo Círculo, como um acontecimento da língua, conforme já mencionado na seção anterior, ele é concebido não apenas do ponto de vista do signo, mas também dos planos de significação, ou seja, a língua(gem) é pensada para além de seu sistema. Isso implica dizer que a enunciação não é constituída somente pela *intenção psicológica individual*, mas pelo conjunto de condições que fazem parte de um determinado contexto de interação, este, por sua vez, será permeado direta ou indiretamente por diferentes esferas sociais e ideológicas, como a ciência, literatura, arte, religião e política, que atuam como mecanismos que atribuem significação presentes no mundo. Ou seja, esses sistemas, produtos do desenvolvimento social e econômico, exercem influência sobre a ideologia cotidiana e na maior parte do tempo são os responsáveis por atribuir-lhe o tom dominante. (VOLÓCHINOV, 2013 [1930]). Dessa forma, os sujeitos presentes em determinadas situações de interação e se constituem como sujeitos situados, carregam consigo as marcas dessas influências, consequentemente seus posicionamentos ideológicos serão evidenciados nas produções discursivas que realizam nessas interações, respondendo aos grupos sociais que pertencem.

Conforme prevê Volóchinov (2013 [1930]), “a palavra, por sua própria natureza intrínseca, é *desde o início* um fenômeno puramente ideológico.” (p.193), o que implica que na vida social existem objetos materiais do mundo que apresentam determinadas funções, mas que adquirem diferentes significações mediante as funções *sígnicas* que lhes são atribuídas, transcendendo suas próprias particularidades materiais de uso, tal concepção é o que Bakhtin e o Círculo entendem por signo. Para Volóchinov (2013 [1930]), o signo é caracterizado pela forma ideológica que o constitui, como um fenômeno que compõe a realidade objetiva e que

adquire certa função ideológica, revestindo os signos de sentidos próprios e os fazendo estar a serviço dos interesses de grupos determinados em diferentes esferas de atividade humana. Portanto, a concepção de ideologia é pensada considerando a relação entre signo e sujeito, tendo em vista que o signo compreende sempre uma tomada de posição de um sujeito situado, portanto é um produto, além de também fazer parte do processo, da interação social. Além disso, Volóchinov (2017 [1929]), destaca que ao passo que um determinado signo é criado socialmente, é necessário que esse mesmo objeto também adquira uma significação interindividual, ou seja, “somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se.”(VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 111). Sobre isso Medviédev (2012 [1928]) também ressalta:

As concepções de mundo, as crenças e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas almas das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material em forma de signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p.49)

Medviédev (2012 [1928]), ainda discorre sobre tal questão, enfatizando que a ciência até o presente momento voltava seus interesses somente pelos processos individuais, fisiológicos e psicológicos dos sujeitos, sem atentar para o fato de que apenas um sujeito não é capaz de criar ideologia, pois esse processo só se realiza mediante a interação social, visto que cada produto ideológico corresponde a uma parte da realidade social e material na qual o homem se faz presente. Independentemente do significado que uma determinada palavra apresente, anterior a ela está a sua materialidade, enquanto palavra falada, pensada, escrita, ou seja, ela sempre se faz presente no meio social do homem. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]).

Segundo Ponzio (2008) o signo é responsável por representar e organizar a realidade, tanto de forma sígnica quanto não sígnica. O signo toma como ponto de partida um determinado ponto de vista que irá apresentar um posicionamento valorativo. Tal posicionamento se dará mediante determinado contexto situacional valorativo, além de também se apresentar de acordo com o viés responsivo que possui, que se dará de acordo com a posição ideológica que assumir. Nesse sentido, “[...] qualquer signo ideológico, sendo produto da história humana, não só reflete, mas inevitavelmente refrata todos os fenômenos da vida social” (VOLÓCHINOV (2013[1930], p. 195). Tal refração do signo ideológico é determinada pelo “entrecruzamento de interesses sociais orientados de maneiras diferentes no âmbito de uma comunidade semântica, ou seja, pela luta de classes” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 199). Sobre isso, Volóchinov (2017 [1929]) discorre:

O signo transforma-se no palco da luta de classes. Essa multiacentuação do signo ideológico é um aspecto muito importante. Na verdade, apenas esse cruzamento de acentos proporciona ao signo a capacidade de viver, de movimentar-se e de desenvolver-se. Ao ser retirado da disputa social acirrada, o signo ficará fora da luta de classes, inevitavelmente enfraquecendo, degenerando em alegoria e transformando-se em um objeto da análise filológica e não da interpretação social viva. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113)

Miotello (2008, p. 170), baseado em Volóchinov, em *Marxismo e filosofia da linguagem*, ressalta que Volóchinov entende por *universo de signos* o conjunto de signos de um dado grupo social. O autor atenta para o fato de que todo signo apresenta *dupla-materialidade*, tanto no sentido físico quanto no sentido sócio-histórico, e além disso, recebe um “ponto de vista”, visto que ele representa a realidade de acordo com um o lugar valorativo em que está situado. Tanto o ponto de vista quanto o lugar valorativo que está inserido, será sempre determinado socialmente. Ele também é responsável por avaliar tal realidade como positiva ou negativa, apreciando ou refutando. Tal prática permite ao signo se conectar com o domínio ideológico, por isso todo signo pode ser compreendido como ideológico. (MIOTELLO, 2008, p. 171). Sendo assim, o responsável por atribuir um tom ideológico ao signo, é também o responsável por ressaltar sua dinamicidade, permitindo que ele revele os reflexos e refrações que possui, e que respondem às marcas dos acentos sociais que carrega consigo.

Por compreender o fato de que a língua(gem) assume certa centralidade nas relações sociais, Volóchinov (2013 [1930]), atenta para o fato de que ela corresponde a um “*produto da atividade humana coletiva e reflete em todos os seus elementos tanto a organização econômica como a sociopolítica da sociedade que a gerou*” (p.141). Em razão de o mundo ser representado pelo uso da palavra, a língua(gem) permite que a ideologia seja materializada, sobre isso Miotello (2008), cometa:

[...] as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos, contraditórios entre si, pois frequentaram e se constituíram em todos os campos das relações e dos conflitos sociais. [...] O signo verbal não pode ter um único sentido, mas possui acentos ideológicos que seguem tendências diferentes, pois nunca consegue eliminar totalmente outras correntes ideológicas dentro de si. (MIOTELLO, 2008, p. 172).

Os signos surgem que as interações pressupõem a existência de sujeitos que assumem posicionamentos e valorações frente a realidade em que se encontram, assim como mediante os signos que os rodeiam. Ponzio (2008) aponta duas características presentes no signo, responsáveis por diferenciá-lo de um dado objeto, fenômeno ou instrumento. A primeira delas corresponde à possibilidade de participar do processo de interação e a segunda, diz respeito ao reflexo da realidade de um ponto de vista ideológico, além da existência dos vínculos sociais. Dessa forma, é possível observar que diferentes sujeitos, não apenas estabelecem vínculos

comunicativos, como também constantemente se posicionam no mundo, de modo que nenhum desses sujeitos pronuncia uma só palavra sem que ela esteja marcada por um viés ideológico, que, conseqüentemente, irá evidenciar a época, a classe social, o ambiente, a situação concreta e real de tal enunciação (VOLÓCHINOV, 2013 [1930]). Ao estar em contato com outros sujeitos a individualidade se constitui e, assim, é confrontada com as demais individualidades, em razão disso Volóchinov (2017 [1929] p.97) destaca que “*a consciência individual é um fato social e ideológico.*”, além disso o autor ainda comenta que a consciência se forma e se nutre a partir dos signos, refletindo a lógica que a constitui.

Volóchinov (2017 [1929]), salienta que o papel que a palavra assume, enquanto um meio da consciência, é responsável por determinar que “*a palavra acompanha toda criação ideológica como seu ingrediente indispensável*” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.100), de modo que perpassa, acompanha e comenta todo ato ideológico. Cada compreensão acerca de um dado fenômeno ideológico só se realiza mediante a participação de uma produção discursiva realizada anteriormente. Sendo assim, as manifestações da criação ideológica, ou seja, os signos não verbais embutidos nos verbais, são originados por ele e inseparáveis dele, posto que a palavra não substitui um signo ideológico, mas oferece suporte para que os signos sejam apoiados e acompanhados por ela.

Miotello (2008, p.172), enfatiza que “o signo verbal não pode ter um único sentido, mas possui acentos ideológicos que seguem tendências diferentes, pois nunca consegue eliminar totalmente outras correntes ideológicas dentro de si.”. Dessa forma, a ideologia apresenta um elo entre o mundo material e os signos produzidos por ele, por isso Volóchinov (2017 [1929], p. 98) afirma que “a realidade dos fenômenos ideológicos é a realidade objetiva dos signos sociais”, e complementa a respeito de que as leis provenientes de tal realidade correspondem às leis da comunicação sgnica, determinadas pelas leis socioeconômicas.

A palavra pode ser considerada o recurso mais utilizado na comunicação cotidiana. Volóchinov (2017 [1929], p.99) a compreende não apenas enquanto o “mais representativo e puro dos signos, mas também um signo neutro”, pois cada campo da ideologia irá apresentar os signos e símbolos que lhe são próprios e particulares, não aplicáveis a outros campos. Pelo fato de o signo ser fruto de uma função ideológica específica, ele também será inseparável dela, enquanto a palavra é de caráter neutro em relação a qualquer função ideológica específica, em razão de ela apresentar a possibilidade de assumir qualquer função ideológica, seja ela de ordem científica, estética, moral ou até mesmo religiosa. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

Bakhtin e o Círculo, procuravam desconstruir e ressignificar parte da concepção do marxismo oficial, que compreendia ideologia como falsa consciência, colocando ao lado do que

compreendiam como ideologia oficial, a ideologia do cotidiano. Sendo a ideologia do cotidiano aquela que corresponde às atividades não centradas em sistemas, o *"nascidouro mais primário da ideologia"* e onde os signos estão diretamente ligados aos aspectos socioeconômicos. Enquanto a ideologia oficial será marcada pela possibilidade de circular os conteúdos ideológicos que já perpassaram por outros os sistemas ideológicos já formalizados, como da arte, ciência, política e moral, e, conseqüentemente são mais aceitos pelo conjunto social. (MIOTELLO, 2008). Ou seja, nas ideologias do cotidiano as reações que indivíduos apresentam não são marcadas ideologicamente, pois as interações ocorrem de modo superficial. No entanto, à medida que essas relações se aprofundam as enunciações se integram ao sistema ideológico, construído naquele grupo, e os conteúdos sógnicos são apresentados, se revelando por meio do sistema ideológico realizados no pelo sistema social. (MIOTELLO, 2008).

A ideologia é o sistema sempre atual de representações de sociedade e de mundo construído a partir das referências constituídas nas interações e nas trocas simbólicas desenvolvidas por determinados grupos sociais organizados. É então que se poderá falar do modo de pensar e de ser de um determinado indivíduo, ou de determinado grupo social organizado, de sua linha ideológica, pois que ele vai apresentar um núcleo central relativamente sólido e durável de sua orientação social. (MIOTELLO, 2008, p.176).

Os sistemas ideológicos que se constituem por meio das ideologias do cotidiano e das ideologias oficiais, conforme já mencionado, são fruto do desenvolvimento social e econômico que se concretizam nas relações sociais estabelecidas, sendo assim, é possível compreender que o Círculo pensa tais formas de ideologia de maneira dialética, e não enquanto duas realidades que se apresentam em polos distantes e separados, de modo que uma pressupõe a existência da outra, e, portanto se configuram como paralelamente constitutivas. Embora os sujeitos em suas práticas de interação façam uso de uma mesma língua(gem), o signo ideológico será banhado de significações distintas, mediante as relações ali estabelecidas. Dessa forma é que o signo tem a possibilidade de se tornar um mecanismo vivo e real, fruto das diferentes refrações que estarão presentes na realidade, em que há a possibilidade de se concretizar os diferentes pontos de vistas e avaliações que receber.

As discussões realizadas ao longo dessa seção acerca da concepção de ideologia são fundamentais para pensar a respeito da temática que mobiliza esta pesquisa, discussões sobre meritocracia em tweets brasileiros, uma vez que por meio tanto do universo de análise quanto do objeto, é possível observar a presença das vozes sociais, bem como os embates gerados por meio delas, presentes nas publicações, de modo que são evidenciadas as ideologias do cotidiano frente às ideologias oficiais. O que permite pensar a respeito da constituição do sujeito a partir da história (situado em um tempo e espaço) e da cultura. Isso nos revela que, conforme

Volóchinov (2017 [1929]) prevê, a ideologia possui um caráter dialógico e perpassa todas as situações em que a interação social está presente. Uma vez que cada enunciado é único, o tom presente em cada um também o será, na medida em que ele dependerá do próprio sujeito, das condições históricas, sociais e culturais em que ele está presente, e que responderá de maneira ativa a essas enunciações, revelando seu posicionamento permeado de valores. Dito isso, seguimos para a próxima seção em que serão aprofundadas as discussões a respeito da concepção de valoração.

3.1.5 A valoração

A concepção de valoração será discutida ao longo da presente seção, no entanto, de antemão, faz-se necessário ressaltar que ela está relacionada à concepção de ideologia discutida anteriormente. Sendo assim, serão mobilizadas referências que subsidiam a compreensão de tal concepção, pautadas tanto nas teorias de Bakhtin e do Círculo quanto de seus interlocutores contemporâneos, e, ao mesmo tempo, será mantido o diálogo com as explanações realizadas na seção anterior. No que diz respeito aos enunciados, compreendidos enquanto materialização do discurso e partes integrantes das situações de interação, estes carregam consigo as marcas ideológicas presentes em diferentes cenários, são também marcados pela valoração, ou seja, recebem constantemente diferentes avaliações sociais. Medviédev (2012 [1928]) ressalta que qualquer enunciado concreto consiste em um ato social, dessa forma, a avaliação social está presente em cada palavra viva, tendo em vista que a palavra corresponde a uma parte integrante de um enunciado concreto e singular. O autor compreende que a avaliação social é responsável por atualizar o enunciado tanto no sentido da sua presença quanto no seu significado, além de também ser responsável por determinar a escolha do conteúdo, da forma e a ligação por eles realizada. Além disso ainda destaca que a compreensão integral do enunciado só se concretiza mediante o conhecimento de sua atmosfera axiológica, bem como a sua orientação avaliativa no meio ideológico. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928]).

Volóchinov (2013 [1930]), relembra que todo falante enuncia a partir de uma determinada circunstância e diante de um ouvinte, que pode estar presente ou pressuposto, em razão disso, enfatiza que “as palavras do falante estão sempre embebidas de opiniões, ideias, avaliações” (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], p.196). Isso quer dizer que qualquer palavra dita ou pensada, tende a exprimir um determinado ponto de vista, que será recortado valorativamente, acerca de acontecimentos que pertencem a realidade objetiva e de diferentes contextos. Essa realidade que se constrói em sua dinamicidade, é uma realidade na qual o

homem real está inserido e vive ativamente, marcado sobretudo por sua história. O autor ainda comenta que “a palavra ao refletir essa história, não pode não refletir as contradições, o movimento dialético, a sua “constituição””. (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], p. 196).

A valoração não se restringe apenas à avaliação que os sujeitos realizam nos atos comunicativos, mas também diz respeito à avaliação possível por meio da ação de outrem, de modo que esse sujeito não se orienta apenas para a própria experiência vivida, mas influenciado pelas forças das vozes sociais que podem atuar tanto na manutenção do que já é posto como padrão e hegemônico, quanto atentando para as vozes que tendem a apontar, valorar e valorizar a pluralidade presente nos grupos sociais, ressaltando a existência de vozes diferentes, que são marcadas pela heterogeneidade de culturas que, por sua vez, também se expressam de formas distintas. Tal prática é o que Bakhtin compreende como “arena de vozes sociais”, que podem aparecer tanto em grupo, quanto internamente.

Volóchinov (2013 [1930]), afirma que quando a avaliação de um enunciado é realizada, não é sobre ele especificamente, mas sobre a *realidade objetiva* que ele reflete e refrata enquanto signo. O autor ainda comenta:

Na interação verbal viva, nós não avaliamos a palavra enquanto som articulado, carregado de um significado, nem avaliamos a palavra enquanto objeto de estudo gramatical, mas avaliamos o significado, o conteúdo, o tema. [...] Quando dizíamos que as palavras são verdadeiras ou falsas, parciais ou imparciais [...] não referimos nosso juízo sobre as próprias palavras, mas sobre a *realidade objetiva*. [...] Por este motivo, *uma mesma* palavra nos lábios de pessoas de classes distintas reflete também pontos de vista distintos. (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], p. 197)

A dimensão social da valoração é reforçada à medida em que está em contato com a língua(gem) em situações reais de interação, posto que a palavra, tomada em seu uso concreto ereal, corresponde a determinado signo ideológico, e não é concebida enquanto uma abstração da língua, no que diz respeito a sua estrutura, mas pensada considerando que também se organiza a partir de um determinado contexto de valorações. Para Volóchinov (2013 [1930]), a valoração se realiza por meio da entonação, sendo esta, a responsável por determinar o sentido do enunciado. Segundo o autor, é por meio dela que a palavra se relaciona diretamente com a vida, já que é social por excelência, e, conseqüentemente, concretiza a relação entre um sujeito falante e um sujeito ouvinte (tanto real quanto em potencial). Além do mais, também pode revelar os significados distintos presentes em tal prática, a depender do modo como essa entonação é realizada, dessa forma, ela pode ser compreendida como uma expressão da atitude valorativa do sujeito e um dos elementos que constituem e materializam o enunciado, ressaltando os aspectos que apontam para as marcas decorrentes de determinadas épocas e grupos sociais.

Para Medviédev (2012 [1928]) é por meio da palavra, pronunciada com entonação, que estará esboçada determinada orientação valorativa. Ao serem escolhidas as palavras e as suas combinações concretas, com elas também são combinadas as avaliações que a integram. O autor ainda comenta que “a avaliação social determina todos os aspectos do enunciado, penetrando-o por inteiro, porém ela encontra a expressão mais pura na entonação expressiva.” (MEDVIEDEV, 2012 [1928], p.185). Dessa forma a entonação se configura como a materialização da avaliação social. Nas práticas de interação os enunciados são sistematizados de formas diversificadas e a valoração, por meio da seleção, combinação e entonação de palavras, será a responsável por constituir diferentes sentidos. Para o autor, pelo fato de todo enunciado apresentar duas faces, conseqüentemente toda a enunciação pressupõe a existência de interlocutores que, em suas práticas de interação, evidenciam os elementos avaliativos em suas respostas, ou seja, as respostas realizadas aos enunciados do Outro, são sempre carregadas de valores e de matizes avaliativos, em razão de ser possível que todo interlocutor concorde, discorde e assimile o que ouve nas práticas de interação em que está presente.

Bakhtin (2016 [1952/1953]) compreende que todo enunciado, enquanto unidade de interação discursiva, se constitui sempre expressivamente e que os campos de estudos da linguística devem mobilizar seus estudos através do escopo do enunciado concreto, pois o objeto de discurso a ser tematizado, é também carregado por uma determinada entonação expressiva que só ocorre através de situações reais de comunicação, evidenciando, dessa forma, que toda enunciação é sempre valorativa. Bakhtin (2020 [1920/1924]), ainda ressalta que todos os atos do sujeito são atravessados por *tons emotivo-volitivos*, e o sujeito enuncia por meio de atitudes avaliativas que apresenta sobre si mesmo e sobre o outro. A relação com o discurso alheio constitui por si só um ato avaliativo, visto que durante a interação social os enunciados apresentam respostas de forma ativa e nessas respostas estão imbricados valores que cada sujeito exterioriza. Pelo fato de cada enunciado ser único, o tom que está presente nele também será diferente de acordo com cada sujeito, sua história e a cultura na qual está inserido, de tal modo que inviabiliza pensar tais aspectos isoladamente, mas a partir do uso concreto e real, visto que esse movimento revela que a valoração perpassa não apenas o sujeito, como também

a correlação entre conteúdo e a eventicidade de seu ato, sendo o sistema valorativo o responsável por atribuir o caráter do evento e o qual atua como uma posição construída por meio dos limites da vivência de cada sujeito, tendo em vista que o vínculo entre o conteúdo das vivências e seu tom emotivo-volitivo se dá por meio da relação histórica das experiências dele.

Medviédev (2012 [1928]), destaca que a valoração/avaliação social é a responsável por mediar a relação entre a língua e a sua realidade concreta em dada situação de interação.

Ela também contribuirá para determinar o enunciado, tanto no que diz respeito às suas formas lexicais e gramaticais, quanto aos sentidos possíveis destes nas situações de interação social, dessa forma, o enunciado é compreendido pelo autor como um ato social que carrega consigo as marcas de valor presentes nesse ato. O Autor evidencia o fato de que a realidade desse ato é sempre histórica e apresenta as marcas sociais axiológicas significativas que estão ancoradas na situação de interação social.

A avaliação social faz a mediação entre a língua, como um sistema abstrato de possibilidades, e a sua realidade concreta. A avaliação social determina o fenômeno histórico vivo, o enunciado, tanto do ponto de vista das formas linguísticas selecionadas quanto do ponto de vista do sentido escolhido. [...]

É somente para dado enunciado e sob as condições históricas particulares da sua realização que a unidade do sentido do signo e da realidade é efetivada por meio da avaliação social. (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p. 189).

Medviédev (2012 [1928]), atenta para o fato de que a língua é criada e desenvolvida nos limites de determinado horizonte de valores e que dois grupos sociais distintos não podem dispor de um “único e mesmo arsenal linguístico.” (MEDVIÉDEV, 2012 [1928], p.187). Sendo assim, compreende-se que as maneiras de atribuir sentido ao mundo são gerados através da existência e organização de grupos sociais, isso ocorre em razão da existência da refração do signo, que além de refletir também refrata a realidade a seu modo, isso implica dizer que o processo de transformação do mundo ocorre sempre atravessado pela refração das circunstâncias axiológicas. Além disso, também inscreve nos signos a diversidade e as contradições que as experiências históricas, presentes nesses grupos, apresentam por meio das avaliações sociais. A existência de um posicionamento valorativo, evidencia que os sujeitos são incapazes de produzir enunciados que contenham neutralidade, posto que todo e qualquer enunciado carrega os posicionamentos axiológicos do sujeito, que é carregado de acentuações avaliativas. Em razão da heterogeneidade, presente na práxis do sujeito, os grupos sociais também produzirão valorações distintas, com as marcas originadas também de épocas distintas.

Bakhtin, em *O discurso na poesia e o discurso no romance*, destaca a concepção do Círculo de que todo discurso concreto (enunciado), encontra o objeto a que está voltado já embebido de contestações, avaliações, qualificações e acentuações alheias. Sobre isso, Faraco (2009) comenta que “a relação do nosso dizer com as coisas (em sentido amplo do termo) nunca é direta, mas se dá sempre obliquamente: nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas” (FARACO, 2009, p.49). Dessa forma, a ideia de enunciado, compreendido apenas enquanto um elemento de comunicação, é transcendida, uma vez que ele também se apresenta como uma unidade de sentido que é construída axiologicamente nas práticas de interação social. Portanto, tanto a valoração quanto

às demais esferas da situação extraverbal, possibilitam a compreensão dos acentos valorativos que permeiam e organizam as ações de determinado grupo social. É por meio da entonação, que costura o elo presente entre o enunciado e a situação social, que será evidenciado um falante que interage e se posiciona ativamente em relação aos valores.

Por fim, a partir das reflexões mobilizadas nesta seção, por meio das explicações de Bakhtin e o Círculo, é possível compreender, que a valoração está integrada ao enunciado, amparada nas práticas de interação social, e se apresentando como um elemento constitutivo-funcional da enunciação. Além disso, também se configura como um índice social avaliativo/axiológico, responsável tanto por determinar as escolhas linguísticas e composicionais do enunciado quanto de determinar os sentidos de tal enunciação, posto que reflete o contexto sócio-histórico e as forças sociais em que as enunciações estão situadas, e em que a ideologia e valoração, se entrecruzam constantemente.

Ademais, encerra-se a presente seção, em que foram mobilizadas reflexões acerca da concepção dialógica de discurso, destacando sobre cronotopo, discurso, enunciado, ideologia e valoração, pontos importantes da arquitetônica bakhtiniana, que tomam o estudo da língua(gem) sob o aspecto social e pensam na relação dialógica entre os enunciados. Essa relação, que pode ser de diferentes épocas e contextos, acentua que as valorações presentes nelas são originadas de diferentes cenários, visto que podem se apresentar como concordância ou discordância em relação a outros enunciados, que, por sua vez, também integram valorações semelhantes ou opostas àquelas, num movimento constante. Desse ponto de vista, considerando que os processos de enunciação são mediados por sujeitos situados, seguimos para próxima parte deste capítulo que corresponde à concepção dialógica de sujeito.

3.1 POR UMA CONCEPÇÃO DIALÓGICA DE SUJEITO

Construtos sociais, como a arte, filosofia, ciência ou política, são partes integrantes à vida, e somente por intermédio dos atos concretos de sujeitos situados, tais elementos podem ser acessados na sua completude. Dessa forma, a concepção de sujeito apresenta centralidade nos estudos de Bakhtin e do Círculo, uma vez que compreende-se que é por meio do sujeito que se torna possível vislumbrar de modo mais minucioso esses aspectos da vida. Para Bakhtin (2020 [1920/1924]), é a partir do lugar único que cada sujeito ocupa que o acesso ao restante do mundo lhe é aberto, assim como é por meio da interação discursiva que a condição da relação estabelecida entre os sujeitos é concretizada. Tal compreensão implica que o sujeito se constitui

por meio das relações sociais que estabelece, e o sentido se constrói por intermédio da interação entre sujeitos concretos situados em um tempo e espaço específicos, além de também estarem inscritos em uma esfera e evento de caráter único, constantemente atravessados por práticas ideológicas e avaliativas. Nesse sentido, de acordo com Huff (2021) “o sujeito é, portanto, elemento constituído e constituinte da sociedade por meio dos discursos que assimila e dos discursos que enuncia.” (HUFF, 2021, p. 14). Em razão de a concepção de sujeito ser um dos temas centrais na teoria bakhtiniana, a presente seção irá realizar as explanações acerca do tema, ressaltando as considerações de Bakhtin e o seu Círculo, bem como de alguns de seus interlocutores contemporâneos. Sendo assim, inicialmente será realizada uma discussão acerca da concepção de alteridade e em seguida também serão realizadas discussões sobre exotopia, visto que a concepção bakhtiniana pressupõe que as relações estabelecidas pelos sujeitos com a língua(gem), além de se concretizar a partir de uma perspectiva de alteridade, através dos vínculos entre o Eu e o Outro, também é marcada pela exotopia, em razão de tal relação se concretizar pela prática de materializar esse Outro que, “estando fora da experiência do primeiro, tenta mostrar o que vê do olhar do outro” (AMORIM, 2006, p. 101).

O Círculo busca a compreensão do sujeito em sua práxis, nas relações sociais que estabelece, sendo ele compreendido como múltiplo, social e heterogêneo. Dessa forma, de acordo com a filosofia da língua(gem) de Bakhtin e o Círculo, pensar o sujeito bakhtiniano corresponde pensar inevitavelmente na ideia de alteridade, visto que o homem não se constitui como um ser individual, mas enquanto uma relação dialógica estabelecida entre o *eu* e o *tu*. Sobre isso, Pires (2003) destaca que o “tu” é condicionado pela existência do “eu”, e, além disso, o “eu” não existe individualmente, mas de acordo com a abertura que apresenta para o outro, motivado pelo fato de cada indivíduo ser um ser social e a sua constituição ocorrer mediante à interação com os outros sujeitos. (PIRES, 2003). Dessa forma, a concepção de sujeito assumida na presente pesquisa está relacionada com a concepção de língua(gem) que considera que o discurso só ganha vida e sentido em razão da existência desse “Outro”, que, por sua vez, também está situado histórico e socialmente, e se coloca de forma responsiva nas situações de interação. Sobre isso o autor destaca:

Não sou eu que olho o mundo de dentro com meus próprios olhos, mas sou eu que olho a mim mesmo com os olhos do mundo, com olhos alheios; eu sou possuído por um outro. [...] Eu não tenho um ponto de vista sobre mim mesmo de fora, não tenho uma aproximação da minha própria imagem interior. Dos meus olhos, olham os olhos alheios. (BAKHTIN, 2020 [1943], p.51)

Faraco (2009) ressalta que as produções enunciativas realizadas pelos sujeitos, emergem como respostas ativas que ocorrem por intermédio do diálogo social e da

multiplicidade de vozes interiorizadas por esses sujeitos. Esses enunciados são de caráter heterogêneo e também se configuram como discursos citados, tendo em vista as inúmeras vozes que estão incorporadas em tais produções enunciativas, que marcam os reflexos e refrações que se inscrevem nelas, originados a partir de um grupo e uma voz social. Em razão disso Bakhtin (2017 [1970/1971], p.26) considera que o enunciado não pode ser tomado isoladamente, pois, *ele sempre pressupõe os enunciados que o antecedem e o sucedem*. Portanto, nenhum *enunciado pode ser o primeiro ou o último*. (BAKHTIN, 2017 [1970/1971]). O autor ainda reitera que tudo o que diz respeito ao sujeito chega até ele por intermédio do *outro*, com sua entonação valorativo-emocional.

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é a reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana. (expressa em palavras ou em outros materiais semióticos). A palavra do outro coloca diante do indivíduo a tarefa especial de compreendê-la. (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p.38)

Dessa forma, o sujeito, ao realizar determinada produção discursiva, não almeja apenas uma compreensão passiva de seu enunciado, que somente remeteria à mera repetição de seu pensamento, mas aspira respostas que evidenciem a concordância, discordância, adesão ou não do diálogo empreendido. Para Bakhtin (2020 [1943]), embora todo processo de interação discursiva receba uma avaliação, não é o próprio sujeito quem realiza uma avaliação positiva ou negativa sobre si mesmo, mas exige isso do outro, e, somente a partir disso, assumirá uma tomada de posição evidenciando, assim, seu ponto de vista. As relações de reciprocidade com a palavra do *outro* são responsáveis por completar toda a vida, existência e experiências do sujeito, nesse caso, para Bakhtin (2017 [1970/1971]), se faz necessário que cada sujeito seja compreendido por meio das relações entre outros sujeitos, considerando sua: “[...] concretude (nome), integridade, responsividade, etc., inesgotabilidade, inconclusibilidade, abertura” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 31).

Pires (2003) também destaca que todo enunciado é concebido em função de um ouvinte, por meio de sua compreensão, resposta e avaliação. É parte integrante da *orientação social* do enunciado o direcionamento realizado para o outro sujeito, este, por sua vez, irá evidenciar os valores e a questão ideológica que apresenta, visto que é no enunciado que o contato entre a língua e a realidade se concretiza. A autora ainda ressalta que a escolha das palavras que integram e constroem o sentido do enunciado leva em consideração também outros enunciados pertencentes a outros sujeitos, em relação aos quais o sujeito se posiciona. (PIRES, 2003, p.43). Sendo assim, a relação de alteridade com o outro é uma parte fundamental para

alcançar a compreensão de produções enunciativas em sua integralidade, bem como as produções discursivas que o sujeito se propõe a realizar.

O sujeito toma consciência de si mesmo através do outro, pois é o “outro” que permite que o “eu” tenha acesso a tudo aquilo que não consegue sozinho. Segundo Bakhtin (2017 [1970/1971]), “deles eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo.” (BAKHTIN, 2017 [1970/1971], p. 30). Sendo assim, a existência do *outro* é a condição para a existência de um *eu* que se constitui enquanto tal e conseqüentemente interage, existe e se relaciona com o mundo. Com isso, é possível observar a importância que a figura do “outro” tem para a existência do “eu”, visto que mesmo pensando na possibilidade de olhar-se no espelho, ainda assim o sujeito é impossibilitado de alcançar sua totalidade, pois mesmo acessando a si mesmo por ângulos distintos, não conseguirá fazê-lo ao mesmo tempo, de modo que é necessário olhar uma parte de cada vez. Todas as possibilidades de contemplação proporcionarão ao sujeito uma forma de alteração e constituição diferente da anterior. Nesse movimento, se destaca o papel do Outro, pois é ele quem conseguirá, de fora, observar o “todo”.

Em razão disso, Bakhtin (2020 [1943]; 2017 [1970/1971]), compreende que a relação com o outro é uma via de mão dupla e que não ocorre de forma mecânica, é por meio de tal compreensão que se fundamenta a noção bakhtiniana de dialogismo, uma vez que é através do contato com o outro, e a multiplicidade de vozes que integram as próprias palavras do sujeito, que sua consciência se constitui, tendo em vista que essa consciência interior também se desenvolve socialmente. O sujeito se constitui a partir de uma dinâmica social, por estar inscrito em uma relação tanto com as instituições sociais, quanto com outros sujeitos, de modo que apenas quem consegue ter acesso integralmente dele é o outro e vice-versa. Essa relação é que determina a imagem do homem, pois mesmo em frente ao espelho, consegue visualizar apenas os fragmentos que compõem seu corpo, e necessitará da observação do outro, e de seu olhar, para poder alcançar a compreensão de si mesmo, desse modo realiza a reflexão: “a mim não são dadas as minhas fronteiras temporais e espaciais, mas o outro me é dado integralmente. Eu vivo em um mundo espacial, neste sempre se encontra o outro” (BAKHTIN 2017 [1970/1971], p.43).

A impossibilidade de perceber a si mesmo de forma integral é que evidencia que o sujeito “não é autônomo nem criador de sua própria linguagem; ao contrário, ele se constitui na relação com outros indivíduos, que é atravessada por diferentes usos da linguagem, de acordo com a esfera social na qual o sujeito se inscreve”. (SEVERO, 2007, p. 129). Dessa forma, o estudo e a compreensão no que diz respeito ao sujeito, só consegue se concretizar, mediante o estudo simultâneo da língua(gem), visto que o discurso é inseparável do sujeito, de sua situação,

e a relação que possui com aquele que o escuta, avalia e o responde, não sendo, assim, tomado num caráter monológico. As situações sociais que os mantêm vinculados, permitem que a significação de fato se concretize, e o estudo da palavra se torne viável, por meio de um viés dialógico que considere as situações reais de interação.

Para Bakhtin e o Círculo, o homem não é compreendido a partir de seu caráter biológico ou psicológico, tomado num aspecto isolado, mas a partir da concepção de que os sujeitos “só se tornam sujeitos humanos na interação com outros sujeitos em situações sociais e históricas concretas, situações de enunciação.” (SOBRAL, 2009, p. 53), sobre isso, esclarece Huff (2021):

Por entendermos o sujeito como social, é que se faz importante voltar a destacar que o Círculo não contrapõe o social ao individual, porque o social não é um simples “amontoamento” de indivíduos em um determinado espaço, que embora reunidos permanecem isolados. Social e individual são interconstituídos, os sujeitos concretos em interação é que formam o social e essa interação social é que permite a subjetivação do sujeito social. (HUFF, 2021, p.122)

Bakhtin (2017, [1920/1924]), reitera que “a minha comprovada participação no existir é não somente passiva (o prazer da existência), mas sobretudo ativa (o dever de ocupar efetivamente o meu lugar único)” (BAKHTIN, 2020 [1920/1924], p. 123). De acordo com tal perspectiva, o sujeito vive e age no mundo, considerando a sua posição e a relação que estabelece em suas práticas sociais, de modo que ao ocupar um lugar único na posição em que está inscrito torna a sua existência não apenas um produto originado mediante as relações sociais que estabelece, mas, sobretudo como um ato concreto. Huff (2021) destaca que cada ato é também acompanhado de uma determinada responsabilidade que permite ocupar um lugar singular, no entanto tal fato não transcorre enquanto um dever moral que se constitui previamente, ou de caráter obrigatório, mas se constitui como um espaço em que apenas o sujeito possui a condição de agir no mundo, “só eu posso agir como eu mesmo e apenas como eu mesmo posso agir; essa é a responsabilidade do ato.” (HUFF, 2021, p. 120).

Embora seja constituído mediante a relação com outros sujeitos, o sujeito também responde ativamente a si mesmo. Tal compreensão, de acordo com o pensamento de Bakhtin e do Círculo, é denominado como o “não-álibi da existência”, de modo que nenhum sujeito se isenta da responsabilidade de ser no evento único. Esse movimento corrobora com a possibilidade de o sujeito se posicionar no mundo e, conseqüentemente, ocupar um lugar que nenhum outro sujeito terá a possibilidade de ocupar, ou seja, pelo fato de cada sujeito ser e agir no mundo de modo único, ele também assumirá uma tomada de posição, que ocorrerá também de forma única.

Bakhtin, (2020 [1920/1924]), ao tratar do agir do sujeito, comenta acerca de que o sujeito é responsável por si mesmo, desde seu pensamento até o seu ato, conforme comenta:

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir (BAKHTIN, 2020[1920/1924], p. 44).

Sendo assim, o sujeito, embora se constitua socialmente por meio da relação com o outro, é singularmente responsável por si mesmo, pois há um conjunto de outras ações coletivas que proporcionam que ele esteja situado no mundo. Sobre o ato responsável do sujeito, Bakhtin (2020[1920/1924]), compreende que este coloca o sujeito em uma situação de obrigação ética com a existência, uma vez que é a sua assinatura a responsável por subscrever, reconhecer e garantir que ele aja de forma ética, e além disso, permite que ele ocupe um lugar que o permita agir ativamente e de forma responsável. Sobre isso, comenta o autor:

[...] eu também sou participante no existir de modo singular e irrepitível, e eu ocupo no existir singular um lugar único, irrepitível e insubstituível e impenetrável da parte de um outro. Neste preciso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único (BAKHTIN, 2020 [1920/1924]), p. 96).

O autor ainda reitera que tudo o que pode ser realizado por mim, não poderá ser realizado por mais ninguém, e, mesmo considerando o evento único de cada sujeito, vale ressaltar acerca de que tal evento se inscreve em um grupo social organizado e é mobilizado pelas práticas de interação a partir de um viés dialógico. O ato responsável situa um sujeito em relação ao outro, posto que, para Bakhtin (2020 [1920/1924], p.99), ser realmente na vida implica também agir nela, e não se apresentar de forma indiferente ao todo, no que diz respeito a sua singularidade. Dessa forma, para o autor: “tudo em mim – cada movimento, cada gesto, cada experiência vivida, cada pensamento, cada sentimento – deve ser um ato responsável.” (BAKHTIN, 2020 [1920/1924], p. 101), dessa forma, compreende-se que a responsabilidade se relaciona ao sujeito por meio dos seus atos. O que torna inviável desconsiderar que os sujeitos assumem tomadas de posição diversas através de seus atos, visto que são elas são as responsáveis por revelar ao que (ou a quem) o sujeito responde. Dessa forma, falar em não-álibi pressupõe falar na consciência que o sujeito possui em relação à outras consciências, e que permite que ele marque o seu lugar no mundo através de seus atos responsáveis e, ao mesmo tempo, responsivos.

Bakhtin (2020 [1920/1924]), comenta acerca da arquitetônica do mundo real do ato, que consiste no fato de que cada eu ocupa o centro de uma arquitetônica, na qual interage de três maneiras: eu-para-mim, o outro-para-mim e eu-para-o-outro, de modo que, segundo o autor, “[...] todos os valores da vida real e da cultura se dispõem ao redor destes pontos arquitetônicos fundamentais do mundo real do ato: valores científicos, estéticos, políticos [...] e [...] religiosos” (2020 [1920/1924]), p. 114-115). Dessa forma, todos os valores e relações ocorrem em função desses momentos, que por sua vez, constituem a ideia de um sujeito real, que age de forma ética, responsável e se apresenta de forma dialógica ao mundo que o circunda. Portanto, a partir desses três momentos fundamentais do sujeito, o autor compreende que o primeiro momento da arquitetônica corresponde ao “eu-para-mim” o qual, segundo Bakhtin, é aquele que “[...] constitui o centro da origem do ato e da atividade de afirmação e reconhecimento de cada valor, já que este é o ponto singular no qual eu responsabilmente participo no existir singular” (BAKHTIN, 2020 [1920/1924]), p. 122-123), o autor também enfatiza que somente a partir do lugar que eu ocupo, que é único, eu tenho condições de participar de forma ativa no mundo. Além disso, é importante considerar que mesmo se tratandode uma concepção que considera a singularidade e subjetividade, ela só se concretiza mediantea relação que é estabelecida com o “outro”, visto que o sujeito age e vive num todo que é organizado socialmente, sendo assim, a sua identidade é perpassada pela relação que estabelececom o “outro”.

O segundo momento corresponde ao eu-para-o-outro, indicando a imagem que o “eu” possui de si mesmo, a partir do olhar do “outro”, para Sobral (2009), é a “condição de inserção dessa identidade no plano relacional responsável/ responsivo que lhe dá sentido: só me torno eu entre outros eus.” (SOBRAL, 2009, p.123). E, por fim, o terceiro momento que compreendea arquitetônica do sujeito é “outro-para-mim”, ou seja, a forma como o sujeito se posiciona frente aos outros e, ao mesmo tempo, para si mesmo, tendo em vista que a imagem que os outros possuem de si, é responsável por revelar como eles também se colocam no mundo. Sobre isso, HUFF (2021) destaca:

[...] o ato acontece a partir de mim como centro, mas sempre permeado pela relação emotivo-volitiva entre o eu e o outro. Desse modo, se o eu-para-mim constitui o centro real concreto de valores a partir do qual interajo com o mundo por meio de atos valorados, essa centralidade se dá, necessariamente, na relação com o outro. (HUFF, 2021, p.121)

Uma vez compreendida a concepção de sujeito, sugerida por Bakhtin e o Círculo, bem como a importância da noção de alteridade para sua filosofia da língua(gem), observa-se que, considerando os estudos dialógicos da língua(gem), ele se constitui a partir da relação que

estabelece entre o “eu” e o “outro”, contribuindo dessa forma para a construção de sua identidade que, por sua vez evidencia sua singularidade. Além disso, é necessário considerar o fato que ele é integrante de um todo socialmente organizado e que responde ativamente às situações que lhe são exteriores, reconhecendo o lugar que ocupa no mundo, lugar este, que nenhum outro sujeito terá a possibilidade de ocupar se não ele mesmo, é exatamente essa condição que gera o que Bakhtin (2011 [1979]) compreende como o *excedente de visão*, a exotopia. Dessa forma, ao ser considerado o olhar do outro para o seu processo de constituição, o autor compreende que somente do lugar, de caráter único, que o sujeito ocupa, ele estará apto a contemplar o “outro” que está situado fora dele mesmo.

Bakhtin (2011 [1979]), também destaca que o *excedente de visão* é condicionado pela *singularidade e insubstitutibilidade* do lugar que o sujeito ocupa no mundo, e compreende que todos os *outros*, embora em relação de alteridade com o “eu”, isso não implica a inexistência de fronteiras que demarcam a relação existente entre ambos. O autor enfatiza que “não se trata de fundir-se com o outro, mas de manter posição própria na distância e no excedente de visão e compreensão a este relacionado” (BAKHTIN, 2011 [1979]), p.355), o que permite compreender a clara distinção existente entre “eu” e “outro”, bem como o fato de só ser possível acessar a identidade de cada um mediante as práticas de interação entre os sujeitos, que sempre estarão respondendo ao seu grupo de origem e ao qual se sentem pertencentes. Dessa forma, acerca da delimitação entre as fronteiras entre o “eu” e o “outro” Bakhtin (2011 [1979]) discorre:

Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer relação situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim, não pode ver: as partes do seu corpo inacessíveis ao seu próprio olhar [...] o mundo atrás dele, todo uma série de objetos e relações que, em função dessa ou daquela relação de reciprocidade entre nós, são acessíveis a mim e inacessíveis a ele. (BAKHTIN, 2011[1979], p.21).

O ato de contemplar-se no espelho, é compreendido por Bakhtin (2011 [1979], p.30) não como o ato de observar a si mesmo de forma imediata, mas como a possibilidade de ver apenas o reflexo da própria imagem, contudo ela não representa na totalidade, visto que consiste em uma imagem projetada que temos de nós, um desdobramento, que permite que o sujeito veja apenas uma parte de si mesmo, e que não lhe confere o conhecimento da totalidade, em razão disso, Bakhtin (2011 [1979]) observa que “estamos diante e não dentro do espelho” (BAKHTIN, 2011 [1979], p.30). O autor atenta para o fato que somente a partir do olhar do “outro” o sujeito é avaliado e recebe acabamento, em razão de ambos apresentarem olhares diferentes frente às questões que lhes são exteriores, e que estão em diálogo com os reflexos e

refrações das esferas sociais em que tais sujeitos se inscrevem. Esse movimento indica que os horizontes de visão são distintos, por serem frutos de sujeitos singulares e únicos e que necessitam que o excedente de sua visão “complete o horizonte do outro indivíduo” (BAKHTIN, 2011 [1979], p.23), essa dinâmica ocorre de forma recíproca, pois cada sujeito, mesmo não possuindo a totalidade de si mesmo, oferece ao outro uma visão sobre ele que também lhe é totalmente inacessível. Nesse sentido, Bakhtin (2011 [1979]) observa: “Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila dos nossos olhos” (BAKHTIN, 2011 [1979], p.21), ou seja, cada sujeito tem a possibilidade de olhar aquilo que o outro olha, a partir do seu lugar exterior.

O *excedente de visão*, é condicionado pelo lugar que cada sujeito ocupa, dado o conjunto de circunstâncias que o compõe. O deslocamento do sujeito não indica que ele sairá de seu lugar, mas que se projetará para o lugar do outro não abrindo mão de seu olhar, sua identidade e as marcas socioculturais que o acompanham ao longo de todo o seu processo de constituição. Sobre o movimento de deslocamento, Bakhtin (2020 [1943]) comenta:

O mundo está todo diante de mim e embora esteja também atrás de mim, eu sempre me desloco para a sua borda, sobre a tangente a ele. [...] O mundo está todo diante de mim, e o outro está inteiramente nele. Para mim o mundo é horizonte, para o outro ele é entorno. (BAKHTIN, 2020 [1943], p. 55).

No entanto esse pressuposto bakhtiniano, implica que o sujeito necessita passar pela consciência do outro para que possa se constituir. Por isso, a projeção realizada para um possível “Outro” o ajuda a encontrar uma posição axiológica sobre si mesmo, de modo que para Bakhtin e o Círculo, uma posição valorativa é assumida mediante a relação estabelecida com outras posições avaliativas, em razão disso o autor comenta que “após voltar a mim, devo usar para mim mesmo a avaliação dela.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p.30).

Bakhtin, postula a ideia de os indivíduos estabelecerem uma relação de empatia, observando o mundo axiologicamente a partir do olhar do outro, assim como ele o observa. E, após colocar-se no lugar do outro e retornar ao seu lugar, completar o horizonte dele por meio do excedente de visão que é originado a partir do lugar que ocupa permitindo receber o acabamento de si mesmo. (BAKHTIN, 2011 [1979]). O sujeito sempre apresenta uma visão do Outro, tanto de forma interna quanto externa, com certo acabamento. Essa visão se altera constantemente ao passo que o Outro também se modifica, tendo em vista que o sujeito está situado num tempo e espaço que também constantemente se modificam. Dessa forma, aquilo que conseguimos acessar do Outro, é ressignificado à medida que as “ações podem ser

infinitamente variadas em função da infinita diversidade de situações da vida em que eu e o outro nos encontramos num dado momento.” (BAKHTIN, 2011 [1979], p.23).

Dessa forma, o ato de contemplação do Outro, a empatia em relação a ele, ocorre em dois momentos, segundo Bakhtin (2011 [1979]). O primeiro deles consiste em nos colocarmos no lugar do Outro, para vivenciarmos o que ele vivencia, visto que, possuímos acesso ao que ele não possui, o autor enfatiza acerca da necessidade de “adotar o horizonte vital concreto desse indivíduo tal como ele o vivencia;” (BAKHTIN, 2011 [1979], p.24). O segundo momento consiste no retorno ao nosso lugar, e, conseqüentemente, oferecendo ao Outro o conhecimento que ele não possui de si mesmo, É através desse movimento que a possibilidade de atribuir acabamento ao Outro é concretizada, já que o retorno para si mesmo é o que evidencia que as fronteiras existentes entre ambos, não foram violadas, conforme pontua o autor: “a atividade estética começa propriamente quando retornamos a nós mesmos e ao nosso lugar fora da pessoa que sofre, quando enfocamos e damos acabamento ao material da compenetração;” (BAKHTIN, 2011 [1979], p. 25). Além disso, o autor ainda complementa que tanto o movimento de empatia em relação ao Outro, quanto o retorno para si mesmo, não ocorrem cronologicamente separados, explicando que “os momentos da empatia e da objetivação se interpenetram. Eu vivo *ativamente* a empatia com uma individualidade, e, por conseguinte, nem por um instante sequer perco completamente a mim mesmo nem perco meu lugar único fora dela.” (2020 [1920/1924], p. 62)

Por meio das discussões realizadas ao longo do capítulo, observa-se que o sujeito pode ser compreendido como um agente responsável por seu atos, responsivo a outros sujeitos e um mediador das possíveis significações sociais que são originadas a partir das produções enunciativas em que está situado. Nesse sentido, a partir do estudo e análise da língua(gem), é possível também estudar as possíveis e diferentes visões de mundo e as vozes sociais que organizam os discursos e atribuem sentido a eles. Além disso, compreende-se que todas as situações de interação em que os sujeitos estão presentes, se dão a partir da relação dialógica que entre o Eu e o Outro, que sempre se situam em um dado contexto espacial e temporal. Tal configuração permite que esses sujeitos realizem os reflexos e refrações das vozes sociais de seu lugar de origem, de modo que, evidencia tanto o fato de que o sujeito está sempre em processo de construção e aberto a novas possibilidades frente às situações sociais nas quais se insere, quanto que é sempre atravessado pela alteridade, que o permite constituir-se por um certo excedente de visão, em que se projetando para o lugar do outro tem a possibilidade de dare receber acabamento. Ademais, a partir das discussões mobilizadas a respeito da concepção de sujeito, bem como as ancoragens epistemológica e teórico-metodológicas assumidas na

presente pesquisa, com base nas reflexões de Bakhtin, o Círculo e de seus interlocutores contemporâneos, seguimos para a próxima etapa em que serão apresentados os pressupostos metodológicos que compõem a presente pesquisa.

4. PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo corresponde à apresentação dos pressupostos metodológicos assumidos na pesquisa. Sendo assim, ele divide-se em três partes. Na primeira delas são explanadas considerações acerca da Linguística Aplicada de viés contemporâneo, a partir de uma concepção multi/trans/INdisciplinar, a qual está voltada para a análise de fenômenos sociais em que a língua(gem) assume papel central, considerando os sujeitos e seus contextos de interação social. Em seguida, são apresentados os pressupostos da ADD, ressaltando que ela corresponde a escolha teórico-metodológica assumida para o desenvolvimento da pesquisa, a qual prevê uma postura dialógica frente aos dados, a partir da filosofia da língua(gem) proposta por Bakhtin e o Círculo. Por fim, serão apresentados os movimentos que norteiam a pesquisa destacando acerca do percurso analítico realizado.

A perspectiva bakhtiniana de língua(gem) fundamenta seu estudo na compreensão de que língua(gem) e vida social são indissolúveis, de modo que as práticas de interação e as enunciações geradas por meio desse contexto ressaltam os reflexos e as refrações sociais nas quais as produções discursivas são constantemente ressignificadas, e nos apresenta a possibilidade de compreender as vozes sociais que podem ser assimiladas no interior dos enunciados. Dessa forma aquilo que se relaciona com a vida possibilita também a compreensão de um Eu que está em processo contínuo de constituição por meio do Outro (BAKHTIN, 2020 [1943]), o qual evidencia os aspectos ideológicos mobilizados por meio das situações de interação, que lhes permitem, a partir de um olhar exotópico, avaliar, dar e receber acabamento às produções discursivas nas quais estão presentes. Essa compreensão a respeito da língua(gem) mobiliza uma série de importantes concepções³¹ no que diz respeito ao escopo da filosofia da língua(gem) proposta por Bakhtin e seu Círculo, servindo de subsídio para os estudos que assumem essa perspectiva. Em razão disso, surge a necessidade de uma pesquisa necessitar situar-se teórica e metodologicamente, com o intuito de definir a postura de análise sobre para dados.

Dito isso, destaca-se que, primeiramente, a presente pesquisa está situada no campo de estudos das Ciências Humanas, que toma como objeto de estudo os sujeitos inscritos em suas práticas sociais. De acordo com Amorim (2004), Bakhtin formula o objeto das ciênciashumanas baseando esse estudo na relação do sujeito com a sua palavra e com a palavra do outro. Para a autora, é a partir desse movimento que se impulsiona uma postura dialógica, tendo em

³¹ Discussões sobre essas concepções podem ser encontradas no capítulo 3.

vista que, nas ciências naturais, esse outro corresponde a um mecanismo de pesquisa voltado para si mesmo.

O objeto de estudo das Ciências Humanas, dessa forma, corresponde a um objeto que responde ao mundo em forma de texto, em razão disso, Amorim (2004) enfatiza que “não há objeto científico que não seja discursivo” (p.187), pois para Bakhtin (2011 [1979]) o texto é tomado como o ponto de partida da pesquisa nas Ciências Humanas, justamente pelo fato de estudar “*o ser expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 395). Amorim (2004) ainda destaca que “o objeto de pesquisa é o *objeto falado* e, neste sentido, não pode ser mudo. Nas Ciências Humanas, o objeto é não somente falado e atravessado pelo texto, mas ele é texto. Texto a explicar e a interpretar, ele é *objeto falante*” (AMORIM, 2004, p. 187). Considerando a postura de um sujeito discursivo, tanto consigo mesmo quanto nas relações que estabelece com outros textos e sujeitos, compreende-se que, de acordo com Amorim (2004), na concepção bakhtiniana, o texto é um enunciado que se encadeia na interação verbal, de modo que cada ato humano, não pode ser compreendido desconsiderando o contexto dialógico no qual se inscreve, e no qual produz sentido. “O objeto de estudo torna-se então sujeito, sujeito falante, autor, do mesmo modo que aquele que o estuda.” (AMORIM, 2004, p.188).

Partindo desse grande campo de conhecimento, as Ciências Humanas, essa pesquisa também se inscreve no campo de estudos em Linguística Aplicada contemporânea, um campo de caráter multi/trans/INdisciplinar de pesquisa, a qual, a partir de um olhar para os fenômenos da língua(gem), considera tanto os sujeitos que a enunciam quanto os contextos sócio-históricos nos quais estão inseridos, além da relação estabelecida com outros sujeitos. No entanto, não se restringe somente a isso, tendo em vista sua intencionalidade de analisar e problematizar os problemas sociais também representados por meio dos fenômenos da língua(gem). Sobre isso, Rajagopalan (2006) destaca que se faz necessário intervir de forma consequente nos problemas linguísticos constatados, sem procurar soluções possíveis, mas teorizando a língua(gem) frente aos problemas nos quais se insere. (RAJAGOPALAN, 2006, p.165).

Por conseguinte, as escolhas teórico-metodológicas assumidas, respondem aos preceitos levantados anteriormente, de modo que a postura dialógica de análise dos dados, amparam esse estudo, mobilizando uma pesquisa que pensa a língua(gem) a partir de sujeitos situados, que enunciam a partir dos contextos sócio-históricos nos quais estão inseridos. Essas produções discursivas, são analisadas considerando os enunciados produzidos, e os quais são constantemente atravessados por outras produções discursivas, que carregam consigo marcas ideológicas e valorativas, responsivas aos enunciados. Dessa forma, para o pensamento

bakhtiniano, é necessário que os olhar frente aos dados, se realize considerando os aspectos da vida real dos enunciados e o caráter dialógico que a língua(gem) possui. Considerando os aspectos dinâmicos e fluidos dos enunciados, Brait (2006), destaca que a perspectiva bakhtiniana não se constitui a partir de uma proposta definitiva e imóvel, uma vez que ocorre por meio da análise das especificidades discursivas que constituem as situações sociais em que as práticas de língua(gem) se integram e mobilizam os sentidos, de modo que a proposta de análise surge e se constitui somente a partir dos dados discursivos.

Realizadas as considerações acerca da organização do capítulo e das escolhas teórico-metodológicas assumidas, passamos para a próxima seção em que são aprofundadas as discussões referentes às ancoragens na Linguística Aplicada de viés multi/trans e Indisciplinar.

4.1 A ANCORAGEM NA LINGUÍSTICA APLICADA INDISCIPLINAR

Ao longo de seu processo histórico a Linguística Aplicada passou por inúmeras transformações de repaginação e durante muito tempo esteve concentrada em se consolidar enquanto campo de conhecimento, se propondo a assumir um objeto de estudo. Sendo assim, um dos primeiros passos, foi em função da ruptura com a Linguística Formal, nesse momento o campo da LA começa enfocando na área de ensino/aprendizagem de línguas, posteriormente refina seu objeto de estudo, tomando a língua(gem) na práxis humana. Como área de investigação, a LA surge no Brasil de forma mais institucionalizada no final dos anos de 1960, no entanto nesse período a concepção de língua(gem) assumida pelo linguista aplicado era desvinculada do contexto histórico, político e sociocultural, marcando uma relação de ruptura entre o pesquisador e seu objeto. Somente após os anos de 1990 as pesquisas nesse campo aumentam significativamente no país. Desde então, a LA tem pautado seu estudo tomando os fenômenos da língua(gem) como objetos de análise, mobilizado por sujeitos situados em contextos sociais específicos.

O foco do Linguista Aplicado se constitui como “problemas com relevância social suficientes para exigir respostas teóricas que trouxessem benefícios sociais” (DAMIANOVIC, 2005, p.187). Sendo assim, a LA ao atentar para esse contexto, também empreende um processo de ressignificação em suas fronteiras de investigação e ao considerar todo o contexto histórico, político e social para compreender os fenômenos que envolvem a língua(gem), se propõe a atuar em conjunto também com outras ciências. Para tanto o sujeito passa a ser compreendido como múltiplo, heterogêneo e constituído por meio das diferentes relações intersubjetivas nas quais está inserido e estabelece.

Dessa forma, ao longo desse processo de constituição, a LA propõe que outras áreas do conhecimento sejam incorporadas nas pesquisas, de modo que seja possível abrir mão da relação unidirecional e aplicacionista entre teoria linguística e ensino de línguas, até então realizadas, abrindo margem para que seja possível operar de modo inter/transdisciplinar (SIGNORINI, 1998), (MOITA LOPES, 2006). Como consequência de tal prática é possível ter acesso a uma LA que então, articulada a outros campos de conhecimento, assume os problemas de áreas distintas que tenham a língua(gem) como papel central (PENNYCOOK, 2006), em múltiplas esferas e contextos de interação social, como seu objeto de análise.

Além disso, a LA pretende realizar reflexões mais críticas acerca dos usos da língua(gem), a partir de seus contextos sociais e históricos, por compreender a língua(gem) como constitutiva da vida social. Para tanto, assume uma concepção de LA que esteja marcada pelo viés multi/trans/indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), (RAJAGOPALAN, 2003) e transgressivo (PENNYCOOK, 2006). Indisciplinar por reconhecer a necessidade de não se constituir apenas como disciplina, mas como uma área múltipla, em constante transformação, para conseguir acompanhar as mudanças do mundo contemporâneo, pois esse também “tem a ver com movimento, fluidez e mudança” (PENNYCOOK, 2006, p.73), e transdisciplinar (RAJAGOPALAN, 2003) no sentido de atravessar as fronteiras disciplinares que convencionalmente foram marcadas, a partir de múltiplos olhares, pensando que a língua(gem) pertence a comunidades heterogêneas e não de um indivíduo isolado. Oferece abertura ao diálogo com outras ciências por compreender que “a teoria transgressiva não tem a ver tanto com o estabelecimento de uma epistemologia fixa e normativa” (PENNYCOOK, 2006, p. 75), mas trabalha com o intuito de mover-se para além das fronteiras (MOITA LOPES, 2006), assumindo uma posição crítica e reflexiva acerca de seu objeto de estudo.

Como já mencionado, no período em que se consolida no Brasil, a LA experimentou diversas mudanças sociais, intensificadas pela globalização em tempos chamados de “modernidade recente” (MOITA LOPES, 2013). Essa denominação é utilizada fazendo referência ao período da história contemporânea que, por sua vez, corresponde as últimas décadas do século XX. A respeito disso, Moita Lopes, (2013) discorre:

Na modernidade recente, a linguagem, os textos, as línguas e as pessoas movem-se, cada vez mais em sociedades hepersemiotizadas, o que tem levado a pensar as línguas, a linguagem e quem somos no mundo social em outras bases. Se este é um mundo no qual nada se faz sem discurso[...] o campo aplicado de estudos da linguagem enfrenta cada vez mais desafios para ser responsivo a tais mudanças. (MOITA LOPES, 2013, p.18).

Em face a toda a mudança e as implicações que a era digital desperta e representa, o campo aplicado de estudos da língua(gem) necessita também de inovações teórico-metodológicas na pesquisa, para tanto, se faz necessário que, além da ruptura de fronteiras, também seja aberta a possibilidade para a desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006; 2017), para que o campo aplicado de estudos da língua(gem) consiga acompanhar e lidar com os desafios do mundo contemporâneo e seja a responsivo a eles, assumindo uma postura problematizadora e não fragmentada.

LA se encontra em um movimento de rever suas bases epistemológicas por compreender:

1. A linguagem como prática social, e por isso, ao estudarmos ela estamos estudando a sociedade e a cultura das quais ela faz parte e constitui.
2. As práticas discursivas não apresentam neutralidade, pois envolvem escolhas (intencionais ou não) ideológicas e políticas, atravessadas por relações de poder que por sua vez, provocam diferentes efeitos no mundo social. (FABRÍCIO, 2006, p.48)

Nesse sentido, o campo de investigações da LA contemporânea é situado, ou seja, os estudos para as análises tendem a problematizar a relação existente entre língua(gem) e identidades sob o escopo de teorias discursivas bem como teorias sócio-históricas, então a pesquisa se constitui na língua(gem) presente em diferentes particularidades, e em suas relações dialógicas, isso implica trazer ao foco central os diferentes sujeitos, que estiveram sempre à margem, e ao longo de sua história foram invisibilizados, evidenciando “as interseções de classe social, raça, gênero, sexualidade etc, que os constroem.” (MOITA LOPES, 2013, p. 20). Assim, nesse contexto de “modernidade recente”, impulsionado pela globalização, a LA apresenta-se engajada nas questões de discursos que contemplem as diferentes identidades, ideologias, gênero, sexualidade, etnia, classe social, culturas, política (PENNYCOOK, 2006) oferecendo abertura para grupos sociais distintos. Conforme Fabrício (2006),

Os espaços marginais, e as formas de focalizá-lo, seriam o locus de ocorrência do novo, e com eles poderíamos aprender a “ver com outros olhos”. As opções políticas envolvidas nessa ótica têm implicações para a construção do presente e de futuros sociais possíveis, menos aprisionadores e mais comprometidos com a transformação de situações de exclusão social em diversas áreas, causadoras do sofrimento humano. (FABRÍCIO, 2006, p.52)

As práticas discursivas integram as teorias e a realidade social. Pennycook (2006) e Moita Lopes (2006), advogam por uma LA que atue como uma forma de problematizar e assumir abertamente suas escolhas ideológicas, políticas e éticas. Incorporando em sua prática os contínuos deslocamentos existentes no plano social, em que o foco, até então concentrado no centro, agora caminha em direção aos planos invisíveis, às periferias, aos excluídos, aos espaços subalternos e/ou considerados inferiores, de acordo com a perspectiva da classe

dominante. Consequentemente, tem-se uma LA que rompe fronteiras, e, portanto, é mestiça, em constante transformação, sem aderir normas, mas assumindo uma posição de campo de pesquisa indisciplinar e transgressivo (MOITA LOPES, 2006; PENNYCOOK, 2006).

O novo campo de trabalho que a LA se propõe a realizar está vinculado política e eticamente com a transformação social, transcendendo a percepção de análise de problemas linguísticos, para investir na reflexão de questões políticas, sociais, culturais e ideológicas que estejam atreladas ao discurso. Rajagopalan (2003) ressalta que “trabalhar com a linguagem é necessariamente intervir na realidade social da qual ela faz parte” (RAJAGOPALAN, 2003, p.126), pois compreende que a língua(gem) é uma prática social. O autor advoga por uma Linguística crítica que se ocupa de problemas que de fato fazem parte da vida social e o pesquisador assuma consciência crítica de que para realizar pesquisa na área da língua(gem) é necessário agir politicamente.

Os pesquisadores que trabalham na linha da LC entendem que suas atividades científicas tem uma dimensão política. Eles percebem que, ao proporem suas análises, estão tentando influenciar a forma como as coisas se apresentam, isto é, intervir na realidade que aí está. Nesse sentido, têm plena consciência de que são ativistas políticos. (RAJAGOPALAN, 2006, p.163)

Ademais, ao assumir uma concepção mais crítica nos estudos da língua(gem), o pesquisador, a partir de sua ação, tem a oportunidade de desencadear mudanças sociais significativas. Realizadas as considerações acerca da LA e suas práticas de pesquisa, direcionamos novamente o foco para a pesquisa aqui empreendida. O estudo aqui delineado busca analisar dialogicamente os discursos presentes em 10 tweets a partir da temática meritocracia, para isso, será necessário que compreendamos as realidades dos sujeitos envolvidos nos processos de interação materializados nos enunciados empreendidos para a análise, pensando em seus traços sócio-históricos, bem como suas constituições enquanto sujeitos.

Compreendemos a relevância de refletir sobre as produções discursivas a respeito da meritocracia, pois isso nos impulsiona a perceber também as discussões que transferem aos sujeitos a responsabilidade por seu sucesso ou fracasso, incorporando em seus discursos os termos “força de vontade” “capacidade” “talento” “mérito” e retirando a responsabilidade do Estado, de oferecer subsídios para que os indivíduos marginalizados consigam ter acesso as políticas públicas que tragam algum tipo de benefício para sua vida. Sendo assim, conseguimos também realizar uma pesquisa que se configure como multi/trans e indisciplinar (MOITA LOPES, 2006); (RAJAGOPALAN, 2003); no sentido de problematizar essa pauta social, bem como as injustiças que a assolam, de forma crítica, sensível e transgressora.

Por fim, após contextualizarmos esta pesquisa a partir do escopo dos estudos da LA contemporânea, e assumirmos aqui como objeto uma língua(gem) em uso que reflete as condições sócio-históricas dos sujeitos que a enunciam, seguimos para a próxima seção, em que iremos realizar considerações a respeito do viés dialógico empreendido para análise dos dados, apresentando os pressupostos teórico-metodológicos que o campo da ADD assume.

4.2 A POSTURA DIALÓGICA PARA ANÁLISE DE DADOS DISCURSIVOS: A ADD

A presente pesquisa assume os pressupostos da Análise Dialógica do Discurso com o intuito de situar teórico-metodologicamente a análise que nos propomos a realizar. Destaca-se que conforme Brait (2006) pontua, Bakhtin e o Círculo, não postularam um conjunto de preceitos organizados sistematicamente, para funcionar como uma perspectiva teórico-analítica formada, mas a autora advoga que o conjunto das obras do Círculo propiciou a origem de uma análise/teoria dialógica do discurso que vem se consolidando como resposta dos interlocutores contemporâneos aos escritos de Bakhtin e do Círculo.

Brait (2006) ainda discorre a respeito de o propósito não ser o de estabelecer uma definição fechada do que seria essa teoria/análise dialógica, mas pontua que é possível explicar o embasamento que a constitui, “uma concepção de linguagem de construção e produção de sentidos apoiadas nas relações discursivas realizadas por sujeitos historicamente situados.” (p.10). Além disso, Brait (2006) também destaca alguns aspectos que marcam a ADD, dentre eles o fato de que não há categorias de análise fechadas, pois esse possível fechamento implicaria uma contradição no que diz respeito aos termos em que é postulada. Dessa forma, conforme Acosta Pereira (2016), ressalta que “nos escritos do Círculo, há, na verdade, uma arquitetura das diferentes formas de conceber o enfrentamento dialógico da linguagem, que se constituem de movimentos teórico-metodológicos multifacetados.” (ACOSTA PEREIRA, 2016, p.8). Além disso Brait (2006) ainda comenta:

Iniciar apresentação da análise/teoria dialógica do discurso dessa maneira significa, de imediato, conceber os estudos da linguagem como formulações em que o conhecimento é concebido, produzido e recebido em contextos históricos e culturais específicos e, ao mesmo tempo, reconhecer que essas atividades intelectuais e/ou acadêmicas são atravessadas por idiosincrasias institucionais e, necessariamente, por uma ética que tem na linguagem e em suas implicações nas atividades humanas, seu objetivo primeiro (BRAIT, 2006, p. 10)

Os estudos contemporâneos do Círculo, que funcionam como respostas aos seus escritos, apresentam o objetivo de que os fenômenos da língua(gem) sejam analisados a partir

de seu contexto da enunciação, bem como da realidade sócio-histórica dos sujeitos que participam do processo de interação. Conforme pontua Rohling (2014):

Na ADD destaca-se a ancoragem epistêmica. Muito mais que uma metodologia ou uma teoria aplicada a um conjunto de dados a fim de validar as vozes dos interessados (da academia) no estudo, a arquitetônica bakhtiniana permite ao pesquisador construir um outro modo de olhar as relações intersubjetivas, os discursos e até o mundo da vida. (ROHLING, 2014, p.58)

Paula (2013) também ressalta que “a abordagem de estudo bakhtiniana de linguagem, sua ADD, considera as particularidades discursivas que apontam para contextos mais amplos, para um extralinguístico incluído no linguístico” (PAULA, 2013, p. 252. Nesse sentido, o embasamento constitutivo do que se compreende como análise dialógica do discurso, consiste na relação existente entre língua(gem), história e sujeitos que compõe os estudos da língua(gem) “como lugares de produção de conhecimento de forma comprometida e responsável, e não apenas como um procedimento submetido a teorias e metodologias dominantes em determinadas épocas” (BRAIT, 2006, p.10).

Brait (2006), desenvolve a hipótese da existência de uma teoria de base dialógica do discurso, a partir dos postulados bakhtinianos. No intuito de ratificar sua proposta, Brait (2006 a) escolhe como ponto de partida a concepção de Metalinguística, sugerida por Bakhtin na obra Problema da Poética de Dostoiévski, que consiste em uma nova disciplina, a qual pretende transcender os limites da Linguística do século XX. No entanto Bakhtin (2015[1963]), postula a ideia de que metalinguística não anula a Linguística, recomenda aplicar os seus resultados, pois “a linguística e a metalinguística estudam um mesmo fenômeno concreto, muito complexo e multifacético – o discurso, mas estudam sob diferentes aspectos e diferentes ângulos de visão”. (BAKHTIN (2015[1963], p. 207). Dessa forma, defende a ideia de que ambas devem atuar complementando-se e não de forma fragmentada e/ou independente. Posteriormente, o autor, delimita as definições de seu objeto, bem como as maneiras de compreendê-lo e trabalhar com ele. É nesse movimento que o termo discurso é substituído por relações dialógicas.

as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas. (BAKHTIN (2015[1963], p. 209).

A partir dos estudos da ADD, o pesquisador irá realizar reflexões acerca das relações dialógicas que compõem os discursos, e assumir o dialogismo como seu foco principal. Para

tanto as pesquisas em ADD, pretendem compreender os sentidos possíveis presentes nos enunciados. Além disso, postula pelo estudo, por meio do discurso, das relações que compreendem o campo do enunciado e da sua realidade, tanto em sua dimensão verbal quanto extraverbal. Por conseguinte, “as relações dialógicas são relações que constituem os sentidos as projeções as marcas ideológicas e os matizes valorativos/avaliativos do discurso” (FRANCO, ACOSTA PEREIRA, COSTA HUBES, 2019, p. 277). Em consonância com Bakhtin (2015[1963]) Acosta Pereira e Rodrigues (2015), comentam que: “as relações dialógicas podem engendrar-se: (i) no âmago de uma palavra isolada; (ii) entre estilos de linguagem; (iii) entre dialetos sociais e (iv) na enunciação como um todo”. (p.64). Assim, as relações dialógicas “só são possíveis entre enunciados integrais de diferentes sujeitos do discurso” (BAKHTIN 2003 [1979], p.323), e consequentemente “podem ser compreendidas como lugares/posições axiológicas dos sujeitos nos atos concretos da vida.” (ROHLING, 2014, p.45).

Em “Metodologia das Ciências Humanas”, Bakhtin (2003 [1979]) reflete a respeito da distinção entre o objeto de estudo das ciências humanas do objeto das ciências naturais, dessa forma destaca:

O conhecimento da coisa e o conhecimento do indivíduo. Cabe caracterizar os dois como limites: a pura coisa morta, dotada apenas de aparência, só existe para o outro e pode ser totalmente revelada por um ato unilateral do outro (o cognoscente). [...] Aqui o cognoscente não faz a pergunta a si mesmo nem a um terceiro em presença da coisa morta, mas ao próprio cognoscível (BAKHTIN, 2003 [1930-1940], p. 393-394).

Para o autor, tal concepção se dá, em virtude da forma como os estudiosos do Círculo compreendem a língua(gem), não sendo encarada da mesma forma que as vertentes estruturalistas e formalistas a concebem, a partir de um caráter técnico-científico, cujo sistema de princípios se estrutura em um sistema fechado e independente. Para Bakhtin a relação entre pesquisador e objeto deve assumir uma posição de centralidade. Nesse sentido, quando o objeto é encarado como coisa morta ele acaba por não dialogar com o pesquisador. Por esse motivo, o objetivo do pesquisador das ciências humanas não consiste na busca por categorizar ou determinar seu objeto, mas a busca por sua compreensão.

Para Bakhtin (2015 [1963]), o discurso é compreendido como a língua viva e concreta, é ela quem faz a mediação dos sentidos possíveis nas práticas de interação. Além disso, ele se dá por meio das relações dialógicas, marcado pelo tempo e espaço cronotópicos e consequentemente materializado em forma de enunciado. Ressalta-se que todo discurso, e sua materialização, o enunciado, é sempre atravessado pelo enunciado de outrem, e ele só tem tema (VOLOCHÍNOV, 2017 [1929]), na medida em que é entretecido em enunciados outros. Dessa forma, no que diz respeito a teoria e análise dialógica do discurso, o sentido se manifesta por

meio das relações enunciativas dos interlocutores. Então “falar, enunciar, é, desse modo, um ato que cria uma ligação entre o sistema linguístico e o sistema concreto de relações sociais, que chegam à nossa consciência por meio dos enunciados, dos discursos”. (SOBRAL E GIACOMELLI, 2018, p. 309).

É o enunciado que permite que compreendamos as relações que sustentam a situação enunciativa, e são eles que são tomados como o ponto de partida para a pesquisa nas Ciências Humanas, por meio do que Bakhtin (2003 [1979]) chama de Ser expressivo e falante. Sobre isso Franco, Acosta Pereira, Costa Hubes, (2019), ressaltam:

Para estudar esse homem – ser expressivo e falante – é preciso, antes de tudo, considerar o lugar social que ocupa, sua posição axiológica, o contexto que o envolve, a cultura que nele se projeta e se (res)significa, as atitudes ideológico-valorativas que assume, seu modo de compreensão da vida social, enfim, sua postura autoral assumida no enunciado que produz.” (FRANCO, ACOSTA PEREIRA E COSTA HUBES, 2019, p.282)

É por meio dos enunciados, que o sujeito pode ser estudado, no que diz respeito a sua realidade, bem como nas relações que estabelece, sendo elas situadas em determinado tempo e espaço, além de serem sempre responsivas na constituição da sua palavra. E conforme pontua Bakhtin (2003 [1979], p.379) “as complexas relações de reciprocidade com a palavra do outro em todos os campos da cultura e da atividade completam toda a vida do homem”. Com isso, o objeto específico das Ciências Humanas é constituído pelo homem e suas produções discursivas, conforme explica Paula (2013):

As Ciências Humanas são entendidas pelo Círculo de Bakhtin como ciências do texto / discurso, pois o que há de fundamentalmente humano no homem é o fato de ser um sujeito produtor de textos (orais e escritos, verbais, não verbais e sincréticos). Assim, pesquisador e sujeitos pesquisados são, como retratista e sujeito retratado, ambos, produtores de textos / discursos. (PAULA, 2013, p. 254)

Frente a essas considerações, podemos compreender que a análise dialógica está diretamente relacionada com a possibilidade de analisar as relações de sentido, ancoradas axiológico e ideologicamente nos enunciados, que são a materialidade do discurso. Além disso, também compreendemos que ao empreender uma análise da língua(gem), assumindo a perspectiva dialógica, é necessário ter em mente que na ADD não se criam categorias fixas ou estabelecidas previamente, “não há categorias a priori aplicáveis de forma mecânica a textos e discursos. Nessa perspectiva epistêmica, as categorias emergem das relativas regularidades dos dados, que são observadas/apreendidas no percurso da pesquisa.” (ROHLING, 2014, p.47).

Bakhtin e o Círculo afirmam que a característica que realiza a distinção entre os enunciados concretos está relacionada com o fato de não estarem desvinculados do contexto

extraverbal. Amparados nessa compreensão, o Círculo se propôs a pensar em movimentos de pesquisa, delineando parâmetros metodológicos no que diz respeito ao modo de fazer pesquisa nesse campo teórico. Essas diretrizes metodológicas, para o estudo da língua segundo Volochínov (2017[1929]) devem considerar:

- 1) Formas e tipos de interação discursiva em sua relação com as condições concretas;
- 2) formas dos enunciados ou discursos verbais singulares em relação estreita com a interação da qual são parte, isto é, os gêneros dos discursos verbais determinados pela interação discursiva na vida e na criação ideológica;
- 3) Partindo disso, revisam das formas da língua em sua concepção linguística habitual. (VOLOCHÍNOV (2017 [1929], p. 220).

Tais etapas oferecem subsídios ao pesquisador para realizar um estudo de cunho sociológico da língua, partindo de práticas de interações reais para os diferentes tipos de enunciados. Dessa forma, é possível compreender que de acordo com a perspectiva sociológica, o objeto de análise é o enunciado, ratificando que a interação verbal pode ser explicada apenas a partir do vínculo que estabelece com o contexto em que ocorre.

A primeira etapa metodológica, consiste no estudo das formas de interação, relacionadas com as suas condições concretas, além disso, também nos indica que a esfera da atividade humana e o cronotopo se configuram como um dos caminhos para a investigação para o pesquisador. Conforme sinaliza Acosta Pereira (2008; 2012) o enunciado deve ser tomado a partir de seu horizonte espacial, a fim de observar suas dimensões sociais.

A segunda etapa metodológica proposta por Volochínov (2017 [1929]), corresponde à análise dos gêneros do discurso, o que segundo Bakhtin (2016[1952-1953], p.12) diz respeito aos “tipos relativamente estáveis de enunciados” (p.12), os quais irão se concretizar nas situações interativas, apresentando regularidades no que diz respeito ao seu conteúdo temático, seu estilo e sua construção composicional. Em razão disso, Acosta Pereira (2016) ressalta que o pesquisador entra em contato com o gênero sob uma dimensão referencial enunciativo-discursiva, a partir da qual as interações irão se concretizar. Dessa forma, o pesquisador orienta a análise para os elementos enunciativo-discursivos que compõe o gênero em tela, atentando para a dimensão social que o enunciado apresenta.

Em relação a terceira etapa metodológica proposta por Volochínov (2017 [1929]), essa diz respeito a análise empreendida pelo pesquisador, em que há a tentativa de identificar os diferentes recursos da língua(gem), sejam eles lexicais, gramaticais, textuais, etc, bem como os eixos de sentidos mobilizados no enunciado. Dessa forma, para o autor, ao passo que os fenômenos da língua(gem) são analisados, se faz necessário que a enunciação também receba um olhar, a partir da sua situação social.

Ademais, ressalta-se que contemporaneamente estudiosos da ADD, também estão propondo direcionamentos para a análise dos enunciados, baseados nos pressupostos de Bakhtin e o Círculo. Tais etapas metodológicas, se desenvolvem a partir do método sociológico delineado por Volóchinov (2017 [1929]), atentando para não ser reduzido a um modelo de análise de forma mecânica, mas a partir de um olhar dialógico frente aos dados.

Brait (2006) é uma das pesquisadoras brasileiras que discorre acerca da constituição de uma teoria e metodologia para análise de discurso de base dialógica. Em sua acepção, a pesquisadora pontua que embora não haja uma metodologia formalizada por Bakhtin e o Círculo, há a possibilidade de se trabalhar a partir de um movimento que procura recuperar os conceitos que foram construídos ao longo dos escritos do Círculo, e esses por sua vez, tem funcionado como base fundamental e que sustentam os estudos da língua(gem), amparados nas relações discursivas que são empreendidas por sujeitos historicamente situados.

Rohling (2014), propõe parâmetros que norteiam o percurso da análise, com o objetivo de compreender as regularidades resultantes dos dados oferecidos na pesquisa.

O estudo da esfera de atividade humana, em que se dão as interações discursivas em foco; A descrição dos papéis assumidos pelos participantes da interação discursiva, analisando as relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores na produção de discurso; O estudo do cronotopo (o espaço-tempo discursivo) dos enunciados; O estudo do horizonte temático-valorativo dos enunciados; A análise das relações dialógicas que apontam para a presença de assimilação de discursos já-ditos e discursos prefigurados, discursos bivocais, apagamentos de sentidos, contraposições, enquadramentos, reenunciação de discursos e reacentuações de discursos. (ROHLING, 2014, p. 49).

Para a autora, é necessário considerar que na perspectiva de análise dialógica da língua(gem), existe uma relação dialógica e constitutiva entre o pesquisador e o objeto de análise. Em tal relação não é encontrada nenhum viés de neutralidade, tendo em vista que o pesquisador, ao longo de toda a trajetória da pesquisa, recebe influências do horizonte valorativo do qual faz parte, ao realizar as escolhas durante sua pesquisa, pois o objeto de análise é selecionado a partir de um determinado horizonte axiológico, permeado por inúmeros já-ditos acerca do tema da pesquisa. (ROHLING, 2014)

Da mesma forma pesquisadores como Sobral e Giacomelli (2016), também oferecem possibilidades e caminhos para desenvolver a análise de acordo com a perspectiva da ADD. Nessa dinâmica, tanto a língua(gem) quanto a enunciação são mobilizadas, com o intuito de produzir sentidos, esses, por sua vez, são sempre construídos ao longo do percurso analítico e nunca dados de antemão. Tal proposta se dá em três etapas

descrever o objeto concreto em termos de sua materialidade linguística e de suas características enunciativas; *analisar* as relações estabelecidas entre esses dois planos, o da língua (nível micro) e o da enunciação (nível macro); e, por fim, *interpretar* que

sentidos cria a junção contextual da materialidade e do ato enunciativo. (SOBRAL E GIACOMELLI, 2016, p. 1092)

Os autores ainda apontam que a base da análise não é concentrada na gramática ou nas significações que a língua oferece, mas no “uso da língua no contexto. O trabalho envolve os enunciados reais, as formas dos enunciados (ou gêneros do discurso) e as significações na língua”. (SOBRAL E GIACOMELLI, 2016).

Ressalta-se que a perspectiva assumida na ADD, consiste em uma forma de fazer pesquisa, e análise que funciona como uma prática investigativa, e não um método ou modelo rígido e engessado de escrita. O foco é centrado na discursivização e nas regularidades materializadas em forma de enunciados. Dessa forma, nosso propósito é o de percorrer um caminho de análise que considere os seguintes elementos dos enunciados: 1) *Cronotopo*; 2) *Esfera da atividade humana*; 3) *Situação de interação*; 4) *Materialidade do texto (conteúdo temático, estilo e construção composicional)*. O primeiro passo consiste em considerar a o período de espaço e de tempo em que os enunciados se inscrevem. O segundo deles, corresponde à realidade concreta dos enunciados. Em seguida o olhar é voltado para os sujeitos que estão situados no discurso, atentando para as posições de autoria e interlocução. E, por fim, considerar a materialidade linguística que integra cada enunciados em tela, atentando para as relações dialógicas, bem como a produção de sentidos que elas possibilitam (VOLOCHÍNOV, 2017[1929]; ROHLING, 2014; SOBRAL E GIACOMELLI, 2016).

O propósito estabelecido é o de apresentar algumas considerações a respeito da arquitetura metodológica assumida na presente pesquisa. Ressaltando que, conforme Paula (2013), acredita-se que “a abertura teórico-analítica em Bakhtin não significa uma falta de metodologia e/ou de sistematização formal, mas, ao contrário, essa abertura é a própria proposta teórico-analítica” (PAULA, 2013, p. 254), pois parte de um entendimento de que a língua(gem) é constituída por meio dos processos de interação entre sujeitos, heterogêneos e múltiplos, que estão situados historicamente, sendo assim, ao assumir o enunciado, enquanto materialização do discurso, como objeto de análise, também estamos encarando nossos dados a partir do contexto histórico e social nos quais estão inseridos, para compreendermos as relações dialógicas que são entretecidas entre diferentes produções discursivas.

Dito isso, o parâmetro metodológico ocorre com base nos estudos contemporâneos de Bakhtin e o Círculo, e ocorre por meio de uma análise do discurso de base dialógica, seguindo as etapas descritas anteriormente. Ademais, realizadas as considerações acerca da ADD, e da postura dialógica que assumimos frente aos nossos objetos de análise e sua metodologia, nos

encaminhamos para a conclusão deste capítulo em que apresentamos os movimentos da pesquisa.

4.3 OS CAMINHOS/ETAPAS DA PESQUISA

Neste capítulo foram apresentados os pressupostos metodológicos assumidos na pesquisa, detalhando os movimentos que a norteiam, bem como também foram apresentados os parâmetros de análise de modo mais específicos. Ressaltando que eles se constroem no decorrer do processo analítico, o qual, fundamentado nos estudos de Bakhtin e o Círculo, considera o viés dialógico que a pesquisa se propõe a realizar.

Conforme já explanado, o ponto de partida dos pressupostos metodológicos, é a grande área das Ciências Humanas, caminhando em direção da Linguística Aplicada de viés multi/in e transdisciplinar, até a chegada na ADD, que se constitui a partir da filosofia da língua(gem) de Bakhtin e o Círculo. Tal delineamento teórico- metodológico mobiliza uma análise através dos enunciados que foram gerados para o desenvolvimento da pesquisa – 10 *tweets* a respeito da temática meritocracia. O propósito consiste em analisar e compreender as produções discursivas presentes nessas publicações, bem como as relações que estabelecem com outros enunciados, *já-ditos*, sobre a temática.

A análise empreendida parte de enunciados, situados em um dado cronotopo, compreendidos entre os anos de 2018 e 2022, que materializam produções discursivas sobre meritocracia, permitindo identificar a esfera da atividade humana que participam e, portanto, respondem, e a qual evidencia uma prática de língua(gem) atravessada por seu contexto sócio-histórico. Esse movimento ocorre em função da intencionalidade de identificar os efeitos de sentido produzidos em cada um dos enunciados, tematizados e atravessados ideológico e valorativamente, atentando para as suas marcas linguísticas e para a conexão estabelecida com os fundamentos teóricos mobilizados, tanto no que diz respeito a grande área das Ciências Humanas, que pretende compreender os sujeitos partir da realidade concreta em que vivem, considerando sua realidade e aspectos culturais, quanto a Linguística Aplicada, que pretende compreender problemas sociais em que a língua(gem) apresenta papel central. Também considera a teoria da língua(gem) da ADD, a qual pretende identificar e analisar as construções de sentidos, por meio dos enunciados, e através de uma postura dialógica. E, além disso, ainda contempla os *já ditos* sobre a temática meritocracia. O entendimento que motiva a postura dialógica em relação aos dados, ocorre mediante o fato de que o percurso metodológico é pensado e desenvolvido a partir dos dados, e não de antemão, tendo em vista a inexistência de

categorias delineadas de forma inflexível e a priori. Dessa forma, finalizamos o presente capítulo e nos direcionamos para o capítulo seguinte, em que será tratado a respeito dos já ditos sobre o tema Meritocracia.

5 OS JÁ-DITOS SOBRE MERITOCRACIA

O debate sobre questões que envolvem organização social, política e estrutural da sociedade sempre se fez presente, em geral pautado em discussões sobre posição social, poder econômico ou mérito. Entretanto, ainda não se chegou num denominador comum a respeito da meritocracia e todas as questões que a ela estão atreladas direta ou indiretamente. Pensando em tal temática do ponto de vista da igualdade, é possível observar que quando incorporada de forma superficial em produções discursivas a ideia de igualdade de oportunidades recebe a validação da grande maioria das pessoas. Contudo, a medida em que a discussão passa a envolver a meritocracia atrelada à concepção de justiça, a discussão assume nova perspectiva. Isso porque ao longo do processo histórico do Brasil, marcado sobretudo pela escravidão, passou a ser naturalizado o *apartheid* social brasileiro (SOUZA, 2019), que marca uma herança utilizada para oprimir todas as classes populares, e consolida o seu real abandono. A polarização existente no país, não ocorre apenas no viés discursivo, mas em um cenário em que de um lado estão mobilizados sujeitos que se organizam na “fila do osso”³², e de outro a parcela da população que, vestida de verde e amarelo, tenta veementemente trabalhar na manutenção e na defesa de seus privilégios.

O ideal meritocrático pode se apresentar de forma muito sedutora, tendo em vista o deslumbre gerado pela narrativa de que o sucesso profissional e pessoal está diretamente relacionado ao esforço e dedicação de cada sujeito. Essa concepção acaba por camuflar a possibilidade de problematizar o fato de que inúmeros sujeitos passam a vida toda se “esforçando” sem nem ao menos chegar perto da ascensão social que almejam. Embora haja uma forte defesa de que há “igualdade nas oportunidades”, o fato é que os privilégios que compõe a vida de diferentes sujeitos, e não de outros, não são compreendidos pelo senso comum como desigualdades arbitrárias, mas desigualdades que ocorrem de forma “justa” pois são decorrentes do bom desempenho e /ou esforço de cada indivíduo. De modo que aqueles que alcançaram sucesso pessoal e profissional, acreditam que tal posição se dá em função de seus esforços somado aos seus talentos e habilidades, e os compreendidos como “fracassados e

³² <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2021/07/25/fila-para-conseguir-doacao-de-ossos-e-flagrante-da-luta-de-familias-brasileiras-contr-a-fome.ghtml>.

<https://noticias.r7.com/cidades/pessoas-fazem-fila-para-matar-fome-com-ossos-de-carne-em-cuiaba-mt-19072021>. Acesso em: 24/08/2022

perdedores”, aprenderam ao longo de sua existência que a culpa pelo seu fracasso é apenas sua, atribuindo a si mesmos toda a responsabilidade pela sua forma de ser e de estar na sociedade. Sobre isso Oliveira (2014) levanta diversos questionamentos.

Os talentos, as habilidades e os esforços das pessoas formam aquilo que caracteriza o desempenho de cada um. Mas, como este deve ser avaliado? Qual o papel de fatores sociais, ambientais e genéticos nos nossos esforços e talentos? Até que ponto o desempenho de uma pessoa deve ser apreciado como de inteira responsabilidade dela? Como equilibrar a responsabilidade individual com a social? (OLIVEIRA, 2014, p. 7)

Cardoso (2010) compreende que “desigualdades reais podem não ser percebidas como tais, se o ordenamento social produz justificativas que as legitimam como a “ordem natural do mundo”, e não como desigualdades” (CARDOSO, 2010, p.12). Nesse sentido, a naturalização da desigualdade encontra respaldo tanto no senso-comum quanto no neoliberalismo, que faz questão de atribuir os títulos aos vencedores e aos perdedores, consequentemente “aquele que prosperou vê o neoliberalismo como uma confirmação de seu mérito, o perdedor, justificando sua derrota como, justamente, uma incapacidade sua de responder às demandas do sistema.” (BORBA, 2017, p. 85). Dessa forma, a narrativa acerca do mérito, na modernidade, surge como uma justificativa de uma sociedade que não se compreende como um produto oriundo da cooperação social, mas pautado na defesa de uma competitividade de viés individualista e singular, conforme discorre Borba (2017):

o mercado, lança homens e mulheres não só a uma luta de todos contra todos, uma vez que não há ocupação para todos, mas também numa luta de todos contra si mesmos, já que é o indivíduo que o responsável pelo cultivo de seus talentos e aptidões, e por consequência, também o responsável último por seus méritos edeméritos. (BORBA, 2017, p.31)

A dinâmica da meritocracia é pautada no individualismo e na crença de que cada um é responsável por traçar o seu caminho. Tendo isso em mente, enaltece o sujeito que obteve sucesso em sua trajetória, e, em contrapartida, ao mesmo tempo condena todo o restante, mesmo que esses tenham maiores talentos e apresentem tanto empenho e força de vontade quanto os “vencedores”. Além disso, reforça a ideia de que o “fracassado” assume tal posição em detrimento de sua inércia e suas próprias escolhas. Enquanto os privilégios, oriundos de diferentes naturezas, acompanham os “mais esforçados” e encontram respaldo na legitimidade desses privilégios, reafirmando as concepções de justiça, que sugeridas tanto pelo senso-comum quanto pelo discurso neoliberal. Souza (2009) aponta

No mundo moderno, cuja legitimidade é baseada na liberdade e igualdade de seus membros, o poder não se manifesta abertamente como no passado. No passado, o pertencimento à família certa e à classe social certa dava a garantia, aceita como tal pelos dominados, de que os privilégios eram “justos” porque espelhavam a “superioridade natural” dos bem-nascidos. No mundo moderno, os privilégios continuam a ser transmitidos por herança familiar e de classe, [...] mas sua aceitação

depende de que os mesmos “apareçam”, agora, não como atributo de sangue, de herança, de algo fortuito, portanto, mas como produto “natural” do “talento” especial, como “mérito” do indivíduo privilegiado. (SOUZA, 2009, p. 43)

O fato é que as sociedades da modernidade não defendem a ideia de que todos os indivíduos são tratados na mesma forma, mas que o que lhes é oferecido é em função de seu merecimento, e por isso são recompensados, não considerando o contexto sócio-histórico de cada sujeito e de que cada um apresenta trajetórias diferentes. Grosso modo, a definição de “justiça social moderna”, está metaforicamente ancorada no sétimo mandamento, que Orwell, propõe em “A revolução dos Bichos” de que “todos os bichos são iguais, mas alguns bichos são mais iguais que outros.” (ORWELL 2007 [1945], p.106)

Pode-se afirmar que dentro da lógica do neoliberalismo, existe uma grande preferência pelo empreendedorismo individual, e por isso dentre as coisas que marcam tal ideologia, está presente a derrubada de todas as formas de direitos sociais. Esses direitos, por sua vez, são transformados em serviços ofertados, deixando de ser direitos e passando a ser comercializados no mercado, consequentemente acarretando a ruptura tanto das instituições públicas quanto nos sistemas voltados à proteção social. Para que esse serviço seja realizado, é necessário que haja a validação dessa prática, e é nesse contexto que os sujeitos, pautados no individualismo e que se compreendem como empresários, nessa nova modalidade atuam como “prestadores de serviços” e não mais “trabalhadores”. Tendo em vista que recebe todo um suporte para que atue no mercado de trabalho mergulhando num sistema de exploração e mesmo assim, sentindo-se pertencente a ele, por esse motivo, defende a ideia de que todo o seu sucesso profissional e pessoal, são decorrentes de seu esforço e não dos privilégios dos quais faz uso. Sandel (2020) atenta para o fato que a partir do ano de 2016, no decorrer dos efeitos da globalização sobre os trabalhadores, a retórica acerca da ascensão social oferecida pelas elites liberais foi mais acentuada e, mesmo diante da desigualdade em curso, acabou instituindo a ideia de que cada ser humano é responsável por seu destino, e merece o sucesso ou a adversidade que caminha em sua direção. O autor ainda ressalta, que foi exatamente essa concepção a responsável por alimentar a ideia meritocrática, reforçando a concepção de que os sujeitos que colheram os frutos da globalização mereciam sua recompensa e aos que foram deixados para trás teriam plena convicção que tal cenário foi por eles próprios. (SANDEL, 2020)

Quando pensado inicialmente, o termo meritocracia não apresentava a conotação que hoje possui. Michael Young (1958), em suas primeiras discussões, comenta que se em algum dia as barreiras de classes fossem ultrapassadas, de tal forma que todos pudessem de fato ter a chance de ascender com base apenas no mérito, por um lado a classe trabalhadora enfim poderia

ter a oportunidade de competir de forma igualitária lado a lado dos privilegiados, por outro, de acordo com o autor, esse seria apenas mais um mecanismo de nutrir o desprezo aos que não foram bem-sucedidos nesse processo. Então, para Young, a meritocracia não era uma forma de vislumbrar um ideal, mas apenas mais uma maneira de instigar a discórdia e a raiva, pois as implicações acerca do fracasso transcendem os salários que não evoluem, mas também a falta de estima e reconhecimento no âmbito social.

Oliveira (2014), realiza a distinção das formas de igualdade, em um primeiro plano tem-se a igualdade compreendida como formal, e esta pressupõe uma configuração de igualdade em que todos possuem os mesmos direitos legais de acesso a diferentes posições sociais. Nessa estrutura, as posições sociais de uma sociedade regulada por esse princípio, permitiria acesso a todos aqueles que apresentam as qualificações necessárias e exigidas. A autora ainda pontua que esses direitos não realizam distinção entre as pessoas nesse caso “a hierarquização social advém da diferença dos desempenhos individuais provenientes de atributos inerentes aos indivíduos” (p.10). Em um segundo plano, Oliveira (2014) explana acerca da igualdade compreendida como substantiva, em que as oportunidades transcendem a formalidade legal para exigir que todos de fato tenham oportunidade de desenvolver as qualificações necessárias para concorrer aos cargos ou posições sociais que almejam. A autora ainda complementa: “a igualdade precisa ser um fato, e não apenas um direito. Logo, esta concepção exige que todos possam competir em igualdade de condições.” (OLIVEIRA, 2014, p.10).

Contudo, ressalta-se que existe uma diferença entre poder participar de uma competição e competir com igualdade de condições, visto que apenas participar não assegura chances de vitória, mas ter a oportunidade de desenvolver os próprios talentos e habilidades sim. No entanto, para que isso ocorra é necessário que o Estado realize intervenções para que as chances de ganhar sejam iguais para todos. É nesse contexto que a temática da meritocracia é realçada, e o neoliberalismo trabalha na tentativa de isentar o Estado de oferecer subsídios para os indivíduos que trazem consigo as marcas das desigualdades oriundas de suas condições sociais.

Borba (2017) discorre que a evolução histórica sobre mérito individual é originada como um princípio progressista na Modernidade, e se transforma a partir da ascensão da ideologia neoliberal, como uma estratégia de legitimação e naturalização de tal prática. Então pontua que a meritocracia não pode ser considerada como um critério de justiça para a estrutura básica da sociedade, pois ao atribuímos integralmente a responsabilidade ao indivíduo para o alcance de seus objetivos ao mesmo tempo outras formas de desigualdades são perpetuadas e estas influenciam de forma injusta na formação e na possibilidade de concretização dos projetos de vida de diferentes sujeitos.

Compreende-se que o estado atual das coisas é marcado pela desigualdade, marginalização e exclusão social, e a reiteração dessas desigualdades e mecanismos de opressão, resulta na perpetuação da pobreza, esta, por sua vez, pode ser transferida por diferentes gerações durante décadas. É nesse contexto de oportunidades precárias (ou a falta delas), que muitos sujeitos se encontram ao longo de sua trajetória de vida, atrelado a isso, “a crença na promessa integradora do mercado formal de trabalho e a perspectiva de melhoria de vida levaram muito mais gente para as cidades do que seu mercado de trabalho pôde absorver” (CARDOSO, 2010), sendo assim, o esforço individual, não diz respeito apenas a possibilidade de ascensão social ou gratificação financeira, mas está diretamente relacionada à manutenção do emprego, acentuando assim, o clima de competitividade e avaliação tanto no mercado de trabalho, quanto às possibilidades de adquirir um emprego. Sobre isso, Béhar (2019) destaca:

a concorrência entre os indivíduos passa a ser encorajada, reforçando também o estímulo ao posicionamento individual e da ambição pessoal, na medida em que abandona-se a compreensão da perfeita distribuição de capacidades e habilidades entre os indivíduos de uma sociedade, ou, em outras palavras, cada um pode assumir qualquer posição na estrutura social, desde que apresente os méritos (BÉHAR, 2019, p.260)

Se voltarmos à história é possível observar que em meados de 1930, a classe média no Brasil, em processo de ascensão, passou a reivindicar pelo direito ao ensino médio gratuito. Por ser de interesse da indústria adquirir mão de obra mais qualificada, houve a expansão da educação às camadas populares da sociedade, principalmente no que diz respeito ao ensino primário e técnico, e essa passou a ser também uma reivindicação de ordem econômica. Em razão disso, Souza (2018) atenta para o fato de que a valorização ao conhecimento surgiu no Brasil, em um contexto em que o capitalismo, para se concretizar, necessitava não apenas do capital propriamente dito, mas também da técnica e da ciência, tendo em vista que para que esteja alinhado a um sistema dinâmico e produtivo, é necessário haver um uso intensivo do conhecimento aplicado, uma vez que não existe uma função no mercado de trabalho que não necessite de conhecimento técnico específico.

O privilégio mais eficaz sob a forma da meritocracia, é o acesso ao conhecimento mais valorizado que garante altos salários, bem como reconhecimento e prestígio social. Como tendemos a considerar o dinheiro e o capital econômico o único capital a predeterminar as oportunidades dos indivíduos e classes sociais, esse capital cultural tende a ser invisibilizado. E justamente isso o habilita a ser uma justificação eficaz da desigualdade produzida entre, de um lado, as classes que o monopolizam e, de outro, as classes condenadas ao trabalho semiquelificado e desqualificado. (SOUZA, 2018, p. 141)

Em um cenário em que a propriedade é concentrada em poucas mãos, níveis de instrução que serão úteis e de prestígio serão os únicos capitais que estarão ao alcance dos sujeitos que não são proprietários, dessa forma ao longo da história, a classe que vai se apropriar desse recurso será a classe média, de modo que essa será a base da sua reprodução dentro do quadro social no qual se insere, assegurando sua continuidade no tempo e lhe permitindo a reprodução dos seus privilégios, ou seja o conhecimento valorizado. “O que o capitalismo explora no trabalhador é, antes de tudo, o conhecimento incorporado por ele, e não apenas sua energia muscular.” (SOUZA, 2018, p.88). Dessa forma, ao serem inseridos no contexto escolar, ainda havia grande distância entre a escola e esses sujeitos que estavam ocupando esse espaço. Conforme pontua Freitas (2019).

Nosso sistema de ensino é historicamente marcado pelo fracasso em massa da ralé, que jamais foi vista pelo Estado como uma classe específica, já que, por ter sempre estado à margem das profissões valorizadas pela sociedade competitiva, não foi capaz de reivindicar do Estado políticas públicas que a beneficiassem diretamente. (FREITAS, 2019, p.299)

Então, os sujeitos que conseguiram desenvolver uma identificação com o conhecimento foram capazes de incorporá-lo para se inserir no mercado de trabalho qualificado, útil para a sociedade como um todo e o qual pôde oferecer a esses sujeitos melhores condições de vida. E aos que, por diferentes motivos, não se identificam nesses parâmetros são desvalorizados e marginalizados pela sociedade até nos dias de hoje. O acesso privilegiado ao conhecimento que apresenta certo valor social, pressupõe que a renda familiar seja satisfatória, de modo que o tempo livre dos filhos é comprado para que tenham condições de dedicar-se exclusivamente aos estudos, enquanto os filhos das classes populares necessitam, desde a adolescência trabalhar para contribuir financeiramente em casa e conciliar tal função com os estudos. Souza (2018), destaca que aos abandonados e esquecidos restam as tarefas desqualificadas, que funcionarão como uma continuidade do escravismo, mas em um cenário repaginado, legitimado sobretudo pelo discurso da meritocracia. Acerca disso Freitas (2019) comenta:

Incentivos não vêm acompanhados de exemplos concretos que os legitimem, uma vez que os próprios familiares possuem uma relação emocionalmente distanciada com o conhecimento. Temos, assim, incentivos a favor de um mundo estranho e oposto à intimidade familiar, um mundo que não faz parte da “vida de verdade” em que essas crianças estão acostumadas a viver, um mundo cheio de regras e valores que eles não compartilham e que não reconhecem como seus. (FREITAS, 2019, p.288).

O reflexo de todo o cenário anteriormente explanado, respinga na contemporaneidade, na medida em que se perpetua a manutenção do ciclo da pobreza, tendo em vista que dentre todas as formas de se consagrar as desigualdades sociais já consolidadas, talvez as desigualdades escolares sejam as maiores influenciadoras nesse contexto. O acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento de uma mão de obra qualificada pode funcionar como um dos fatores determinantes para se conseguir modificar um quadro social, dessa forma, a escola funciona como um espaço que atende as demandas de alguns sujeitos, aqueles que já nasceram esse direito garantido, e para outros, funciona como um espaço de luta, o qual a depender do contexto, nem sempre consegue responder às expectativas. Souza (2018) ressalta que embora os sujeitos não sejam mais separados pela cor da pele em seu nascimento, para serem senhores ou escravos, eles são separados por processos invisíveis que produzem os mesmos efeitos, pois inicialmente lhes foi dificultado o acesso à terra, e no atual cenário das coisas, lhes é dificultado o acesso ao conhecimento, que funciona como um dos recursos mais importantes que as classes não proprietárias possuem. O autor ainda complementa que “são as classes do trabalho semiqualeficado ou desqualificado que vão receber a herança da escravidão.” (SOUZA, 2018, p.93). Dessa forma, famílias com baixa escolaridade e profissões que apresentam pouco retorno financeiro podem obter maiores dificuldades em proporcionar e garantir níveis de escolaridade mais elevados para seus filhos, sendo esse um contexto que tende a se perpetuar de geração em geração, sobretudo pela isenção do Estado. Além disso, há a distância existente entre a escola e a grande maioria das crianças e jovens que fazem parte dela, pois deles são exigidas habilidades que muitas vezes não aprenderam e com as quais não possuem familiaridade, esbarrando mais uma vez na dinâmica do capitalismo que lhes exigirá no mercado de trabalho, um perfil de trabalhador com capacidade de concentração, autocontrole, disciplina, entre outras habilidades que não surgem de forma inata no ser humano, mas são desenvolvidas sobretudo em seu contexto social. (SOUZA, 2018).

Em tese a partir da expansão do acesso à educação todos os sujeitos estariam alocados no mesmo patamar, se compreendendo como iguais, e no decorrer de suas trajetórias os traços que os diferenciariam seriam colocados em evidência em função de suas capacidades e esforços individuais, no entanto o que ocorreu na prática foi a legitimação das desigualdades sociais, utilizando como pano de fundo a narrativa do mérito, compreendida, dessa forma, como uma consequência de talentos e habilidades que funcionam como características inatas do ser humano. O Estado e o sistema do mercado, nessa conjuntura, pautados nos ideais liberais são os principais responsáveis por definir aqueles que “ganham e os que perdem”, e ao mesmo

tempo, os faz acreditar na ideia de que os responsáveis por seu fracasso ou êxito são eles mesmos.

O novo padrão de industrialização cria, assim, uma polarização social na qual surgem não só estilos de vida muito diferenciados, como também mercados distintos, com serviços e mercadorias de qualidade muito diferentes. Passa a existir uma escola para os 20% mais ricos e outra para os 80% que ganham menos, serviços de saúde de padrões variados segundo o mesmo modelo e assim por diante (SOUZA, 2018, p.140)

Para ter condições de encontrar respaldo e exercer o poder de dominação, pode-se afirmar que todo o construto discursivo e ideológico, explanado ao longo do capítulo, sobre a meritocracia, foi mobilizado pela classe média alta, branca que representa os próprios interesses. Algumas classes foram invisibilizadas e com isso a ideia do senso comum sobre “mérito individual” passou a ser utilizada como uma justificativa de todo o tipo de privilégio que carregam, perpetuando assim o monopólio de classe. Souza (2009) aponta que os privilégios evidentes que a classe média e alta obtém, são advindos da exploração do trabalho desvalorizado das outras classes, e, esses mesmos privilégios são naturalizados e compreendidos como habilidades e talentos que ocorreram de forma natural, segundo o autor “a elite precisa da lealdade da classe média, pois esta é que representa os interesses da restrita elite de proprietários.” (SOUZA, 2018, p.112). Além disso, o autor ainda destaca que uma das estratégias dessa elite em relação à classe média, foi recorrer ao uso de uma *violência simbólica* e não de uma violência material, como a realizada com as classes populares. De modo que a forma de violência simbólica, é pautada na arte do convencimento, e dessa forma, não se apresenta como uma prática de violência que ocorre de forma visível, e, portanto, seria passível de problematizações, mas se apresenta como uma prática que retira direitos, autonomia e possibilidade de reflexão, para então assim, parecer justa e necessária.

Sandel (2020) comenta que no decorrer das últimas décadas o discurso da meritocracia se intensificou e se tornou uma das questões centrais do discurso político, além disso, enfatiza sobre a narrativa desenvolvida acerca da responsabilidade pessoal que tende a transferir os riscos e responsabilidades do Estado para indivíduos, enquanto isso, a retórica da ascensão trabalha na tentativa de ludibriar as pessoas com a promessa de que mediante trabalho árduo e o cumprimento das regras e convenções previstas, somados aos seus talentos e habilidades, merecem alcançar a ascensão social que almejam. Diante do exposto, cabe salientar acerca da relevância da temática que constitui a presente pesquisa, tanto no que diz respeito ao universo acadêmico, mas sobretudo, o diálogo político e social que à ela se costura. Refletindo sobre tal temática, compreende-se o quanto nos é cara a análise sobre a meritocracia, sendo ela uma importante demanda na contemporaneidade. Dessa forma, refletindo sobre esses *já-ditos* a

respeito do tema, nos direcionamos para o próximo capítulo, em que o olhar estará direcionado para os dados, mais precisamente na análise realizada acerca do discurso da meritocracia em *tweets* brasileiros selecionados.

6 ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo corresponde à análise dos dados gerados na pesquisa, mais especificamente no que diz respeito ao discurso da meritocracia em *tweets* brasileiros. Dessa forma, está organizado em três partes: a primeira delas corresponde às reflexões mobilizadas acerca do tempo-espaço do hoje, ou seja, o cronotopo das produções discursivas sobre meritocracia. A segunda parte, diz respeito à situação de interação, na qual são apontadas as reflexões sobre a autoria e a interlocução por meio dos *tweets* analisados, posto que, a teoria de Bakhtin e o Círculo, prevê que os usos sociais da língua(gem) são sempre atos bilaterais, o que implica a existência da autoria e a interlocução, nas quais são evidenciadas as posições discursivas dos sujeitos autor e interlocutor. E, por fim, na terceira parte são apresentadas as discussões sobre as relações dialógicas presentes no discurso, mobilizando as reflexões acerca dos matizes semânticos, ideológicos e valorativos presentes nos *tweets*, uma vez que esses enunciados, assumidos como objetos de análise, representam o uso real da língua(gem) na vida social, e, dessa forma, desvelam os sentidos construídos, por meio do projeto de dizer do autor e interlocutor, nos âmbitos ideológicos e avaliativos, além de também evidenciar o elo entre a língua(gem) e a situação de interação. Para subsidiar a análise, são mobilizados os estudos de Bakhtin e o Círculo bem como as pesquisas em ADD, pesquisas a respeito do uso das redes sociais para acesso à informação e ativismo político, e a respeito da meritocracia. Ademais, seguimos para a próxima seção.

6.1 O TEMPO-ESPAÇO DO HOJE: O CRONOTOPO QUE LEGITIMA

Nesta seção, são mobilizadas reflexões acerca das particularidades espaço-temporais do desenvolvimento histórico das redes sociais digitais enquanto mecanismo de ativismo político que legitima o discurso da meritocracia, dessa forma, inicialmente será retomado brevemente a concepção de cronotopo cunhada por Bakhtin e seu Círculo, a qual, conforme mencionada anteriormente (Cf. seção 3.1.1), é concebida por Bakhtin como “um vínculo especial do homem e de todas as suas ações e todos os acontecimentos de sua vida com o universo espaço temporal.” (BAKHTIN, 2018 [1973], p. 119), o que implica considerar que o

cronotopo corresponde ao tempo e ao espaço em que as relações humanas se desenvolvem, nesse caso atentando para a arena de vozes sociais e discursivas que se concretizam por meio das redes sociais digitais. Em seguida são realizadas reflexões acerca de como a temática meritocracia é discursivizada no *Twitter*, levando em consideração os aspectos sociais, culturais e políticos que o constituem, além de também realizamos algumas reflexões a respeito do processo de constituição desta plataforma no que diz respeito à sua dinâmica de ativismo político para, na sequência, aprofundarmos a análise.

Bemong e Borghart (2015), atentam para a importância de refletir acerca da conexão intrínseca entre tempo e espaço, uma vez que nas duas dimensões, a cronologia não pode ser desvinculada dos acontecimentos, bem como os acontecimentos também não podem ser separados da cronologia. (BEMONG; BORGHART, 2015, p. 19). Além disso, os autores ainda destacam que Bakhtin inicialmente pensou na ideia de cronotopo como uma forma de contribuir para a teoria dos gêneros, posto que para o autor todos os campos de atividade humana, em que a língua(gem) está presente, são concretizados por meio dos gêneros do discurso. Esses por sua vez, são sempre diversos e multiformes, tendo em vista o caráter sócio-histórico que os integram, além do diálogo que estabelecem com as diferentes situações de interação social, as quais irão exigir que cada gênero entre em conformidade com o projeto de dizer que cada sujeito apresenta. (BEMONG; BORGHART, 2015).

Dessa forma, estudar o gênero *tweet* é relevante, uma vez que revela uma modalidade de interação, desenvolvida pelos sujeitos em rede na contemporaneidade. Esse modo de socialização trouxe a possibilidade de analisar as mudanças pelas quais a sociedade, de um modo geral, tem passado. Calçados na concepção de gêneros do discurso cunhada por Bakhtin e o Círculo (2016[1952/1953]), que aponta que os diversos campos da atividade humana estão ligados pelo uso da língua(gem), ancoramos a nossa reflexão sobre as publicações em formato de *tweets*, os compreendendo como um uso específico da língua(gem), que, por sua vez, se inscreve em um campo também específico da atividade humana (a rede social digital presente em um universo virtual). Por também compreendermos que a língua(gem) apresenta-se na forma de enunciados concretos e únicos, assinados por determinado sujeito, concordamos, pois, com Bakhtin (2011[1979]) que destaca: “Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, [...] mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (p. 261).

Os elementos que constituem o enunciado concreto, e são determinados pela especificidade do campo de comunicação que pertencem, elaboram os “*tipos relativamente estáveis*” de enunciado, nomeado por Bakhtin (2011[1979]) de *gêneros do discurso*

(BAKHTIN, 2011[1979], p. 62). Ou seja, cada enunciado é individual, mas cada campo produz seus gêneros específicos a fim de atender às suas demandas. Em razão disso, há inúmeras possibilidades de gêneros na sociedade, posto que as possibilidades de atividade humana são inesgotáveis, assim como crescem e se modificam “[...] à medida que se desenvolve e se complexifica em um determinado campo” (BAKHTIN, 2011, p. 262). Logo, nosso estudo consiste na análise de publicações no *Twitter* à luz da concepção dos gêneros do discurso (BAKHTIN, 2016 [1952/1953]), uma vez que são eles os responsáveis por nos fazer compreender como essa prática de interação tem se constituído no solo online, por meio de enunciados concretos. Além disso, cada gênero pressupõe um dado cronotopo, de modo que o espaço e o tempo, em que cada enunciado nasce, é fundamental para que cada sujeito envolvido no processo de interação possa compreender o projeto de dizer e o direcionamento de cada enunciado. Dito isso, Bakhtin (2016[1952/1953]) advoga pelo caráter dinâmico que os gêneros possuem, e ressalta acerca da conexão que realizam com o contexto social no qual se inscrevem, bem como o uso que é realizado da língua(gem), que não se constitui como estática, imutável ou desprovida de um caráter dinâmico e fluido. (BAKHTIN, 2011[1979]).

A partir da teoria Bakhtiniana, Bemong e Borghart (2015), destacam que em “*Formas de tempo e cronotopo no romance*”, há uma falta de precisão analítica, no que diz respeito ao número de cronotopos apresentados nos ensaios de Bakhtin, o que motivou o surgimento de diferentes abordagens do cronotopo tanto na literatura quanto na cultura. Os autores destacam a existência de diferentes níveis de abstração, os quais os permitem distinguir cinco níveis, ou tipos, de cronotopos, dentre eles: microcronotopos; cronotopos menores; cronotopo maior ou dominante; cronotopos genéricos e cronotopos teleológicos ou monológicos. Para Bemong e Borghart (2015), pelo fato da ideia de cronotopo inicialmente ser motivada pela teoria dos gêneros, os cronotopos genéricos correspondem à visão de mundo de um texto, o que implica destacar que a ideia de cronotopo pode estar relacionada tanto no âmbito cognitivo quanto como um recurso narrativo, ou mais, como um campo que permite a visualização e representação da vida humana. (BEMONG; BORGHART, 2015). Assim, na presente pesquisa não será realizada a distinção entre os cinco níveis, mas assumidas as noções de grande e pequeno cronotopos, conforme já discutido na seção a respeito do cronotopo. (Cf. seção 3.1.1).

Por grande cronotopo, entende-se que este corresponde ao elemento que unifica os pequenos cronotopos, enquanto o pequeno cronotopo, corresponde a situação de interação social na qual os enunciados se inscrevem. Dialogando com a temática da pesquisa, a intencionalidade é pensar como o grande cronotopo, o *Twitter*, discursiviza a temática meritocracia. Em seguida, o olhar estará voltado para os pequenos cronotopos, os *tweets*, nos

quais são mobilizadas as discussões acerca dessa temática, atentando para as produções de sentidos encontradas neles, seus aspectos políticos, históricos e ideológico-valorativos.

O cronotopo presente no universo virtual possibilita uma gama de discussões, uma vez que além de ser uma temática recente, também nos permite observar e compreender uma noção de tempo e espaço que ocorre de maneira ressignificada em relação a momentos anteriores. Isso porque, conforme discutido anteriormente (Cf. seção 2.1), acerca do universo de análise, as relações estabelecidas no âmbito virtual, são marcadas sobretudo pela colaboratividade, as quais marcam que as interações provenientes desses espaços, não são as mesmas construídas fora deles. Esse universo se constrói, também, por meio de linguagens multissemióticas, multimodais e híbridas. Amorim (2006) concebe o cronotopo como uma produção da história, que remete a um lugar coletivo de onde são escritas e contadas diversas histórias, em razão disso, Azzari e Melo (2016) destacam acerca da possibilidade de pensar na dinâmica das redes sociais na internet como um lugar cronotrópico, posto que elas são as mediadoras da relação entre os sujeitos, o tempo e espaço no qual se inscrevem.

A contemporaneidade se configura a partir de um cenário fluido, no qual o tempo e o espaço são marcados pelo movimento acelerado e dinâmico que diferentes contextos sociais exigem e os quais despertam a possibilidade de práticas sociais ressignificadas e deslocadas para outros tempos e espaços, trazendo à tona uma gama de enunciados variados, mobilizados sobretudo pelas redes sociais. A partir de Recuero (2009) compreende-se que “as redes sociais na Internet são constituídas de representações dos atores sociais e de suas conexões.” (RECUERO, 2009, p. 2), a autora ainda destaca acerca da diferença entre as redes sociais formadas por multidões humanas e as ferramentas utilizadas pelos sujeitos no ciberespaço. Conforme aponta:

Vemos a rede social como o grupo de atores que utiliza determinadas ferramentas para publicar suas conexões e interagir. Assim, o Orkut ou o Facebook não são rede social, mas, sim, o espaço técnico que proporciona a emergência dessas redes. As redes sociais, desse modo, não são pré-construídas pelas ferramentas, e, sim, apropriadas pelos atores sociais que lhes conferem sentido e que as adaptam para suas práticas sociais. (RECUERO, 2012, p. 19-20).

As redes sociais digitais se constituem por atores sociais e as conexões que estabelecem nos espaços virtuais. Os atores sociais podem se configurar como representações de diferentes sujeitos, instituições ou grupos, nas quais as conexões se constituem e se concretizam por meio da prática de interação entre eles, de modo que “as redes sociais ficam explícitas no ambiente do ciberespaço através das interações que são construídas e negociadas entre os interagentes” (RECUERO, 2012, p. 128). Um perfil no *Twitter*, por exemplo, pode ser considerado como um ator de rede, enquanto um comentário, ou um *retweet*, pode se configurar

como um exemplo de uma conexão. (RECUERO, 2009). Essa prática se representa como uma metáfora das relações que podem ser estabelecidas pelos sujeitos que fazem uso das redes sociais na internet, e o *Twitter* atuando como um dos sistemas que oferece suporte para que essas conexões se concretizem. Por estarem em consonância com a atualidade, marcada por um caráter multimodal e semiótico, as redes sociais na Internet possibilitam que esses sujeitos que fazem parte delas, utilizem dessa multimodalidade e multisemioticidade, ao passo que exercem a prática de curtir, comentar, e compartilhar os enunciados que refletem e refratam a pluralidade cultural e social existente no solo social da vida.

Pierre Lévy, na obra *Cibercultura* (1997), comenta acerca da construção do que compreende como *ciberespaço*, o qual, de acordo com a perspectiva do autor, se caracteriza como um ambiente que consolida as práticas de interação que são mediadas por conexão entre computadores, e, conseqüentemente, entre sujeitos. Lévy (1997) ressalta que a cultura virtual delineia uma nova realidade social, uma vez que compreende que a vida real e a vida social não estão mais dissociadas, posto que os sujeitos que atuam discursivamente nesses espaços, não instituem limites para essas duas dimensões, e, portanto, muitas vezes as vivências do plano virtual, podem apresentar maior destaque para o sujeito do que o que está posto no “mundo real”. Portanto, as práticas de interação mobilizadas no *Twitter* remodelaram a forma que os sujeitos encontram de estabelecer relações sociais tanto dentro quanto fora desse universo.

Lévy (1997), ao refletir a respeito do universo digital, destaca que: “As tecnologias digitais surgiram, então, como a infra-estrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento” (LÉVY, 1997, p. 32). A partir disso, observa-se que o ciberespaço proporciona um ambiente propício para que diferentes tipos de informações sejam criadas e circulem, e a depender da posição discursiva do internauta, uma informação pode ser recebida e avaliada tanto de forma positiva quanto negativa, a depender do grupo social ao qual cada uma delas está associada. Jenkins (2009) compreende como a *cultura da convergência*, o intenso fluxo de informações que ocorre de diferentes formas, direcionadas a diferentes sujeitos que consumirão essas informações, seja pelo caráter de entretenimento ou de acesso à informação, mobilizadas pelas ferramentas presentes no mercado da tecnologia. De acordo como autor, a adesão aos mecanismos de convergência midiática, está relacionada à relação que o sujeito possui com dispositivos tecnológicos, por isso o sujeito responde ao mundo de maneira interativa. Essa indústria da informação pode ser compreendida, em nosso estudo, por meio da materialização das publicações presentes nas redes sociais, como o *Twitter* por exemplo, nas quais os indivíduos atuam ativamente, comentando, curtindo e replicando informações. Os

sujeitos que atuam nos espaços virtuais, segundo Jenkins (2014), “[...] estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica” (JENKINS, 2014, p.24), de modo que esses internautas se colocam em uma posição responsiva em relação às demandas que as práticas de língua(gem) que se dão nos espaços sociodiscursivos exigem, além disso também mobilizam novas configurações de relações sociais, por meio da demarcação dos diferentes posicionamentos ideológicos, e axiologicamente situados, que cada um possui.

No processo de desenvolvimento do *Twitter*, observa-se que em sua dinâmica estão presentes as conexões estabelecidas entre sujeitos que estão sócio-historicamente situados, os quais produzem infinitas produções enunciativas que, por sua vez, auxiliam na dinâmica do construto que a rede social online possibilita, enquanto um *ciberespaço* (LÉVY, 1997). A partir disso, assim como postula Bakhtin (2018[1973]), observa-se que esse espaço subsidia o cronotopo do encontro, uma vez que tal evento, mediado pelos enunciados concretos permeados de língua(gem) multimodal e semiótica, permite que sujeitos de diferentes regiões, classes sociais, idades, etc, possam se encontrar em uma dinâmica fluida de interação social, que se dá instantaneamente, e a qual se concretiza independentemente do lugar físico do qual esse sujeito enuncia. Além disso, há também uma relação com o cronotopo da sala de estar, apresentado na seção (Cf. 3.1.1), como um cronotopo que também simboliza a dinâmica do encontro, a qual a depender dos sujeitos envolvidos e o seu grau de intimidade, pode ser mais ou menos restrito, tendo em vista a possibilidade de aceitar ou não uma conexão, uma mensagem, ou até mesmo a prática de bloquear ou deixar de seguir determinada pessoa, o que na contemporaneidade apresenta grande significação, tendo em vista a atual “*cultura do cancelamento*” e o que ela representa. Dessa forma, assim como é possível que as imagens cronotópicas construam as cenas do romance, elas também possibilitam observar diferentes produções discursivas atualmente, a fim de atribuir sentido a alguns enunciados e ressignificar outros.

Conforme aponta Recuero (2009), além de contribuir com as práticas de interação-online, as redes sociais na internet também são utilizadas como um mecanismo de difusão de informações, uma prática que tem sido cada vez mais apropriada pelo jornalismo, posto que as redes sociais na internet atuam complementando o trabalho do jornalismo, principalmente no que diz respeito às etapas de produção, circulação e recepção de notícias. No entanto, por meio da difusão acelerada de conteúdos, para o senso comum, muitas vezes o que é posto na rede é tomado como verdade, e, inclusive, sobrepõe-se ao “mundo real”. Larossa (2002), aponta que a modernidade se configura também por uma prática que posiciona opinião e informação em

um mesmo patamar, de modo que observa-se o quão presente as ondas de *Fake News*³³, no Brasil, tem encontrado espaço de propagação e relevância para o senso comum na atualidade. Primo (2011), destaca que “as organizações midiáticas tradicionais não saíram de cena, mas sim desceram do palco central e agora colaboram e competem com vários outros atores, com os quais disputam pela atenção de múltiplas audiências” (PRIMO, 2011, p. 13). Dessa forma, os sujeitos que utilizam essas ferramentas contribuem para a potencialização do alcance da notícia, posto que a todo momento exercem a prática de comentar e distribuir o conteúdo, possibilitando maior alcance da publicação. Mediante esse contexto, Recuero (2009) pontua acerca de três formas de relação entre as redes sociais na internet e o jornalismo: “a) redes sociais como fontes produtoras de informação; b) redes sociais como filtros de informações ou como c) redes sociais espaços de reverberação dessas informações.” (RECUERO, 2009, p. 7).

Embora a inclusão digital ainda esteja em processo de desenvolvimento no Brasil, a facilidade de acesso e publicação nas redes sociais na Internet, tem possibilitado que diferentes sujeitos sejam capazes de publicar na rede, podendo gerar mobilizações que são capazes de exercer influência nas pautas políticas e na dinâmica de notícias das organizações que, em geral, são responsáveis por elas, servindo assim, também como fontes de informações. (RECUERO, 2009). Nesse cenário, o ativismo social ganhou uma nova roupagem, uma vez que tem contribuído para que os movimentos e ações políticas que, ao longo de seu processo histórico, não possuem espaço nas mídias tradicionais, ganhem visibilidade nos meios virtuais, de modo que a sociedade civil se fortalece a tal modo que se torna possível afirmar que a internet inaugura uma nova esfera política. (DESLANDES, 2018).

Haubrich (2017) aponta acerca da pouca visibilidade e espaço recebido para as vozes populares na maior parte das reportagens, notícias, artigos, editoriais, etc, veiculados em espaços midiáticos tradicionais e hegemônicos, o que, conseqüentemente, trabalha reafirmando produções discursivas vinculadas às ideias das elites políticas e econômicas, posto que são esses sujeitos os detentores dos principais meios de informação. O autor ainda afirma que esse contexto é propício para realizar a defesa de políticas que contribuem para o enfraquecimento de direitos, criminalização de movimentos populares e, até mesmo, a negação de direitos humanos (HAUBRICH, 2017). Em razão de a internet promover um espaço democrático, no sentido de permitir que diferentes e inúmeras vozes, em sua grande maioria silenciadas, obtenham abertura para se posicionar e se expressar, esse se tornou um espaço para que ativistas

³³ Se configuram como notícias falsas publicadas em veículos de comunicação com o intuito de parecerem informações verdadeiras. Em grande parte, são realizadas e divulgadas com o objetivo de legitimar determinado ponto de vista ou prejudicar uma pessoa ou grupo, em geral figuras públicas.

pudessem se apropriar desse ambiente para, além de disseminar informações, também promoverem a organização e mobilização da população, como é o caso do conjunto significativo de movimentos, tanto de rua quanto de forma online, que ocorreram no Brasil, entre os anos de 2013 e 2015 (PINTO, 2019), os quais impulsionam movimentos posteriores. Consequentemente, as mídias tradicionais e hegemônicas passaram a disputar espaço com as redes sociais, mediadas pela sociedade civil, por meio das organizações nas redes sociais na internet.

A internet torna-se um meio essencial de expressão e organização para esses tipos de manifestações, que coincidem numa dada hora e espaço, provocam seu impacto através do mundo da mídia, e atuam sobre instituições e organizações (empresas, por exemplo) por meio das repercussões de seu impacto sobre a opinião pública (CASTELLS, 2003, p. 117).

A eficácia das práticas voltadas ao ativismo, que são iniciadas por meio da internet, existe em razão do espaço online, promover uma esfera democrática e livre, à medida que a era da tecnologia e da informação, permite que os usuários ativos, não se constituam apenas como meros receptores de informações, mas aqueles que também produzem conteúdo e disseminam ideias, de modo que as pautas de diferentes naturezas podem ser trazidas à tona, para o debate no solo online. Kirkpatrick (2011) destaca que em razão da grande eficácia na propagação de mensagens, tanto o *Facebook* quanto o *Twitter* funcionaram como ferramentas determinantes, na revolta ocorrida contra o resultado das eleições no Irã em 2009³⁴, e desde então, essas plataformas encontram cada vez mais espaço e legitimidade. No entanto, ressalta-se que as redes sociais não são reduzidas a apenas recursos de mobilização social, mas atuam na possibilidade fazer ressoar e constituir novas maneiras de construir movimentos sociais e novas formas de pensar e fazer política. Conforme aponta Castells (2003).

Ela [internet] se ajusta às características básicas do tipo de movimento social que está surgindo na Era da Informação. E como encontraram nela seu meio apropriado de organização, esses movimentos abriram e desenvolveram novas avenidas de troca social, que, por sua vez, aumentaram o papel da Internet como sua mídia privilegiada. (CASTELLS, 2003, p. 115).

Ao refletirmos sobre a dinâmica oferecida pelo grande cronotopo *Twitter*, como um mecanismo de acesso à informação e ativismo político, também nos permite pensar a respeito das relações de poder e resistência que se consolidam nesse espaço. Visto que essa ferramenta promove que forças centrípetas e centrífugas (BAKHTIN, 2015 [1934-1935]) entrem em constante embate, gerando tensões entre os enunciados. Bakhtin (2015 [1934-1935]),

³⁴ Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/ciencia/2009/12/091216_twitter2209ml. Acesso em 20/12/2022.

compreende que as forças centrípetas são as forças que atuam na unificação e homogeneização das vozes, as quais tendem a reforçar visões de mundo normalizadoras, orientadas tanto ideologicamente quanto axiologicamente, pensando em nossa pesquisa, se reflete no conjunto de vozes sociais que tendem a naturalizar e reafirmar desigualdades existentes, em geral pautadas em discursos neoliberais. Enquanto as forças centrífugas exercem a prática de ir na direção contrária a essa, desunificando as vozes sociais por meio de diversos processos dialógicos, a fim de trazer à tona a heterogeneidade do solo social da vida, uma vez que permite que as vozes silenciadas obtenham espaço de diálogo e possam veicular também perspectivas que se aproximem das lutas das classes populares, ampliando assim, os discursos transformadores.

Em momentos distintos da história do Brasil, observa-se que a imprensa sempre esteve alinhada aos interesses políticos ou econômicos que tendiam a privilegiar os interesses do Estado, justamente em razão da forte concentração dos meios de comunicação que possui. Haubrich (2017) discorre acerca da trajetória da mídia alternativa, atentando para sua significativa participação nos movimentos contra-hegemônicos, destacando que desde os primeiros movimentos a mídia alternativa esteve vinculada às classes populares e suas pautas políticas. O autor também comenta que oficialmente a imprensa brasileira teve seu início a partir do lançamento do jornal *Correio Brasiliense*, em 1808, ano em que ocorria a transferência da Corte de Portugal para o Brasil, momento em que dava-se início a superação do período em que Portugal apresentava o objetivo de isolar o Brasil do restante do mundo, a fim de perpetuar seu domínio político, econômico e territorial. Segundo o autor, esse jornal apresentava como objetivo burlar o controle governamental, posto que outros jornais da época apenas apresentavam os decretos da Corte e as principais notícias sobre a família real. No bojo em que se dava tal cenário, surgiram também dezenas de jornais que pretendiam fortalecer o discurso oficial português. Ou seja, apresentava-se nesse contexto uma imprensa que dialogava com o já implantado discurso dominante, enquanto, do outro lado, também se desenhava uma imprensa alternativa, a qual, posteriormente embora ainda de forma fragmentada, trabalhou incansavelmente em um contexto de luta pela abolição da escravidão. (HAUBRICH. 2017, p.34). Com isso, observa-se que a imprensa brasileira foi moldada desde o seu processo de constituição, a partir dos interesses que a elite apresentava, de modo que surge com o intuito de garantir a manutenção de uma concepção de mundo que reafirma os formatos hegemônicos pré-estabelecidos e que consolidam uma nova forma de exercer o controle social.

Haubrich (2017), destaca que durante o período de Ditadura Militar no Brasil – entre 1964 e 1985– houve forte perseguição aos que posicionaram-se contrários ao regime, mesmo

os grandes jornais que apoiaram o governo, também sofreram censura, por meio de prisões de jornalistas e a proibição da circulação de determinadas edições dos jornais, contudo, isso não foi empecilho para que o aumento dos privilégios que grandes empresas obtinham pudesse crescer, a exemplo a Rede Globo, que durante o referido período passou a exercer domínio nos espaços televisivos, acarretando expressivo poder sobre o capital. (HAUBRICH. 2017). Ainda assim, embora enfraquecida, a mídia alternativa não deixou de atuar, mesmo que na clandestinidade e com as perseguições políticas que sofria. No período final do regime, a mídia alternativa cresceu, em contrapartida a mídia dominante pôde se fortalecer, em razão do fim da censura, e, dessa forma, o espaço recebido pela mídia alternativa foi de menor destaque e centralidade. Tal cenário se perpetuou até a chegada da internet, por volta dos anos de 1990, a qual, de acordo com Haubrich (2017), marcou o período de transição entre os milênios, promovendo a abertura de um novo espaço de comunicação na sociedade brasileira, e plataformas tradicionais como televisão, rádio e jornal, passaram aos poucos a ser articulados nos espaços da *web*. (HAUBRICH. 2017, p.43):

Com grandes potencialidades no que se refere à diversidade e pluralidade de informações circulantes, com facilidade de acesso e de apropriação técnica dessas potencialidades, a internet tornou-se um espaço fecundo para a comunicação livre das amarras dos conglomerados midiáticos. Esse processo teve um momento importante quando, no início dos anos 2000, foram criados de forma mais ou menos concomitante muitos *blogs* que tinham como principais pautas a política nacional e a defesa da democratização da mídia. (HAUBRICH. 2017, p.43-44)

A partir das considerações realizadas, compreende-se que embora o *Twitter* não corresponda a uma mídia alternativa, propriamente dita, ele funciona como uma plataforma de rede social digital que oferece espaço para que as mídias alternativas se desenvolvam, e dessa forma, atuem como uma das forças que, dialogicamente, confrontam a herança escravocrata deixada ao Brasil, a qual contribui até os dias de hoje para alimentar o modelo que naturaliza cenários de desigualdade social e que segue a lógica do capital, visando apenas o lucro. Nesse cenário a participação popular é essencial, em razão disso, Haubrich (2017) também destaca que tanto as tecnologias digitais quanto a expansão da própria Internet potencializam o papel desses sujeitos e suas formas de intervir no mundo, posto que esse tipo de intervenção nasce na internet e podem chegar até o ambiente físico, fomentando que as grandes transformações sociais atuem de forma integrada entre as ruas e as redes. (HAUBRICH, 2017).

Bakhtin, ao discorrer sobre sua teoria da língua(gem), revela que qualquer enunciado, correlacionado às suas condições sócio-históricas, corresponde a uma unidade contraditória realizada entre as forças centrípetas e centrífugas, e aponta para os jogos de poder que envolvem essas forças que se materializam nas vozes que circulam socialmente. Dessa forma, o enunciado

assume uma posição ativa ao se inscrever no diálogo social à medida que se entrelaça a outros enunciados, e assume uma tomada de posição frente aos acontecimentos. No âmbito dos enunciados do cotidiano, é possível verificar a orientação dialógica para os enunciados de outrem, na qual há o enfrentamento das forças dominantes com as forças contrárias, conforme é possível ser observado no exemplo que segue. A publicação corresponde ao anúncio que circulou no ano de 2019 da empresa de consultoria financeira Empiricus. O anúncio circulou na plataforma de compartilhamento de vídeos *YouTube*, uma ferramenta de comunicação com grande alcance nacional, o que indica que somente mediante muito investimento financeiro é possível veicular uma propaganda por meio da plataforma. A fim de contextualizar a discussão elaborada a respeito do horizonte apreciativo dominante e seu enfrentamento com as forças discursivas, na sequência será apresentada na íntegra a fala veiculada na propaganda, a fim de compreender o movimento dialógico realizado posteriormente no *tweet* (TT4).

Ex.: 1: *Oi, meu nome é Bettina, tenho 22 anos e um milhão e quarenta e dois mil reais de patrimônio acumulado. Desculpa a inscrição é que o tempo aqui embaixo não joga a meu favor e eu precisava chamar a sua atenção. Ninguém acha normal eu ter juntado mais de um milhão de reais, assim, tão nova e começando com muito pouco. Mas sabe o que chama a minha atenção? É que o que eu fiz não é nenhum segredo, eu vivo falando por aí pra todo mundo: eu comprei ações na Bolsa de Valores. Não foi sorte, eu não herdei uma bolada, nem ganhei na loteria, comecei com dezenove anos e mil quinhentos e vinte reais. Três anos depois, tenho mais de um milhão. Simples assim! Sabe qual é o problema? A maioria das pessoas vai pular esse anúncio e continuar se chocando com histórias fora da curva, e a minoria vai clicar no botão azul que aparece no fim desse vídeo. Se você for uma das pessoas que vai clicar no botão, você acessar o passo a passo que eu segui para você chegar no seu primeiro ou próximo milhão. Os resultados, eu garanto, serão os mesmos, não tem como ser diferente. Se você tiver as mesmas noções que eu tenho, vai lucrar proporcionalmente o mesmo que eu. Isso vale pras perdas também. É com você. Resultados diferentes exigem atitudes diferentes. Botão azul.”* (Anúncio veiculado na plataforma YouTube).

O anúncio surgiu na plataforma trazendo a imagem de Bettina, que inicia o texto realizando sua apresentação pessoal, na qual inclui seu nome, sua idade e o fato de apresentar um alto valor patrimonial. Em seguida realiza um relato que se dirige ao espectador que está disposto a ouvi-la até o final e ser convencido da referida conquista de Bettina. O anúncio pretende vender a ideia de que qualquer pessoa pode alcançar o mesmo patamar que Bettina, para tanto, ela destaca em sua fala que: “*não foi sorte, eu não herdei uma bolada, nem ganhei na loteria*”, tendo em vista que essas são possibilidades restritas a um número de pessoas muito menor do que as que a ouvem em seu discurso. Ao ressaltar: “*comecei com dezenove anos e mil quinhentos e vinte reais. Três anos depois, tenho mais de um milhão!*”, indica que esta é

uma consequência automática mediante o investimento, e sem obstáculos e, para tanto, destaca: “*Simples assim*”. A lógica que norteia o discurso neoliberal é a de que todos podem receber lucros mediante o esforço pessoal e o investimento financeiro, portanto, o anúncio apresenta o propósito de convocar o público que o assiste a ganhar dinheiro de forma rápida e fácil, assim como Bettina. As reações que surgiram acerca do anúncio, vieram também através da arena discursiva do *Twitter*, trazendo à tona os embates mobilizados pelas forças centrípetas e centrífugas, responsáveis por valorar de formas diferentes a publicação, e, sobretudo, sendo responsivas tanto ao enunciado original, quanto à forma de encarar e compreender o mundo. Os efeitos de sentido mobilizados pelo anúncio ecoaram pelos enunciados responsivos que surgiram posteriormente. Conforme exemplo a seguir trazido por nosso *tweet* de análise (TT4):

Ex. 2: *Meu nome é Betina, nasci em família rica e privilegiada e por isso tenho mais de 1 milhão em patrimônio acumulado, o único objetivo deste vídeo é fazer você se sentir culpado e acreditar em meritocracia quando na verdade só tenho dinheiro por conta de herança. (TT4)*

Figura: 14



Fonte: (TT4).

No enunciado, o internauta realiza uma paráfrase do enunciado original da propaganda, utilizando uma construção semântica muito semelhante, não apenas pelo roteiro enunciativo, como também pelo fato da utilização da imagem de Bettina, a jovem milionária. Somado ao texto verbal, no *tweet*, a imagem reforça a visão construída socialmente de associação da figura de uma mulher branca, jovem e bonita à “ascensão” pessoal e profissional, “começando do zero” e com “força de vontade”. Além disso, assim como na propaganda, o autor da publicação utiliza a segunda pessoa do singular (você), sugerindo aproximação e

diálogo entre o sujeito que ouve e sujeito que fala. A sua resposta à propaganda também é concretizada de maneira interativa e colaborativa, uma vez que nasce de modo responsivo, gera novos sentidos e abre um leque de possibilidades de dialogar com os enunciados que também se põe responsivos, tanto à sua publicação quanto ao próprio anúncio de Bettina, conforme observa-se a seguir, nos enunciados de resposta:

Ex. 3: *Obrigada! Eu tenho ódio toda vez que aparece isso. Uma coisa que é facilmente perceptível é que todas as pessoas que aparecem nessas propagandas são sempre brancas e de família privilegiada. Tem que ter coragem pra fazer campanha assim, pq noção não tem. (resposta ao TT4)*

Ex. 4: *Engraçado como nunca é uma pessoa negra, ou uma pessoa que nasceu na quebrada falando isso. Sempre gente branca q nasceu no Jardins. Coincidência?? (resposta ao TT4)*

Nesse sentido, por meio dessas produções discursivas de diferentes sujeitos, é possível obtermos acesso a um conteúdo que não apenas reflete, como também refrata a produção discursiva original, posto que é possível facilmente associá-la ao conteúdo “original” por meio dos aspectos discursivos que os unem. As respostas criadas a partir do *tweet* (TT4) correspondem a uma forma, dentre as diversas possibilidades existentes, de compreender como o sujeito não está isento valorativamente, e, além disso, e o quanto responde de forma ativa ao mundo que o rodeia, de modo que a partir de suas vivências as suas escolhas irão refletir nas relações que estabelece no ambiente virtual, uma vez que curte, comenta e compartilha constantemente enquanto navega. Disso resulta, portanto, a concepção de sujeito como um interlocutor ativo, e não enquanto um ser passivo e acrítico mediante o mundo e as relações que estabelece. Nos enunciados de respostas, é possível observar que em ambas as postagens os internautas tecem críticas ao sistema meritocrático e problematizam acerca do uso da imagem de uma pessoa branca na propaganda veiculada, atrelando tal imagem ao fato de, em geral, serem características físicas de sujeitos pertencentes a classes sociais privilegiadas. Além disso, no enunciado de resposta (Ex. 3), o internauta destaca: “*Tem que ter coragem pra fazer campanha assim, pq noção não tem*”, o revela seu posicionamento frente à temática discutida. Já no segundo enunciado de resposta (Ex. 4), pelo fato de o enunciado sempre se construir considerando as atitudes responsivas, o internauta ao término de sua publicação questiona: “*Coincidência??*”, o que além de implicar o seu desejo de resposta, também apresenta o objetivo convencer seu leitor sobre o ponto de vista explanado, posto que reage ao já-dito, através do

questionamento para validar seu posicionamento. Dessa forma, ao se oporem ao sistema meritocrático, os internautas contestam o horizonte apreciativo que as forças dominantes pretendem consolidar através do anúncio veiculado.

O embate discursivo é parte integrante das disputas sociais no solo online, tendo em vista que as interações não são uníssonas, sobretudo em razão da pluralidade e heterogeneidade que as constituem, e, portanto, se consolidam a partir da tensão existente entre as forças dominantes e a sua tentativa de apagamento e silenciamento das vozes marginalizadas, que, por sua vez, são responsáveis por realizar a desestabilização dessas forças dominantes ao passo que também passam a atravessar as relações sociais e consolidar sua presença nessas práticas de interação social. Haubrich (2017) destaca que ocorre uma disputa discursiva no sentido de construção da realidade, da mesma forma que fora da internet. As redes sociais digitais oferecem palco para que as mídias alternativas se fortaleçam nos processos políticos não institucionais. O autor compreende que as mídias alternativas não coadunam com as mídias hegemônicas, e uma vez que podem ser compreendidas como “parte determinante do processo de organização e emancipação popular” (p.17), funcionam como um mecanismo de comunicação que está em diálogo com os saberes que são construídos na coletividade, em um contexto democrático de troca. A importância dessas mídias alternativas se dá em razão da problematização que realizam do pensamento hegemônico, o qual durante muito tempo se fortaleceu justamente por apresentar grande concentração dos meios de comunicação, além de também trabalharem na manutenção de concepções hegemônicas de mundo, tidos como “dominantes”, os quais estão fortemente alinhados ao poder elitista que demanda do controle social para continuar consolidado e fortalecido. Dessa forma, segundo Haubrich (2017), “enquanto a mídia hegemônica coloca-se a serviço do poder político e do poder econômico; a alternativa atua visando transformações” (HAUBRICH, 2017, p.54).

Em todos os momentos em que a mídia alternativa atuou no cenário social, ela se apresentou como um mecanismo de comunicação dos que estavam à frente das pautas políticas e sociais dos movimentos populares, sobretudo dos que contestaram a maneira como o sistema se põe e atua na sociedade. Nesse sentido, as mídias alternativas viabilizam as lutas de todos aqueles que se encontram marginalizados e excluídos, oferecendo-lhes diariamente maior visibilidade e ampliação de espaço de diálogo e de luta, na tentativa de tornar o solo social da vida um espaço mais plural e igualitário, possibilitando ações coletivas que promovem a emancipação e atuam na tentativa de transformações sociais. (HAUBRICH, 2017). É essa potência que faz do *Twitter* um importante espaço para a efetivação das articulações dos movimentos populares que, aos olhos do sistema, são invisíveis. Contudo, também é o espaço

de desconstrução e problematização das forças hegemônicas que se solidificaram ao longo do tempo, e tentam silenciar as vozes que também têm muito a dizer.

Realizadas as considerações acerca do *Twitter*, enquanto mecanismo de ativismo político, seguimos para as próximas subseções, em que são apresentadas reflexões acerca de como o grande cronotopo *Twitter* discursiviza e legitima o discurso da meritocracia, atentando para os aspectos sociais, políticos e históricos, e na sequência realizamos a contextualização do cronotopo que situa os dados da pesquisa.

6.1.1 O cronotopo que legitima o discurso da meritocracia

Nesta subseção são realizadas reflexões acerca do grande tempo-espaço dos *tweets* analisados na pesquisa, esse movimento permite relacionar o ser humano e sua história, de modo que mobiliza os olhares para as imbricações de sentidos que se materializam nesses enunciados por meio desses aspectos. Assim, nesta subseção realizamos uma retomada acerca dos aspectos sociais, políticos e históricos que se relacionam com a meritocracia, de modo que, considerando o panorama cronotópico dos *tweets* em análise, nos é possível analisar as condições de produção, circulação e recepção do enunciado, tendo como objetivo observar efeitos de sentido acerca do discurso sobre a meritocracia no Brasil.

Toda experiência humana é situada em um determinado tempo e espaço e, dessa forma, os sujeitos necessitam se apropriar de novos gêneros, à medida que a esfera espaço-temporal, na qual suas experiências culturais se situam, se expande. A partir disso, é possível compreender que o gênero *tweet* se constitui e funciona no tempo-espaço da modernidade, uma vez que se configura como um enunciado concreto, *relativamente estável* (BAKHTIN, 2016[1952/1953]), que é elaborado por sujeitos que estão sócio-historicamente situados a fim de atender às suas próprias demandas. Por meio desses enunciados, as práticas discursivas de diferentes sujeitos são materializadas nos espaços online, permitindo que uma gama de produções discursivas com diferentes temáticas ecoe na contemporaneidade. O cronotopo presente em cada gênero evidencia uma imagem de homem que, por sua vez, apresenta também, sua percepção acerca da história, da cultura e das experiências com a realidade na qual se insere. (BAKHTIN, 2018[1973]), posto que a palavra apresenta seu sentido a partir das condições sociais na qual é enunciada e para quem é direcionada.

As mudanças históricas e sociais pelas quais a língua(gem) passa, estão associadas também às mudanças do gênero discursivo. (BAKHTIN, 2011a, p. 267). Dessa forma, compreende-se que os gêneros surgem em consonância com o espaço e o tempo que pertencem,

tendo em vista que à medida que a sociedade se modifica, também se modifica sua forma de interagir, por isso há enunciados que podem apresentar maior ou menor visibilidade, a depender do espaço- tempo em que se situam. É exatamente isso que ocorre com os gêneros que são originados nas/das redes sociais online. É nesse plano que o gênero *tweet* foi originado, respondendo às demandas de um tempo e espaço marcados pela profunda velocidade de informação, para tanto, se apresentam como enunciados curtos que sempre respondem a outros enunciados e prezam pela objetividade do seu conteúdo. Dessa forma, posto que na seção anterior foi explanado a respeito do percurso histórico do grande cronotopo *Twitter* enquanto mecanismo de ativismo político e acesso à informação, pretendemos agora discutir mais a respeito das discussões mobilizadas acerca do signo meritocracia no *Twitter*, atentando para os aspectos sociais, históricos e políticos que viabilizam e resultam nos enunciados em análise, sobretudo como, a partir desses aspectos, o signo meritocracia assume distintas significações para que seja legitimada sua discursividade nesse ambiente.

Assim, o nosso olhar voltado para o termo “meritocracia”, nos direciona para um período sócio-histórico que compõe as vivências pessoais e coletivas atravessadas pelas valorações que motivaram e compuseram o período no qual os dados de análise se inscrevem, de 2018 a 2022. E isso implica dizer que nos direcionamos para os enunciados que circulam no solo social da vida, os *tweets* produzidos ao longo do referido período, tematizando e valorando o signo “meritocracia”. A produção enunciativa é relacionada ao tempo-espaço em que é produzida, ou seja, está relacionada ao seu cronotopo, e, além disso, também se relaciona com as valorações que circulam no interior dos diferentes grupos sociais, de modo que, a partir das vivências pessoais e coletivas, realizadas por esses grupos sobre o mundo que os rodeia, o signo “meritocracia”, a depender da posição em que cada sujeito se situa, apresenta compreensões distintas, e conseqüentemente a partir dessas compreensões são viabilizadas as relações dialógicas.

Dessa forma, embasados no aspecto de espaço e de tempo, dos *tweets* de análise, justificamos o nosso olhar voltado para o contexto social em que esses enunciados se inscrevem, o qual evidencia não apenas um ponto de vista posicionado, mas a coexistência de diversos pontos de vista, os quais motivam variações de sentido de acordo com o campo de visão de cada sujeito. Esse movimento permite pensar que o cronotopo pode ser responsável por ressaltar enunciados elaborados em um determinado gênero discursivo, o qual por sua vez, pode também revelar conteúdos temáticos debatidos por grupos sociais distintos. Nesse sentido, o cronotopo que inscreve o gênero *tweet* como um gênero contemporâneo, também é responsável por viabilizar a produção, circulação e recepção de *tweets* que tematizam acerca da

“meritocracia”, posto que esse corresponde a um signo presente nas discussões acerca das questões sociais, na contemporaneidade.

A discursividade a respeito da meritocracia surge a partir de um contexto sócio-histórico de crises sociais mobilizada a partir de um cenário em que os meios de comunicação foram, em grande medida, responsáveis pela naturalização e romantização do discurso de superação e merecimento, ancorados na ideologia neoliberal. Chauí (2020), comenta que a economia política neoliberal, nasceu em 1930, idealizada por um grupo de economistas, cientistas políticos e filósofos que, se posicionaram contrários ao surgimento do Estado de Bem-Estar e social-democrata, afirmando que o então chamado *Estado Providência*, era responsável por destruir a liberdade dos sujeitos e a competição entre eles, o que de acordo com esse grupo, eram práticas necessárias para o alcance da prosperidade. O grupo, segundo Chauí (2020), acreditava que a explicação para a crise capitalista do início dos anos de 1970, momento em que o capitalismo vivenciava taxas de crescimento econômico muito baixas enquanto as taxas de inflação eram muito altas, era ocasionada pelo poder significativo que os sindicatos e movimentos operários apresentavam, posto que no referido período o Estado havia recebido pressão para aumentos salariais, assim como também o aumento dos seus encargos sociais. Dentre as propostas para solução do problema, trazidas pelo referido grupo, constavam viabilizar: 1) Um Estado capaz de realizar a quebra do poder sindical e movimentos operários; 2) Um estado que visasse a estabilidade monetária, por meio da contenção dos gastos sociais; 3) Um Estado que estivesse mais alinhado ao incentivo para investimentos privados, reduzindo impostos sobre o capital e as fortunas. (CHAUÍ, 2020, p. 309).

Esse ideal, se desenhou e se desenvolveu de forma bastante significativa na sociedade, estendendo-se até a contemporaneidade, em um modelo compreendido por Chauí (2020) como *neoliberalismo*, o qual, segundo a autora, funciona como uma nova forma do totalitarismo, uma vez que define todas esferas sociais e políticas, que perpassam a sociedade, sejam concebidas como uma empresa. Nessa perspectiva, escolas, hospitais, centros culturais, entre outros, são empresas, e, portanto, demandam produtividade e, sobretudo, competitividade. A autora ainda destaca que, ao passo que o Estado é tomado como uma empresa, tem a possibilidade de encobrir o desemprego estrutural, por meio do que chama de *uberização do trabalho*, e por isso o indivíduo é também tomado não mais como alguém pertencente a uma classe social, mas sim como um investimento, um *capital humano*, de modo que a única alternativa que lhe sobra é a competição em diferentes organizações, tomadas pelo princípio da concorrência, intitulado de *meritocracia*. (CHAUÍ, 2020, p. 321).

Uma vez que o Estado abre mão de ser considerado uma instituição pública, e passa a ser considerado uma empresa, a defesa da privatização surge de uma forma significativa, posto que, mediante os interesses privados, atua na tentativa de transformar os direitos políticos e sociais, garantidos pelo poder público, em serviços que podem ser facilmente vendidos e comprados no mercado, acarretando um cenário de desigualdade e exclusão. (CHAUI, 2020, p. 322). Nesse sentido, a mão de obra exercida pela classe trabalhadora, tenta encontrar espaço mediante o desemprego estrutural posto na sociedade, o qual, irá alimentar a ideia da naturalização de um trabalhador que exerce sua função sem estabilidade, posto que não apresenta seguridade social, contrato de trabalho ou amparo sindical, movido principalmente pela ilusão meritocrática transvestida de força de vontade, que tende a culpar o próprio trabalhador explorado pela culpa do seu fracasso, caso isso ocorra.

Na contemporaneidade, se tornou presente a defesa da subjetividade marcada pelo individualismo e pela superprodutividade, impulsionada pela dinâmica acelerada da informação e do consumo, na qual o homem se mostra adepto e em consonância com um sistema que preza pela substituição dos projetos coletivos, pelas atividades individuais que garantirão a esses sujeitos o reconhecimento pela sua produtividade. Byung-Chul Han (2015) teoriza acerca da *Sociedade do Cansaço*, a qual compreende como uma sociedade do século XXI, em que os sujeitos são caracterizados como uma *sociedade do desempenho e produção*, além de serem concebidos como *empresários de si mesmos* (HAN, 2015). São sujeitos que instituem uma auto-exploração, na qual o trabalho em excesso torna-se parte integrante de sua vida, e é mais eficaz que uma exploração do Outro, posto que está em consonância com o sentimento de liberdade, dessa forma, conforme aponta Han (2015) “o explorador é ao mesmo tempo o explorado.” (HAN, 2015, p. 30). O sujeito do desempenho, concebido por Han (2015), é um ser humano capaz de desempenhar múltiplas tarefas, impulsionado pelo excesso de estímulos e de informações, mobilizados pelo advento da internet. Dessa forma, comenta o autor:

[O sujeito do desempenho] É senhor e soberano de si mesmo. Assim, não está submisso a ninguém ou está submisso apenas a si mesmo. É nisso que ele se distingue do sujeito de obediência. A queda da instância dominadora não leva à liberdade. Ao contrário, faz com que liberdade e coação coincidam. Assim, o sujeito de desempenho se entrega à liberdade coercitiva ou a livre coerção de maximizar o desempenho. (HAN, 2015, p. 30).

Paralelo a perspectiva do mundo contemporâneo, sugerida por Han (2015), Crary (2016), em sua obra “*24/7 CAPITALISMO TARDIO E OS FINS DO SONO*” aponta que a dinâmica da sociedade foi reorganizada com o intuito de atender às demandas do funcionamento do mercado e dos sistemas de informação, que tendem a defender que o sujeito

da contemporaneidade necessita estar em conformidade com as instituições de serviços que funcionam 24 horas por dia nos sete dias da semana, e o sono, bem como o tempo destinado ao lazer, passam a ser vistos como desperdício de tempo e falta de produtividade.

O tempo 24/7 é um tempo de indiferença, ao qual a fragilidade da vida humana é cada vez mais inadequada, e onde o sono não é necessário nem inevitável. Em relação ao trabalho, torna plausível, até normal, a ideia do trabalho sem pausa, sem limites. É um tempo alinhado com as coisas inanimadas, inertes ou atemporais. Como slogan publicitário, institui a disponibilidade absoluta – e, portanto, um estado de necessidades ininterruptas, sempre encorajadas e nunca aplacadas (CRARY, 2016, p. 13).

Dessa forma, a indústria, os serviços desempenhados e as próprias leis que regem o mercado, são pautadas pela adesão de uma mão de obra, que mesmo sendo fruto de exploração, se apresenta sempre de forma positiva e com disponibilidade suficiente para garantir que essa dinâmica se perpetue, além disso, também precisa ser uma mão de obra que, sempre irá escolher privar-se de tudo aquilo que possa comprometer a funcionalidade da sua produção, bem como dos serviços prestados, de modo que o lucro prossiga garantindo ao mercado a circulação do capital.

Somadas a essa dinâmica, se encontram as infindáveis mudanças na área tecnológica, que exigem do indivíduo o domínio de diversos equipamentos a fim de atender aos interesses do mercado. Estas transformações contribuem para que a disseminação de concepções neoliberais como a competitividade e o empreendedorismo, ligados ao ideal meritocrático, se consolidem de modo natural na sociedade e encontre adesão da população, sobretudo a classe trabalhadora, pois dessa maneira se torna viável a justificativa de sua exclusão do mercado de trabalho. E, conseqüentemente, as leis trabalhistas podem também ser revistas e em certa medida violadas, atribuindo a culpa exclusivamente ao trabalhador explorado pela sua “falta de força de vontade”. Em razão do domínio dos meios de comunicação, se torna mais viável que o Sistema, aliado da disseminação do excesso de informação, reconfigure as relações sociais, trabalhistas e de produção, apostando em uma dinâmica de super produtividade e positividade frente a esse cenário. (HAN, 2015; LAROSSA, 2002).

O capitalismo sob o viés neoliberal e a ótica da globalização, utiliza os avanços tecnológicos para apostar na ideia de que “o planeta é repensado como um local de trabalho ininterrupto ou um shopping center de escolhas, tarefas, seleções e digressões infinitas, aberto o tempo todo.” (CRARY, 2016, p. 18), e, portanto, a discursividade sobre a meritocracia se consolida e se torna legitimada, uma vez que os sujeitos estão cobertos pelo emaranhado de informações que consome diariamente. A necessidade do cumprimento de metas e a agilidade para desempenhar tarefas, são critérios estabelecidos para que o trabalhador seja considerado

um funcionário de destaque ou um empresário de sucesso, logo explica a necessidade de defesa de uma competitividade atrelada à produtividade. Para tanto, em sua vivência profissional estarão embutidas as otimizações do tempo que o trabalhador precisará administrar, posto que a utilidade agregada às ações do trabalhador, poderão, em tese, lhe servir como um trampolim para melhorar a posição social em que se insere, bem como seu currículo.

Frente a este cenário, em que os interesses neoliberais cooptaram as redes sociais digitais a fim de naturalizar a produtividade, seguindo uma lógica exaustiva e defensora da meritocracia, os sujeitos se veem imersos em uma rede de conexões que comportam suas avaliações, coexistindo com outras posições avaliativas, evidenciando contradições e enfrentamentos entre diferentes grupos socioideológicos. (BAKHTIN, 2015[1963]). Essa discussão se estendeu para as práticas discursivas dos usuários no *Twitter*, que incluíram na dinâmica das interações online, a temática meritocracia de forma significativa, permeadas por tanto por vozes que reforçam as vozes hegemônicas, quanto as vozes que se posicionam contra-hegemonicamente, de modo que as forças centrípetas e centrífugas (BAKHTIN 2018 [1975]) surgem e mobilizam os embates discursivos e ideológicos.

Para Bakhtin (2016 [1952-1953]) tudo o que é expresso por um falante não pertence apenas a ele, visto que todo discurso é também composto por diferentes vozes que tanto podem estar distantes, em um caráter anônimo e impessoal, quanto vozes que estão próximas, uma vez que podem ecoar simultaneamente no ato da fala. (BAKHTIN, 2016 [1952-1953], p. 52). Seguindo essa lógica, Bakhtin ainda ressalta que nenhum sujeito é constituído como uma consciência monológica, posto que o centro organizador da consciência é situado no exterior, através das relações que estabelece com outros sujeitos nas práticas de interação social, e nesse sentido, carrega consigo ideologias e valorações advindas dessas relações. Dessa forma, ao conceber a língua(gem) como interação verbal Bakhtin postula que esta não deve ser tomada de forma isolada e separada da situação social em que se inscreve, mas pensada sempre a partir de seu contexto discursivo, posto que é por meio da arena discursiva que é delineado o embate dialógico, tendo em vista que os sujeitos, por meio dos horizontes apreciativos que possuem, bem como suas visões de mundo e ideologias, tem condições de refratar o outro e os acontecimentos, em razão de tudo o que lhes é apresentado ser valorado de acordo com um determinado ponto de vista. O ponto de vista, segundo o Círculo, é sempre ideológico e posicionado, posto que o sujeito sempre enuncia a partir de um lugar no mundo, e nesse sentido, refrata os fatos da relação dialógica que constrói entre a sua palavra e a do outro. (BAKHTIN, 2015 [1979]).

Segundo Volóchinov (2013 [1930]), a língua(gem) corresponde a um produto da vida social, não apenas no campo dos sentidos produzidos, como também nas formas gramaticais. O autor também destaca que é por meio dela que são criados os sistemas ideológicos, a ciência, a arte, e a consciência de cada homem, de modo que a vida interior do homem dependerá dos meios que servem de subsídio para que ele a expresse. (VOLÓCHINOV, 2013 [1930]). Nesse bojo, o *Twitter* se configura como uma ferramenta que possibilita a existência da arena de vozes que marcam o uso da língua(gem) enquanto um ato político, ideológico e social, acentuando os conflitos relacionados às relações de poder e resistência que se consolidam frente às investidas do neoliberalismo dentro da formação social capitalista, que toma o sujeito como mercadoria e sinônimo de produção na contemporaneidade.

A partir das discussões empreendidas nesta seção acerca do contexto social no qual os enunciados que tematizam o signo meritocracia se inscrevem, destacamos nosso entendimento de que a legitimação do discurso sobre a Meritocracia se fortalece por meio dos múltiplos embates de forças existentes no *Twitter*, as quais de um lado, impulsionam o desejo de consolidação das vozes sociais que atuam na defesa do discurso dominante, e em contrapartida, também evidencia as vozes contra-hegemônicas, que atuam em um movimento de combate em relação ao primeiro grupo. Esse movimento gera tensão entre a relação que se estabelece entre essas duas forças. Assim, entendemos que nesse cronotopo são refletidos e refratados ideologicamente e valorativamente tanto as instituições quanto os grupos sociais que atuam discursivamente nos espaços virtuais, mobilizando, dessa forma, as experiências da sociedade por meio da língua(gem).

Posto que a geração dos dados de análise ocorre a partir da delimitação de um determinado período temporal, cabe, antes de aprofundarmos a análise dos dados, na próxima subseção realizarmos uma breve contextualização do período no qual os dados se situam cronotopicamente.

6.1.2 O cronotopo que situa os dados da pesquisa

O recorte temporal realizado para o levantamento dos dados da pesquisa não é situado de forma isolada, mas amparado a um contexto maior e anterior a ele, contexto esse que se faz relevante a compreensão, a fim de que possamos também compreender a forma como o signo meritocracia passou a ser discursivizado, tematizado e valorado mediante a situação social em que se inscreve no grande cronotopo *Twitter*. Dessa forma, antes de situar o recorte dos dados,

compreendidos entre o período de 2018 a 2022, é preciso situar-se, mesmo que de forma breve, tanto historicamente quanto politicamente no período que antecede ao cronotopo em análise.

Inicialmente, é necessário destacar que os dados da pesquisa são originados a partir de um contexto social que, disfarçado de uma crise política, mobilizou o golpe contra a democracia brasileira no ano de 2016, por meio do processo de *impeachment* da então presidenta Dilma Rousseff (PT). Esse cenário foi mobilizado a partir da disseminação da necessidade de realizar a ruptura com um passado, marcado historicamente pelos governos petistas, a fim de reforçar e naturalizar uma concepção de governo, alinhada aos interesses das classes dominantes, que utilizou como pano de fundo a ilusória ideia de seguir rumo ao desenvolvimento do país. Munidos de um sentimento “anti-Dilma” produções discursivas ligadas ao centro-direita, se fortaleceram, desencadeando movimentações com os “panelaços”³⁵ e a tomada das ruas de diversos bairros de classe média e média alta no país. A popularização de postagens nas redes sociais com pautas conservadoras e antipetistas foram recorrentes, e as manifestações mobilizadas durante esse período, deixaram de acontecer nos centros históricos das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, como de costume, para se realocar para bairros de classe média alta, o que não se apresenta como um simples detalhe, mas com a intencionalidade de espelharo público esperado nesses manifestações, de modo que se tornou visível a quem as convocações eram direcionadas. (PINTO, 2019, p. 47), a elite, branca e hetenormativa.

A partir dessa trajetória, as grandes manifestações, *pró-impeachment* passaram a ser lideradas por sujeitos residentes de bairros nobres, de classe média alta e antipetistas, que, munidos de um discurso altamente persuasivo, que associava o partido ao Comunismo e se opunha aos programas sociais do governo, como por exemplo o Bolsa Família³⁶, se mobilizaram por meio das redes sociais digitais, e tomaram a cena dos movimentos que foram construídos discursivamente até então, ou seja, os movimentos que historicamente estiveram pautados na luta por direitos, por melhores condições de trabalho e salários, desde o período de redemocratização do país. (PINTO, 2019). Consequentemente, o viés neoliberal tomou proporção suficiente para ajudar a consolidar o processo de *impeachment*, e, posteriormente, naturalizar a restrição da agenda de proteção social, desenvolvida ao longo do governo de Michel Temer. Contudo, a fim de que fosse validada e encontrasse respaldo da sociedade civil,

³⁵ Panelaço é uma forma de protesto em que são utilizadas panelas, frigideiras e outros utensílios de cozinha com o intuito de chamar a atenção.

³⁶ O programa Bolsa Família corresponde a um programa de transferência de renda do Governo Federal instituído no Governo Lula a partir de 2003, destinado a famílias mais vulneráveis.

esteve fantasiada com discursos de superação e força de vontade, venderam a farsa de que as demandas sociais não cabiam mais no orçamento do país. (FAGNANI, 2016).

O fortalecimento do discurso neoliberal no Brasil foi amparado pela revolta da classe média que se visualizava afetada pela falta de emprego e se sentia ameaçada pelo crescimento das camadas mais populares da sociedade, que em geral, contavam com os programas de apoio financeiro do governo. Nesse cenário ganha força a defesa da ideologia neoliberal, se materializando através da restrição dos direitos civis e políticos dos setores da sociedade que são mais vulneráveis, além de viabilizar o desmonte dos mecanismos de proteção dos direitos humanos e a redução da atuação do Estado nas áreas sociais. (FAGNANI, 2016). Nesse sentido, foi um período marcado pela desvalorização do salário mínimo, ampliação da idade mínima para aposentadoria e no ajuste fiscal realizado que se baseou em cortes orçamentários nos âmbitos de assistência social, educação e saúde. Essas medidas afetaram de modo significativo os segmentos sociais mais desamparados além de também ampliarem a potência das pautas conservadoras, centradas em modelos únicos de constituição familiar e dos discursos baseados na competitividade e naturalização da desigualdade social.

Dessa forma, destaca-se que o período no qual os enunciados em análise se inscrevem, surge dos resquícios deixados e mobilizados por esse contexto sócio-histórico explanado, de modo que inicia-se por meio de uma realidade marcada por inúmeras tensões sociais que viabilizaram a crescente produção discursiva que tende a naturalizar e consolidar o discurso da meritocracia, através de uma retórica que trabalhou incansavelmente na tentativa de transformar a corrente socialista, e as pautas sobre justiça social, como inimigas do Estado, enquanto o trabalhador explorado é tomado como um exemplo de superação e merecimento mediante seus esforços, mesmo que seus direitos sejam violados. O Estado, por sua vez, garante que o regime excludente e desigual, que trabalha na manutenção dos privilégios de uns, e negação dos direitos de outros, se mantenha firme e não altere o fluxo “natural” das coisas. (SOUZA, 2018; 2019; FAGNANI, 2016).

Seguindo a linha do tempo, traçada brevemente a fim de contextualizar a origem dos dados da pesquisa, destaca-se que os frutos do que foi cultivado através das primeiras manifestações que ocorreram nos anos de 2013 e 2015³⁷, foram colhidos no ano de 2018, posto que esse foi o ano da corrida para a disputa presidencial. Esse período foi fortemente marcado pelo viés conservador semeado pré e pós golpe de 2016, tomando grande proporção o totalitarismo, em que incentivo ao ódio ao diferente foi recorrente. (CHAUI, 2020). Com o

³⁷ ver Pinto, (2019).

intuito de realizarem uma *limpeza ideológica*, social e política, um dos candidatos ao segundo turno das eleições presidenciais, e seus apoiadores, intensificaram o que Chauí (2020) compreende como “uma teoria da conspiração comunista, que seria liderada por intelectuais e artistas de esquerda.” (CHAUÍ. 2020, p. 324), transformando ódios sociais em discursos de poder. Segundo a autora, a semântica do signo “comunismo”, no referido período, passou a ser empregada sem assumir um sentido preciso, mas de modo geral, indicava todo pensamento e ação que questiona o *status quo*, e, conseqüentemente, a servia de justificativa para práticas de extermínio. (CHAUÍ. 2020).

Chauí (2020), destaca que uma das consequências delineadas pelo totalitarismo, perpassa ideologicamente o estímulo ao ódio sobre a figura dos mais vulneráveis, sendo eles em sua maioria imigrantes, refugiados, membros da comunidade LGBTQIAP+², negros, pobres, mulheres, dentre outros, e esse encorajamento ideológico acaba por justificar práticas voltadas ao extermínio. Em razão disso, há vozes sociais no solo online que o grande cronotopo *Twitter* oferece, que sustentam uma narrativa permeada de um discurso que tende a se tornar hegemônico, apresentando como pauta a propagação da defesa da meritocracia como um critério justo de organização social, e dessa forma, tem condições de perpetuar as relações de dominação social e econômica. Chauí (2008) discorre que no contexto brasileiro, pensar no neoliberalismo, dorso central da defesa do discurso meritocrático, implica elevar a polarização entre o privilégio e a desigualdade, promover a exclusão sócio-política das camadas populares, propagar e legitimar os índices de desemprego, e, em contrapartida, aumentar o espaço privado que tende a promover o encolhimento do Estado, visando a privatização para justificar uma política amparada no autoritarismo social ao bloqueio à democracia.

Os resquícios da gestão de Michel Temer uniram-se ao governo Bolsonaro, o qual viabilizou o pleno desenvolvimento de uma sociedade empobrecida, com altos níveis de desemprego e violência. De acordo com Souza (2019), a elite econômica e a classe média, que monopolizaram o capital econômico e cultural mais valorizado, se utilizam das camadas dos setores mais marginalizados para receberem prestação de serviços. Esses trabalhadores, pela própria fragilidade e vulnerabilidade que possuem, apresentam forte necessidade de identificação, e, portanto, se identificam com o opressor a ponto de tornar os objetivos do patrão os seus próprios objetivos. Em razão disso, do ponto de vista eleitoral, a eleição de Jair Bolsonaro se desenhou e se consolidou, tanto por meio da elite colonizadora e a influência que possui na imprensa, quanto pela parcela da população que corresponde ao trabalhador explorado, o qual é oriundo de uma configuração de sociedade que tende a verticalizar o sistema, e se consolidar de forma hierárquica, rumando ao autoritarismo e naturalizando a

² Sigla que procura abranger pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual, Pansexual.

violência e o descaso do Estado com os mais vulneráveis. Essa narrativa, de acordo com Souza (2019), corresponde a uma forma de a elite brasileira conseguir legitimar a manipulação da sociedade e fazer com que o Estado trabalhe de acordo com seus próprios interesses.

Mediante esse cenário a crescente sobre a meritocracia tomou proporção significativa, sobretudo nos espaços virtuais, uma vez que no período em que os dados da pesquisa se inscrevem, foi fortemente marcado por transformações sociais, principalmente no que diz respeito ao desemprego estrutural e ao abandono por parte do estado às camadas populares da sociedade. Por meio das manifestações realizadas desde 2013, arquitetadas pelas elites econômicas, a classe média consolidou seu objetivo de interromper o projeto de ascensão social das classes excluídas, garantindo que estas, assim como no período escravocrata, continuassem sendo exploradas, vítimas de inúmeras violências e desprezo, e, acima de tudo, os fazendo acreditar que a culpa pelo fracasso é sua, posto que a produção e manutenção dos privilégios da elite lhes parece algo natural e inato. (SOUZA, 2018; 2019).

Não obstante, somado a todo cenário explanado anteriormente a respeito do contexto em que os dados são situados e respondem axiologicamente, também integra essa conjuntura os enfrentamentos da crise sanitária do coronavírus, que causa COVID-19³⁸, a qual desconfigurou a dinâmica da vida social. Tal fato afetou de diversas formas toda a população, no entanto alguns sujeitos sentiram de forma muito mais marcante os reflexos desse cenário, posto que enquanto alguns sujeitos tiveram o privilégio de poder experimentar o confinamento em suas residências, pela possibilidade de trabalhar na modalidade não presencial, e garantir a própria segurança por meio das telas de computadores e celulares, outros sujeitos necessitaram-se expor ao risco de contaminação, uma vez que era necessário realizar o deslocamento até o local de trabalho. Essa crise sanitária, não afetou apenas o âmbito da saúde, mas, sobretudo, o setor econômico numa escala global, contribuindo de forma significativa para o aumento e consolidação da desigualdade social, camuflada por meio de discursos de “força de vontade” enaturalização das inúmeras violências que os setores mais marginalizados sofrem cotidianamente. No âmbito educacional, em razão da necessidade do fechamento das escolas, visando a diminuição dos riscos de contaminação, graves impactos na trajetória escolar de inúmeros estudantes foram gerados, sobretudo aos estudantes pertencentes às classes sociais mais marginalizadas.

Em uma situação de precariedade e injustiça, inúmeras crianças e jovens não puderam desfrutar do direito de aprender, posto que, ao longo da pandemia, o ensino presencial deu lugar

³⁸ A **Covid-19** é uma infecção respiratória grave com alta transmissibilidade causada pelo coronavírus SARS-CoV-2.

ao ensino remoto e, no que diz respeito à possibilidade de acesso à internet, computadores, celulares e afins, constatou-se que nem todos os estudantes dispunham desses equipamentos e recursos com a mesma facilidade. Esse cenário propiciou um contexto de abandono escolar, principalmente por parte dos jovens, posto que em razão do abismo de desigualdade para o acesso à internet e recursos tecnológicos, esses estudantes vivenciaram grande déficit de conteúdos e conhecimentos necessários para seguir sua trajetória escolar. Em outros casos, a evasão se deu em razão de dois motivos, o primeiro deles está relacionado aos níveis de desemprego dos responsáveis pelo sustento familiar, e o segundo em razão do óbito de pais, mães e avós, responsáveis até então pelas despesas familiares, tal circunstância demandou que os jovens também ingressassem no mercado de trabalho com o intuito de minimizar as consequências que a pandemia gerou.

Os dados originados nessa pesquisa, se ancoram em um cronotopo marcado pelo negacionismo do Estado frente às demandas sociais, dessa forma as condições de produção, circulação e recepção dos enunciados, mobilizam sentidos que só conseguem ser alcançados mediante a compreensão do contexto sócio-histórico no qual ele se insere, pois cada produção enunciativa, dentro do *gênero discursivo* mobilizado, responde aos fatores sociais. Dessa forma, destaca-se que o *tweet* que segue, responde ao contexto sócio-histórico em que o Governo Federal, desenvolveu no cenário pandêmico, uma propaganda referente ao ENEM do ano de 2020, utilizando como nicho que “*a vida não pode parar*”, desconsiderando a realidade social de inúmeros jovens pobres e periféricos que foram fortemente afetados por tal contexto. Essa propaganda rendeu inúmeras respostas na internet, conforme observa-se no enunciado que segue, *tweet (TT6)*, em que o autor da publicação confronta o horizonte apreciativo dominante (a propaganda do Enem), e promove um deslocamento de sentidos, trazendo à tona uma voz contra-hegemônica calcada em sua posição axiológica. Dito isso, nos voltamos ao exemplo abaixo:

Ex. 5: “*ESTUDE! DE ONDE ESTIVER, COMO PUDER... mesmo que seja no meio de um tiroteio no complexo do alemão. Seu futuro só depende de você, VIVA A MERITOCRACIA! ESTE TWEET CONTÉM IRONIA.*” (TT6).

A publicação é constituída a partir da reenunciação do discurso de outrem, para tanto o autor faz uso de uma paráfrase, utilizando caixa alta para destacar a voz do *outro*, e permitir que seu leitor tenha condições de relacionar o *tweet* com a propaganda do Enem veiculada no ano de 2020, para, na sequência, problematizar o acontecimento ao qual sua publicação faz

menção, tiroteio no Complexo do Alemão. Em seguida, em tom de ironia faz alusão ao ideal meritocrático. Outro fator relevante na construção do enunciado, relacionado à ideologia, é a entoação, posto que o autor sinaliza em outro *tweet* a presença da ironia em sua publicação inicial, com o intuito de contextualizar o leitor, acerca do posicionamento ideológico que possui frente aos acontecimentos. A partir desta postagem, outros internautas também se posicionaram acerca da(s) temática(s) explorada(s) pelo autor, envolvendo o signo meritocracia:

Ex. 6: “mimimi” (Resposta ao TT6)

Ex. 7: *“Estude! Mesmo passando fome, morrendo por covid, sem meios p estudar. Não tá acontecendo nada no país ou no mundo. É tudo coisa de comunista. ... patético ter q olhar p comercial do Enem. #AdiaEnem20” (Resposta ao TT6)*

Posto que o cenário reforçado pelo Governo, na propaganda veiculada, consiste na reprodução dos ideais neoliberais, pautados no discurso de esforço pessoal e da competitividade, este promove distintas reverberações sociais e desdobramentos, os quais compõem o cronotopo do solo social da vida na contemporaneidade, de modo que conforme Volóchinov (2013 [1930]) aponta, classes diferentes têm também pontos de vistas diferentes, por isso os enunciados de respostas correspondem ao que Ponzio (2008) compreende como “compreensão responsiva”. Para o autor, o estudo do signo não possui como pano de fundo mera identificação, tendo em vista que estabelece relação dialógica com a tomada de posição assumida pelos sujeitos presentes na situação de interação, e, a partir da compreensão que possuem do signo em pauta, de forma responsiva permitem que o signo revele seu caráter ideológico. Dessa forma, no que diz respeito aos enunciados de resposta, frente a colocação da publicação inicial, o uso do termo “meritocracia” tanto para o primeiro quanto o segundo internauta, possui compreensões distintas, o primeiro internauta banaliza tal temática, em razão de utilizar a expressão “mimimi”, enquanto o outro está com consonância com o posicionamento do autor da postagem. As duas percepções acerca do signo “meritocracia”, enquanto signo ideológico, no uso da língua viva e real, materializam contextos sociais distintos, e, conseqüentemente, valorações também distintas, tendo em vista que o segundo enunciado de resposta apresenta o tom apreciativo avaliativo que possui referente a propaganda do Enem 2020 quando destaca: *“patético ter q olhar p comercial do Enem.”*. Dessa forma, evidenciam que o signo “meritocracia” é pensado do ponto de vista ideológico e está relacionado a cada sujeito, enquanto produtor de enunciados, pois os reflexos ideológicos que cada um carrega consigo são sempre sociais e contextualizados em um plano maior.

Estar a par do contexto social, histórico e político que perpassa e constitui a construção de sentido dos enunciados em análise, se faz relevante uma vez que o cronotopo assumido, na presente pesquisa, corresponde a um cronotopo marcado pela interatividade, a utilização de dispositivos eletrônicos, e a velocidade de informação que a contemporaneidade apresenta, assim como também é marcada por um contexto histórico de profundas transformações sociais, de modo que o contexto social em que os dados se inscrevem, marcam o início e o fim de um período no país em que o Estado rompeu seu compromisso com a agenda de justiça social e a desigualdade cruelmente se fortaleceu. A cadeia responsiva que se constrói a partir dos enunciados em análise, corrobora com a nossa concepção em relação às características típicas desse espaço-tempo, que permitem aos sujeitos construir relações em que se torna possível assumirem diferentes posicionamentos na arena discursiva do *Twitter*, onde há presença de embates dialógicos que se consolidam em diferentes configurações. Dessa forma, uma vez que foram realizadas as considerações acerca dos aspectos políticos, sociais e históricos que permitem ao sujeito legitimar o discurso sobre a meritocracia no grande cronotopo *Twitter*, seguimos para a próxima seção deste capítulo de análise dos enunciados, em que tratamos da situação de interação discursiva presente na rede social digital, *Twitter*.

6.2 A situação de interação: entre a autoria e a interlocução por meio de tweets

Posto que na seção anterior foi realizada a discussão acerca da concepção de cronotopo, bem como também foi contextualizado o cronotopo em que os dados de análise se situam, nesta seção, será explanado a respeito da situação social na qual os *tweets* em análise se inscrevem, atentando para o seu lugar de ancoragem e sua periodicidade articulada à situação social, com vistas para os lugares discursivos dos sujeitos que participam da interação. Também serão reenunciadas discussões acerca da autoria e interlocução, pois partindo do entendimento do Círculo, a palavra é um ato bilateral (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), assim como demanda a existência de uma posição autoral, também precisa de um endereçamento, um interlocutor que pode ser posto ou pressuposto. Esse movimento se faz relevante uma vez que nos leva a compreender como os lugares discursivos de cada sujeito, refletidos e refratados na situação social, atuam nos enunciados e se relacionam ao contexto de produção, circulação e recepção dos enunciados em tela.

A teoria de Bakhtin e do Círculo é calcada na premissa de que todos os campos da vida são construídos por meio da língua(gem), a qual também integra os atos de criação ideológica

que se materializam por meio de enunciados concretos, estes, por sua vez, sempre se constituem repletos de palavras alheias, as quais também indicam que cada sujeito, que faz parte da situação de interação, está situado em um determinado tempo e espaço, e, além disso, direciona cada produção discursiva que realiza para alguém, também situado em um determinado tempo e espaço. Para Bakhtin (2011 [1979]) “cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera da comunicação discursiva” (BAKHTIN, 2003[1979, p. 297]), isso implica que cada enunciado corresponde a uma resposta a outros enunciados pertencentes a determinadas esferas da comunicação discursiva. Sendo assim, uma vez que a presente pesquisa realiza a análise dialógica do discurso de enunciados presentes no *Twitter*, e cada enunciado faz parte de um determinado tempo e espaço, a presente seção corresponde ao olhar para o contexto de interação social no qual esses enunciados se inscrevem. Portanto, são mobilizadas discussões acerca dos lugares discursivos dos enunciados em análise, bem como também são apresentadas as posições discursivas dos sujeitos que fazem parte da prática de interação que os compreende, justamente por partirmos do entendimento que as práticas de interação social sempre pressupõem a presença de sujeitos que, mediante a realidade da qual fazem parte, irão se posicionar e assumir diferentes valorações acerca dos signos que os rodeiam. Nesse sentido, considerar o lugar em que o sujeito está situado para enunciar é importante uma vez que revela o mundo que o rodeia e, além disso, permite também observar as valorações que constroem e são construídas por esse determinado mundo, através da língua(gem).

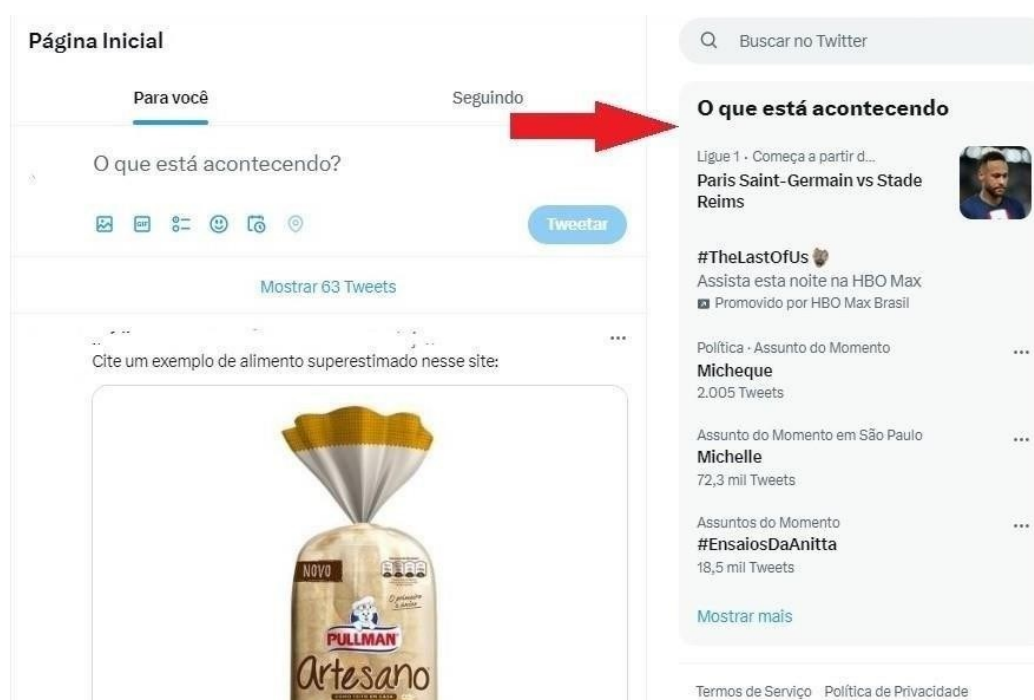
Conforme discutido na seção anterior, acerca do cronotopo que legitima o discurso da meritocracia, atentando para os aspectos sociais, políticos, culturais, etc, destaca-se que os enunciados em análise fazem parte de um *gênero discursivo*, o *tweet*, que surgiu justamente respondendo às demandas da modernidade, marcada pela velocidade de informação e sua facilidade de acesso, portanto é um gênero que apresenta como lugar de ancoragem o *Twitter*. De um modo geral, a dinâmica seguida pelas redes sociais aponta para um movimento incessante no fluxo das informações, mediadas a partir das interações que ocorrem de forma simultânea em cada plataforma. No caso do *Twitter*, este é atrelado a rapidez com que as postagens são realizadas somada à objetividade que cada uma carrega consigo, considerando que cada *tweet* permite textos enunciados com até 280 caracteres.

A criação de uma conta no *Twitter* demanda o cadastro na página inicial da plataforma por meio de um e-mail de identificação e de uma senha para cada indivíduo. Em seguida, o internauta deverá informar o nome de usuário e a imagem que deseja, a fim de criar o seu perfil e de identificá-lo. As configurações de perfil oferecem ao usuário a possibilidade de criar uma

descrição pessoal, a qual é conhecida popularmente como “bio”. Pelo fato de uma das características da plataforma ser as redes de conexões entre os internautas, no *Twitter*, essas conexões são realizadas pelos seguidores de um determinado perfil, ou seja, os *followers*, e as pessoas que o perfil segue, ou seja, os *following*. Dessa forma, as relações estabelecidas são unidirecionais, posto que, um perfil pode seguir outro, mas não ser essa uma conexão recíproca. Em geral, por padrão do *Twitter*, as contas criadas são públicas, no entanto, há opção de torná-la privada, ou seja, para que um perfil possa seguir o outro, vai exigir a aprovação do usuário que é proprietário da conta, assim como os *tweets* e as menções neles, serão visualizadas exclusivamente pelos seguidores que foram aprovados.

Ao acessar a rede social, de imediato o internauta é convidado a descobrir o “o que está acontecendo” naquele momento, por meio de algoritmos personalizados, de acordo com os interesses em potencial do internauta, e sua rede de seguidores. Essa lista é localizada no canto esquerdo da tela. Conforme imagem a seguir:

Figura: 15



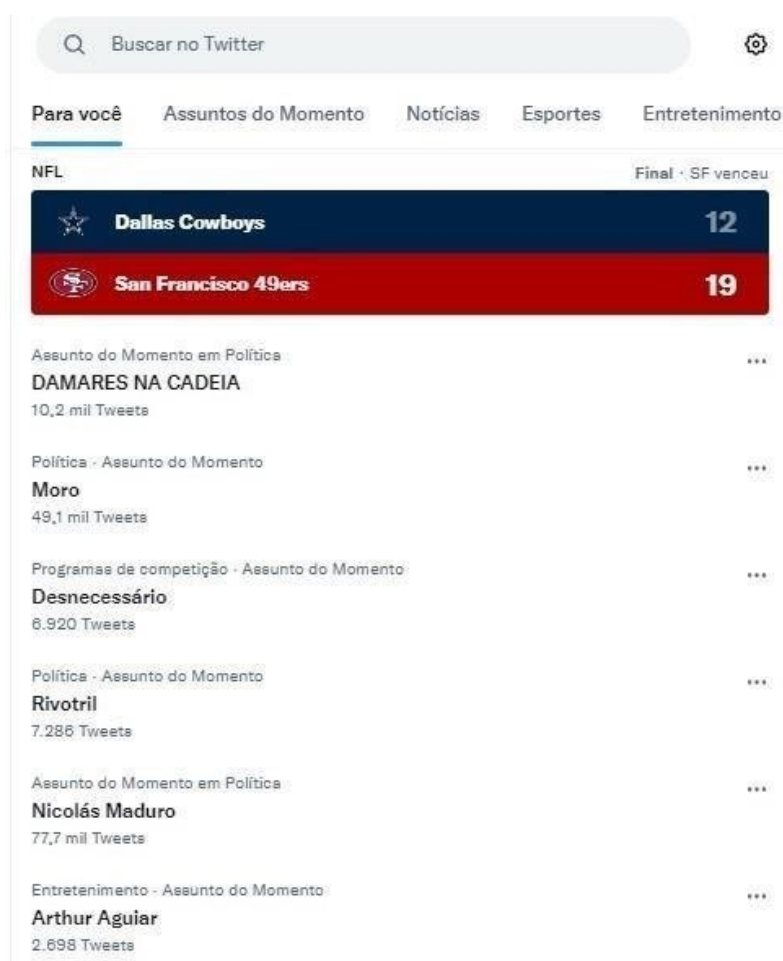
Fonte: <https://twitter.com/home>.

As publicações podem ser sugeridas ao internauta através do *Trending Topics*, o qual apresenta ao internauta uma lista em tempo real contendo as informações mais relevantes e os assuntos mais comentados naquele momento, determinado por algoritmos, e, portanto, podendo sofrer variações ao longo do dia. Esse recurso não ocorre da mesma forma para todos os usuários. Por padrão, a plataforma apresenta ao internauta assuntos que estão relacionados à

sua localização, bem como aos perfis que segue. Contudo, é possível escolher uma localização específica que se quer ter informações, de modo que se torna possível receber publicações com base nessa localização e na rede de seguidores e interesses de cada um. Esse recurso é dividido em categorias: Para Você; Assuntos do Momento; Notícias; Esportes; Entretenimento. A partir dessas categorias o internauta pode acessar os assuntos de seu interesse, debatidos naquele momento, ou, através do mecanismo de busca, a partir de uma palavra-chave, procurar publicações que envolvam outros assuntos.

Entendemos a partir dessa dinâmica que há a intencionalidade, por parte da plataforma, que o internauta assuma um dos “tópicos”, ou mais de um, como um direcionamento que lhe oferece subsídio para que, na sequência, enuncie a respeito, e seja responsivo a outros enunciados. A seguir, apresentamos o exemplo de funcionamento da ferramenta *Trending Topics*:

Figura: 16

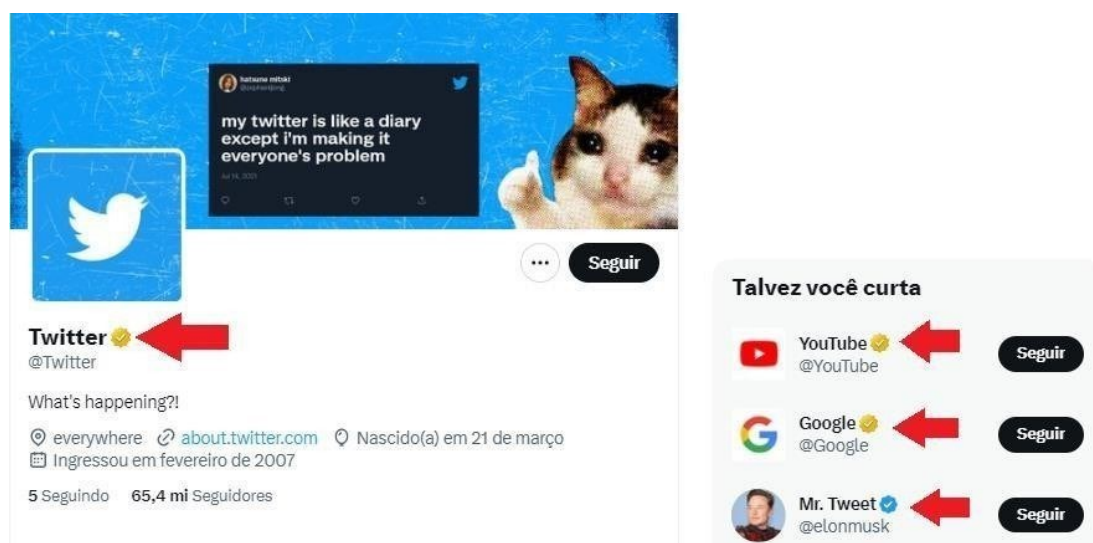


Fonte: <https://twitter.com/explore/tabs/for-you>.

Assim, o *Twitter* interage com o internauta, à medida que familiariza o sujeito dos assuntos em palco, para que ele se sinta apto para comentar e replicar informações posteriormente, de modo que contribui com a demanda que alimenta a plataforma. A partir das colocações explanadas anteriormente, é possível compreender que a publicação dos *tweets* apresenta grande periodicidade, sofrendo variações constantemente, pois dialogam com as demandas apresentadas tanto pelo público que integra a plataforma, quanto pelos fatos que acontecem dentro e fora das redes sociais, e que de qualquer jeito refletem nesse espaço sócio-discursivo.

Quanto ao autor e interlocutor previsto no uso do gênero *tweet*, estes constituem-se pelos usuários da rede social *Twitter*, composta por um o público mutável, em razão da própria mutabilidade da Internet. Assim como o perfil dos autores dos *tweets* em análise, não pode ser facilmente traçado, uma vez que grande parte dos enunciados em tela utiliza apelidos e imagens de perfil que não permite identificar a quem corresponde. No entanto, há determinados perfis que são considerados “verificados”, o que indica que corresponde a um perfil é autêntico, dessa forma, sua conta é validada como uma conta oficial de uma pessoa ou de uma marca específica, e à ela é conferida credibilidade. Para tanto, é atribuído um selo de verificação. Conforme observa-se na sequência

Figura: 17

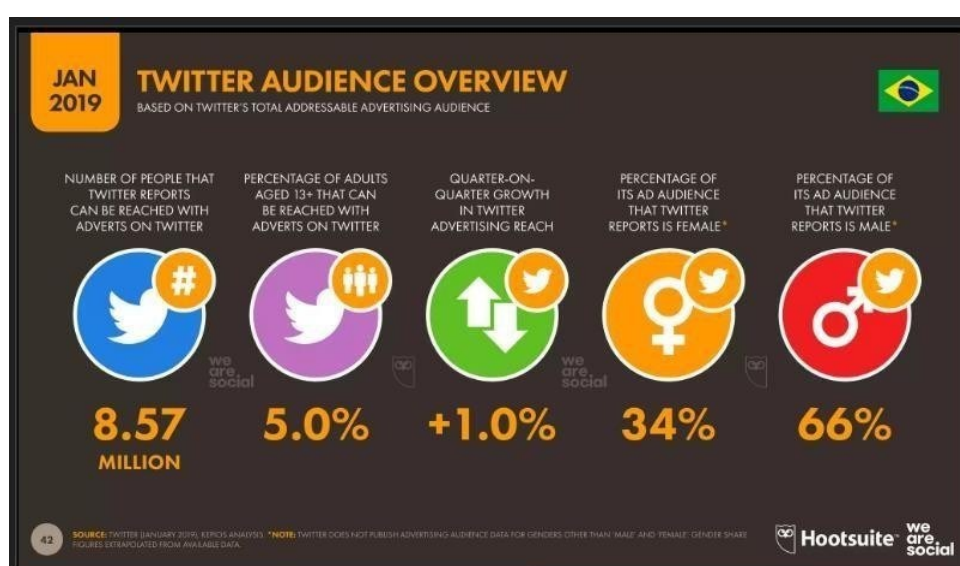


Fonte: <https://twitter.com/Twitter>

Esse selo não é restrito apenas ao *Twitter*, mas às outras redes sociais, como por exemplo o Instagram. Atualmente as contas que podem receber o selo de “verificada” no

Twitter são perfis do governo, grandes empresas, Organizações de notícias, jornalistas, ativistas e outros indivíduos influentes, como por exemplo, figuras públicas. Conforme mencionado anteriormente, dada a dinâmica e configuração do *Twitter*, a identificação das figuras de autoria em nossos dados se torna difícil de ser identificada. Contudo, de modo geral, com base no levantamento realizado no ano de 2019 pelo Hootsuite e We Are Social³⁹, destaca-se que cada rede social apresenta um perfil de gênero predominante, no caso do *Twitter*, o público consiste em cerca de 66% do público masculino e 34% do público feminino, conforme imagem a seguir:

Figura: 18



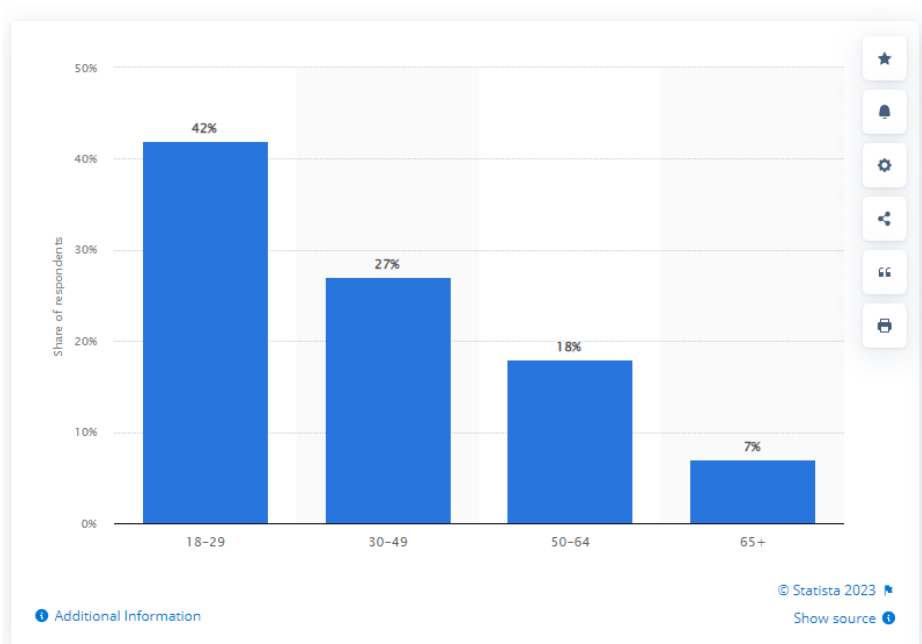
Fonte: Hootsuite e We Are Social.

Além disso, de acordo com a Statista⁴⁰, cerca de 38% dos usuários do Twitter têm entre 18 e 29 anos, enquanto 26% têm entre 30 e 49 anos, conforme gráfico a seguir:

Figura: 19

³⁹ <https://datareportal.com/reports/digital-2019-brazil>. Acesso em: 17/01/23

⁴⁰ <https://www.statista.com/statistics/265647/share-of-us-internet-users-who-use-twitter-by-age-group/>. Acesso em: 17/01/23



Fonte: <https://www.statista.com/>

O interesse do público em exercer participação ativa no *Twitter*, consagrou essa rede social como um dos espaços “oficiais” em que figuras públicas realizam pronunciamentos, e a sociedade civil pode se posicionar e responder a enunciados outros. Dessa forma, o interlocutor previsto que faz uso do gênero *tweet*, corresponde ao internauta que utiliza a plataforma e está, ou deseja estar, a par dos principais acontecimentos. Esses sujeitos publicam periodicamente, e se envolvem em discussões distintas, a partir de assuntos de seu interesse, mobilizados por *tweets* que podem representar o problema pessoal ou situação social na qual o interlocutor faz parte ou a partir de uma temática que ele se identifique. Com isso, compreende-se que o interesse em *tweetar*, *retweetar*, curtir, compartilhar informações no *Twitter*, apresenta internautas que têm interesse em saber sobre os problemas sociais, e desejam comentar a respeito a partir da sua percepção, e do lugar axiológico em que se inscrevem. (BAKHTIN, 2011[1979]). Em outras palavras, é um internauta que não deseja apenas se manter informado ou “bater papo”, mas, sobretudo, posicionar-se politicamente.

Mesmo sendo múltiplas as vozes sociais encontradas no *Twitter*, essas vozes ecoam em diferentes práticas de interação social, ou seja, mesmo que cada sujeito esteja associado a um determinado grupo, trazendo consigo as marcas culturais, históricas e ideológicas, cada sujeito consiste em um conjunto de valorações, que ora compõem visões de mundo convergentes, ora divergentes, o que faz com que uma determinada voz social e seu posicionamento se apresente como característica de um grupo específico e não de outro.

Partindo das reflexões mobilizadas acerca da situação de interação dos *tweets*, gerados a partir do acesso ao site de rede social digital *Twitter*, destaca-se que o *Twitter* corresponde ao lugar em que os *tweets* se ancoram, e que permite a concretização e a composição de uma situação de interação na qual diferentes sujeitos poderão fazer parte. Todas as escolhas enunciativas realizadas pelos sujeitos que fazem parte dessa arena discursiva (VOLÓCHINOV, 2013[1930]), não ocorrem de forma aleatória, mas atravessadas valorativamente de acordo com a posição que cada sujeito ocupa no mundo, uma vez que cada sujeito, que faz uso da plataforma, realiza escolhas constantemente, posto que decide se quer ou não curtir, compartilhar ou comentar sobre determinado acontecimento, dessa forma, todas as escolhas que realiza ao utilizar o *Twitter* e as temáticas debatidas e valoradas nesse espaço, refletem e refratam também os aspectos históricos, culturais, políticos e ideológicos de cada sujeito, por meio das relações que estabelece. Cada *tweet* se adapta às demandas sociais que o gênero lhe exige, de modo que tanto podem ser utilizadas como ferramentas que disseminam a manutenção da voz hegemônica, quanto também oferece palco para que as vozes voltadas à contra-hegemonia, num caráter dialógico também se apresentem.

Volóchinov (2017 [1929]), destaca que “o mundo interior e o pensamento de todo indivíduo possuem seu *auditório social* estável.” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 205), ou seja, quando um enunciado é proferido, mesmo na ausência de um interlocutor real, esse enunciado é direcionado a um indivíduo que pode representar um determinado grupo social. Para o autor, há “um certo *horizonte social* típico e estável para o qual se orienta a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos.” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 205). Em todos os enunciados em análise, é possível observar a demarcação de uma figura autoral, podendo estar vinculada a uma pessoa, um grupo ou a uma instituição, essa figura direciona sua produção enunciativa para outro internauta, que por sua vez também estará vinculado a um grupo ou a uma instituição. Com isso, destaca-se que assim como há um sujeito falante, que assina o enunciado, há também o *auditório social* para quem esse enunciado é voltado. Para o Círculo, quando a autoria e a interlocução são abstraídas do estudo da língua(gem), esse estudo se distancia da visão de língua enquanto discurso e se consolida a partir de uma concepção de língua enquanto sistema, o que não lhe confere um caráter vivo e que respeite a sua dinamicidade.

As características constitutivo-funcionais do enunciado, alternância de sujeitos do discurso, a conclusibilidade e a expressividade, são balizadas pela posição que o autor e o interlocutor apresentam na situação de interação. Para Bakhtin (2011 [1979]), todo enunciado apresenta um autor, ou seja, uma posição de autoria. As formas de autoria irão depender do

gênero do enunciado, ou seja, cada gênero apresenta uma concepção própria de autoria, assim como também apresentarão uma concepção própria de interlocutor. As posições ocupadas pelo falante serão responsáveis por também determinar o gênero, o estilo e o enunciado. Para o autor importa quem fala e para quem se fala, determinando, dessa forma, as formas de autoria. (BAKHTIN, 2011[1979]). As posições de autor e interlocutor, correspondem a posições discursivas, e não ao ser biológico em si, dessa forma, o estudo do enunciado, considerando o autor e o interlocutor, pressupõe sempre que estes são compreendidos como as posições discursivas que permitem ao enunciado que este se constitua e funcione. As especificidades das práticas de interação permitem que diversas formas de posições autorais ocorram. No que diz respeito a autoria do gênero *tweet*, observa-se que esta pode ser desempenhada por qualquer sujeito que enuncia por meio da plataforma, seja ele uma figura pública ou não, as posições autorais independem da posição hierárquica desse falante para se consolidarem, no entanto, podem apresentar maior ou menor repercussão, credibilidade ou alcance da publicação, a depender do sujeito (autor) que enuncia.

Assim, podemos entender que em relação aos sujeitos que realizam as publicações, ou que respondem a elas, destaca-se que há uma imprecisão na identificação de todas as autorias que se revelam nos *tweets* em análise, contudo, observa-se que nem sempre os sujeitos que enunciam são especialistas no assunto tematizado, mas sujeitos que enunciam a partir do seu lugar discursivo, a partir de suas experiências pessoais, se baseando nos reflexos das relações que estabelecem, de modo que se adaptam às condições de produção mobilizadas no *Twitter*, assumindo, portanto, uma postura da autoria que tematiza sobre meritocracia, a partir do lugar (posição) ocupado. (BAKHTIN, 2011[1979], p. 389). O *Twitter* legitima a veiculação de *tweets*, que tematizam sobre inúmeras pautas, assim como também, valorativamente, imprime sua marca nas publicações (textos curtos de até 280 caracteres). Assim sendo, podemos afirmar que cada autor se projeta e concretiza suas produções discursivas a partir das posições ideológico-valorativas que possui, que são reflexos dos perfis que segue e das relações que estabelece nesse espaço.

Em síntese, os *tweets* são publicados por sujeitos que, mediante a situação de interação, assumem uma posição de autoria. Esses sujeitos podem se inscrever em diferentes hierarquias sociais como por exemplo: empresários, políticos, estudantes, professores, etc, que enunciarão trazendo os vestígios da esfera de atuação das quais fazem parte. A título de exemplo, o *tweet* (TT3), no qual a partir da replicação de uma webnotícia que discorre que a depender do nível socioeconômico dos estudantes, eles poderão ter maior ou menor chance de se destacar no Enem, o autor da publicação, o atual Deputado Federal Guilherme Boulos (PSOL),

problematiza acerca do signo “meritocracia”, o qual, conforme já apresentado, se consolidou nas produções discursivas com viés ideológico alinhado ao neoliberalismo, e portanto não converge com o posicionamento assumido pelo deputado. Posto que, Boulos, é dirigente do Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST), reconhecido por atuar na militância por políticas públicas que atendam aos sujeitos em condições socioeconômicas de vulnerabilidade social. Na publicação, o autor enuncia:

Ex. 8: “*A “meritocracia” brasileira.*” (TT3)

Figura: 20



Fonte: (TT3)

Embora seja uma publicação curta, esta é carregada de significado, uma vez que qualquer enunciado tem vida apenas na relação que estabelece com o Outro, com a palavra do Outro, dessa forma por se inscrever em uma posição de autoria alinhada ideologicamente à esquerda, a simples construção, com o signo meritocracia, utilizado entre aspas, somada à webnotícia compartilhada, já indica o tipo de problematização realizada pelo autor, revelando sua intencionalidade com tal construção. Além disso, por se tratar de uma figura pública, a filiação institucional que o autor possui, também pode contribuir com a ideia de argumentos que expressam autoridade e domínio sobre o assunto. Segundo Bakhtin (2011[1979]), “o tom não é determinado pelo conteúdo concreto do enunciado, ou pelas vivências do falante, mas pela relação do falante com a pessoa do interlocutor.” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 391). O que

implica destacar que a problematização realizada pelo autor, e o tom assumido em sua publicação, é voltado para seus seguidores, os interlocutores que minimamente têm conhecimento sobre o autor e a posição que ocupa, lhe oferecendo o fundo apreciativo que necessita e o qual irá orientar o autor no que diz e como diz.

Para Bakhtin (2011[1979]) “ao falar, sempre levo em conta o fundo aperceptível da percepção do meu discurso pelo destinatário.” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 302), de acordo com essa perspectiva, o autor do enunciado se orienta de acordo com a visão que projeta do seu interlocutor. Nesse caso, os enunciados de resposta também se orientam para seu destinatário, posto que leva-se em conta suas concepções, convicções, simpatias e antipatias que possui, “tudo isso irá determinar a ativa compreensão responsiva do meu enunciado por ele.” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 302), nos enunciados de resposta, observa-se que com base nas escolhas composicionais do enunciado o direcionamento ao destinatário está orientado para o ponto de vista projetado sobre ele, a saber uma figura pública alinhado ideologicamente à esquerda.

Ex. 9: “*Sim. Porque as escolas aparelhadas com professores esquerdopatas não estão preocupadas em ensinar.*” (**Resposta ao TT3**)

Ex. 10: “*Seu animal, o problema não é a meritocracia, mas o sistema de ensino que o PT, por anos, relegou.*” (**Resposta ao TT3**)

Ex. 11: “*Minha filha medicina ProUni esse pt era uma bosta mesmo*” ☹️ (**Resposta ao TT3**)

Atentando para os enunciados de resposta, observa-se que o primeiro internauta (E.R.5) tem conhecimento acerca do alinhamento ideológico do autor e, na sequência, apresenta seu posicionamento a respeito da notícia compartilhada na publicação. Na resposta, o internauta responsabiliza o possível alinhamento ideológico dos professores pelo índice de mau desempenho dos estudantes no Enem. O vocábulo “esquerdopatas” se constitui em tom de desaprovação, visto que esse termo, em geral, é utilizado por sujeitos alinhados à direita conservadora a fim de se referir, pejorativamente, aos sujeitos alinhados à esquerda política, dada a historicidade dos signos, de acordo com a perspectiva de Bakhtin e o Círculo observamos que através dessa construção o interlocutor revela seu o posicionamento político. Enquanto autores, os sujeitos escolhem constantemente as suas palavras, realizam a valoração do signo ideológico pautada em suas próprias vivências, de modo que respondem às visões de mundo com as quais se afiliam, ou não, e, conseqüentemente, se constituem como sujeitos, dessa forma, se posicionar, implica também ser responsável pelo que produz (BAKHTIN, 2011[1979]). Por isso, dado ao exposto, é possível inferir que mediante a união intencional do sufixo “pata” à

esquerda, constrói-se uma valoração negativa. “Pata”, denota a noção de doença ou sofrimento. Dessa forma, “esquerdopata”, passa a corresponder ao indivíduo que sofre de um comportamento doentio, justamente por estar alinhado às políticas de Esquerda. Coadunando com a análise realizada, destaca-se que o substantivo professores relacionado ao adjetivo “esquerdopata”, nesse sentido, apresenta a intencionalidade de valorar negativamente os professores de esquerda.

Seguindo a mesma dinâmica, o segundo enunciado de resposta (E.R.6), também revela seu posicionamento político sobre a webnotícia considerando seu destinatário, posto que utiliza o vocativo “*Seu animal*”, para se referir ao autor da publicação original, Guilherme Boulos, e marcar que o alinhamento ideológico de ambos não coincide. O terceiro enunciado de resposta (E.R.7), considera as colocações apresentadas no enunciado de resposta anterior, e responde a ele ironizando as considerações levantadas. Para tanto, destaca a contradição entre a crítica sobre o PT não priorizar a educação, revelando o fato de a filha da internauta ter cursado medicina, um dos cursos mais concorridos do país, por meio do ProUni, programa desenvolvido durante a gestão do referido partido. A autora também utiliza como recurso um emoji com o intuito de evidenciar seu posicionamento contrário em relação ao enunciado ao qual responde, de modo que traz à tona relatos de suas vivências que consequentemente se projetam acerca do assunto em tela.

A partir das reflexões mobilizadas nesta seção, compreendemos que os enunciados que se constroem na arena discursiva do *Twitter*, são sempre permeados de atravessamentos ideológicos (BAKHTIN, 2011 [1979]). Por isso a noção de autor e interlocutor é cara no pensamento bakhtiniano, uma vez que Bakhtin (2015 [1963]) destaca que todo enunciado apresenta uma posição autoral, diante da qual se pode reagir dialogicamente. (BAKHTIN, 2015 [1963]). Para Bakhtin a ideia de autoria é concebida como um princípio representador puro, mas não como imagem representada (BAKHTIN, 2015 [1963]). Portanto, a posição autoral, enquanto posição axiológica, direciona sua palavra para que as vozes alheias que, de acordo com a posição em que se inserem, possam realizar a avaliação, e, consequentemente, produzam novos sentidos na enunciação. Dessa forma, assim como a posição autoral, a posição interlocutiva também marca os construtos discursivos presentes nos enunciados, posto que a palavra constrói uma relação de reciprocidade entre o autor e seu interlocutor, de modo que por meio dela eu “dou forma a mim mesmo do ponto de vista do outro.” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]).

Realizadas as reflexões sobre a situação social de interação em que os enunciados de análise se inserem, atentando para as concepções de autoria e interlocução, a partir do

pensamento bakhtiniano, seguimos para a próxima seção deste capítulo de análise, em que serão discutidas as relações dialógicas presentes nos *tweets*, com vistas às construções de sentidos mobilizados em cada um desses enunciados.

6.3 As relações dialógicas: os matizes semântico-ideológico-valorativos

Para Bakhtin (2015 [1963]), as relações dialógicas são relações de sentido que se ancoram na dimensão social da língua(gem). Elas são originadas nas interações sociais, posto que, são as práticas de interação que conferem a verdadeira vida da língua(gem). Dessa forma, para o autor, pensar na noção de discurso, enquanto língua viva, implica pensar que ela é constituída por meio de duas dimensões semânticas: as relações lógicas e as relações dialógicas. Para o autor, essas duas amplitudes não se fundem na construção do sentido, mas se relacionam, e portanto, devem ser trabalhadas conjuntamente. Em síntese, cada recurso linguístico utilizado na situação concreta de interação, absorve sentidos diferentes no enunciado, posto que, responde às demandas exigidas pela situação de interação social, dessa forma, as relações dialógicas são evidenciadas não exclusivamente por meio de enunciados integrais, mas tambémem qualquer parte significativa do enunciado, desde que a situação social da interação não seja desconsiderada, posto que é no decorrer dos acontecimentos históricos e sociais, que os enunciados são retomados, de forma implícita ou explícita, estabelecendo “os fios dialógicos que são tecidos pela consciência ideológica.” (BAKHTIN, 2018 [1975]; 2015[1963])).

A presente seção corresponde ao olhar dialógico sobre o modo como o discurso da meritocracia, discursivizada nos *tweets*, tece conexões com enunciados outros, posto que, cada *tweet* também origina inúmeras respostas, assim como também nasce em forma de resposta. Nosso ponto de partida se dá a partir da compreensão que o caráter dialógico que a língua(gem) possui, possibilita que os sentidos sejam construídos por meio das relações dialógicas que se consolidam entre os enunciados. Dessa forma, a fim de compreendermos a reação responsiva dos internautas acerca do signo meritocracia, foram mapeados os assuntos mais recorrentes tratados nos *tweets* em análise e verificarmos como eles dialogam. A partir disso, foi possível constatar que, enquanto categorias discursivas, se apresentaram duas dinâmicas de *tweets*: a primeira delas o autor da publicação inicial tece seu ponto de vista orientado por meio da apreciação que possui a respeito do signo, na maioria das publicações já nasce como uma resposta à outros enunciados, uma vez que utiliza de acontecimentos que está a par, para avaliar e contestar como o signo meritocracia se reflete em tal acontecimento, para na sequência mobilizar seu posicionamento sobre ele. A segunda dinâmica observada é mobilizada pelos

interlocutores que realizam sua contrapalavra, orientados pelas apreciações frente aos diferentes problemas apresentados nos *tweets* iniciais. Nessas respostas aos tweets analisados, observou-se que, frente às críticas levantadas na publicação original, grande parte dos internautas destacam que se colocam favoráveis à meritocracia, uma vez que compreendem esse signo como um sinal de força de vontade de cada indivíduo, independentemente das condições nas quais esse sujeito se insere. Portanto, esta seção se organiza a partir de duas subseções, nas quais são discutidas as formas como nosso objeto discursivo é tematizado nos enunciados. A primeira delas está relacionada ao discurso da força de vontade, em que são mobilizadas as avaliações positivas dos indivíduos acerca do signo meritocracia. A segunda consiste em reenunciações advindas de outros enunciados, gerando embates discursivos, que tanto se colocam favoráveis, quanto contrários ao viés meritocrático.

6.3.1 A “força de vontade” que esconde a desigualdade

Michael Sandel (2020) autor da obra “A tirania do mérito”, destaca que em uma sociedade marcada pela desigualdade, os sujeitos que alcançam a prosperidade acreditam que seu sucesso apresenta uma justificativa moral. Já em uma sociedade pautada na meritocracia, isso implica que os “vencedores” devem acreditar que o lugar conquistado se deu através do próprio talento e desempenho, ou pela falta deles. A ordem econômica em exercício postula por uma noção de trabalho produtivo que está atrelada a uma carreira de sucesso, fator determinante para que os sujeitos adquiram reconhecimento e respeito social. Nesse sentido, a valorização do trabalho vai definir o êxito ou fracasso da vida dos sujeitos, garantindo-lhes uma posição em determinada classe social. Para Souza (2018), a classe social se configura como a reprodução de privilégios, que podem ser tanto positivos quanto negativos. O fator que contribuirá e alimentará para que a manutenção dessa dinâmica se perpetue, está relacionada com a ideia de inovação, flexibilidade – no amplo sentido do termo, empreendedorismo e uma disponibilidade infundável de aprender novas habilidades. A noção de indivíduo moderno é comandada pela utilidade que ele vai apresentar, ou seja, o ser humano corresponde a uma máquina de produção, e, portanto, está destinado ao trabalho, e as demais necessidades humanas que possa vir a apresentar, serão tomadas enquanto desnecessárias, uma vez que não correspondem a necessidades voltadas para a reprodução econômica. Nesse panorama, a autoimagem do ser humano é resultado das construções sociais estabelecidas, de modo que está constantemente avaliando o desempenho próprio, e o desempenho de outros indivíduos. (SOUZA, 2018)

Para compreender acerca do signo meritocracia, é necessário também compreender como ele aparece nas práticas de interação dos sujeitos, uma vez que concordamos, pois, com Bakhtin (2011[1979]) que todo enunciado é marcado pelo horizonte social de um período e de um grupo social determinado. Portanto, uma vez que o gênero discursivo que compreende nosso objeto de análise consiste no *tweet*, um gênero que circula na rede social digital *Twitter*, é relevante compreender também como a dinâmica desse espaço se constrói, e como os sujeitos atuam discursivamente nesse ambiente, pois à medida que os signos se constituem por meio das práticas de interação, o conteúdo que possuem será determinado tanto pelas condições sociais dessa interação quanto pelos índices valorativos que irão interferir no conteúdo. Portanto pensar no signo meritocracia a partir desse contexto, possibilitará também a compreensão dos juízos de valor (as avaliações), que se dão acerca disso na contemporaneidade. Sendo assim, nesta subseção, nosso ponto de partida se dá por meio das perspectivas apresentadas para que nos voltemos para a análise dos dados buscando compreender as formas como essas questões se apresentam discursivamente nos *tweets*, a partir do signo meritocracia.

O entendimento e a adesão de um sistema que corrobora com a defesa da meritocracia, atua camuflando a legitimação de privilégios injustos, que tendem a ser atribuídos ao “mérito individual” de cada sujeito, e trabalham a favor dos interesses elitistas em perpetuar de geração em geração os privilégios que possuem. No contexto social brasileiro a crescente na defesa da meritocracia surgiu através da ideologia neoliberal, adotada enquanto política econômica, com o intuito de superar os efeitos causados pela crise do capital no país. Para tanto adotou a prática da austeridade, ou seja, o conjunto de políticas econômicas que, por meio de cortes de gastos, pretendem reduzir os déficits em relação ao orçamento do país. (GUILBERT, 2020). Para que isso ocorra, são realizados ajustes que interferem nos direitos sociais, e defesa de uma aproximação com a iniciativa privada. Para que encontre validação da sociedade civil, essa prática necessita se apresentar como “a boia de salvação” que tornará viável o retorno do crescimento econômico no país. Para tanto se constrói uma narrativa que visa fazer com que os trabalhadores não se encarem como explorados, mas como colaboradores, ou empresários de si mesmos, e, conseqüentemente, vejam sentido em aderir a meritocracia e validem a construção discursiva que defende a competitividade e bom desempenho. A exemplo de tal discussão, os enunciados abaixo, correspondem às respostas mobilizadas a partir dos *tweet* em análise.

Ex. 12: *Defendo a meritocracia, nasci pobre e me tornei empresário bem sucedido graças ao meu esforço. Sou contra cotas, pois sempre estudei em escola pública e nunca precisei desse atestado (cotas) de preconceito por causa da minha etnia. Não cabe aqui todos os argumentos (Resposta ao TT9)*

No enunciado de resposta acima o internauta enuncia destacando a avaliação que possui sobre a pauta levantada, esta ocorre à luz de um determinado acento apreciativo, construído ideologicamente, revelando o posicionamento assumido por ele a partir das vivências construídas. Além disso, realiza uma autoavaliação ao enunciar: *“me tornei empresário bem sucedido graças ao meu esforço.”*. Para tanto, traz à tona suas experiências como reflexões: *“nasci pobre”, “sempre estudei em escola pública”*, visando agregar maior legitimidade em seu posicionamento ao destacar que alcançou o sucesso profissional mediante seus esforços, e, dessa forma, valida seu posicionamento favorável à meritocracia, de modo que, o *eu-para-mim* se constitui a partir da busca do olhar apreciativo do *outro-para-mim* (BAKHTIN, 2011[1979]). O mesmo ocorre com os próximos enunciados de resposta:

Ex. 13: *“É válido e necessário que se tenha programas sociais para pessoas sem condições financeiras, mas dizer que meritocracia é desleal é uma ideia equivocada, parece que o simples fato de vc ter uma condição um pouco melhor e causa da desigualdade que faz essas pessoas ter dificuldade” (Resposta ao TT1)*

Ex. 14: *“Eu tiro pelo exemplo da minha mãe que foi professora, trabalhava dois horários, trabalhou feito uma condenada, conseguiu a estabilidade financeira dela pq correu atrás independente de condições favoráveis ou não. Repito programas sociais, são essenciais, meritocracia é válida.” (Resposta ao TT1)*

Os enunciados acima (Ex. 13 e Ex.14) são realizados pelo mesmo internauta. Neles o internauta revela que possui ciência dos quadros de desigualdade social, dessa forma se coloca de acordo com a existência de programas sociais destinados a pessoas em situações de vulnerabilidade social, no entanto também se coloca favorável ao sistema meritocrático, por compreender que a dificuldade das pessoas não é decorrente da desigualdade. Para validar o pensamento difundido, expõe valorativamente vivências pertencentes ao seu contexto familiar a fim de transformá-las em discurso de “superação” e “força de vontade”, dessa forma os juízos de valor que o internauta possui acerca do signo meritocracia se revelam como favoráveis.

Bakhtin (2011 [1979]) atenta para os limites do enunciado, determinados também pela alternância dos *sujeitos do discurso*, os quais refletem o processo discursivo do enunciado do *outro*, para tanto utiliza recursos que indicam que o enunciado, além de seu objeto, sempre responde aos enunciados que o antecederam. (BAKHTIN, 2011 [1979]), conforme é possível observar no enunciado em análise a seguir (**TT7**):

Ex. 15: “*aí vem um filho da puta que nasceu com a bunda virada pra lua falar sobre meritocracia: “quem quer consegue” “é difícil pra todo mundo” “faltou vontade”*” (TT7)

Figura: 21



Fonte: (TT7)

Esta publicação corresponde a um *retweet* realizado a partir de um vídeo compartilhado no *Twitter*, no qual são apresentadas crianças sentadas no chão do corredor da escola visando proteger-se dos disparos realizados na comunidade em que a escola é situada, além disso, a situação de interação na qual o enunciado se inscreve, também corresponde ao período assolado pela COVID-19, no ano de 2021, em que, mantendo as medidas de segurança, os estudantes retornaram para o atendimento presencial nas escolas. Ao replicar o vídeo, o autor da publicação tece seu posicionamento acerca do acontecido, problematizando a realidade social de diferentes crianças e os impactos que a desigualdade social promove na vida de cada sujeito marginalizado e excluído. Pelo fato de o enunciado não estar voltado apenas para o seu objeto, como também para o discurso do *outro* sobre ele, no enunciado em análise é possível observar que o autor realiza citações, tematizadas anteriormente, marcadas com o uso de aspas, para sinalizar a entonação que isola o discurso do *outro*, a voz do *outro*, em relação a sua voz,

fazendo alusão aos discursos de “superação” e “força de vontade” disseminados por vertentes neoliberais, que apresentam fortes tendências de naturalizar quadros de desigualdade, e, portanto, colocam-se favoráveis à “meritocracia”. Dessa forma, produções discursivas como as citados no *tweet*: “*quem quer consegue*” “*é difícil pra todo mundo*” “*faltou vontade*”, são muito recorrentes de serem encontradas quando o autor se alinha a tal posicionamento, no entanto, na publicação em foco, o autor trabalha na tentativa de apresentar seu ponto de vista que avalia e contesta esses enunciados. Nisso reside o papel do *outro*, para quem o enunciado se constrói. Pois, conforme destaca Bakhtin (2011 [1979]), desde o princípio da enunciação, o falante aguarda uma resposta e uma ativa compreensão responsiva. (BAKHTIN, 2011 [1979]), de modo que, um dos traços constitutivos do enunciado é o *direcionamento* que possui, ou seja, seu *endereço*, (BAKHTIN, 2011 [1979]), o qual será recebido por outro interlocutor que irá avaliá-lo de acordo com a sua visão de mundo, e o qual necessita compreender as referências realizadas na publicação para compreender a problematização realizada no enunciado. Uma vez que a referência só será bem sucedida, mediante o reconhecimento que o interlocutor realizará do discurso já-dito, a partir de sua memória discursiva.

Em consonância com as questões discutidas por Souza (2018) e Chauí (2020), acerca do trabalhador explorado, e os seus direitos trabalhistas violados, na sequência são apresentados os enunciados de respostas advindos do *tweet* (TT7), que também sugerem a ideia de “força de vontade” e “superação frente às adversidades”, como a garantia do sucesso pessoal e profissional.

Ex. 16: “*Quem quer consegue sim. É triste é difícil e bem mais difícil pra nós do que pra um filhinho de papai mas não é impossível não. Antes que algum idiota entre no meu perfil e use a minha aparência pra falar que eu não tenho lugar de fala eu sou da favela do RJ.” (Resposta ao TT7)*

Ex. 17: *Mas vc n acha que se uma pessoa que vive na pobreza, estudando só em escola pública, se fudendo na vida, ralando pra pagar a facul, e aí chega lá na frente e dá tudo certo pra ela, aposta numa carreira e só dá sucesso, não é mérito dela? Você sabe o significado de meritocracia? (Resposta ao TT7)*

No enunciado de resposta (Ex. 16), um *tweet* que responde ao *tweet* (TT7), pode-se observar que o internauta apresenta o acento apreciativo que possui a respeito da meritocracia, para tanto, utiliza os termos “*É triste é difícil*”, que sinaliza suas impressões pessoais sobre o

tema em pauta. Além disso, ele também destaca que enuncia a partir de um lugar no mundo, o qual inclusive destaca em sua publicação, como morador “*da favela do Rio de Janeiro*”, o que em sua concepção, lhe confere maior legitimidade em debater sobre esse tema. Por isso, ao fazer uso da primeira pessoa do plural no enunciado “*é bem mais difícil pra nós do que pra umfilhinho de papai*”, ao mesmo tempo que gera a ideia de pertencimento ao exposto, também considera a possível proximidade de realidade social com as crianças mencionadas na publicação original, do *tweet* (TT7), ou com os sujeitos que se inscrevem no mesmo contexto social que ele. Além disso, o internauta também sinaliza que ser um “*filhinho de papai*” não corresponde a sua realidade. No entanto, apesar de estar ciente acerca das dificuldades enfrentadas por sujeitos não privilegiados, ainda assim se posiciona favorável à visão meritocrática.

Quanto ao enunciado de resposta (Ex. 17), este, também traz à tona exemplos que servem de subsídio para sustentar seu posicionamento, favorável à meritocracia, pautado na concepção de mediante as adversidades como: “*viver na pobreza, estudando só em escola pública, se fudendo na vida*”, por meio da força de vontade o sujeito pode alcançar um trabalho que lhe permita progredir, além disso atribui à conclusão de um curso superior para que o sujeito alcance ascensão profissional e financeira. Ao realizar o questionamento: “*Você sabe o significado de meritocracia?*”, evidencia que a sua compreensão acerca do signo meritocracia se constrói a partir de outro ponto vista, que não coincide com o mesmo apresentado pelo autor da publicação inicial, dessa forma, trazendo à tona a compreensão de Bakhtin (2011[1979]) que os horizontes concretos vivenciados dos sujeitos não coincidem, em razão dos lugares em que esses sujeitos se situam não serem os mesmos. (BAKHTIN, 2011 [1979]). A esse respeito, também cabe lembrar acerca da *dupla orientação do discurso*, postulada por Bakhtin, a qual consiste na orientação para o objeto de discurso e para a resposta do outro.

O florescimento de um discurso neoliberal que prega o empreendedorismo do indivíduo articula-se de modo orgânico em torno do incentivo ao livre mercado, às privatizações e regulação no que diz respeito ao auxílio financeiro destinado a programas sociais, em resumo, trabalha em prol da renúncia da presença do Estado como um suporte da economia. Nesse cenário, os indivíduos são convidados a se tornarem autônomos e empreendedores de si mesmos, utilizando como suporte os méritos que possuem. Dessa forma, é naturalizada a renúncia das políticas voltadas à seguridade social, e disseminados modelos de mercado que consistem em os sujeitos desempenhar atividades profissionais de modo informal. A problematização realizada através do enunciado a seguir ilustra tal discussão:

Ex. 18: “*Trabalhador sem direitos se arrisca no meio da enchente, em Belo Horizonte, para conseguir levar algum dinheiro para casa. Retrato de um país que destrói sua natureza e abandona seu próprio povo. E ainda tem quem bata no peito para falar em meritocracia. Força aos mineiros.*” (TT5)

Figura: 22



Fonte: (TT5)

Levando em conta o plano do diálogo social (BAKHTIN, 2018 [1975]), é possível compreender a “resposta ativa” (BAKHTIN, 2015[1979]), a outros enunciados, assim como também a outros contextos enunciativos. A publicação é originada a partir de um acontecimento no solo social da vida, e, portanto, se coloca responsiva a ele. Conforme observa-se, o texto verbal está em consonância com o texto não verbal, e a escolha pelo uso da imagem na publicação do *tweet*, apresenta-se como uma estratégia composicional desse enunciado, uma vez que ao estar intercalada à publicação, a imagem confere ao *tweet* credibilidade, dessa forma, se constitui como um recurso que visa a legitimação e a validação do discurso realizado pelo autor da publicação, posto que remete a um acontecimento e, portanto, demanda a confirmação deste. Nesse sentido, a imagem funciona como um elemento importante para o projeto discursivo que o autor apresenta: apresentar um indivíduo em um regime de trabalho precário, e consequentemente, problematizar o ideal meritocrático, pautado no negacionismo do Estado diante dos direitos trabalhistas e das questões ambientais do país. As respostas mobilizadas ao enunciado (TT5) ilustram a discussão realizada por Chauí (2020), no sentido de que as classes trabalhadores que exercem trabalho semi qualificado ou desqualificado vão receber a herança escravocrata do país, contudo, ainda assim poderá ser propagada a ideia da “força de vontade” e do “mérito”, para o trabalhador explorado. Conforme é possível observar nos enunciados de resposta ao *tweet* (TT5):

Ex. 19: “Para você ver que um cara desses tem muito mérito. Enfrenta sol e chuva para buscar alimento para a família sem precisar do Estado para isso. Um trabalhador que não está com um cigarro de maconha no bico e um iPhone reclamando de tudo na casa do papai. (palmas) para este guerreiro.” (*Resposta ao TT5*)

Ex. 20: “Meritocracia sim, esse rapaz acima de tudo merece levar o dinheiro para casa, porque lutou, batalhou mesmo na adversidade, não é como uns e outros que fica se vitimizando e assim poder ser ajudado sem que tenha feito um mínimo de esforço.” (*Resposta ao TT5*)

Mediante o exposto, é possível compreender que a partir das práticas discursivas no *Twitter*, o signo meritocracia, nas publicações em tela, assumiu diferentes percepções pelos sujeitos, desencadeando diversos embates discursivos, isso porque, conforme explica Volóchinov (2017 [1929]), “a palavra é o fenômeno ideológico *par excellence*”. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p.98) e, portanto, é também *um signo neutro*, “pode assumir qualquer função ideológica: científica, estética, moral, religiosa. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 99). Isso implica pensar na *neutralidade do signo*, destacada pelo Círculo, a qual não corresponde a uma perspectiva em que ele [o signo] se constitui esvaziado de sentido, mas o qual pode assumir diferentes perspectivas ideológicas, de cunho científico, político, social, histórico, etc. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Ou seja, a neutralidade da palavra não é compreendida no sentido de se abster de visão de mundo, ou ponto de vista, mas pela gama de possibilidades de assumir qualquer ponto de vista, e, conseqüentemente, diferentes projeções ideológicas que podem se apresentar em diferentes esferas da atividade humana. Pensando nos enunciados em tela, observa-se que o autor da publicação original concebe a ideia de meritocracia, a partir de um horizonte espacial avaliativo, diferente dos enunciados de resposta.

Nesse sentido, inicialmente pensamos o signo meritocracia como um signo linguístico, para posteriormente ser concebido como um signo ideológico, pois ao ser utilizado em distintas situações concretas de interação ele, conseqüentemente, será marcado também por valorações distintas, ou seja, em cada produção enunciativa específica, o signo linguístico se torna ideológico em razão de estar funcionando a partir de um sentido diferente. (BAKHTIN, 2015[1979]). O signo meritocracia assumiu, na contemporaneidade, diferentes concepções, uma vez que em um determinado plano se apresenta uma concepção de mundo que tende a legitimar um cenário de exploração do trabalhador, propagando a defesa de um consumo contínuo e naturalizando a violação dos direitos trabalhistas, esse discurso tende a se fortalecerem razão da concentração dos meios de comunicação que possui, o que lhes permite lucrar a partir da adesão que a sociedade civil pode realizar com tal pensamento, o qual compreende a

meritocracia como uma prática legítima de construção social, conforme observado nos enunciados de resposta (R. 13 e R.14). Por outro lado, num embate dialógico, aparecem as vozes que tendem a se posicionar contrárias a tal concepção, e dessa forma, se constituem através de discursos que contestam o estado atual das coisas, contribuindo significativamente para a reflexão, conscientização e transformação social, posto que os atravessamentos sociais fomentados pelas redes sociais digitais, podem colaborar para que os sujeitos consigam ajustar as lentes para enxergar o mundo, tendo em vista que elas estão sempre conectadas a um contexto social maior. O exemplo a seguir corresponde ainda a sequência de enunciados de resposta referente ao *tweet* (TT5), que ilustra essa discussão:

Ex. 21: “*Nada como romantizar a precariedade do trabalho de outra pessoa.*” (**Resposta ao TT5**)

Ex. 22: “*Nada como arrumar uma desculpa para não fazer porra nenhuma na vida.*” (**Resposta ao TT5**)

As duas publicações acima, foram extraídas das respostas mobilizadas a partir do *tweet* (TT5), no *Twitter*, elas nos evidenciam que o mesmo signo linguístico, meritocracia, recebe valorações distintas em relação a uma mesma situação vivenciada por um determinado sujeito, a saber a um trabalhador frente à violação dos seus direitos trabalhistas. No entanto, a publicação mobiliza formas diferentes de avaliá-las, porque os sujeitos que integram essa situação de interação também são sujeitos diferentes. Nos exemplos acima, são apresentadas diferentes percepções acerca da temática explorada no TT5, a problematização do nicho hegemônico (Ex. 21), o qual tende a naturalizar cenários de desigualdade, e as vozes que atuam na concordância deste (Ex. 22). Dessa forma, meritocracia pode assumir tanto um sentido positivo quanto negativo, a depender do sujeito que enuncia e das condições sociais e históricas nas quais se inscreve. Nesse sentido, é que Volóchinov (2013 [1930]) destaca que “cada homem, ao conhecer a realidade, a conhece de um ponto de vista.” (VOLÓCHINOV, 2013 [1930], p. 198), ou seja, o ponto de vista realiza o atravessamento da palavra, enquanto enunciado, e dele resulta o recorte avaliativo, que se constitui sempre ideologicamente. Dessa forma, o ponto de vista sempre irá depender da forma como o mundo é concebido pelo sujeito. Em razão disso, cada sujeito compreende o enunciado original a partir de uma perspectiva diferente, uma encarando problematizando a precarização do trabalho e outra a partir do discurso de superação e merecimento.

6.3.2 O Eu e o Outro: em embate por meio das telas

Para Volochinóv (2017[1929]) as relações estabelecidas com o enunciado do outro permitem que dialogicamente duas vozes sempre se encontrem. Esse encontro, por sua vez, jamais deve ser tomado como um evento fortuito de sujeitos isolados, mas pensado a partir de um acontecimento único e irrepetível, envolto de uma estrutura social e ideológica em que cada sujeito é compreendido como um ser organizado socialmente, o qual está situado em um determinado tempo e espaço, e, por conseguinte, age no mundo a partir das relações sociais que estabelece. Desse modo, o sujeito atribui sentido ao mundo sempre diante da relação que constrói dialogicamente com o outro. E a cada nova interação novos sentidos são produzidos, de modo que sua constituição enquanto sujeito, se desenvolve a partir dessa relação, por meio da alteridade. No que diz respeito ao *Twitter*, observa-se que essa prática se materializa através da dinâmica de desenvolver ações coletivas no espaço online, uma vez que o próprio recurso disponibilizado pela plataforma, as *Trending Topics*, favorece que os movimentos dialógicos se concretizem à medida que esse recurso da plataforma atua de modo responsivo aos assuntos mais discutidos do momento pelos internautas. As ações de cada indivíduo na plataforma, não ocorre de forma independente, pois está relacionada com a avaliação que realiza dos conteúdos que consome, e das relações que estabelece com os outros internautas. Assim, as relações consolidadas com cada sujeito sempre lhe alteram em alguma medida. E esse processo não se desenvolve através da sua própria consciência, posto que é algo consolidado socialmente através dessas relações. Sendo assim, nesta subseção, nossa discussão é voltada para o olhar das relações que ocorrem entre os enunciados, procurando identificar de que forma se apresentam dialogicamente as posições semântico-valorativas acerca do signo meritocracia.

Bakhtin (2015[1963]), caracteriza as relações dialógicas como relações de sentido estabelecidas por meio dos enunciados concretos, de modo que também contempla o todo que circunda a interação verbal. Para o autor, mesmo os enunciados que estão separados no tempo e no espaço e que, a princípio, não sabem nada um do outro, quando confrontados no plano do sentido irão revelar as relações dialógicas que possuem, posto que elas se constroem entre os índices sociais de valor, os quais, para o Círculo, correspondem a uma parte inerente dos enunciados. Portanto, para que as relações dialógicas se consolidem, é necessário que os materiais linguísticos tenham adentrado a esfera do discurso e, por conseguinte, transformados em enunciados, compreendidos como a unidade de interação social, que revelam as posições assumidas de um sujeito social. As relações estabelecidas com a palavra do outro, mobilizam significações em que são evidenciadas as posições avaliativas, uma vez que se realizam os

encontros e os confrontos de posicionamentos, que lhe permitirá confirmações ou rejeições que podem ainda ser ampliadas. (BAKHTIN, 2015[1963]; 2015[1979]).

As relações dialógicas também são compreendidas pelo Círculo como espaços de tensões entre os enunciados, uma vez que para Volóchinov (2017[1929]), qualquer enunciado concorda com algo ou nega algo. Os contextos em que esses enunciados se inserem, não circulam paralelamente, como se desconsiderassem a existência um do outro, mas estão em um movimento de interação e “embate tenso e ininterrupto.” (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p. 197). Isso implica considerar que mesmo que os enunciados de outrem sejam aderidos, em um movimento de tensão outros enunciados – o que indica outras vozes – são ao mesmo tempo recusados, no entanto ainda assim funcionando como um *elo na cadeia da comunicação discursiva*, que mobiliza enunciados de respostas, uma vez que é sempre direcionado para alguém, “pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 297), e a partir do lugar que cada sujeito se situa ele responderá ao enunciado valorativamente.

O movimento da palavra sempre exige alteridade, uma vez que qualquer enunciado só tem vida através da relação que estabelece com o outro, e dessa forma, é a palavra que realiza a ponte entre o eu e o outro (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]), e o meio pelo qual os sujeitos se constituem. Por isso, a ideia de alteridade é primordial para compreender o pensamento bakhtiniano, uma vez que o “eu” sempre está situado em relação ao “outro”, tendo em vista que sem a prática de interação o sujeito não é pensado como um ser dialógico. O que nos permite pensar que os sentidos que conferimos ao mundo, e ao solo social da vida, nunca são sentidos prontos, fechados em si mesmos, mas pensados a partir das relações que estabelecemos com o outro. Uma vez que são as práticas de interação que atribuem novos sentidos e permitem que outros sejam construídos e/ou modificados, destaca-se que os enunciados que são delineados por meio dessa dinâmica, funcionam como um elo entre os sujeitos, e por meio deles as marcas valorativas que constroem nessa relação são acentuadas. Dessa forma, ao enunciar, também enunciamos de forma responsiva, e essa enunciação revela a posição valorativa que possuímos.

Para Bakhtin (2011[1979]) “quando me compenetro dos sofrimentos do outro, eu os vivencio precisamente como sofrimentos *dele*, na categoria do *outro*, e minha reação a ele não é um grito de dor e sim uma palavra de consolo e um ato de ajuda.” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 24). A partir do enunciado que segue, observa-se que há presença de um movimento dialógico de avaliação que se apresenta no *tweet* por meio da construção de comparações no enunciado. Vejamos esse movimento no *tweet* (TT9) abaixo:

Ex. 23: *É fácil defender meritocracia quando se nasce rico. É fácil ser contra cotas pra negros quando se é branco. É fácil ser liberal quando se herda fortuna. É fácil ser contra programas sociais quando não se precisa deles. Tudo é fácil para quem já tem tudo. (TT9)*

Em relação ao *tweet*, observa-se que o internauta utiliza como um recurso estilístico a figura de linguagem anáfora, por meio da repetição do termo “*é fácil*”, a fim de atribuir maior ênfase às comparações que realiza entre realidades distintas, que destacam sua visão a respeito da meritocracia. O autor problematiza sobre o signo “meritocracia”, trazendo à tona a avaliação que possui a respeito das posições dos grupos sociais aos quais ele responde. Conforme prevê Bakhtin (2011[1979]), a palavra viva não compreende o objeto enquanto um elemento dado, mas é tomado a partir de um posicionamento, posto que para o Círculo a palavra carrega consigo valores axiológicos e ideológicos, em razão disso, realiza o reflexo e refração do mundo, o que indica que não apenas descreve o mundo por meio dos signos, mas, a partir deles são construídas diferentes interpretações que ocorrem por meio dos horizontes apreciativos que os grupos sociais possuem. Isso implica afirmar que, com base no posicionamento do autor da publicação, outras interpretações e posicionamentos se concretizam também por meio da língua(gem) e da situação de interação:

Ex. 24: *Ser contra a meritocracia é um desserviço. Vc está atrapalhando real as pessoas mais humildes, dizendo que não importa o quanto trabalhe não tem como subir de vida. (Resposta ao TT9)*

A partir da resposta mobilizada acerca de seu enunciado de origem (TT9), observa-se que um mesmo signo linguístico – meritocracia – recebe valorações diferentes, justamente pelo fato de os sujeitos que integram a interação também serem distintos. O enunciado de resposta apresenta sua avaliação a respeito do signo “meritocracia”, uma vez que destaca que “*é um desserviço*” o sujeito autor posicionar-se contrário. Para legitimar seu ponto de vista, apresenta a ideia do “discurso de superação” mediante as adversidades ao destacar: “*Vc está atrapalhando real as pessoas mais humildes*”. Os embates mobilizados, a partir da publicação original, ocorrem uma vez que cada sujeito, enquanto ser vivo e ativo no mundo social, apresenta seu ponto de vista a partir de seu lugar valorativo e dos matizes ideológicos que carrega. Disso resulta um ambiente propício para que o entrecruzamento das vozes sociais se apresente, dessa forma, o termo “meritocracia” adquire diferentes acentuações decorrentes dele. Por isso, ao falarmos do termo “meritocracia”, nos atentamos não apenas para uma compreensão a partir de um determinado grupo ou voz social, que pode se posicionar contrário e tecer críticas a respeito, mas também nos atentamos para as compreensões que tendem a

regularizar o discurso hegemônico que encara o termo “meritocracia” a partir de um ponto de vista positivo. Contudo, destaca-se que uma imagem de sujeito que se apresente positiva ou negativa, favorável ou desfavorável, à visão meritocrática, não tem o poder de “enfraquecer” ou “invisibilizar” a outra, ao contrário, elas se constituem conjuntamente, posto que as valorações fazem parte da vida também atuam conjuntamente e não de forma isolada.

Para Bakhtin (2018[1975]), toda a existência do discurso não se contrapõe igualmente ao seu objeto, uma vez que entre o discurso e o objeto, se constitui também os discursos de outrem, “discursos alheios” sobre o mesmo objeto, sobre o mesmo tema” (BAKHTIN, 2018 [1975], p. 86). E é por meio desse processo de interação que o discurso pode individualizar-se e se constituir estilisticamente. Ao deparar-se ao objeto para o qual está voltado, o discurso o encontra já contestado e avaliado pelos discursos de outrem, que já falaram sobre ele. “O objeto está amarrado e penetrado por idéias gerais, por pontos de vista, por apreciações de outros e por entonações.” (BAKHTIN, 2018 [1975], p.86). Para o autor, uma vez que o enunciado surge situado em um momento social e histórico, ele inevitavelmente tece *inúmeros fios dialógicos* com a consciência ideológica em torno do objeto de enunciação. (BAKHTIN, 2018 [1975]).

Com isso, pensamos nas práticas de interação que são estabelecidas entre os sujeitos, por meio dos *tweets*, um gênero discursivo que está situado em um tempo e espaço de uma sociedade envolta de um contexto histórico, social e cultural marcado pela velocidade e facilidade de acesso à informação e dispositivos tecnológicos, além disso, também se constitui como uma sociedade que se sente cada vez mais confortável em exercer ativismo político pela internet, fazendo com que através de sua expressão se destaque sua posição valorativa frente ao objeto. As práticas discursivas que se realizam neste espaço, são sempre uma resposta àquilo que já foi dito sobre um objeto do discurso, no entanto, também carregam consigo apreciações e valorações distintas. Além disso, a palavra também procura por respostas, concordâncias, objeções, ou seja, também busca uma atitude responsiva do outro (BAKHTIN, 2011[1979]). Por isso a orientação do enunciado sempre estará voltada para o destinatário. Assim, o sujeito autor dos *tweets* enuncia para seus seguidores e para outros internautas que apresentem interesse nas pautas levantadas por ele em suas publicações. O próximo enunciado em análise, é baseado no enunciado de outrem, por isso apresenta aos seus interlocutores um fato específico, a partir do qual está renunciando. Dessa forma, o autor da publicação destaca no *tweet* (TT8):

Ex. 25: “11 brasileiros entraram pra lista de bilionários hoje e nenhum deles foi vc tuiteiro assalariado que defende meritocracia.” (TT8)

Bakhtin (2011[1979]) destaca que “o enunciado se constrói levando em conta as atitudes responsivas, em prol das quais ele, em essência, é criado.” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 301), de modo que o papel que o outro desempenha é grande, e independentemente de quem seja o destinatário, a construção da enunciação será determinada pelo campo da atividade humana, dessa forma, o autor da publicação (TT8), destaca que seu direcionamento discursivo ao seu interlocutor, ao qual se refere como “tuiteiro assalariado”, o que implica dizer que o direcionamento de sua voz é destinado a todos os sujeitos que se considerem incluídos nesse lugar axiológico. No enunciado, o autor problematiza a concepção de meritocracia, e ao utilizar o termo “tuiteiro” realiza um trocadilho que associa o termo a profissões, tais como: pedreiro, marceneiro, carpinteiro, de modo que sua intencionalidade também pode ser a de inferir que o sujeito que “trabalha” no *Twitter*, o tuiteiro, defendendo a meritocracia, segue recebendo uma remuneração que não lhe confere o título de ser considerado bilionário. O leitor, atravessado ideologicamente pela posição valorativa da publicação, passa a representar o papel da voz que vai contestar, avaliar ou confirmar a temática discutida na publicação, conforme observa-se na sequência:

Ex. 26: *“A meritocracia começa com as condições para se atingir o mérito... sem o conhecimento, sem a educação, sem conhecer o processo de crítica e pensamento, meritocracia é apenas um nome na parede do RH”.* **(Resposta ao TT8)**

Mediante a informação apresentada pelo *tweet* inicial, o enunciado de resposta acima (E.R.18) sinaliza discursivamente a responsabilidade do poder público pela falta de condições suficientes para que a meritocracia se consolide. Dessa forma, para alcançar a totalidade da compreensão do enunciado, é necessário que o sujeito esteja familiarizado com o assunto e compreenda a orientação das apreciações que possui. (BAKHTIN, 2018 [1975]). O contexto em que a palavra de outrem se materializa é responsável por originar “um fundo dialógico”. BAKHTIN, 2018[1975], p.141), uma vez que é a partir dele que o interlocutor tem a possibilidade de compreender e se posicionar acerca do assunto em tela. No *tweet* de resposta a seguir do enunciado (TT8), o internauta, a fim de validar seu ponto de vista, reenuncia outros discursos já-ditos, que atuam enquanto conexões autorais que lhe permitem responder valorativamente e axiologicamente o enunciado (TT8). Bakhtin (2018[1975]) destaca que “o discurso de outrem incluído no contexto sempre está submetido a notáveis transformações de significado.” (BAKHTIN, 2018[1975], p.141). Portanto, ao realizar o enquadramento do discurso do outro em sua publicação, ao mesmo tempo o internauta está transformando as

relações de sentido que se constroem em relação ao(s) enunciado(s) que está respondendo. Conforme observa-se:

Ex. 27 “*Estude enquanto eles se divertem. Trabalhe enquanto eles dormem. Veja o fruto do seu trabalho ir todo para o intercâmbio do filho do chefe, viagens de férias, carrões importados e ainda ouça o filhinho mimado falar de meritocracia.*” (**Resposta ao TT8**)

Neste enunciado de resposta, o autor reenuncia discursivamente pensamentos associados ao neoliberalismo, “*Estude enquanto eles se divertem.*” “*Trabalhe enquanto eles dormem*”, o qual se relaciona à lógica dominante que busca produzir discursivamente no sujeito uma ideia de identificação com a competitividade exacerbada e a renúncia de tempo destinado ao descanso e ao lazer para dar espaço a superprodutividade exigida pelo capital. O uso do modo imperativo, “estude”, “trabalhe”, “veja”, sugere que o destinatário siga as instruções fornecidas, e, portanto, participe da interação como um “aliado ou testemunha.” (VOLÓCHINOV, 2013[1930]). Contudo, o autor da publicação, realiza uma quebra de expectativa ao encerrar a publicação destacando que essas práticas contribuirão para o “*filho do chefe*”, o “*filhinho mimado*”, e não para o próprio sujeito que, em tese, irá realizar as orientações recebidas. Através do exemplo apresentado, observa-se a dupla realidade do signo, que tanto reflete quanto refrata a realidade, ou seja, o signo pode ser utilizado tanto a fim de concordar quanto refutar, desse modo, é a partir do uso que os sujeitos fazem dele e da forma como é preenchido de valorações, que o signo se torna ideológico.

Como observado, a partir de Volóchinov (2017 [1929]) existe uma distinção entre “tema” e “significação” na língua, sendo essa compreensão pertinente para que também possamos compreender como o termo “meritocracia” é discursivizado e valorado no *Twitter*. Desse modo, o autor aponta que todo enunciado concreto possui o seu tema e a sua significação, esses elementos são responsáveis por torná-lo único e, garantir que ele funcione como *um elo na cadeia da comunicação discursiva*, visto que mantém relação com algo concreto, bem como também cria novos sentidos cada vez que o utiliza. Inicialmente, o autor destaca que “O sentido da totalidade do enunciado será chamado de seu tema” (VOLÓCHINOV, 2017 [1929], p. 227-8), ressaltando que, pelo fato de ser sempre irrepetível, o tema deve ser único, a fim de que seja possível falar a respeito de um enunciado, pois assim como o próprio enunciado, ele também é individual, irrepetível e responsável por expressar a situação histórica na qual ele foi gerado. O autor, ainda complementa dizendo que “[...] o tema do enunciado é definido não apenas pelas formas linguísticas que o constituem – palavras, formas morfológicas e sintáticas, sons, entonação – mas também pelos aspectos extraverbais da situação” (VOLÓCHINOV, 2017

[1929], p. 228). Em síntese, o contexto que origina um enunciado, corresponde a uma condição necessária para que sua compreensão seja alcançada. Os aspectos extraverbais que compõem a situação estão conectados por meio de uma maneira constitutiva, o que faz com que a situação histórica em que o tema pertence seja concreta assim como o enunciado é.

Por isso, ao pensarmos no signo “meritocracia”, discursivizado no *Twitter*, também é possível pensarmos nos temas que em decorrência dele também surgem, não desconsiderando a situação concreta de interação que o mobilizou. Uma vez que o tempo e a história trazem à tona as marcas axiológico- valorativas que orbitam entre os sujeitos, mediante a época em que se inscrevem, compreende-se que as vozes sociais não podem estar separadas do seu contexto, pois não teria condições de representar a época em que ocorre. A partir dos enunciados em análise, pode-se observar que “Meritocracia” é tematizada e valorada de modo responsivo, e de acordo com determinado contexto, posto que tal temática pode ser apresentada como pauta de discussão a partir de outros enunciados no *Twitter*, seguidas de comentários que irão apresentar o posicionamento valorativo que o autor da postagem possui, bem como de forma imediata o posicionamento dos seus interlocutores/seguidores. Como é possível observar no enunciado que segue:

Ex. 28: *"Meritocracia pra mim não funciona, é muito desleal. Acha que eu, que vim do lixão, estou em igualdade com quem não precisa trabalhar, só estuda, faz escola de idiomas? Força de vontade não é tudo. Só com os programas sociais que consegui voltar a estudar" (TTI)*

Nesta publicação, o autor realiza uma citação direta originada de uma webnotícia compartilhada, na qual apresenta o fato de um sujeito, oriundo de situação de vulnerabilidade social, ter conseguido concluir o curso de doutorado. Na notícia, o sujeito entrevistado sinaliza que tal fato se deu por conta da existência de políticas públicas que lhe serviram de subsídio para alcançar o título, comentando que, em sua concepção, meritocracia não apresenta eficácia em razão da desigualdade social presente na sociedade. O fato de realizar um *retweet* com uma citação direta, nos indica que o autor da postagem utiliza o *outro* para realizar a validação de seu posicionamento, de modo que o *outro* divide com ele a autoria, e, consequentemente, destaca seu alinhamento com o pensamento difundido por ele. Assim como Volóchinov (2017[1929]), entendemos que o discurso alheio, é compreendido pelo falante como um enunciado de *outro* sujeito que inicialmente se constitui de forma autônoma e finalizada, no que diz respeito ao ponto de vista da construção. O autor destaca que “é justamente dessa existência independente que o discurso alheio é transferido para o contexto autoral, mantendo ao mesmo tempo o seu conteúdo objetivo e ao menos rudimentos da sua integridade linguística

e da independência construtiva inicial.” (VOLOCHÍNOV, 2017[1929], p. 250). Em síntese, a resposta realizada, repete as palavras do outro para confirmar sua compreensão, e chamar a atenção de seu interlocutor sobre as afirmações realizadas. (VOLOCHÍNOV, 2017[1929]). A compreensão desse discurso recebe diferentes significados, posto que está relacionado ao posicionamento ideológico de cada sujeito, conforme é possível observar no embate discursivo acerca do *tweet*.

Ex. 29: *Aí totalmente diferente do cara ser beneficiado por ser NEGRO (resposta ao TT1)*

Os embates discursivos (isso implica a existência de diferentes vozes sociais) que se originaram, surgem do confronto entre os usos semânticos do signo, pois uma vez que a língua não é compreendida de um ponto de vista fechado e isolado do todo social, mas do ponto de vista do uso de sujeitos vivos, que participam ativamente do solo social da vida, e que enunciam a partir de um determinado lugar valorativo, compreende-se que a língua(gem) se constrói também preenchida de ideologias, nesse sentido, no enunciado de resposta, o internauta valida o fato acontecido, no entanto se posiciona contrário ao sistema de cotas, uma vez que compreende como situações distintas de possibilidade de ascensão pessoal. Em seu enunciado de resposta, há presença do vocábulo “*negro*” escrito em caixa alta, sabemos que esse uso apresenta como finalidade destacar no enunciado determinada informação. Contudo, seu uso, no enunciado em análise, transcende tal função, posto que a intencionalidade do autor se constrói utilizando esse recurso com o intuito de evidenciar sua indignação, seu posicionamento contrário ao sistema de cotas, ou seja, o interlocutor destaca seu tom avaliativo de reação ao enunciado, através de um movimento dialógico. A partir das discussões realizadas até aqui, é possível compreender que o sujeito não é alheio mediante os acontecimentos, pois sempre responde ativamente a partir do caráter único de sua existência e da situação de interação social que faz parte. Dessa forma, o diálogo entre os enunciados corresponde a um embate, que não necessariamente pressupõe, que o sujeito assuma um posicionamento de concordância em relação a ele, mas que reforça os confronto de valorações que se desenvolvem através da interação social na qual os sujeitos se inscrevem.

A compreensão do enunciado de outrem é alcançada mediante a orientação realizada em relação a ele, de modo que se possa encontrar os sentidos mobilizados, a partir do contexto em que se insere. Dessa forma, em cada palavra que constrói os sentidos do enunciado, são acrescentadas também responsivamente as palavras do outro. (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]). Por isso, no *tweet* (TT10), situado em um tempo- espaço da modernidade, marcada pela

desigualdade social, o internauta reenuncia a voz do *outro*, por conseguir visualizar nesse enunciado uma aproximação com a percepção ideológica que possui acerca do mundo que o circunda. Sobretudo por estar a par da crescente neoliberal que defende que a responsabilidade de alcançar ascensão social do sujeito é integralmente dele, independentemente das condições serem favoráveis ou não. Por isso o sujeito autor da publicação a seguir destaca acerca da perpetuação das condições sociais dos sujeitos:

Ex. 30: *“Mais de 90% das crianças que nascem pobres morrem pobres, por mais brilhantes que sejam. Mais de 90% das crianças que nascem ricas morrem ricas, por mais estúpidas que sejam. A meritocracia é um engodo” O preço da desigualdade, Joseph Eugene Stiglitz”* (TT10)

O *Tweet* cita a obra intitulada “O preço da desigualdade”, nele é possível observar que o autor constrói sua publicação a partir da reenunciação do discurso de outrem acerca da temática “meritocracia”, e, uma vez que utiliza em forma de citação direta um trecho da obra em sua publicação, evidencia que está em consonância com o eixo de sentido produzido no enunciado original, contrário ao ideal meritocrático. Dessa forma, seu posicionamento está relacionado a posição apresentada na obra. O autor comenta acerca da dificuldade em reverter um quadro social independentemente da posição que cada sujeito possui e do desempenho que realiza. Ao atuar de forma responsiva nas práticas de interação o sujeito ocupa de forma definida uma determinada posição, sendo assim, tem a possibilidade de participar da prática de interação rejeitando, confirmando, complementando, ou baseando-se em outros enunciados para assumir determinado posicionamento, em razão disso, Bakhtin (2011[1979]), destaca que “é impossível alguém definir sua posição sem correlacioná-la com outras posições.” (BAKHTIN, 2011[1979], p. 297), em razão disso, o internauta enuncia a partir de discursos anteriores aos seus, e dessa forma, estabelece um elo na cadeia da comunicação discursiva.

O enunciado de resposta (R.21) abaixo, também responde ao *tweet* (TT10), a partir dele observa-se que o autor realiza a problematização da temática levantada na publicação original, conforme nos é apresentado a seguir:

Ex. 31 *“Quantos gênios há nas favelas do Rio de Janeiro. Jamais saberemos. Eles estão ocupados pensando em como vão arrumar dinheiro para o almoço de amanhã.” (Resposta ao TT10)*

Nesta publicação, o internauta realiza questionamentos acerca das crianças e jovens que residem em favelas, de modo que seu enunciado se constrói ao encontro de uma resposta (BAKHTIN, 2015[1979]). Por meio da expressão “*Jamais saberemos*”, a qual incluindo a si mesmo e ao seu interlocutor, sinaliza de modo responsivo acerca da impossibilidade de descobrir quais desses sujeitos apresentam diferentes aptidões voltadas para o conhecimento. O internauta marca seu posicionamento contrário à meritocracia, uma vez que tem consciência, e destaca que por conta das desigualdades estruturais, essas aptidões não receberão incentivo, e tampouco investimento para que se desenvolvam de forma integral. Ao fazer uso da terceira pessoa do plural, no trecho, “*eles estão ocupados*”, indica que o sujeito autor do *tweet* não se situa no mesmo lugar apontado em sua publicação, mas por conta do *excedente de visão*, tem condições de, empaticamente, se projetar para o lugar do *outro*, ver axiologicamente o mundo de dentro dele (BAKHTIN, 2015[1979]), o que implica assumir um posicionamento a partir da sua visão de mundo, e, na sequência, retornar ao seu lugar, de modo que consegue completar o horizonte do outro, por meio do excedente de visão que possui a partir de seu lugar, posto que cada sujeito assume um lugar insubstituível no mundo e nas relações que estabelece. (BAKHTIN, 2015[1979])

Quanto ao enunciado de resposta a seguir, observa-se que o internauta recorre ao seu conhecimento de mundo, acerca da concepção pregada pelo liberalismo político, bem como também recorre a sua memória discursiva, para tanto, em resposta ao *tweet* (TT10), destaca:

Ex. 32 “*É o q prega os tais conservadores liberais. Divisão de castas. No discurso do Paulo Guedes, na posse já disse pra q veio esse governo. “Pobre indo pra Disney com esse câmbio não dá.”” (Resposta ao TT10)*

O internauta utiliza a terceira pessoa no trecho: “*os tais conservadores liberais*”, para indicar seu não alinhamento ideológico. Com o intuito de exemplificar como o sistema de desigualdade se consolida e se mantém. Além disso, realiza uma comparação com o sistema de divisão social, as castas, presentes na cultura Hindu, na qual há presença de uma organização social amparada na posição social que cada família ocupa, e, conseqüentemente, obedecerá de forma hierárquica os privilégios e deveres de cada um. Por fim, ainda contextualiza sua problematização ao contexto social no qual se insere, em que o então ministro da economia, Paulo Guedes, durante um evento em Brasília, afirmou, em tom de desaprovação, que quando a taxa do câmbio está valorizada é possível que as pessoas de classes sociais menos privilegiadas tenham condições de viajar com mais facilidade e maior frequência para fora do país, e para tanto, utilizou o exemplo de empregadas domésticas. Esse pronunciamento,

alinhado ao sistema neoliberal, e consequentemente, aos interesses do Estado, é uma das características que a gestão de Jair Bolsonaro apresentou, o qual responde aos interesses da elite econômica defensora de uma prática competitiva e pautada na meritocracia, a qual, por sua vez, é responsável por alimentar o cenário de desigualdade social presente no país. A série de informações trazidas pelo internauta apresenta o propósito conferir maior credibilidade ao enunciado, uma vez que recorre a diferentes temáticas para mobilizar sua ação argumentativa. A partir da construção do enunciado (*TT10*), observa-se na resposta acima, a *alternância dos sujeitos do discurso* (BAKHTIN, (2011 [1979]), uma vez que nesse enunciado há o uso das aspas que indicam os limites entre essa alternância, e as quais marcam as posições autorais de cada um. Volóchinov (2013 [1929]) destaca que o “discurso alheio é o discurso dentro do discurso, o enunciado, dentro do enunciado, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado.” (VOLÓCHINOV, 2013 [1929], p. 249). Dessa forma, no enunciado de resposta, ao reenunciar a voz de Paulo Guedes, marcado pelo uso das aspas, “estabelece com o discurso que o enquadra não um contexto mecânico, mas uma amálgama química (no plano do sentido e da expressão)” (BAKHTIN, 2018 [1975]). O enunciado de resposta compactua com a problematização realizada na publicação original (*tweet TT10*). E embora reenuncie a voz do outro, Paulo Guedes, destaca-se que a relação que estabelecem não é a de fusão entre as vozes dos sujeitos, uma vez que o internauta a utiliza a fim de relacionar ao pensamento dos “conservadores liberais” e ao novo governo”, conforme apresenta em sua postagem, e não a fim de validar esse pensamento. Ele pretende relembrar e reforçar a voz de uma figura de autoridade que representa uma gestão de governo com a qual não se alinha ideologicamente. Dessa forma, conforme aponta Volóchinov (2013 [1929]), a maneira como o discurso alheio é transmitido, expressa a relação dos enunciados. (VOLÓCHINOV, 2013 [1929]), o que no caso do *tweet* de resposta, consiste na contestação deste.

Volóchinov (2013 [1928]) destaca que ao enunciar o sujeito inevitavelmente está assumindo uma posição avaliativa, ou seja, posiciona-se frente a outras posições sócioavaliativas, uma vez que está imerso em um ambiente valorativamente saturado. Por conseguinte, tendo em vista que, para o autor, enunciar corresponde a responder, tanto autor quanto interlocutor são vistos como um conjunto de posições sociais e avaliativas, de modo que o enunciado não somente irá responder como também se colocará voltado para uma resposta. Além disso, o autor ainda ressalta sobre a compreensão responsiva, indicando que o processo de compreensão não é passivo, reduzido apenas ao processo de decodificar uma mensagem, portanto advoga que, uma vez que a cada enunciado o interlocutor está diante de algo novo, ele

ativamente responde ao signo, “porque a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos. (VOLÓCHINOV, 2017[1929], p.95).

Para Bakhtin (2011[1979]), na construção enunciativa o autor sempre procura antecipá-la, de modo que ao enunciar sempre considera se o seu interlocutor está a par da situação, e dispõe dos conhecimentos necessários para compreender a totalidade do enunciado. Essa dinâmica é importante tendo em vista que ela apresenta influência no enunciado do autor. Dessa forma, no *tweet* (TT2), o autor da publicação apresenta a preocupação em contextualizar seu leitor do acontecimento ao qual ele se refere. Somado à situação apresentada, também inclui em sua postagem a imagem visando validar o fato, a saber: disparos nas proximidades da escola, na qual as crianças da imagem se encontram, para tanto destaca:

Ex. 33: *“Hoje cedo começou uma operação policial numa área do Complexo do Alemão e junto à isso, tiros.
Na creche, essa é a situação das crianças.
Mostra essa foto para aquela pessoa que adora falar de meritocracia e diz a ela: não é mérito, é privilégio vindo da desigualdade! ☹️” (TT2)*

Figura: 23



Fonte: (TT2)

Na publicação o autor sinaliza diretamente que se dirige ao *outro*, coloca seu interlocutor/ leitor, como seu aliado, uma vez que sugere que seu leitor está em consonância com o seu pensamento sobre meritocracia, em razão disso, faz uso do modo imperativo:

“**Mostra essa foto**”, para expressar seu conselho/sugestão/ordem a esse interlocutor. Ao utilizar o pronome demonstrativo “*aquela*”, no trecho: “*para aquela pessoa que adora falar de meritocracia*”, infere que sua crítica se direciona para alguém que está longe tanto do sujeito autor, quanto de seu interlocutor, e, portanto, é alguém compreendido como um “não seguidor” do sujeito autor. Infere-se que corresponde a alguém que não verá essa publicação por conta própria, mas por intermédio do interlocutor ao qual o sujeito autor direciona seu enunciado. Para o autor, essa “terceira pessoa” corresponde a alguém que defende meritocracia por não ter dimensão da realidade social em que muitas crianças estão inseridas. As relações de alteridade com a palavra do outro, permitem que o sujeito apresente seu índice valorativo a respeito do enunciado, conforme é possível observar no *tweet* a seguir, que responde ao *tweet* (TT2)

Ex. 34: “*Há duas opções nesse caso:*

1º - Ficar com essa mentalidade de inferioridade por morar na favela.

2º - Não deixar a moral baixar, erguer a cabeça, estudar, competir de igual pra igual e vencer na vida.

A segunda opção parece mais louvável. Tmj” (Resposta ao TT2)

Para o interlocutor a percepção que possui sobre meritocracia é válida, uma vez que sugere em seu enunciado acerca da necessidade de o sujeito “*competir de igual pra igual*” a fim de alcançar ascensão pessoal e profissional. O internauta também lança seu juízo de valor ao se posicionar dizendo: “*A segunda opção parece mais louvável.*” evidenciando que de fato acredita que a desigualdade social não pode funcionar de subterfúgio para que o sujeito deixe de realizar os movimentos necessários para que seu quadro social se modifique, dessa forma, a responsabilidade recai para o próprio sujeito, conforme Souza (2018) destaca, isentando o Estado de assumir a responsabilidade de garantir políticas públicas necessárias para atender as classes sociais menos favorecidas.

O próximo enunciado corresponde a resposta voltada para o *tweet* (TT2), nele o internauta problematiza a pauta levantada no *tweet* (TT2), e encontra na meritocracia uma possibilidade reconfigurar esse cenário.

Ex. 35: “*Seu argumento é uma prova de que a ausência de meritocracia, que foi usada até hoje, não funciona. Não querer meritocracia é querer continuar do jeito que está.*”
(Resposta ao TT2)

A resposta originada pelo *tweet* (TT2), se constrói a partir do resgate da problematização realizada pelo autor: “*não é mérito, é privilégio vindo da desigualdade*” (TT2), portanto o interlocutor desse enunciado, avalia e contesta tal informação, pois, conforme

aponta Bakhtin (2015[1963]) “a ideia do outro não entra “pessoalmente no discurso, apenas se reflete neste, determinando-lhe o tom e a significação.” (BAKHTIN, 2015 [1963], p. 224-5), dessa forma, no enunciado de resposta, infere-se que o internauta parte do desejo de modificação de cenários de desigualdade, como o apresentado na publicação inicial, para encontrar legitimidade ao advogar em defesa da meritocracia. O signo ideológico “meritocracia” é valorado de acordo com as vivências de cada um, de modo que esses sujeitos respondem às visões de mundo com as quais dialogam e se constituem como sujeitos

Realizada a análise empreendida acerca dos *tweets* que tematizam e valoram o signo meritocracia no *Twitter*, é possível compreender que nessa arena discursiva, que materializa as práticas de língua(gem) de sujeitos historicamente situados, a meritocracia é colocada sob diversas perspectivas dialógicas. Os embates acerca desse signo discursivo evidenciam dois centros de valor que apresentam suas avaliações a respeito dele. E, para tanto, utilizam como recurso o universo dos signos (VOLÓCHINOV, 2017 [1929]) seja, publicando, retweetando ou curtindo *tweets*, utilizando o discurso alheio como subsídio para efetivar a construção dos enunciados que se integram a essa arena discursiva.

Desse panorama, surge a necessidade interna de cada sujeito conferir diferentes sentidos ao mundo, avaliado e contestado de formas que ora são divergentes e ora são convergentes em relação ao enunciado que se propõe a responder. Essa necessidade responsiva se materializa pelo mecanismo de comunicação utilizado, no caso o *Twitter*, que permite que de alguma forma haja o encontro dialógico tanto das forças dominantes quanto dos embates mobilizados por conta delas. Portanto, assim como há os sujeitos que se posicionam, e, conseqüentemente, problematizam sobre as visões de mundo relacionadas às instituições dominantes, há também os sujeitos que tendem a reforçar essas concepções, à medida que discursivamente sustentam que os privilégios das classes dominantes sejam perpetuados, e para tanto trabalham na tentativa de tornar os próprios interesses como “naturais”, e, conseqüentemente, inquestionáveis.

Quando colocados sob as lentes da teoria de estudo da língua(gem), postulada por Bakhtin e o Círculo, é possível observar a presença de uma cadeia discursiva dialógica entre os *tweets* analisados, posto que tematizam sobre meritocracia sempre em respostas uns aos outros. Assim, esses enunciados ressaltaram as atitudes responsivas no embate dialógico das vozes sociais que as integram. A análise desses enunciados, considerou a historicidade que compõe os processos de construção de cada um deles, assim como também o cronotopo em que os *tweets* estão inseridos, ou seja, com vistas a relação de tempo-espço que está atrelada à contemporaneidade, que traz a em seu bojo os reflexos do mundo digital, singularmente

marcado pelos mecanismos de interação e a instantaneidade que se desenvolve através do uso de dispositivos eletrônicos. Essa responsividade construída nos *tweets*, por nós analisados, aos sujeitos permite, assim como também incentiva, que participem discursivamente e ativamente em uma arena discursiva com diferentes embates e enfrentamentos dialógicos das forças centralizadoras e descentralizadoras.

Realizadas as considerações a respeito dos dados analisados, encerramos este capítulo de análise e seguimos para as considerações finais da pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As estruturas de poder e de exclusão se articulam a partir de um terreno muito propício para divulgação de ideias que prossigam atendendo às demandas das classes dominantes, para tanto, utilizam como subsídio os meios digitais. Diante desse cenário, o *Twitter* permite a uma rede de sujeitos que estes se arrisquem a opor-se publicamente frente aos quadros de injustiças que incidem sobre as pessoas mais vulneráveis do país, dessa forma, esses indivíduos têm a possibilidade de avaliar, e contestar produções discursivas centralizadoras que estão arraigadas na sociedade, baseadas em narrativas pertencentes a essas mesmas classes dominantes, que trabalham diariamente na tentativa de perpetuar seus quadros de privilégios. O peso que as origens do nascimento de cada um carrega sobre a vida dos indivíduos reflete diretamente nos caminhos que poderão ser traçados por eles, uma vez que todos estão circunscritos em uma ordem social que ou os torna reféns de um sistema que ao longo do tempo se tornou hegemônico porque existem sujeitos que lucram com ele, ou lhes permite se emancipar socialmente e usufruir dos benefícios que lhes são garantidos desde os seus primeiros passos. Infelizmente a modalidade destinada ao primeiro grupo contempla um público muito maior quando comparado ao segundo grupo.

Esta pesquisa se originou a partir de inúmeras inquietações acerca da temática meritocracia, sobretudo por, enquanto professora da rede pública de ensino, dividir a trajetória com estudantes de todos os tipos, lugares e cores que vivem e sonham, mas que sentem na pele os percalços enfrentados diante de um sistema que insiste em empurrá-los para as margens, e contestar o espaço conquistado daqueles que, minimamente, conseguiram alcançar os mesmos lugares que “os filhos dos privilégios”. Privilégios esses, que nem sempre estão atrelados a desfrutar de itens caros ou aos investimentos em cursos de idiomas, mas muitas vezes o de

poder se alimentar, reacentuando que o que deveria ser um direito de todos, acaba sendo artigo de luxo destinado apenas para alguns.

O signo meritocracia, inicialmente pensado sob uma perspectiva de contestar os cenários de desigualdade, ao longo do tempo assumiu uma roupagem diferenciada. Dessa forma, atualmente diz respeito a uma espécie de legitimação, mesmo que de forma velada, da desigualdade para que, aos olhos dos indivíduos, pareça fruto de “má sorte” ou “falta de vontade”. O discurso da meritocracia se intensificou na sociedade à medida que a ideia de sucesso pessoal passou a estar atrelada ao sucesso no mercado financeiro, e para que esse seja alcançado, o sujeito precisa se moldar a fim de atender às demandas mobilizadas por um cenário competitivo e que visa a produtividade exacerbada. Muitas dessas produções discursivas surgem no solo social da vida por meio dos principais mecanismos de comunicação, e, à medida que a sociedade como um todo se apropria desse conteúdo, esses sujeitos irão valorar esse signo ideológico a partir de suas próprias vivências, e, dessa forma, irão responder às visões de mundo com as quais dialogam e, conseqüentemente, se constituem como sujeitos. Assim, nos propomos como objetivo geral deste trabalho **analisar dialogicamente o discurso sobre meritocracia no Brasil**, a fim de observar a produção, circulação e recepção em torno dessa temática na rede social digital *Twitter*, uma vez que compreende-se que este site de rede social disponibiliza de um espaço propício para que os embates dialógicos se consolidem, e se apresentem, minimamente, dois centros de valor que se concretizam a partir dos posicionamentos ideológicos advindos dos sujeitos e das práticas de interações que se mobilizam nesse espaço.

Portanto foram assumidos 10 *tweets* enunciados que tematizam meritocracia no *Twitter*, a busca desses enunciados foi realizada mediante um determinado o cronotopo, o qual compreende os anos de 2018 a 2022. Dessa forma, como ponto de partida da pesquisa foi realizada a contextualização tanto acerca do universo quanto o objeto de análise, realizando um resgate a respeito da historicidade do *Twitter*, bem como o seu funcionamento enquanto um lugar discursivo. Por compreendermos que todos os campos da vida são conectados pelo uso da língua(gem), e esse uso é materializado na forma de enunciados concretos, realizamos uma retomada ao gênero *tweet* para compreendermos a sua produção, circulação e recepção, a fim de destacar que o processo em que um gênero se constitui é sempre histórico, posto que surge para atender as demandas da sociedade em um determinado tempo-espaço. No caso do gênero discursivo *tweet*, este, traz em sua gênese uma prática discursiva voltada para a objetividade e a colaboratividade dos enunciados, uma vez que possibilita aos sujeitos curtir e responder e replicar cada *tweet*.

Em um segundo momento, realizamos uma breve contextualização a respeito dos já-ditos sobre a meritocracia, a fim de compreendermos, a partir dessas reenunciações, como esse signo surgiu, e como assumiu distintas significações. Para atender o objetivo geral traçado, também buscamos refletir a respeito de concepções que entendemos como centrais em nosso trabalho como: cronotopo e exotopia, discurso, enunciado, ideologia e valoração, a partir da filosofia da língua(gem) bakhtiniana. Embora tenhamos optado por realizar as discussões de maneira separada, a fim de maior aprofundamento dessas concepções e organização do trabalho, isso não indica que haja alguma separação desses termos teóricos nos estudos de Bakhtin e o seu Círculo, posto que, estas concepções dialogam a todo momento, de modo que se é impossível falar sobre um desses elementos sem que um outro também seja mencionado. Assim, pensamos os enunciados como reflexos e refrações de valorações que são apresentadas na vida dos sujeitos. Por isso, o discurso da meritocracia assumiu perspectivas distintas na análise dos nossos dados, pois a partir de um cenário de polarização, este signo, de um lado é valorado de uma forma positiva, como sinônimo de superação e força de vontade do indivíduo, e, portanto, os sujeitos incentivam outros sujeitos a ter perseverança, mesmo frente a adversidades, para que a meritocracia se consolide. Por outro lado, nessa esfera do *Twitter*, esse mesmo signo é valorado de forma negativa, e, para tanto, são desenvolvidas problematizações a fim de mobilizar novas reflexões acerca de outro eixo de sentido, diretamente relacionado com a ótica que pretende contestar os cenários de desigualdade social presentes na sociedade. Isso é se torna possível em razão de estudarmos a língua(gem) a partir da concepção de língua(gem) postulada por Bakhtin e seu Círculo, ou seja, compreendida como viva e dinâmica, portanto, não se consolida de forma fechada ou apartada do solo social da vida e das interações entre os sujeitos. Nesse sentido, não é estudada como sistema, mas por uma abordagem enunciativo-discursiva.

O movimento delineado para a construção desta pesquisa, esteve alinhado a fim de compreender o cronotopo que inscreve os enunciados de análise, o qual abrigou diferentes embates mobilizados por diferentes pontos de vista acerca da meritocracia. Em razão disso, mobilizamos reflexões a partir da retomada do contexto social, político e histórico dos enunciados em análise e a forma como estes refletem e refratam na discursivização a respeito dessa temática. Por isso, inicialmente foram realizadas reflexões acerca do cronotopo do *Twitter*, atentando para o seu processo de desenvolvimento até o momento em que se consolidou como um mecanismo que consolida o ativismo político, promovendo um amplo espaço de diálogo aos sujeitos que fazem uso da plataforma a fim de se informar e de estabelecer vínculos sociais. Em seguida, atentamos para os aspectos políticos, históricos e culturais que

legitimam o discurso da meritocracia nesse site de rede social, destacando a respeito dos reflexos mobilizados pelos discursos voltados ao liberalismo político. Por fim, também foram realizadas discussões a respeito do cronotopo que inscreve os dados da pesquisa, de 2018 a 2022, realizando a contextualização histórica desse período, por compreendê-lo como um momento de intensas mudanças sociais e embates ideológicos. Sobre esses pontos, entendemos que todos esses aspectos perpassam os enunciados, uma vez que os sujeitos vivenciam um determinado contexto histórico, se apropriam dos conteúdos que consomem na internet e, a partir deles, valoram um determinado signo ideológico de acordo com o contexto social em que se insere.

Tomando como ponto de partida a filosofia da língua(gem) de Bakhtin e o Círculo, compreendemos que o sujeito, o tempo, o espaço e a cultura correspondem a elementos fundamentais de valorações que mobilizam reflexões a respeito da sociedade. Dessa forma, nos propusemos a analisar as condições em que os sujeitos atuam na vida por meio da língua(gem), utilizando como recurso o *Twitter*, com vistas a situação de interação dos enunciados. As relações que se constroem por meio dessa ferramenta se retroalimentam, ou seja, perpassam os campos da vida tanto de dentro para fora das telas, quanto de fora para dentro, em um movimento contínuo. É através do movimento da língua(gem) presente nas interações estabelecidas entre os sujeitos que fazem uso da plataforma, que é possível observar que um precisa do outro, em uma relação de alteridade, para também se constituir como sujeito, de modo que os limites das telas são extrapolados e as práticas de interação mobilizadas por meio do *Twitter*, ressignificam e remodelam os modos de ser, viver e agir na contemporaneidade.

Atrelado à expansão dos dispositivos eletrônicos, o discurso da meritocracia apresentou grande espaço de discussões nos últimos anos, uma vez que por meio das redes sociais digitais, os sujeitos discursivizaram a respeito desta temática, a fim de expandir o espaço de diálogo e apresentar valorações distintas, que estão relacionadas com os lugares discursivos de cada sujeito. Por compreendermos que cada sujeito ocupa lugares únicos na existência, também foram mobilizadas reflexões acerca das relações sociais que são estabelecidas no *Twitter*, através de conexões instantâneas e, muitas vezes, marcadas pela efemeridade das trocas que ali se estabelecem na situação social. Portanto, além de tratarmos da situação de interação, pensando nos lugares discursivos e da relação de autoria e interlocução, também atentamos para o lugar de ancoragem dos *tweets* e sua periodicidade. Compreender essa dinâmica foi fundamental para desenvolver a compreensão acerca da rede social digital *Twitter*, originada a partir de um período em que são consolidadas práticas sócio discursivas relacionadas à sociedade do consumo e da produção, e a qual cria uma ideia de mérito atrelado ao sucesso na

sociedade de mercado. Dessa forma, caso o capital agregue valor à função desempenhada pelo sujeito, esse mesmo sujeito será avaliado como merecedor. A partir desse item, a discussão se desenvolveu atentando para as ressignificações encontradas a respeito do termo “meritocracia” em cada um dos enunciados, um movimento importante que retoma os aspectos políticos, culturais e sociais que influenciam na dinâmica constitutiva de cada *tweet*.

O *Twitter* abre espaço para que inúmeras pautas mobilizadas pelos internautas evidencie a pluralidade de vozes que o constitui, por isso o caráter dialógico também perpassou toda a pesquisa, uma vez que ele mobiliza diálogos com enunciados outros, gerando bivocalidade e avaliações distintas. Para tanto, realizamos a análise de cada publicação a fim de observar seus eixos de sentido e a sua construção composicional, posto que a seleção lexical também contribui para o projeto de dizer de cada enunciado. O olhar para o objeto de discurso é sempre perpassado pelas relações que se estabelecem entre os interlocutores, e essa relação, influencia a maneira como esse enunciado se concretiza, por isso, desses enunciados emergiram dois pontos centrais que mobilizaram a discussão a respeito do signo meritocracia, em razão disso, o capítulo foi dividido em duas subseções. A primeira delas, trouxe as produções discursivas em que “meritocracia” é compreendida pelos sujeitos como sinônimo de força de vontade e superação, com vistas também ao movimento dialógico entre esses enunciados. A segunda parte, corresponde às problematizações realizadas a partir de enunciados outros, que por sua vez, mobilizam novas acentuações e avaliações que dialogam com o tema “meritocracia”.

Justificamos a relevância de nosso estudo, mediante as relações que ele apresenta com a vida social, posto que possibilita e faz emergir muitos enunciados que dialogam com esse tema que, sob a ótica social, destaca os embates realizados entre os grupos de oposição política que nos últimos anos se tornaram muito mais expressivos em nosso país. Desse modo, é através do discurso que a vida da língua(gem) é evidenciada, pois à medida que aproxima a vida de dentro e de fora das telas, também constrói relações de sentido que constantemente entram em embates mobilizados pelo signo ideológico. Com isso em mente, é possível compreender como o *Twitter* é um espaço que nos permite pensar nas relações de poder e resistência que atravessam os sujeitos e, ao mesmo tempo, constituem a sua existência. Por isso a contrapalavra que as mídias oficiais negam, emergem em espaços como o *Twitter* com o intuito de problematizar discussões já cristalizadas socialmente e voltar o olhar para os indivíduos negligenciados pelo sistema. Esses sujeitos, em sua maioria, certamente não são os sujeitos que militam no *Twitter*, pois isso também é um privilégio de poucos, mas a militância que se constrói sobre isso nesse espaço é crucial para que de alguma forma os sujeitos de quem se fala no *Twitter*, não sejam

invisibilizados, para que as suas lutas diárias também sejam as lutas diárias daqueles que a partir de um olhar *exotópico* conseguem não silenciar frente aos cenários de desigualdade em que muitos outros se inscrevem.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. **O gênero carta de conselhos em revistas online: na fronteira entre o entretenimento e a autoajuda**. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2012.
- ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. **O gênero jornalístico notícia: dialogismo e valoração**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2008.
- ACOSTA PEREIRA, Rodrigo. **A orientação sociológica para a análise da língua: posições metodológicas nos escritos do Círculo de Bakhtin**. Letra Magna, v. 12, n. 19, 2016.
- AMARAL, Marcelo Santos; PINHO, José Antonio Gomes de. Ideologias partidárias em 140 caracteres: uso do twitter pelos parlamentares brasileiros. **Revista de Administração Pública**, [S.L.], v. 51, n. 6, p. 1041-1057, dez. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7612155837>.
- AMARAL, Marcelo Santos; PINHO, José Antonio Gomes de. Eleições Parlamentares no Brasil: o uso do twitter na busca por votos. **Revista de Administração Contemporânea**, [S.L.], v. 22, n. 4, p. 466-486, ago. 2018. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-7849rac2018170269>.
- AMORIM, Marília. Cronotopo e exotopia. In: Brait, B. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 20006. p. 96–114.
- AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- ARAUJO, Danielle Pereira de. **A cota paulista é mais inteligente: o programa de inclusão com mérito no ensino superior público paulista e o confinamento racial da classe média branca**. 2019. 297 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciência Política, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015[1963].
- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo, Martins Fontes, 2011[1979].
- BAKHTIN, Mikhail M. **Os gêneros do discurso**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. Editora 34: São Paulo, 2016[1952-1953].
- BAKHTIN, Mikhail M. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020[1920-1924].

BAKHTIN, Mikhail M. **Fragmentos dos anos 1970-1971**. In: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas. Trad., org., posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2017 [1970/1971], p. 21-56.

BAKHTIN, Mikhail. **O homem ao espelho**. Apontamentos dos anos 1940. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020[1943]

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. Tradução de Aurora Fornoni Bernadini [et al]. 7ed. São Paulo: Hucitec, 2014[1934-1935]

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance I: a estilística**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. Editora 34: São Paulo, 2015[1930-1936]

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do Romance II: as formas do tempo e do cronotopo**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. Editora 34: São Paulo, 2018[1937-1939]

BÉHAR, Alexandre Hochmann. Meritocracia enquanto ferramenta da ideologia gerencialista na captura da subjetividade e individualização das relações de trabalho: uma reflexão crítica. **Organizações & Sociedade**, Salvador, v. 26, n. 1984-9230, p. 249-268, jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/18159>. Acesso em: 16 jul. 2021.

BORBA, Eduardo. **Sobre A Meritocracia: Uma Investigação**. 2017. 98 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Filosofia, Programa de Pós-Graduação de Filosofia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.

BRAIT, Beth. Análise e teoria do discurso. In: BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006, p. 9-32.

BRAIT, Beth. O discurso sob o olhar de Bakhtin. In: GREGOLIN, M. R. do; BARONAS, R. (Org.). **Análise do discurso: as materialidades do sentido**. 3. ed. São Carlos, SP.: Editora Claraluz, 2007, p. 19-32.

BRAIT, Beth. "Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem". In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. 2ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.

CARDOSO, Adalberto Moreira. **A Construção da Sociedade do Trabalho no Brasil: uma investigação sobre a persistência secular das desigualdades**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010. 463 páginas.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

CHAUI, Marilena. O totalitarismo neoliberal. **Anacronismo e Irrupción**, v. 10, n. 18, p. 307-328, out. 2020. Disponível em: <https://publicaciones.sociales.uba.ar/index.php/anacronismo/article/view/5434>. Acesso em: 18 dez. 2022.

CHAUI, Marilena. **Cultura e democracia**. Crítica y Emancipación, (1): 53-76, junho. 2008.

CRARY, J. **24/7: Capitalismo tardio e os fins do sono**. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

DAMIANOVIC, Maria Cristina. O linguista aplicado: de um aplicador de saberes a um ativista político. In: **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 8, n. 2, p. 181-196, jul./dez. 2005.

DESLANDES, Suely Ferreira. O ativismo digital e sua contribuição para a descentralização política. **Debatedores Dicussants**, ., p. 3133-3136, out. 2018.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 45-65.

FABRÍCIO, Branca Falabella. Linguística aplicada e visão de linguagem: por uma Indisciplinaridade radical. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. Vol.17, No.4 .Belo Horizonte out./dez. 2017 Epub 28-Ago-2017

FAGNANI, Eduardo. Previdência social: reformular ou destruir?. In: CLETO *et al.* **Por que gritamos golpe?:** para entender o impeachment e a crise política no brasil. Sao Paulo: Boitempo, 2016. p. 85-92.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 168 páginas, 2009.

FREITAS, Lorena. A INSTITUIÇÃO DO FRACASSO. A educação da ralé. In: SOUZA, Jessé, (2009). **A Ralé Brasileira: Quem É e Como Vive**, Belo Horizonte: UFMG.

FRANCO, N.; ACOSTA PEREIRA, R.; COSTA-HÜBES, T. C. da. **Por uma análise dialógica do discurso**. In: GARCIA, D. A.; SOARES, A. S. F. **De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 275-300.

GUILBERT, Thierry. **As evidências do discurso neoliberal na mídia**. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

HAN, B-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis, RJ: Vozes 2015.

HAUBRICH, Alexandre. **Mídias alternativas: a palavra da rebeldia**. Florianópolis: Insular, 2017. 82 p.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. **Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos**. – 1. ed. – Rio de Janeiro: E-papers, 2016, p. 11-28.

HUFF, Luana de Araujo. **Entre o sujeito e o/seu discurso::** um estudo dialógico. 2021. 203 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

JENKINS, H. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

KIRKPATRICK, D. **O Efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LAROSSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista Brasileira de Educação**, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002, n. 19.

LÉVY, P. **O que é o virtual?**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

LOWY, Michael. Da tragédia à farsa: o golpe de 2016 no Brasil. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo. **Por que gritamos golpe?**: para entender o impeachment e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016. Cap. 2, p. 61-68.

MARQUES, F. P. J. A., AQUINO, J. A., & MIOLA, E. (2014). **Parlamentares, representação política e redes sociais digitais**: perfis de uso do Twitter na Câmara dos Deputados. *Opin. Publica* [online]. 2014, vol.20, n.2, pp.178-203.

MACHADO, Irene. **A questão espaço-temporal em Bakhtin: cronotopia e exotopia**. In: PAULA, Luciane; STAFUZZA, Grenissa (org.). O círculo de Bakhtin: teoria inclassificável. Campinas: Mercado das letras, 2010, v.1, p. 203-234.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários**: introdução crítica a uma poética sociológica. Tradução: Sheila Camargo Grillo e Katerina Vólkova Américo. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012[1928]

MICELI, Mariana Sant'Ana. **As cartas são jogadas muito cedo**: trajetórias universitárias de jovens provenientes das classes populares na Universidade Federal de Santa Catarina. 2016. 479 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

MIOTELLO, V. **Ideologia**. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 5ª edição, 3ª reimpressão, 2018, p. 167 - 176.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org). **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da (org). **Linguística Aplicada na Modernidade Recente**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

OLIVEIRA, Mariana F. **Meritocracia e Responsabilidade Individual no Igualitarismo de John Rawls e Ronald Dworkin**. Dissertação de mestrado. Universidade De São Paulo. São Paulo, 2014

ORWELL, George. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007 [1945]. 147 p.

O'REILLY, T. *What is Web 2.0?* O'Reilly Media, 2005. Disponível em: <<http://www.oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>>.

Acesso em: 31/08/2022

PAULA, Luciane. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica do discurso. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 239-258, jn/jun, 2013.

PENNYCOOK, Alastair. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P.(Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 67-84.

PEREIRA, Natasha Bachini. **Sob o piado do Twitter: o novo tom das campanhas eleitorais com a difusão da internet no Brasil 2013**: o novo tom das campanhas eleitorais com a difusão da internet no brasil 2013. 235 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sao Paulo, 2013.

PINTO, Céli Regina Jardim. A trajetória discursiva das manifestações de rua no Brasil (2013-2015). In: SOLANO, Esther. **As direitas nas redes e nas ruas**: a crise política no brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2019. Cap. 2019. p. 15-54.

PIRES, Vera Lúcia. **Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin**. In: **Organon** (UFRGS), UFRGS - Porto Alegre, v. 16, n.32/33, p. 35-48, 2003.

PONZIO, Augusto. **A revolução bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008.

PRIMO, Alex. **Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard**. In: Intexto, Porto Alegre, UFRGS, v.02, n.25, p. 130-146, dez. 2011.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica**: linguagem, identidade e a questão ética. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Repensar o papel da linguística aplicada. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 150-168.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet, Difusão de Informação e Jornalismo: Elementos para discussão**. In: SOSTER, D. de A.; FIRMINO, F. (Org.). *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009, v. 1, p. 1-269.

RECUERO, Raquel. **Deu no Twitter, alguém confirma? Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais**. SBPJor. Rio de Janeiro, 2011.

RECUERO, R.; ZAGO, G. **A Economia do Retweet: redes, difusão de informações e capital social no Twitter**. In: Compós 2011, Porto Alegre, RS, 2011.

RECUERO, Raquel. **A Conversação em Rede: A Comunicação Mediada pelo Computador e as Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A constituição e o funcionamento do gênero jornalístico artigo: cronotopo e dialogismo**. Tese (doutorado em linguística aplicada e estudos da linguagem) - LAEL/PUCSP: São Paulo, 2001.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. “Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem: a abordagem do Círculo de Bakhtin”. In: Adair Bonini; José Luiz Meurer; Désirée Mora-Roth. (Org.). **Gêneros: teoria, métodos, debates**. 1ªed.São Paulo: Parábola, 2005, p. 152-183.

ROHLING, Nívea. A pesquisa qualitativa e análise dialógica do discurso: caminhos possíveis. In: **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 15, n. 2, 2014.

ROCHA, Camila. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância?. In: SOLANO, Esther. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018. Cap. 7.

SANDEL, Michael J.. **A tirania do mérito: o que aconteceu com o bem comum?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 357 p.

SANTOS, F. C. & CYPRIANO, C. P. Produção de subjetividade em blogs e microblogs. *Psicologia & Sociedade*, 26(3), 685-695.

SEVERO, Cristine Gorski. Sobre o sujeito na perspectiva (do Círculo) de Bakhtin. In: **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**. V. 7. n. XXV, Abr-Jun-2008.

SEVERO, Cristine Gorski. **Por uma perspectiva social dialógica da linguagem: repensando a noção de indivíduo**. 2007. 255 f. Tese (Doutorado) - Curso de Linguística, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

SIGNORINI, Inês (Org.). **Linguística Aplicada e transdisciplinaridade: questões e perspectivas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

SOBRAL, Adail. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin**. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. A concepção dialógica e os dois planos da linguagem e da constituição do sujeito: algumas considerações. In: **Nonada**, Porto Alegre, n.24, 1º semestre 2015.

SOBRAL, Adail; GIACOMELLI, Karina. Das significações da língua ao sentido da linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. **Linguagem em Discurso**. Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, maio/agost, 2018.

SOBRAL, Adail. GIACOMELLI, Karina. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso – ADD. **Domínios da linguagem**, Uberlândia, v. 10, n.3, p. 1076-1094. jul/set. 2016.

SOLANO, Ester; ORTELLADO, Pablo; RIBEIRO, Márcio Moretto. 2016: o ano da polarização? In: SOLANO, Esther; ROCHA, Camila (org.). **As direitas nas redes e nas ruas: a crise política no brasil**. Sao Paulo: Expressão Popular, 2019. Cap. 1.

SOUZA, Jessé. **A Classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

SOUZA, Jessé. **A elite do atraso: da escravidão a Bolsonaro**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2019.

SOUZA, Jessé. **A Ralé Brasileira: Quem é e como vive**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. **A construção da Enunciação e Outros ensaios**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013 [1925-1930].

VOLOCHÍNOV, Valentin Nikolaievich. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

YOUNG, M. **The Rise of the Meritocracy - 1870-2033: An essay on education and society**. London: Thames and Hudson, 1958.

ZAGO, Gabriela. **Informações jornalísticas no Twitter: redes sociais e filtros de informações**. In: III Simpósio da ABCiber, São Paulo, SP, 2009.

ZAGO, Gabriela da Silva. **Dos blogs aos microblogs: aspectos históricos, formatos e características**. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 6., 2008, Niterói. Anais [...]. Niterói: UFRGS, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/zago-gabriela-dos-blogs-aos-microblogs.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2020.